UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01442325 5

GRAÇA ARANHA

Chanaan

H. GARNIER

RIO DE JANEIRO

PURCHASED FOR THE

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

FROM THE

CANADA COUNCIL SPECIAL GRANT

FOR

LATIN AMERICAN STUDIES

Chanaan

GRAÇA ARANHA
da Academia Brasileira

Chanaan

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA

H. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR
Rio de Janeiro

LIBRARY
JUL - 9 1968
UNIVERSITY OF TORONTO
PQ
9697
G8C4
1904

CHANAAN

I

Milkau cavalgava mollemente o cançado cavallo que alugára para ir do Queimado á cidade do Porto do Cachoeiro, no Espirito-Santo.

Os seus olhos de immigrante pasciam na doce redondeza do panorama. N'essa região a terra exprime uma harmonia perfeita no conjuncto das coisas : nem o rio é largo e monstruoso precipitando-se como espantosa torrente, nem a serra se compõe de grandes montanhas, d'essas que enterram a cabeça nas nuvens e fascinam e attráem como inspiradoras de cultos tenebrosos, convidando á morte como a um tentador abrigo... O Santa Maria é um pequeno filho das alturas, ligeiro em seu começo, depois embaraçado longo trecho por pedras que o encachoeiram, e das quaes se livra n'um terrivel esforço, mugindo de dôr, para alcançar afinal a sua velocidade ardente e alegre. Escapa-se então por entre uma floresta

sem grandeza, insinua-se vivaz no seio de collinas torneadas e brandas, que parece entregarem-se complacentes áquella risonha e humida loucura... Ellas por sua vez se alteiam graciosas, vestidas de uma relva curva que suave lhes desce pelos flancos, como tunica fulva, envolvendo-as n'uma caricia quente e infinita. A solidão formada pelo rio e pelos morros era n'aquelle glorioso momento luminosa e calma. Sobre ella não pairava a menor angustia de terror.

Absorto na contemplação, Milkau deixava o cavallo tomar um passo indolente e desencontrado; a redea cahia frouxa sobre o pescoço do animal, que balançava moroso a cabeça, baixando de quando em quando as palpebras pesadas e longas sobre os olhos viscosos. Tudo era um abandono preguiçoso, um arrastar languido por entre a tranquillidade da paizagem. Os humildes ruidos da natureza contribuiam para uma voluptuosa sensação de silencio. A aragem mansa, o sussurro do rio, as vozesinhas dos pequeninos insectos ainda tornavam mais sedativa e profunda a inquebrantavel immobilidade das coisas. Interrompia-se alli o ruido incessante da vida, o movimento perturbador que cria e destróe; o proprio sol nascente vinha erguendo-se repousado na calmaria da noite e os seus raios não tinham ainda a potencia de alvoroçar as entranhas da terra socegada. Milkau cahia em longa scisma, funda e consoladora. Quem não esteve em repouso abso-

luto, não viveu em si mesmo; no turbilhão a sua bocca proferiu accentos que não percebia; hoje, sereno, elle mesmo se espanta do fluido perturbador que emanava dos seus nervos doloridos e máos. As eternas, as boas, as santas creações do espirito e do coração são todas geradas nas forças mysteriosas e fecundas do silencio...

Na frente do immigrante vinha como guia um menino, filho de um alugador de animaes no Queimado. O pequeno, muito enfastiado d'aquella viagem e do companheiro, deixava-se conduzir pelo seu velho cavallo. Umas vezes, soltava uma palavra que ficava morta no ar; outras, para se expandir, resmungava com o animal, esporeava-o e o fazia galopar descompassado e arquejante. Milkau n'esses momentos attentava no menino e se compungia deante da trefega e ossuda creança que era essa, rebento fanado de uma raça que se ia extinguindo na dôr surda e inconsciente das especies que nunca chegam a uma florescencia superior, a uma plena expansão da individualidade. E o viajante sahia da contemplação, surgia do fundo dos seus pensamentos, e chamando a si o pequeno:

— Então, vens sempre ao Cachoeiro?

— Ah!... disse o menino como que espantado de ouvir uma voz humana... Venho sempre quando ha freguez; ainda ante-hontem vim, mas desde muito não chegava, ninguem da Victoria. Tambem choveu tanto estes dias!...

— De que gostas mais : da tua casa ou da cidade?

— Da cidade, nhor sim.

— Teu serviço em casa de teu pae é só acompanhar os passageiros para o Cachoeiro? continuou Milkau no seu interrogatorio, que despertava e alegrava a creança.

Esta respondeu-lhe agora promptamente :

— Ah! nhor não!

— Que fazes então?

— A gente ajuda o pae... Ás vezes, de madrugadinha, vamos para a pescaria levantar a rêde. Hoje, antes do patrão chegar, estavamos já de volta... Tambem foi só cocoróca e um pinguinho... Só quatro... O rio está escasso. Seu Zé Francisco diz que é porque a agua está fria, mas tia Rita diz que agora é tempo de lua e a mãe d'agua não deixa o peixe sahir. O melhor é pescar com bombas; mas o subdelegado não consente e a gente tem que se cançar por nada.

— Ahi no Queimado vocês não têm carne?

Ah! nhor sim, carne secca na venda do pae, mas é para a freguezia. Nós comemos peixe, e, quando falta, a gente bebe mingáo...

Continuavam a marchar pela estrada a dentro. A paizagem não variava no desenho; apenas o sol começava a incendiar o espaço. Milkau fitava com bondade o pequeno guia; este sorria agradecido, abrindo os labios descorados, mostrando os dentes verdes e ponteagudos, como

afiada serra; mas o rosto macilento se esclarecia com a grande doçura de uma longa resignação de raça.

— Quanto falta para chegarmos, meu filho? perguntou ainda o viajante.

— Mais da metade do caminho; ainda não se avista a fazenda da Samambaia, e de lá á cidade é o mesmo que para o Queimado.

— Tu voltas logo para casa, ou queres descançar um pouco? Fica até á tarde...

— Oh! patrão... O pae diz que eu volte já; hoje é dia de ir com a mãe fazer lenha, após tratar dos animaes, concertar a rêde que a canôa de seu Zé Francisco arrebentou esta madrugada; e nós vamos á noite, antes da lua apparecer, deitar a rêde, porque hoje, si a agua estiver quente, é noite de peixe... O pae disse.

O immigrante compadecido testemunhava n'aquelles nove annos do desgraçado a assombrosa precocidade dos filhos dos miseraveis. O pequeno, animado pela conversa, alinhava-se garboso no velho cavallo, empunhava as redeas com firmeza, fincava as pernas de esqueleto e punha o animal n'um trote esperto. Milkau acompanhava instinctivamente essa actividade, e os dois, assim, fugitiva ligação da piedade e da miseria, avançavam pelo caminho afóra.

Pouco tempo depois, n'uma curva da estrada, o menino apontou para deante e voltando-se disse ao companheiro:

— Estamos na Samambaia.

Lá no alto da collina um casarão pardacento misturava-se á bruma azul acinzentada do longe, e á medida que Milkau proseguia, o horizonte se ia estreitando, o morro na frente tapava a estrada, e parecia que esta, estirando-se n'um esforço, ia morrer sobre elle. Os viajantes margeavam ora o cafesal plantado na encosta das collinas, ora a roça de mandioca na baixada. A terra era cançada e a plantação mediocre; ao cafesal faltava o matiz verde-chumbo, traducção da força da seiva, e coloria-se de um verde claro, brilhando aos tons dourados da luz: os pés de mandioca finos, delgados, oscillavam, como si lhes faltassem raizes e pudessem ser levados pelo vento, emquanto o sol esclarecia docemente o grande céu e o ar era cheio dos cantos do rio e das vozes dos passaros, que prolongavam a illusão da madrugada. Sentia-se, ao contemplar aquella terra sem forças, exhausta e risonha, uma turva mistura de desfallecimento e de prazer mofino. A terra morria alli como uma bella mulher ainda moça, com o sorriso gentil no rosto violaceo, mas extenuada para a vida, infecunda para o amor.

Milkau e o guia chegaram a uma porteira que fechava a estrada no trecho em que esta cortava as terras da Samambaia. O menino empurrou a cancella e com uma das mãos foi abrindo-a, emquanto ella rangia com um grito agudo. Milkau passou, e atraz d'elle uma pancada

surda cerrou a estrada. Esta, logo ao penetrar nas terras da fazenda, descrevia uma curva que abraçava o valle e se approximava da barranca do rio. O caminho barrento, pegajoso e humido, cheio de sulcos de carro de boi, desprendia um cheiro de lama e estrume. Da estrada pelo morro acima o terreno era inculto, coberto de matapasto crescido, e sobre elle viam-se bois agitando com o movimento inquieto das cabeças a sineta que traziam ao pescoço, bufando e catando insoffridos a herva. Desenhava-se sob a pelle dos pobres animaes a rija ossadura. Faziam-lhes companhia aves de máu agouro, anuns que trepavam nas suas costas de esqueletos, piando como passaros da morte.

Quando Milkau se viu em frente á casa, largou esquecidas as redeas do cavallo e poz-se a mirar em torno. O casarão, á vista agora, era grande e acachapado, com uma immensa varanda em volta, sem janellas, e para onde se abriam as desbotadas portas do interior. Fôra branco, mas estava ennegrecido, com uma côr parda e desegual; aqui e alli o bolôr sobre as paredes traçava extranhas e disformes visagens; da varanda descia uma escada de madeira já com falta de degráos e com os corrimãos arrancados; na frente, crescia livre a herva com touceiras de matto rasteiro, apenas cortado pelas picadas que levavam da estrada e de outras direcções á casa de vivenda. Ao lado, uma capella, havia muitos annos fechada, guardando

no seu silencio a voz da devoção, que por all passára, transformada em ignorado e mysterioso relicario de antigas imagens de santos, talvez bellezas ingenuas de uma arte primitiva, simples e religiosa. E dentro da egrejinha, velados pelas divindades enclausuradas, jaziam no chão sagrado os tumulos de senhores e de escravos, egualados pela morte e pelo esquecimento...

O cavallo de Milkau continuava a passo, o guia bocejava indifferente e, erguendo uma perna, alçava-a sobre a sella n'um gesto de resignação. Voltando-se para a casa, viu um vulto que chegava á soleira da varanda, reconheceu-o e disse vagarosamente ao companheiro :

— Lá está seu coronel Affonso.

Milkau cumprimentou, tirando cortezmente o chapéu ; o homem lá no alto correspondeu, erguendo indolente o sombreiro de palha. O dono da fazenda, de pés nús, calça de zuarte, camisa de chita sem gomma, parecia, com a barba branca, muito velho, attestando na alvura da tez a pureza da geração. A physionomia era triste, como si elle tivesse consciencia de que sobre si recahia o peso do descalabro da raça e da familia; o olhar, turvo, apagado para os aspectos da vida como o de um idiota; o exgottamento das suas faculdades, das emoções e sensações era completo e o reduzira a uma attitude miseranda de automato. Mas, ainda assim, elle representava a figura humana, a mesma vida superior envolta na quéda

das coisas, arrastada na ruina geral. E não ha quadro mais doloroso do que este em que a acção do tempo, a força da destruição não se limita somente ás tradições e aos inanimados, mas envolve no descalabro as pessoas, e as paralysa e fulmina, fazendo d'ellas o eixo central da morte e augmentando a sensação desoladora de uma melancolia infinita.

Quasi á beira do caminho estava a casa do forno, onde se preparava a farinha. Era um velho barracão coberto de telha carcomida e negra, sobre a qual um limo verde crescia, qual espessa e microscopica floresta. No interior estava armada a bolandeira, como uma sobrevivencia das antigas moendas, e ao lado a roda onde no tempo do serviço se ralava a mandioca. Havia tambem dois tachos em que se mexia a farinha pelo processo rudimentar das pás. Eram de cobre e destoavam do resto da engenhoca. Milkau notou, além d'isso, no grande desleixo da casa abandonada, restos de machinismos espalhados pelo chão, tubos, caldeiras, rodas dentadas, attestando ter havido alli uma installação melhor, que o homem, cahindo de prostração em prostração, perdendo todo o polido de uma civilisação artificial, abandonára agora em sua decadencia, para se servir dos apparelhos primitivos que se harmonisavam com a feição embrutecida do seu espirito.

Milkau proseguia pela estrada, abrangendo ainda com os olhos o quadro d'essa triste fazenda. O vulto do coronel ficava immovel na soleira da

escada, presidindo com o olhar pasmado ao desmoronar silencioso d'aquelles restos de cultura, esperando na lugubre attitude do inconsciente a lenta invasão do matto, que n'uma desforra triumphante vinha vindo, circumscrevendo, apertando o homem e as coisas humanas...

Os viajantes continuavam a mover-se dentro d'aquella paizagem onde as forças da vida parecia estarem paralysadas e onde tudo tinha a fixidez e a perfeição da immobilidade, quando, quebrando o caminho á direita, elles enfrentaram quasi subitamente com um rancho de moradores. Era um pardieiro armado em cruz, coberto de palha cujas linguas se projectavam desordenadas da cumieira. O pequeno guia adeantou-se para a casa, instinctivamente, como movido por longo habito. A' porta do rancho um velho cafuso com os olhos nevoados fitava vagamente o espaço, encostado ao moirão : apenas trajava uma usada calça, o tronco estava nú, e sob a pelle resequida desenhava-se a envergadura de um esqueleto de athleta; sobre o dorso, como em moribundo cêpo de arvore, crescia uma pennugem branca encaracolada, que subia até ao queixo e formava uma rasteira barba. A sua postura era de adoração rudimentar, de um nunca terminado pasmo deante do esplendor e da gloria do mundo.

No batente da porta sentava-se uma mulata moça. Toda ella era a propria indolencia. Os cabellos não penteados faziam pontas como chifres, a

camisa suja cahia á tôa no collo descarnado, e os peitos de muxiba pendiam molles sobre o ventre; em pé, ao seu lado, um negrinho vestido apenas de um cordão ao pescoço, donde se dependuravam uma figa de páo e um signo de Salomão, mirava embasbacado os cavalleiros que se achegavam ao tijupá.

Milkau cumprimentou o grupo, que sem o menor alvoroço o deixava approximar-se. Apenas o velho disse, respondendo á saudação :

— Se apeie, moço.

— Não, obrigado. Quero chegar cedo...

— Eh! meu sinhô, d'aqui ao Cachoeiro é um instantinho. Olhe só... vencendo duas curvas do rio, está-se na cidade...

Depois o velho, como si reflectisse um momento e sentisse despertar em si uma ancia de communicabilidade, insistiu com Milkau para que se apeasse. O guia não esperou mais, pulou da sella, e, abandonando o seu cavallo, segurou pelo freio o do viajante, emquanto este punha o pé em terra e bocejava n'uma satisfação de repouso.

O extrangeiro apertou a mão callosa e aspera do velho, que abriu os labios n'uma rude expressão de riso, mostrando as gengivas roxas e desdentadas. A cafusa não se mexeu; apenas, mudando vagarosamente o olhar, descançou-o, cheio de preguiça e desalento, no rosto do viajante. A creança acolheu-se a ella boquiaberta, com a baba á escorrer dos beiços tumidos.

Da porta Milkau via claramente o interior da habitação. A cobertura era alta no centro e pendia em declive tão rapido para os lados que nas extremidades um homem não podia ficar em pé; a mobilia miseravel e simples compunha-se de uma rède côr de urucú armada n'um canto, de outra dobrada em rolo e suspensa n'um gancho, uma esteira estendida no chão de soque, dois banquinhos rasteiros, um remo, mólhos de linha de pescar e alguns pobres instrumentos de lavoura. Uma pequena divisão de palha, como um biombo fixo, separava um dos cantos da peça, formando um quarto, onde se viam uma esteira e uma espingarda. No fundo, a porta abria para uma clareira do matto, na qual uma touça de bananeiras se multiplicava, e junto a essa porta pedras negras, que se misturavam a restos de tições apagados, indicavam a cozinha.

— Mora aqui ha muito tempo? perguntou Milkau.

— Fui nascido e creado n'essas bandas, sinhô moço... Alli perto do Mangarahy. E, tacteando o espaço, estendia a mão para o outro lado do rio: Não vê um casarão lá no fundo? Foi alli que me fiz homem, na fazenda do capitão Mattos, defunto meu sinhô, que Deus haja!

O extrangeiro, acompanhando o gesto, apenas divisava ao longe um amontoado de ruinas que interrompia a verdura da matta.

E a conversa foi continuando por uma serie de

perguntas de Milkau sobre a vida passada d'aquella região, ás quaes o velho respondia gostoso, por ter occasião de relembrar os tempos de outr'ora, sentindo-se incapaz, como todos os humildes e primitivos, de tomar a iniciativa dos assumptos. Elle contou por phrases gaguejadas a sua triste vida, toda ella um pobre drama sem movimento, sem lances, sem variedade, mas de quão intensa e profunda agonia! Contou a velha casa cheia de escravos, as festas simples, os trabalhos e os castigos... E na tosca linguagem balbuciava com a figura em extase a sua turva recordação.

— Ah! tudo isto, meu sinhô moço, se acabou... Cá dê fazenda? Defunto meu sinhô morreu, filho d'elle foi vivendo até que governo tirou os escravos. Tudo debandou. Patrão se mudou com a familia para Victoria, onde tem seu emprego; meus parceiros furaram esse matto grande e cada um levantou casa aqui e acolá, onde bem quizeram. Eu com minha gente vim para cá, para essas terras de seu coronel. Tempo hoje anda triste. Governo acabou com as fazendas, e nos poz todos no olho do mundo, a caçar de comer, a comprar de vestir, a trabalhar como boi para viver. Ah! tempo bom de fazenda! A gente trabalhava junto, quem apanhava café apanhava, quem debulhava milho debulhava, tudo de parceria, bandão de gente, mulatas, cafusas... Que importava feitor?... Nunca ninguem morreu de pancada. Comida sempre havia, e quando era sabbado, vespera de

domingo, ah! meu sinhô, tambor velho roncava até de madrugada...

E assim o antigo escravo ia misturando no tempero travoso da saudade a lembrança dos prazeres de hontem, da sua vida congregada, amparada na domesticidade da fazenda, com o desespero do isolamento de agora, com a melancolia de um mundo desmoronado.

— Mas, meu amigo, disse Milkau, você aqui ao menos está no que é seu, tem sua casa, sua terra, é dono de si mesmo.

— Qual terra, qual nada... Rancho é do marido de minha filha, que está ahi assentada, terra é de seu coronel, arrendada por dez mil reis por anno. Hoje em dia tudo aqui é de extrangeiro, governo não faz nada por brasileiro, só pune por allemão ..

N'um estremecimento, o preto velho, com o olhar perdido no vacuo, a mão estendida fazendo gestos tardos e incertos, proseguia no seu monologo :

— Vosmecê vae ficar aqui? D'aqui a um anno está pôdre de rico. Todos seus patricios eu vi chegar sem nada, com as mãos abanando... E agora? Todos têm uma casa, têm cafesal, burrada... De brasileiro governo tirou tudo, fazenda, cavallo e negro... Não me tirando a graça de Deus...

E os seus olhos tristes obscureceram-se. A nevoa que os cobria, tornou-se mais densa, como que sobrecarregada agora da pesada visão da conquista da terra patria pelos bandos invasores

Seguiu-se um oppressivo silencio. Milkau recolhia o echo d'aquelle queixume de eterno escravo, d'aquella mal definida resignação dos esmagados. Havia alguma coisa de aleijão n'esse protesto, e a incapacidade de uma expressão livre e elevada fazia crescer a angustia. O velho continuava meneando a cabeça e resmungando um choro. A figura da filha, de uma indolencia sinistra, dava maior oppressão a tudo... Milkau sentia um estrangulamento, como si o peso de toda a responsabilidade da sorte d'aquella gente cahisse tambem sobre elle. Lá dentro de si mesmo batia-se em vão para encontrar a claridade de um sentimento, a limpidez de uma palavra consoladora. Nada achou. N'um gesto contrafeito despediu-se.

— Adeus, até á vista, meu velho.

O preto abandonou-lhe a mão. Os outros da familia ficaram quietos, apatetados.

Milkau caminhava pela grande luz da manhã, agora de todo inflammada. Os ventos começavam a soprar mais espertos e como que agitavam as almas das coisas, arrancando-as do torpor para a vida. O rio descia em direcção contraria á marcha dos viajantes, e esses movimentos oppostos davam a impressão de que toda a paizagem se animava e docemente ia desfilando aos olhos do cavalleiro. A fazenda, lá no alto, sumia-se no fundo do longinquo horizonte, o immigrante notava o

manso desenrolar do panorama, como o de fitas magicas : casas de moradores, homens, tudo ia passando, rolando mansamente, mas arrastado por uma força incessante que nada deixava repousar.

A estrada se alargava, outras vinham apparecendo, desconhecidas, infinitas e incertas, como são os caminhos do homem sobre a terra. A brisa fresca encanava-se pelas duas ordens fronteiras de collinas parallelas ao rio e trazia ao encontro do viajante um mugido sonoro de cascata. O rolar do Santa Maria batendo sobre pedras amontoadas, despedaçando-se como um louco nas lages, augmentava; e as suas aguas revoltas, espumantes, recolhiam e reverberavam a luz do sol, como um vacillante espelho. Milkau via ao longe, na matta ainda fumegante de nevoas, uma larga mancha branca. Na frente o guia, estendendo o braço, gritou-lhe : — Porto do Cachoeiro.

Milkau, como si despertasse, respirou sofrego, o corpo se lhe agitou e estremeceu n'essa ancia de quem penetra na terra desejada; mas o sangue em alvoroço saudou a apparição do povoado; os nervos, a vontade transmittiam um fluido activo ao lerdo animal, que, ao sopro da viração, ao contacto dos logares proximos á cidade, fim das suas jornadas, tambem se transformou em vida : e agora, de narinas escancaradas, bufando, sacudia as crinas, relinchava asperamente, mordia o freio, curvava o pescoço e accelerava brioso o passo.

Então, de uma pequena elevação que ia galgando, Milkau, o olhar espraiado na paizagem, dominava a povoação apertada entre a montanha e o Santa Maria. Cheia de luz, com a sua casaria toda branca, em plena gloria da côr, da claridade e da musica feita dos sons da cachoeira, represa do fervido rio que se liberta em franjas de prata, a cidadesinha era n'aquelle delicioso e rapido instante a filha do sol e das aguas.

Os viajantes continuavam apressados; as primeiras casas iam chegando: eram pobres habitações, como soltas na estrada para saudarem alviçareiras os viandantes. Mirando-as attentamente, Milkau observou que essas casas eram moradas de gente preta, da raça dos antigos escravos, e adivinhou-os batidos pela invasão dos brancos, mas ainda assim procurando os derradeiros e longinquos raios do calor humano, e deitando-se á soleira das cidades, para elles extrangeiras e prohibidas.

Os viajantes desceram a rampa e foram ter a uma porteira, que o pequeno, tomando a frente, escancarou para dar passagem a Milkau. Entravam agora mais devagar na cidade.

— Onde se apeia, patrão? perguntou solicito o guia.

— Em casa do Sr. Roberto Schultz. Conhece?

— Ah! nhor sim, quem não sabe?... O maior sobrado da cidade... Domingo passado levei tambem um moço para lá.

Os cavallos arfavam, dando á marcha fatigada

uma sensação de movimentos irregulares, como si descessem com medo montanhas pedregosas; uma espuma abundante ensopava-os, e, abandonados de redeas, iam tropeçando nas pedras soltas da rua. Os olhos de Milkau tinham os estremecimentos das passagens bruscas dos panoramas contrarios; não possuiam fixidez nem calma para precisar qualquer observação, apenas guardavam na retina inconsciente a vaga sensação de uma cidadesinha allemã no meio da selva tropical. Ao espirito do immigrante desceu uma confusa e tenue recordação de outros tempos, ao entrever essa população toda branca, e ao sentir a irradiação do sol batendo sobre as cabeças das creanças, como refulgentes chapas de ouro.

Chegados a um grande sobrado, o guia pulou lesto do cavallo e ajudou Milkau a apear; despediram-se como bons amigos, e, emquanto o viajante penetrava na loja, o menino voltava com os animaes. O armazem de Roberto Schultz era vasto. Tinha quatro portas de frente, e as mercadorias innumeras davam-lhe uma feição de grandeza e opulencia Alli se negociava em tudo, em fazendas, em vinhos, em instrumentos de lavoura, em café; era um d'esses typos de armazem de colonia, que são uma abreviação de todo o commercio e conservam, na profusão e multiplicidade das coisas, certo traço de ordem e de harmonia. A loja áquella hora já estava cheia de gente, e Milkau, para chegar até ao balcão, foi desviando os

freguezes alli amontoados em pé, todos indecisos, pesados, brancos e tardos allemães.

Disseram a Roberto que havia um viajante á sua procura, e immediatamente Milkau foi conduzido ao escriptorio, onde um homem taurino e barbado o recebeu. O immigrante entregou-lhe uma carta de apresentação, que elle principiou a ler, interrompendo-se de vez em quando para fitar o recemchegado. Dos olhos d'este baixava uma claridade suave, uma calma dominadora, que perturbava o velho negociante, ora a ler, ora a mirar pensativo e aborrecido. Afinal, dobrou vagaroso a carta e poz-se a tamborilar na secretária.

— Então, disse por dizer, vem com a idéa de ficar aqui?

Milkau affirmou essa resolução. Roberto começou a aconselhal-o a que não se decidisse antes de ver bem as coisas por si.

— Isto aqui é triste e enfadonho. Vae-se aborrecer, afianço-lhe... Talvez fosse melhor ir para o Rio ou S. Paulo. Ahi, sim, são os grandes centros de commercio, onde acharia um emprego com facilidade. A colonia é um engano; n'outro tempo ganhava-se algum dinheiro, porém agora os negocios não marcham...

— Mas... quiz interromper Milkau.

Roberto não o attendia e continuava a arredal-o, com as suas palavras, para longe do Cachoeiro.

— Na minha opinião, o senhor deve voltar hoje mesmo; nós estamos abarrotados de pessoal. Aqui

em minha casa tenho gente demais, que vou despedir; em nenhuma casa de negocio da colonia o senhor se póde empregar. Que vale hoje o commercio com os impostos, com o cambio, e com as contribuições da politica?... porque nós aqui, apezar de extrangeiros, ou talvez por isso mesmo, somos os que sustentamos os partidos do Estado. As eleições não tardam, por ahi já devem vir os chefes da Victoria, temos de hospedal-os, dar festas, arranjar eleitores; ora, tudo isto nos vae empobrecendo : o que se ganha é uma miseria para esses extraordinarios...

— Mas eu não vim com destino ao commercio, affirmou decisivo o viajante.

— Como? Vem com o plano de ir para o café?...

E Roberto não occultou a surpresa de ver um colono n'aquelle immigrante tão bem vestido para um simples cultivador.

— Ah! isto é outra coisa, continuou o negociante agora amavel. Não ha nada como a lavoura; vá para o matto, arranje a sua colonia e d'aqui a pouco tempo está rico. Olhe, a nossa casa está ás suas ordens, nós lhe fornecemos tudo de que precisar, e, quando puder, vá nos mandando café. É o costume aqui, nós nos pagamos em generos... o que é uma vantagem para o colono, accrescentou baixando ligeiramente o olhar. Chegou em boa hora para arranjar um excellente prazo nas novas terras do rio Doce, que se vão abrir aos immigrantes. O juiz commissario mandou pregar o

edital para as medições e arrendamentos; o agrimensor, o sr. Felicissimo, está no Porto do Cachoeiro, de viagem para as terras. É um rapaz alegre, que sempre nos apparece por cá; elle, o senhor sabe, é freguez da casa e é do partido.

Milkau agradeceu os offerecimentos do negociante e dispunha-se a partir em busca de uma estalagem, quando o outro reclamou:

— Não vale a pena ir para o hotel. Aqui fica melhor; temos muitos commodos para hospedes, como é de uso... Depois, o senhor me póde ser util agora, fazendo companhia a um moço chegado antehontem e tambem de familia importante... Imagine: filho do general barão von Lentz... O rapaz, porém, anda triste e sorumbatico. Não sei o que será... Talvez vergonha de ter immigrado... Ah! estes rapazes...

E, sorrindo malicioso, ergueu-se, pedindo a Milkau que o acompanhasse. Este quasi ia arrebatado no meio de agrados e cortezias devidas a um futuro freguez. Ambos atravessaram para o outro lado do balcão, dirigindo-se á escada do sobrado. Os olhos de Milkau deslumbraram-se á luz da manhã alegre e viva. Á porta da loja uma velha de nariz adunco, de rosto de pergaminho franzido, chegava montada em sua mula e entre dois alforges suspensos dos ganchos da cangalha. Na rua passava uma tropa de burros carregados de canastras de café e repicando campainhas.

No quarto em que entraram Roberto e Milkau, um moço, que estava a escrever, levantou-se para saudal-os.

— Trago-lhe um companheiro, annunciou o dono da casa; este patricio, que se deseja estabelecer no rio Doce.....

Voltando-se para Milkau, repetiu-lhe que estivesse como em sua casa e perguntou-lhe pela bagagem. O outro explicou-lhe que vinha tudo pela canôa, devendo chegar á noite. Roberto deixou os novos immigrantes.

— Póde continuar o seu trabalho, disse Milkau delicadamente.

— Não, o que eu estava a fazer não é urgente... Apenas matava o tempo.

E os dois se puzeram a conversar sobre coisas vagas, sobre a viagem, o tempo, a natureza. E emquanto se entretinham, Milkau admirava a mobilidade da physionomia do joven von Lentz e não se cançava de observar o fulgor de seus olhos fulvos, dominando o rosto sem barba cujas linhas eram accentuadas e fortes, e se projectavam de uma cabeça ampla, roliça como a de um patricio romano. Mas de par com este subito enthusiasmo pela expressão esculptural d'aquella joven figura, Milkau sentia-se constrangido por ter encontrado n'aquellas paragens extranhas e remotas um filho de general allemão, um ser privilegiado na sua patria, como um evadido do seu proprio e grande mundo, que viera sepultar

sem duvida no mysterio das colonias uma parcella de angustia, de desespero e de desillusão...

D'ahi a momentos os dois novos se achavam na grande sala de almoço dos empregados do armazem e tomavam logares á mesa. A sala era desguarnecida; as paredes, simplesmente caiadas, não tinham o menor enfeite, os creados serviam, automaticos como soldados, ao regimento de caixeiros que comiam silenciosos. Em todas as physionomias d'aquelles homens tão differentes, alguns, velhos de pelle enrugada, outros, moços de perpetua adolescencia, via-se estampado o pensamento unico de cumprir o dever pratico, de caminhar para a frente no conjuncto harmonico de um só corpo. Milkau lia n'aquelle ajuntamento de allemães o caracter camponez e militar que fundou a obediencia e a tenacidade na sua raça e reduziu tudo o que ella podia ter de belleza, de elevação moral, á monotonia de um precipitado unico. Onde estava a Allemanha sagrada, a patria do individualismo, o recanto suave do genio livre? perguntava a si mesmo Milkau no sussurro regular do almoço, contemplando o esquadrão de homens louros; e reflectindo sobre a alma allemã, pensava que talvez sómente se pudesse explicar a incognita d'essa alma pelas imagens e expressões incertas da vaga e symbolica metaphysica. Quem sabe, continuava quasi em sonho; quem sabe si não foram um dia dois espiritos que se encontraram dispa-

ratados em um mesmo corpo, um servil á materia, ambicioso, cúpido, procurando absorver o outro que voava docemente, e pairava sempre no alto, zombando de tudo, de homens e deuses, gerando puramente, sem conjuncções torpes, nas regiões placidas do ideal, as figuras da poesia e do sonho. E quem sabe como foi longo e pertinaz o combate entre as duas forças !... Mas houve um momento em que o demonio da terra venceu o espirito de belleza e de liberdade, e o corpo ahi está hoje socegado, sem ancias, sem luctas, qual uma massa de escravos, a devorar os ultimos restos do genio do passado, divino alimento d'onde brota essa luz que ainda o illumina na sua lugubre e devastadora marcha sobre a terra...

Findo o almoço, os caixeiros sahiram em ordem. Milkau e Lentz iam por ultimo, vagarosamente, como hospedes despreoccupados. No quarto resolveram visitar a cidade; e quando d'ahi a momentos passavam pelo armazem em direcção á rua, Roberto os chamou.

— Está aqui exactamente o sr. Felicissimo, que segue depois de amanhã para o rio Doce, a fim de fazer as medições.

Dizendo isto, indicava um moço magro, baixo e moreno, com o rosto talhado em triangulo, cheio de marcas de bexigas, uma chata cabeça de bacurão, em que os olhos negros scintillavam vivos e seccos.

— O sr. Milkau, continuou Roberto, acaba de

chegar com o proposito de arrematar um lote de terras. Expliquei-lhe que n'este momento o que ha de melhor é o rio Doce, e que o senhor me faria o favor de arranjar-lhe um prazo bem situado.

— Pois não! acudiu o agrimensor solicito e com um gesto de quem quer abraçar. Sigo amanhã a me encontrar com a turma que está em Santa Thereza; depois de amanhã bem cedinho nos pomos em marcha, e quando fôr lá pelas onze, acampamos no porto do Ingá, no rio Doce... Os senhores quando vão?

Lentz ficou embaraçado, e meio confuso respondeu :

— Para o campo?... Ainda não sei afinal o que farei na colonia... Dependo muito do sr. Roberto...

O negociante coçou a cabeça e disse solemne, em murmurio, como si invocasse o testemunho dos mais :

— O sr. von Lentz prefere uma collocação na cidade, no commercio... Mas o sr. Felicissimo é que póde dizer quanto isto é difficil... as casas estão cheias, a occasião é má... Esperemos, esperemos...

Felicissimo perguntou a Milkau o dia da partida.

— É só para combinar tudo e quando chegar lá não haver demora. O negocio é facil, o senhor requer um prazo, e o juiz commissario, que está agora para os lados do Guandú, despacha, mas

não precisamos d'elle para fazer a medição. Na sua ausencia estou auctorisado a tudo, até mesmo a entregar os lotes aos colonos que os vão trabalhando... Entre nós as coisas não são feitas com luxo... Não temos formalidades... Tudo se arranja e legalisa depois. O que é preciso é pagar logo as custas...

Milkau interrompeu-o para se informar das distancias.

— D'aqui a Santa Thereza quantas leguas?

— Cinco. E de lá ao rio Doce outras tantas. O senhor deve ir d'aqui até o alto de Santa Thereza, ahi dormir e no dia seguinte tocar para o rio Doce.

— E' preciso um guia?

— Não... Estrada sem errada, e batida...

Roberto offereceu-se para mandar guiar o immigrante por tropeiros que iam diariamente para essas bandas. Milkau agradeceu, dispensando o obsequio.

Deixando Roberto, sahiram os tres do armazem. Felicissimo, que dizia não ter nada a fazer n'aquellas horas, propoz acompanhar os extrangeiros, dando assim expansão aos instinctos da sua nativa e tranquilla vadiagem.

Agora, o Porto do Cachoeiro abrasado de sol desvendava-se todo. A cidade era dividida em duas partes, que uma ponte ligava, mas podia dizer-se que só á margem esquerda era crescente,

porque do outro lado as habitações se contavam salteadas e raras. As casas d'aquella banda enfileiravam-se monotonas em frente ao rio, e nem um jardim quebrava a austeridade das moradas, nem um quintal margeava os caminhos, nem uma arvore sombreava as ruas. Pela primeira vez, porventura, nos tropicos, os habitantes de uma pequena cidade, como essa, não conheciam os prazeres do convivio dos animaes domesticos, nem tinham a expansiva preoccupação da cultura das plantas e das flôres. Uma esterilidade rigorosa e systematica estampava-se no perfil das casas, que eram apenas o abrigo de uma população de negociantes. Na rua, Milkau ia adivinhando a explicação moral d'aquella localidade, e uma impressão de angustia emanada da branca aridez da cidade o turbava, pois parecia-lhe que o bafo dos traficantes tinha matado a poesia, a graça d'aquelle canto excepcional da natureza, onde elles haviam levantado as tendas da especulação. Felicissimo ia pressuroso, contando os milagres da fortuna commercial d'aquella gente. — Este sobrado aqui, dizia elle, apontando para uma casa esguia e egual ás outras da rua, é de Frederico Bacher, chefe do partido da opposição; é o rival e o inimigo de Roberto. Chegou aqui sem nada; hoje, veja como está rico! E aqui são todos assim, todos têm muito dinheiro. Póde-se dizer que o commercio do Cachoeiro é mais forte do que o da Victoria... Ainda não se deu um caso de quebra... Estes allemães

têm olho... Si fossem brasileiros, estava tudo arrebentado.

E o agrimensor continuava n'esse tom, a fazer o elogio das virtudes germanicas para os negocios, a economia, a facilidade de assimilação, a energia no trabalho, dando, como contraste a ellas, as qualidades inferiores dos brasileiros, que elle se comprazia em proclamar, no gaudio de se mostrar, aos companheiros de passeio, justo e superior, e ao mesmo tempo com proposito lisonjeiro. Para se dar ar de importancia e intimidade com os moradores, de instante a instante, deixava Milkau e Lentz na rua e penetrava pelos armazens a dentro, para trocar uma palavra com o dono da casa. Algumas vezes, conseguia arrastar do fundo das lojas até á porta os negociantes, com quem á vista dos novos tomava liberdades, dando-lhes palmadinhas nas costas, beliscões na barriga e dizendo-lhes injurias por gracejo, ao que os allemães complacentes sorriam muito rubicundos, murmurando em tom de desculpa aos outros: — Esse sr. Felicissimo... Isto é um diabo...

Os tres iam seguindo assim, despertando pelos gestos e pelas vozes altas do agrimensor a attenção da rua, mirados pelos tropeiros que descarregavam os animaes e pelos freguezes que procuravam as lojas. Lentz não tinha o menor interesse em andar de casa em casa, á maneira fastidiosa e vulgar de Felicissimo; e então, para se ver livre d'essa obrigação enfadonha de correr passos de porta em porta,

propoz que subissem a um dos morros que cercavam e abafavam ao mesmo tempo a cidade, e de lá desfructassem a vista da região. Os outros concordaram e assim foram, guiados por Felicissimo. Para galgar a montanha mais accessivel, tiveram de passar além da ponte, por sobre a cachoeira cujos cavos borbotões os ensurdeciam; e os passos dos homens na ponte de madeira, em cima das aguas que se quebravam em baixo, tinham vibrações sonoras e poderosas como si sobre ella passasse o pesado tropel da cavallaria. Do outro lado estava a montanha que se puzeram a subir por uma vereda pedregosa e de cascalho solto, dando á marcha um movimento irregular e fatigante. Felicissimo ia mais lepido, na frente, emquanto os outros, não acostumados ao calor, caminhavam difficilmente, alagados em suor. A proporção que elles subiam, morriam as vozes da cachoeira, vinham ao seu encontro o halito perfumado das plantas montanhezas e o ar leve para lhes acalmar os ardores. A principio, dentro do circuito dos morros, a perspectiva era estreita. Em cima, porém, elles dominavam a vasta região accidentada, e os olhos dos extrangeiros tiveram um delicioso instante de extase. O contorno arredondado das montanhas cobertas de uma relva basta, rente, fulgurante nas suas côres matizadas, o rio por entre os valles, o ar limpido e secco mantendo estavel a atmosphera, a força da claridade desdobrando pelas collinas o panorama, a abobada celeste de um immenso azul

cobrindo docemente a terra, todo esse conjuncto de luz, de côr, de traços dava á paizagem um aspecto total de grandeza e confiança.

Felicissimo era o interprete da região. Como perfeito sabedor, dava o nome ás coisas e designava os logares. Milkau estava sereno no alto da montanha. Descobrira a cabeça de um louro de nympha, e sobre ella, e na barba revolta, a luz do sol batia, n'uma fulguração de resplendor. Era um varão forte, com uma pelle rosea e branda de mulher, e cujos poderosos olhos, da côr do infinito, absorviam, recolhiam docemente a visão segura do que ia passando. A mocidade ainda persistia em não o abandonar; mas na harmonia das linhas tranquillas do seu rosto já repousava a calma da madureza que ia chegando.

Felicissimo apontava em torno e ia designando os pontos do horizonte; os outros acompanhavam-lhe os gestos rapidos e, como en sonho, não podiam fixar os nomes barbaros e extranhos que lhes feriam os ouvidos, mas se interessavam em guardar e accentuar as impressões que lhes vinham da região. Para o oriente era a terra do Queimado, cujo caminho se desenrola longo e sinuoso, ora n'uma planice descampada e risonha, ora pôr entre o verde de um matto raro, até a um pequeno grupo de casas que formam o porto do Mangarahy á beira do Santa Maria, alli orgulhoso e folgado, com as aguas desembaraçadas dos cachoeiros. Para

o norte, para o sul, para o poente, as montanhas vão crescendo, amontoando-se como massas de pintura. Alli o Guandú, acolá Santa Thereza, duas regiões sombrias, que os colonos vão arrancando do silencio mysterioso da solidão. Sobre um valle cheio de sol um fio d'agua cáe longo e transparente como um grande véo de noiva. Para o poente, o Santa Maria margea os cafesaes, as casas de lavoura, e lucta com as lages negras que porfiam em retel-o.

Milkau n'esse panorama aberto lia a historia simples d'aquella obscura terra. Porto do Cachoeiro era o limite de dois mundos que se tocavam. Um traduzia, na paizagem triste e esbatida do nascente, o passado, onde a marca do cançaço se gravava nas coisas minguadas. Ahi se viam destroços de fazendas, casas abandonadas, senzalas em ruinas, capellas, tudo com o perfume e a sagração da morte. A cachoeira é um marco. E para o outro lado d'ella o conjuncto do panorama rasgava-se mais forte, mais tenebrosa. Era uma terra nova, prompta a abrigar a avalanche que vinha das regiões frias do outro hemispherio e lhe descia aos seios quentes e fartos; e alli havia de germinar o futuro povo que cobriria um dia todo o solo, e a cachoeira não dividiria mais dois mundos, duas historias, duas raças que se combatem, uma com a perfida lascivia, outra com a temerosa energia, até se confundirem n'um mesmo grande e fecundante amor..

Elles desceram da montanha; e entravam pela cidade, quando os armazens se fechavam para se reabrirem depois da hora do jantar. N'esse momento, via-se pelas ruas um movimento maior de gente que deixava as lojas e se recolhia ás casas.

— Aqui, perguntou Lentz ao agrimensor, quasi todos são allemães?

— Sim, poucos brasileiros. No commercio, póde-se dizer, não ha nenhum.

— Então, em que se occupam os brasileiros do Cachoeiro? indagou Milkau.

— Os que temos aqui são os do fôro, os juizes, escrivães, meirinhos. Outros são tambem empregados publicos, collector, agente de correio.....

— E professores? perguntou Lentz.

— Só um, porque a lingua que se ensina por essas mattas é o allemão, e os professores são alllemães, excepto o da cidade... Padres tambem não temos, nem egreja, como devem ter reparado. Tambem não ha necessidade, porque raros são aqui os catholicos, e para os protestantes ha tres pastores nas capellas do Luxemburgo, Jequitibá e Altona... Os catholicos do municipio são o povo do Queimado, do Mangarahy e outros pontos, onde está hoje a gente antiga da terra.

Felicissimo continuava a dar noticias do logar: os outros ouviam-no em silencio, e a conversar foi assim espreguiçando até chegarem á porta da casa de Roberto. O agrimensor despediu-se,

promettendo voltar no dia seguinte para os acompanhar em novas excursões.

Depois do jantar, que tinha corrido como o almoço, os dois novos subiram ao quarto, incapazes de sahir á rua e de se ir metter ás primeiras horas da noite na fabrica de cerveja, na outra margem do rio, como era o costume alli. Milkau estava fatigado da viagem e do passeio do dia. Lentz sentia-se esbraseado e abalado pela emoção vinda do encontro com o seu recem-chegado patricio, que, por motivos d'elle não percebidos, já tanto o seduzia e o prendia.

Sentaram-se os dois junto á janella aberta. A calma da tarde immobilisava as coisas, dando-lhes a tranquillidade, o repouso e a fixidez das pinturas. N'essa hora a natureza excedia-se a si mesma, tomando a expressão serena da arte. Os primeiros perfumes dos mattos da redondeza desciam para embalsamar o panorama, e sombras leves vinham envolvendo o mundo. Os dois immigrantes contemplavam em silencio, e uma saudade extranha, segredando-lhes, explicava o mysterio dos quadros sonhados e nunca vistos, a nostalgia de illusões que alli se realisavam agora...

— Parece que já vi este quadro em algum logar, disse Milkau, scismando. Mas não, este ar, este conjuncto suave, este torpor instantaneo, e que se percebe vae passar d'aqui a pouco, é seguramente a primeira vez que conheço.

— E por quanto tempo aqui ficaremos? disse o

outro n'um bocejo de desalento; e o seu olhar pairava preguiçosamente sobre a paizagem.

— Não meço o tempo, respondeu Milkau, porque não sei até quando viverei, e agora espero que este seja o quadro definitivo da minha existencia. Sou um immigrado, e tenho a alma do repouso; este será o meu ultimo movimento na terra...

— Mas nada o agita? Nada o impellirá para fóra d'aqui, fóra d'esta paz dolorosa, que é uma sepultura para nós?...

— Aqui fico. E si aqui está a paz, é a paz que procuro exactamente... Eu me conservarei na humildade; em torno de mim desejarei uma harmonia infinita.

— É então por isso que vae para o matto? Não seria melhor ficar aqui no commercio?

— Não. Procuro uma vida estavel e livre, e o commercio é torturado pela avidez e ambição... Além disso, penso que o trabalho digno do homem é a lavoura nos paizes novos e ferteis como este, e a industria no velho continente. O commercio não me attráe, com suas fôrmas grosseiras, seus estimulos baixos, sua posição intermediaria na sociedade. Não me sinto solicitado sinão por coisas mais simples e approximadas da situação do futuro... O senhor persiste em se dedicar aos negocios?

— Não sei bem o que faça... Estou indeciso, irresoluto. Penso que si o commercio póde ser um

meio de fortuna e de dar vasão ás ancias de jogador que ha em cada homem, é tambem um caminho baixo e vil. Estou indecise; e não fosse o medo do tedio da matta e da morte da agitação, eu talvez me abalançasse a ir trabalhar na lavoura.

A cidade estava illuminada frouxamente, com espaços longos de sombra, mas em outros pontos as luzes da rua e das casas cahiam sobre as aguas do rio, que as multiplicavam em seu espelho tremulo. Lentz se calára. Perdia-se na noite o seu olhar, como em uma grande scisma; o seu rosto não tinha serenidade, as linhas estavam perturbadas, dando á physionomia uma expressão de rancor e de inquietação. Parecia que dentro d'elle, n'um monologo intimo e doloroso, se prolongava a queixa contra o destino, e elle se debatia em vão, dentro dos muros fechados da sua sorte, n'um esforço de ave ferida para pairar nas regiões do seu sonho. Milkau apiedou-se d'aquelle silencio afflictivo e, deixando-se levar pelos bons impulsos da sua confiança abundante, disse ao joven companheiro:

— Porque não iremos trabalhar no rio Doce? O senhor talvez se ache ahi mais feliz e mais independente. Podemos requerer um mesmo prazo, e, como não temos familia, faremos uma sociedade e nos auxiliaremos mutuamente... E si se arrepender, poderá partir, que me não queixarei de ficar só, pois esse é ainda até agora o meu destino...

Estas palavras eram brandas e boas, e foram ditas com muita pureza de coração. Pelos labios de Lentz passou um sorriso tão suave como franjas de um lago manso em que rapidamente se transformaram as furias de mar revolto, que era pouco antes a sua alma.

— Sim, veremos... Eu lhe agradeço muito... Porque não?... murmurou n'uma emoção que, por orgulho, procurava domar.

Milkau regozijou-se, na perspectiva de ter um companheiro precisando de amparo e conforto no exilio. E tambem se alegrava por si mesmo, porque sentia os seus instinctos de communicação espraiar-se no convivio d'aquelle rapaz, que lhe parecia tão intelligente, e cujos designios revelavam pelo menos uma alma em aspiração. Todavia não quiz de um modo brusco e imprevisto decidir a sorte do outro immigrante pela sua. Esperava que elle reflectisse mais, antes de se determinar a acompanhal-o. Em Lentz o que predispunha a acceitar a companhia de Milkau era a indecisão em que estava de se abandonar á vida rude e mesquinha de caixeiro; era tambem a seducção intellectual por esse companheiro de acaso. Milkau não quiz insistir e delicadamente desviou o assumpto. Passou a conversar negligentemente sobre outras coisas.

— Então, tem-lhe agradado a terra? esta verdura de primavera? o esplendor do sol? a vegetação possante?

— Sim, tudo isto é forte e bello, mas eu prefiro os campos europeus com suas mutações, o seu quadro de montanhas, o seu colorido mais distincto.

— A Europa, atalhou Milkau, tem a tradição, que nos priva da liberdade de julgamento. Fóra d'ella não sei si o Rheno vale o Santa Maria, que, sem lendas, sem passado, reflecte em mim por seus proprios merecimentos tanto encanto, com suas margens incultas, sua agua limpida e borbulhante, seus chorões curvos...

— Oh! este sol implacavel!... Aqui não ha descanço para uma suave matização da côr. Sempre este amarello a nos perseguir...

E com um gesto de mão sobre a cabeça, Lentz parecia querer arrancar de si a obsessão da luz omnipotente.

— Breve se acostumará, e ha de amar esta natureza até á paixão. Eu já venho de longe e cada vez a admiro mais.

— Ah! não é esta a primeira vez que vem ao interior do Brasil?

— Por este lado é a primeira vez... Antes, estive de passagem em Minas Geraes, logo que cheguei ao paiz, levando o plano de me estabelecer alli; mas não encontrando facilidade, dirigi-me para cá.

— Em que logar de Minas esteve?

— No Oéste... E foi uma grande viagem para mim... S. João d'el-Rei é uma impressão unica.

— Como? interrogou curioso Lentz.

— Alli me pareceu ter penetrado no passado intacto do Brasil. Oh! Foi uma volta deliciosa aos tempos mortos hoje por toda a parte e que ainda lá prolongam a sua vida...

Lentz embebeu-se nas palavras de Milkau, que começou a contar-lhe a sua visita á velha cidade mineira. No Cachoeiro era silencio, a luz das casas se apagára, os lampeões da rua espaçadamênte ponteavam de luz as sombras da noite diaphana, da noite de verão que é apenas um instantaneo descanço do dia. A cachoeira mugia sempre, e o seu rumor egual e constante passava imperceptivel aos ouvidos de Lentz, todo á escuta da narração de Milkau.

— Logo á primeira madrugada o meu somno de viajante fatigado foi cortado pelo repicar de sinos de muitas egrejas, o que me produziu um doce encantamento. Como a todo o homem habituado ás grandes cidades modernas, a musica dos sinos era-me desconhecida na força e na sonoridade que tinha n'aquella manhã; mas, no emtanto, essa musica extranha não me feria, e eu a recolhia quasi em extase, como si fosse uma antiga e revivida sensação, pois parecia que era entendida por uma alma longinqua que se despertava dentro de mim e tomava posse do meu ser... Deixei-me ficar deitado, embalado pelas caricias do somno... E sonhava... O espaço estava cheio de sons,

o ar leve da montanha fluctuava como si todo elle estivesse impregnado de musica; a natureza despertada pela alegria dos sinos volatilisava-se e librava-se leve no ar, a cidade fugia da terra carregada nas harmonias, voava para os céos cantando... E eu sonhava, ouvindo repicar, procurando a calma, o somno e o esquecimento... A edade média representava-se no meu sonho: povoados, castellos feudaes, mosteiros, homens e coisas, todos ligados pelas vozes do campanario, que marcava no espaço a vida e a morte...

Milkau continuava a falar da velha cidade mineira, que elle definia como um sanctuario. O espirito da religião alli localisado dava-lhe o caracter e a significação. Dentro do seu recinto montanhoso, irregular e feio, deparava-se de instante em instante com uma egreja, todas ellas singelas, tristes, erguidas mais pela necessidade da devoção que pelos carinhos da arte. As casas acompanhavam esse tom severo e despretencioso e eram assignaladas por pequenas cruzes negras nas paredes desbotadas. Tudo alli tinha um aspecto sacerdotal, tudo falava de religião, egrejas frequentadas quasi todas as horas do dia, devotas procurando a solidão dos altares, as festas religiosas preoccupando o povo e divertindo-o durante o anno inteiro. Na quaresma a irrupção religiosa era ainda mais crescente... N'esse tempo, ás noites um padre sahia á rua acompanhado da multidão cantando rezas. Uma cruz negra envolta nas do-

bras alvas do sudario, meia duzia de tochas accesas, e era tudo. E lá ia a *via sacra* percorrendo os *passos* da cidade. N'uma devoção alegre e radiante, na mais completa e bella confusão de classes, o povo seguia rezando pela rua em um murmurio alto, fazendo côro ás orações começadas pelo padre; e quando chegava aos *passos*, oratorios abertos nas ruas, cantava musicas suaves e ingenuas... A multidão, ajoelhada sob o céo limpido, illuminada pelos raios da lua, acariciada pela brisa fresca das alturas, implorava n'um sorriso : misericordia!

Cercada de morros a cidade era guardada ainda por egrejas postadas nas alturas, como de atalaia. Pelas encostas das montanhas subiam os devotos em romarias piedosas aos santos padroeiros das capellinhas humildes. Nas tardes de verão (recordava Milkau) costumava destilar um cortejo de seminaristas em férias e, ás vezes, esse cordão negro succedia cruzar com o bando infantil e branco das collegiaes dirigidas por irmãs de caridade; os dois grupos não se approximavam e se desviavam reverentes, subindo e descendo pelos morros, sobre os quaes iam descrevendo longas e marciaes theorias, até se sumirem no horizonte... E si á hora da ave-maria um devoto retardatario passando por aquellas montanhas saudava os seminaristas em nome de Christo, os rapazes erguiam a cabeça com altivez para o céo, n'um relampago se descobriam, irrompendo-lhes do peito um grande, fervoroso grito,

que a solidão da tarde no deserto tornava solemne: Para sempre seja louvado!

A cidade ainda falava a outras tradições do velho Brasil. Sobre o seu terreno accidentado, sulcos abertos e profundos indicavam a passagem do homem terrivel que por alli desentranhou o ouro. A paizagem está toda marcada de cicatrizes das feridas da terra, que assim maltratada e hedionda clama ás gerações de hoje contra a devastação do passado. O homem moderno, limpo de coração, não deixará de sentir um fremito de terror, reconstruindo no espectaculo d'aquella paragem morta todo o quadro de uma epocha feita de escravidão, de ouro e de sangue.... Ha casas alli que deviam ser zeladas como reliquias das melhores paginas da historia de uma nação; por ellas passaram martyres, n'ellas viveram sonhadores, e os habitantes do logar ainda sabem ler nas paredes d'essas casas conservadas, e povoadas dos restos de outr'ora, a poesia da liberdade e da grandeza de todo o paiz. E essa mistura de fé religiosa e patriotica dá um caracter distincto áquella antiga cidade, purificando-a momentaneamente dos vicios em que se vão dissolvendo as outras...

Rematou Milkau esse quadro com algumas reflexões.

— Dou-me por muito feliz em ter ido a tempo de vêr tudo isto, porque não muito longe esse conjuncto de poesia, de tradição nacional, vae aca-

bar. Na verdade, é com magua que sinto estar prestes o desmoronamento d'aquella cidade circumdada de colonias extrangeiras, que a estreitam lentamente até um dia a vencer e transformar sem piedade.

— Mas isto é a lei da vida e o destino fatal d'este paiz. Nós renovaremos a nação, nos espalharemos sobre ella, a cobriremos com os nossos corpos brancos e a engrandeceremos para a eternidade. A velha cidade mineira da sua narração não me interessa, os meus olhos se projectam para o futuro. Porto do Cachoeiro tem mais significação moral hoje pela força de vida, de energia que em si contem do que os logares mortos de um paiz que se vae extinguir.... Falando-lhe com a maior franqueza, a civilisação d'esta terra está na immigração de europeus: mas é preciso que cada um de nós traga a vontade de governar e dirigir.

— Nas suas palavras mesmas, disse Milkau, está escripta a nossa grande responsabilidade. É provavel que o nosso destino seja transformar de baixo acima este paiz, de substituir por outra civilisação toda a cultura, a religião e as tradições de um povo. É uma nova conquista, lenta, tenaz, pacifica em seus meios, mas terrivel em seus projectos de ambição. É preciso que a substituição seja tão pura e tão luminosa que sobre ella não caia a amargura e a maldição das destruições. E por ora nós somos apenas um dissolvente da raça d'esta terra. Nós penetramos na argamassa da nação e a vamos amollecendo; nós nos mistu-

ramos a este povo, matamos as suas tradições e espalhamos a confusão.... Ninguem mais se entende: as linguas estão baralhadas: individuos, vindos de toda a parte, trazem na alma a sombra de deuses differentes; todos são extranhos, os pensamentos não se communicam, os homens e as mulheres não se amam com as mesmas palavras... Tudo se desagrega, uma civilisação cáe e se transforma no desconhecido.... O remodelamento vae sendo demorado.... Ha uma tragedia na alma do brasileiro, quando elle sente que não se desdobrará mais até ao infinito. Toda a lei da creação é crear á propria semelhança... E a tradição rompeu-se, o pae não transmittirá mais ao filho a sua imagem, a lingua vae morrer, os velhos sonhos da raça, os longinquos e fundos desejos da personalidade emmudeceram, o futuro não entenderá o passado...

II

— Não vejo nada claro, disse Lentz. E, fechando os olhos feridos pela luz grandiosa do dia, sentia dentro das palpebras, na camara rubra das pupillas, fuzilar relampagos de sol.

— Quem me dera, murmurava então Milkau, que o sol se não apagasse... A patria do homem devia limitar-se a um canto da terra onde não houvesse sombra.

E os dois caminhavam afastando-se do Porto do Cachoeiro na direcção de Santa Thereza. A principio a estrada cortava por cima de pequenos morros descobertos, onde, n'uma paizagem accidentada e limpa, passeavam errantes as sombras das nuvens; d'ahi a momentos ella morria na bocca da matta. Milkau e Lentz, ao penetrarem na escuridão repentina e fria, sentiram pelos olhos o véo de uma ligeira vertigem. Pouco a pouco elles se recompuzeram, e então admiraram.

A floresta tropical é o esplendor da força na desordem. Arvores de todos os tamanhos e de todas as feições; arvores que se alteam, umas erectas, procurando emparelhar-se com as eguaes e desenhar a linha de uma ordem ideal, quando outras lhes sáem ao encontro, interrompendo a symetria, entre ellas se curvam e derream até ao chão a farta e sombria coma. Arvores, umas largas, traçando um raio de sombra para acampar um esquadrão, estas de tronco pejado que cinco homens unidos não abarcariam, aquellas tão leves e esguias erguendo-se para espiar o céo, e mettendo a cabeça por cima do immenso chão verde e tremulo, que é a copa de todas as outras. Ha seiva para tudo, força para a expansão da maior belleza de cada uma. Toda aquella vasta flora traduz a antiguidade e a vida. Não se sente n'ella sombra de um sacrificio que seria o triumpho e o premio da morte. Dentro, as parasitas se enroscam pelos velhos troncos, com a graça de um adorno e de uma caricia. Ha mesmo arvores que são mães de arvores e supportam com facil e poderosa galhardia a filha, que lhe sáe do regaço, e mais esplendorosa, ás vezes, que a rija e bella progenitora. Uma infinita variedade de arbustos cresce ás plantas dos gigantes verdes; é uma florasinha miuda, compacta e atrevida, dentro do bôjo de outra mais ampla e opulenta. E tudo se ergue, e tudo se expande sobre a terra, compondo um conjuncto brutal, enorme, feito de membros asperrimos,

entretecido no alto pela cabelleira basta e densa das arvores e embaixo pela rêde intermina das fortes e indomaveis raizes; todo elle se entrelaça, enroscando-se pelos braços gigantescos, prendendo-se como por tenazes n'uma grande solidariedade organica e viva.... Pelas frestas das arvores, pela transparencia das folhas, desce uma claridade discreta, e n'essa suave illuminação se desenrola dentro do matto o scenario pomposo das côres. Ellas são em si vivas e quentes, mas a gradação da sombra, que ora avança, ora se afasta, communica-lhes da negrura do verde ao desmaio do branco a matização completa, triumphal. E lá em cada bocca da estrada, as portas da matta formam um circulo longinquo, azulado, como portas feitas só de luz, e de uma luz zodiacal e docemente infinita... De todo o corpo colossal, das folhas novas e das folhas mortas, dos troncos verdes e dos troncos carunchosos, das parasitas, das orchideas, das flôres selvagens, da resina que se derrama vagarosa ao longo das arvores, dos passaros, dos insectos, dos animaes occultos no segredo da selva, se desprende um cheiro mysterioso e singular, que se volatilisa e se diffunde no immenso todo, e, tal como o aroma das cathedraes, acalma, embriaga e adormece as coisas. Na volupia harmoniosa d'esse perfume, que é acre e tonteante, com a claridade que é branda, está a fonte do repouso da matta... O silencio que mora na floresta é tão profundo, tão sereno que parece eterno. Feito das

vozes baixas, dos murmurios, dos movimentos rythmicos dos vegetaes, é completo e absoluto na sua perfeita harmonia. Si por entre as folhas seccas amontoadas no solo se escapa um reptil, então o ligeiro farfalhar d'ellas corta a doce combinação do silencio; ha no ar uma deslocação fugaz como um relampago, pelos nervos de todo o matto perpassa um arrepio, e os viajantes que caminham, cheios da solidão augusta, voltam-se inquietos, sentindo no corpo o frio electrico e instantaneo do pavor....

— Extraordinario! disse Lentz, sahindo do seu espanto.

Milkau replicou:

— A sensação que aqui recebemos é muito differente da que nos deixa a paizagem européa.

E, mirando para o alto e para a frente, continuou:

— Aqui o espirito é esmagado pela estupenda magestade da natureza... Nós nos dissolvemos na contemplação. E, afinal, aquelle que se perde na adoração é o escravo de uma hypnose: a personalidade se escapa para se diffundir na alma do Todo... A floresta no Brasil é sombria e tragica Ella tem em si o tedio das coisas eternas. A floresta européa é mais diaphana e passageira, transforma-se infinitamente pelos toques da morte e da resurreição, que n'ella se revezam como os dias e as noites.

— Mas este espectaculo de uma grande matta brasileira é assombroso, não é? interrogou Lentz.

— É. A verdade, porém, é que, ao tocarmos a região do assombro, tal espectaculo nos priva da liberdade de ser, e afinal nos constrange. É o que succede com esta força, esta luz, esta abundancia. Nós passamos por aqui em extase, não comprehendemos o mysterio....

E mudos continuavam a caminhar pela estrada coberta, os olhos de ambos a desmancharem-se de admiração.

Passado algum tempo, Lentz exprimiu alto o que ia pensando :

— Não é possivel haver civilisação neste paiz... A terra só por si, com esta violencia, esta exuberancia, é um embaraço immenso...

— Ora, interrompeu Milkau, tu sabes bem como se tem vencido aqui a natureza, como o homem vae triumphando...

— Mas o que se tem feito é quasi nada, e ainda assim é o esforço do europeu. O homem brasileiro não é um factor do progresso: é um hybrido. E a civilisação não se fará jamais nas raças inferiores. Vê, a historia...

MILKAU.

Um dos erros dos interpretes da historia está no preconceito aristrocratico com que concebem a idéa de raça. Ninguem, porém, até hoje soube definir a raça e ainda menos como se distinguem umas das outras; fazem-se sobre isto jogos de palavras, mas que são como esses desenhos de nuvens que alli

vemos no alto, apparições phantasticas do nada.... E, depois, qual é a raça privilegiada para que só ella seja o theatro e o agente da civilisação? Houve um tempo na historia em que o semita brilhava em Babylonia e no Egypto, o hindú nas margens sagradas do Ganges, e elles eram a civilisação toda; o resto do mundo era a nebulosa de que se não cogitava. E, no emtanto, é junto ao Sena e ao Tamisa que a cultura se exgotta hoje n'uma volupia farta e alquebrada. O que eu vejo n'este vasto panorama da historia, para que me volto ancioso e interrogante, é a civilisação deslocando-se sem interrupção, indo de grupo a grupo atravez de todas as raças, n'uma fatal apresentação gradual de grandes trechos da terra, á sua luz e calor... Uns se vão illuminando, emquanto outros descem ás trevas...

LENTZ.

Até agora não vejo probabilidade da raça negra attingir á civilisação dos brancos. Jamais a Africa....

MILKAU.

O tempo da Africa chegará. As raças civilisam-se pela fusão; é no encontro das raças adeantadas com as raças virgens, selvagens, que está o repouso conservador, o milagre do rejuvenescimento da civilisação. O papel dos povos superiores é o instinctivo impulso do desdobramento da cultura, transfundindo de corpo a corpo o producto d'essa

fusão que, passada a treva da gestação, leva mais longe o capital accumulado nas infinitas gerações. Foi assim que a Gallia se tornou França e a Germania, Allemanha.

LENTZ.

Não acredito que da fusão com especies radicalmente incapazes resulte uma raça sobre que se possa desenvolver a civilisação. Será sempre uma cultura inferior, civilisação de mulatos, eternos escravos em revoltas e quédas. Emquanto não se eliminar a raça que é o producto de tal fusão, a civilisação será sempre um mysterioso artificio, todos os minutos roto pelo sensualismo, pela bestialidade e pelo servilismo innato do negro. O problema social para o progresso de uma região como o Brasil, está na substituição de uma raça hybrida, como a dos mulatos, por europeus. A immigração não é simplesmente para o futuro da região do paiz um caso de simples esthetica, é antes de tudo uma questão complexa, que interessa o futuro humano.

MILKAU.

A substituição de uma raça não é remedio ao mal de qualquer civilisação. Eu tenho para mim que o progresso se fará n'uma evolução constante e indefinida. N'esta grande massa da humanidade ha nações que chegam ao maior adeantamento, depois definham e morrem, outras que apenas

esboçam um principio de cultura para desapparecerem immediatamente; mas o conjuncto humano, formado dos povos, das raças, das nações, não pára em sua marcha, caminha progredindo sempre, e os seus eclipses, os seus desmaios não são mais que periodos de transformações para epochas fecundas e melhores. É a fatalidade do Universo que se cumpre n'esse Todo que é uma parte d'elle... Quando não ha um trabalho á flôr das coisas, luminoso e doce, ha uma elaboração subterranea, tenebrosa e forte. Ás vezes, é n'um ponto isolado da superfice que se dá a opacidade das trévas, e pela fusão um povo ahi se fórma recapitulando a civilisação desde o seu ponto inicial e preparando-se para levar o progresso mais longe que os povos geradores....

LENTZ.

Como? Então o contacto dos povos da arte com os selvagens determina um precipitado que excede áquelles na capacidade esthetica?

MILKAU.

A arte, Lentz, póde diminuir ou augmentar em alguma das suas expressões, segundo varias solicitações do meio e da epocha, mas pelo facto de não florescer certa fórma de Arte, o progresso artistico não deixa de ser maior. Si a verdade estivesse na conclusão contraria, então a humanidade teria retrocedido depois do periodo do grego, e da renas-

cença, porque até agora a historia não conta epochas tão felizes para a Esculptura e para a Pintura.

LENTZ.

Mas toda a questão está na comprehensão do progresso moral.

MILKAU.

Quando a humanidade partiu do silencio das florestas para o tumulto das cidades, veiu descrevendo uma longa parabola da maior escravidão á maior liberdade. Todo o alvo humano é o augmento da solidariedade, é a ligação do homem ao homem, diminuidas as causas de separação. No principio era a força, no fim será o amor.

LENTZ.

Não, Milkau, a força é eterna e não desapparecerá; cada dia ella subjugará o escravo. Essa civilisação, que é o sonho da democracia, da fraternidade, é uma triste negação de toda a arte, de toda a liberdade e da propria vida. O homem deve ser forte e querer viver, e aquelle que um dia attinge a consciencia de sua personalidade, que se entrega a uma livre expansão dos seus desejos, aquelle que na opulencia de uma poesia magica crêa para si um mundo e o gosa, aquelle que faz tremer o solo, e que é elle proprio uma floração da força e da belleza, esse é homem e senhor. O fim de toda a sua vida não é a ligação vulgar e mesquinha entre os

homens; o que elle busca no mundo é realisar as expressões, as inspirações da Arte, as nobres, indomaveis energias, os sonhos e as visões do poeta, para conduzir como chefe, como pastor, o rebanho. Que importam a solidariedade e o amor? Viver a vida na egualdade é apodrecer n'um charco...

MILKAU.

Toda a marcha humana é uma aspiração da liberdade; esta é o verdadeiro apoio, o estimulo, a razão de ser de uma sociedade. A ordem não é um principio moral; é apenas um factor preexistente e indispensavel ao conceito social; não póde haver sociedade sem ordem, como calculo sem numeros; a harmonia existirá por momentos, mesmo n'um regimen de escravos e de senhores, mas será instavel, e sem a liberdade não ha ordem possivel; a busca e a realisação da liberdade como fundamento da solidariedade são o fim de toda a existencia... Mas para ahi chegar, que caminho não percorreu o homem!... A liberdade é como a propria vida, nasce e cresce na dôr...

LENTZ.

Oh! mas essa dôr deita gottas de amargura sobre a victoria. Não, o verdadeiro homem é o que se libertou de todo o soffrimento, aquelle cujos nervos não se contráem nas agonias, o que é sereno e não soffre, o que é soberano, o que é omnipotente, o que tem sua integridade completa e fulgurante;

o que não ama, porque o amor é um desdobramento doloroso da personalidade.

MILKAU.

O que nos une solidariamente na humanidade é o soffrimento. Elle é a fonte do amor, da religião e da arte, e não se póde substituir a sua consciencia fecunda pelo imperio de uma insensibilidade feroz.

LENTZ.

Quanto a mim, penso que devemos voltar atraz, apagar até aos ultimos traços as manchas d'esta civilisação de humildes, de soffredores, de doentes, purificar-nos do seu veneno, que nos mata depois de nos entristecer.

MILKAU.

Eu vejo na exaltação das tuas palavras que ha em nós uma tristeza diversa deante do quadro da vida dos homens... mas sempre tristeza e desespero. O mal é universal, ninguem está satisfeito por estes tempos; todos se lamentam, e nem senhores, nem escravos, nem ricos, nem pobres, nem cultivados, nem simples têm o seu quinhão de alegria, de satisfação, como queriam. E quando n'uma sociedade o individuo soffre, essa gotta de agonia é bastante para condemnar todo o fundamento da communhão. Ha uma crise em tudo, o proprio solo é vacillante e tremulo, o mundo está abalado, a atmosphera é irrespiravel. No meio de confusas

aspirações, n'este contacto extranho de sentimentos tão varios, póde-se acaso fundar a harmonia socegada e doce da vida? A religião foi-se; ella é do tempo e, como o proprio tempo, uma vez perdida, não volta mais... Uma civilisação de guerreiros persiste no meio do surto da alma pacifica do homem. Tudo se confunde, se mistura e se repelle n'um torvelinho de desespero... A sombra do passado penetra demasiado na morada do homem moderno e enche-lhe a casa de espectros e visões, que o detêm e o perturbam. E o futuro, mensageiro do gesto consolador, vem avançando a medo como um ladrão nocturno... Mas eu não esperei o seu passo vacillante e tardo: despi a minha roupagem pesada, e lepido então fui buscar o perfume e os alimentos que, vagaroso e divino, elle vem trazendo aos homens. E como dentro em mim é doce a salvação!

LENTZ.

E para ahi chegares?... Deixaste patria, familia, sociedade, uma civilisação superior?

MILKAU.

Deixei o que era vão.

LENTZ.

E á Europa, e á Allemanha nada mais te prende?

MILKAU.

Sómente o que ellas têm de grande no Passado. Mas isto é o incorporeo, é o invisivel, e eu não preciso de me sentar sobre as ruinas para amal-o. E' a obra da imaginação e da memoria. O meu culto ao que é humano é activo, reside na dupla consciencia da continuidade e da indefinidade do progresso. O que a Europa nos mostra, como fórma da vida, é apenas um prolongamento desharmonico das forças de hontem e das solicições do presente.

LENTZ.

Não comprehendo como por um acto de vontade se possa trocar Berlim pelo Cachoeiro... De que cidade da Allemanha és tu?

MILKAU.

Sou de Heidelberg, e de lá guardo as minhas mais longinquas recordações. Vejo-me ao lado de meu pae, dia e noite ligados, como o corpo e a sombra... Elle era um professor de collegio, um d'esses universitarios muito instruidos, mas, como a maior parte d'elles, indeciso em sua vasta cultura escolar. Meu pae, Lentz, era a propria doçura, e as imagens que d'elle conservo no fundo da minha pupilla são de um homem feito de sorrisos suaves e inextinguiveis; tinha uma intelligencia subtil e aerea, mas o pudor da audacia

o entorpecia, e por isso todo o seu grande capital de bondade e de amor ficou sepultado no fundo do seu coração, e o mundo o ignorou. Elle continha e refreiava a imaginação. Oh! como elle mesmo creava barreiras ao seu espirito! Os preconceitos chegavam-lhe ao appello da sua timidez, e elle os acariciava como si fossem numes protectores. Mas em tudo isto havia uma infelicidade funda, que lhe devia ser o amargor da vida. As suas expressões nunca transpiraram o sangue de todo o seu amor humano. Foi o perfume que guardou no interior da alma sem o transfundir além, e d'esse excesso de concentração veiu-lhe a morte...

LENTZ.

E n'esse tempo que edade tinhas?

MILKAU.

Eu sahia da universidade e entrava no mundo quando meu pae morria. Minha mãe com lagrimas molhava noite e dia as saudades plantadas no seu coração. Ella foi mesquinha de dôr, e eu amei-a até á sua morte como uma filha tamanhinha e mofina...

LENTZ.

E então?...

MILKAU.

Depois de tres annos d'essa existencia, entre a

recordação e a piedade, parti de Heidelberg com a alma cheia de um grande silencio. Comecei a ouvir os accentos da minha propria voz.

LENTZ.

E não te veiu ao encontro uma voz de mulher?

MILKAU.

Não.

LENTZ.

E nunca amaste a mulher?

MILKAU.

Aos dez annos o amor começou em mim, mas, como tudo que nasce prematuro, essa paixão de infancia foi meio doença, meio extase mystico. O que ha em mim de sentimento religioso se desenvolveu então na adoração d'aquillo que eu buscava; bens e males da minha vida eu attribuia só a esta influencia poderosa e mortificadora. E no emtanto ella fugia de mim .. Longos tempos se passaram n'essa enganadora caça; todos os meus estudos, os meus brincos, os meus sonhos de creança tiveram a fórma dos pequenos e intensos martyrios; elles vertiam lagrimas e suavam sangue. Como estremeço ao lembrar-me de tanta vida, de tanto amor consumido por uma sombra... Em vão? Não sei... Quando volto ao meu passado, é ainda esse trecho do caminho da vida que mais me deleita :

sinto quanto elle é embalsamado pelo amor que ahi passou, como esse perfume que foi a minha purificação da adolescencia vem até a mim... E a grande ventura (quem sabe?) foi que sobre essa montanha de fogo formada em minha alma jamais desceu o sorriso, a brandura, a caricia que resfria e que funde... e então eu ascendi, ascendi... Aos vinte annos estava tudo acabado. A morte d'ella veiu habitar a minha existencia, e não me consolei longo tempo, até que outro amor, e esse o grande, o unico, me viesse possuir para sempre...

E Milkau foi interrompido pelo repique de campainhas que descia pela estrada, redobrando a amplidão das vozes sonoras no silencio da matta. Pouco a pouco estes sons perdiam a doçura melancolica e se confundiam com gritos humanos e tropel de animaes. Não tardou que os dois amigos vissem uma tropa, que vinha das terras altas em direcção ao Porto do Cachoeiro. A mula da frente marchava enfeitada de fitas de côr, que lhe embaraçavam os meneios da cabeça. Milkau e o companheiro encostaram-se para a beira da estrada, apoiando-se nas arvores, e ainda assim os animaes, procurando o trilho habitual, roçavam-lhes ao corpo as bruacas de café e os olhavam com os seus olhos de besta, immensos, tristes e insondaveis. Os tropeiros em sua maioria eram mais brancos que mulatos; porém os gritos, as ordens, as pragas, de uns e

outros eram ditos espontaneamente na lingua de cada um. A tropa passou caminho abaixo, levando comsigo o seu violento barulho que quebrava além o somno das coisas. Atraz d'ella ficára um odor acre de café verde, de poeira levantada e de lama revolvida, a qual alli na sombra e humidade das arvores não se extingue nunca. Os dois amigos caminharam algum tempo calados, mas uma ancia de confissão e de abandono os estimulava n'aquelle mundo extranho; e elles, ladeados de arvores sem fim, tornavam com frenesi, com excitação, ao dialogo perpetuo dos themas eternos.

LENTZ.

Na verdade, ha muito pouco tempo eu não poderia imaginar-me aqui n'esta floresta... Nós somos governados na vida pelo imprevisto... A historia é muito simples (disse Lentz, como respondendo a uma interrogação escripta nos olhos de Milkau). Questão de amor, ou antes questão de consciencia... Amei uma mulher, que pensei ser a creatura sublime, que fraca ama o forte, que humilde ama o soberbo. E nós fomos assim pelo caminho sumptuoso da minha phantasia, arrastando-a eu após mim, já pela solidão das montanhas de neve, já pelos lagos verdes que refrescam as terras, já pela cidades traficantes e vis. Minha amada conheceu as vibrações infinitas da volupia, minha amada amou no sangue, na carne, e depois d'isto eu a julgava recompensada e feliz; mas um

dia revoltou-se, e a alma da mulher do occidente, que a longa cobardia dos homens já fez eterna, n'ella se despertou para exigir de mim a minha escravidão. Encontrou apoio nos preconceitos christãos de meu pae, nos escrupulos e temores de minha mãe que me procurava dissolver ao bafo de sua ternura morbida. Resisti. O pae de minha amada era um velho general companheiro de armas do meu, e elle pedia á minha familia uma reparação por aquillo que tinha sido o acto da independencia da minha extrema sensibilidade. E o que é peior, no meu grupo social formou-se em torno de mim uma atmosphera de reprovação: todos se julgavam limpos de consciencia para se afastarem de mim com desdem. E confesso (oh! vergonha!) não pude supportar essa pressão collectiva dos meus camaradas, dos individuos da minha classe!... O homem levará ainda muito tempo, Milkau, a libertar-se do grupo a que pertence, a emancipar-se d'essa tyrannia poderosa que lhe annula a individualidade e lhe traça na physionomia as linhas de uma mascara commum e sem distincção propria, ou seja a familia, ou seja a classe, ou seja a raça. A minha arrogancia entibiou-se, o que ha em mim de cobarde, de escravo, entorpeceu a energia de minha attitude; o que ha em mim de acquisição intellectual, conjuncto de idéas ardegas e aceleradas, foi morto pelo antigo e implacavel sentimento... Então fugi, deixando os meus estudos de universidade, a minha

posição, a minha familia, a minha fortuna. O que eu buscava em troca de tudo que deixei, era um mundo maior, ainda virgem e intemerato do contacto lascivo e deprimente d'essa moral christã: era um verdadeiro dominio para o homem novo, para quem, saltando por cima dos seculos da humildade, quer dar a mão aos antigos e com elles e sob o influxo d'elles renovar a civilisação e produzir um mundo que seja o reino da força radiante e da belleza triumphal. E parti então para a virgindade d'estas selvas, com o impeto de viver n'ellas solitario, na exaltação do meu ideal, ou de um dia as transformar em um imperio branco, que é o desejo e a razão do meu sangue. Viajei longamente até agora. O mar foi para mim a primeira grande sensação da liberdade; sobre elle sonhei, e vivi intensamente o goso do pensamento puro... mas não vivi o mar, porque não actuei sobre elle, e a vida é a acção...

MILKAU.

O que cada um de nós procura é tão diverso... Tambem, como tu, deixei terra natal, sociedade, civilisação, em troca de bens maiores, de bens eternos. A minha trajectoria vem de epocha mais remota... Depois da morte de minha mãe, o meu primeiro desejo foi sahir de Heidelberg e buscar a vida em outra parte. Berlim me attrahia, e julguei ahi encontrar uma solução á minha existencia, então vaga e sem objectivo. O que mais me ator-

mentava, era a consciencia de que começava a viver por viver, sem interesse na vida. Afastado de qualquer crença religiosa, sem uma idéa moral que fosse meu apoio, o infinito para mim não existia, a sociedade não me preoccupava, e a consolação não me podia vir do nada. A minha existencia era vagar com os companheiros fortuitos, sem saber aonde os meus passos iriam findar. Vivia vacillante e fugitivo, buscando no exterior a calma para o espirito; eram passeios interminaveis, eternas caminhadas pelas ruas, pelos parques da cidade, pelos bosques calados... Mas as minhas scismas eram as mesmas, e eu sempre me prendia ao passado do meu coração, invocando as tres imagens dos que amei e cujos retratos povoavam o meu quarto, e ellas as minhas saudades. N'esta epocha a minha não conformação ao mundo era cada vez maior; sentia-me crescer dentro de mim mesmo, n'uma aspiração indefinivel de amor, de calma, de sonho que sempre me fugiam : a minha tortura era infinita, a minha melancolia acabrunhadora. Minha amada, minha mãe, meu pae... Custava-me já resistir a tanto; a minha doença moral parecia-me irremediavel, a mim, torturado de um desejo de realidades, quando tudo me era indeciso e intangivel... Nada havia que me prendesse á vida; o que eu amára tinha desapparecido, o que amo hoje não me tinha chegado. Vivia na desillusão; a minha duvida tinha espaços tão illimitados que meu espirito oscillava e se perdia no mundo

das idéas e das emoções. E então tive aquella ancia torturante de resolver de qualquer modo, de terminar as minhas vacillações, e, desalentado, procurei realisar a acção pela unica fórma que me parecia positiva na vida, isto é, pela morte... Mas a contemplação da miseria moral em torno de mim susteve aquillo, a que em minha insania eu chamava o acto da vontade. Todos os soffrimentos extranhos se infiltravam em minha alma; as lentas agonias e os duros sacrificios alheios eram o pasto da minha piedade. No estado de espirito em que me achava, só tinha inclinação para os que se assemelhavam a mim. Eu soffria, e a Dôr pela sua mão forte e santa me conduziu aos outros homens... Reflecti: « si todos soffrem e se resignam, é porque a vida é mais desejavel do que a morte, e não é o suicidio uma salvação que deve ser collectiva. Não se trata de libertar um só dos martyres, é preciso que todos se salvem »... E o suicidio começou a morrer no meu pensamento, emquanto o clarão bemfazejo da solidariedade ahi apontava... Não me restava agora para combater o desespero sinão procurar na mesma vida a razão que me curasse do mal da morte e fosse um desafogo aos meus novos sentimentos. Olhei todas as vias que se podiam abrir deante de mim... Comprehendi logo que não podia continuar na posição que tinha de critico litterario em um jornal de Berlim; faltava-me agora o animo de falar de livros inspirados em uma arte vazia, sem ideal, e saturada de sen-

sualidade. Convenci-me ainda mais da falsa situação em que estava, fazendo parte do grupo de ignorantes e dogmaticos que, envolvidos nos mysterios da imprensa, exploram os outros homens, cuja credulidade voluntaria é alli como em toda a parte a fórma de sua cumplicidade na perpetuação do mal sobre a terra... E agora para onde ir? perguntava eu humilhado. Que profissão será a minha n'este quadro do mundo? A politica? A diplomacia? A guerra?

LENTZ.

Sim, a guerra. Porque ella é forte, é digna. O mundo deve ser a morada deliciosa do guerreiro.

MILKAU.

Aquellas duas vidas, a do politico e a do diplomata, eram vãs para quem não escutava a voz da commodidade ou da ambição, para quem não queria definhar na esterilidade e no egoismo, para quem buscava o que é eterno... A guerra é uma volta ao passado, a um ideal morto para a civilisação e de que o meu novo pensamento ainda mais se afastava... Não tinha aonde ir; e n'este embaraço a minha crise prolongava-se, pois não era mais escolher entre a vida e a morte, e sim entre qualquer vida e uma vida. Essa uma vida que eu sonhava, que eu queria e por toda a parte procurava, não podia descobrir... Não podia ir ás officinas, ir á industria, porque ahi não encontrava

ainda a atmosphera para a minha independencia e o meu amor. Não se tratava só de trabalho, tratava-se tambem de uma livre expansão da individualidade, e a industria nesta velha civilisação é um desfiladeiro apertado de combate no meio da sociedade, que ella divide em senhores e escravos, ricos e pobres... A minha angustia continuava, e por entre esses tormentos a minha existencia solitaria se ia passando na contemplação reconfortante da Arte. A Belleza entrava no meu espirito como um doce sustento. Ou mirando a linha triumphal da estatuaria, ou agitando-me ao vivo movimento do gesto, ou aquietando-me á serenidade da attitude repousada eternamente no marmore, ou embebendo-me na poesia infinita da côr, no enigma insondavel da figura humana, o meu espirito descançava e apoiava-se para a existencia... E então puz-me a viajar longos dias pelas antigas paragens, onde a arte busca ainda a sua fonte de mysterio e rejuvenescimento... Foi pela arte que comecei a amar a natureza, pois até então a minha attenção ao mundo exterior era vaga e incerta: eu só tinha os olhos voltados para o meu caso pessoal para as minhas scismas longas e indefinidas. No momento em que tratei a arte, em que me possui da belleza, a minha vista se alongou pelo mundo afóra e eu vi o esplendor por toda a parte. Os panoramas do céo passaram a interessar-me profundamente; dias inteiros a admirar a limpidez da atmosphera, outros a perder

os olhos no crystallino do ar, outros a sonhar na immensidade das cupulas azues limpidas e infinitas que são o espaço. Vi o mar, o pequeno mar do sul da Europa unctuoso e doce, que estreita a terra cheia de anfractuosidades, as quaes são abrigos para os homens, mar que não espanta, mar amigo, que é um traço de união entre as gentes; e de outras praias brancas, immensas, espiei o outro mar, o mar tenebroso que apavora, que domina e que é em si mesmo, como a propria liberdade, inaccessivel, tentador e indomavel... O meu deslumbramento pela natureza afastava-me de tudo o que não fosse contemplação. Carregando por toda a parte a minha admiração, succedia-me passar longos tempos solitario nas florestas, nos lagos e nos campos, n'um extase de louco, a extrahir das coisas a summa da belleza. Vivia mais das impressões da luz sobre o quadro onde se desenrola a vida, que dos alimentos da terra.... No outomno o sol abrasa as arvores amarellas, e sobre ellas a Morte é uma gloria de ouro.... No inverno os esqueletos das arvores cobrem-se de branco, como uma paizagem phantastica e morta, e desce sobre a terra uma neve abundante, vadia pelos ares, leve como arminho, farfalhante como areia.... No tempo d'essa unica preoccupação reinava em meu espirito um esquecimento das desgraças do passado ou dos cuidados do futuro, e esse olvido me parecia a felicidade pela hypnose com que adormecia a minha consciencia. Assim vivi longo

tempo, e tão engolphado no meu culto, que atravessava extranho e silencioso o mundo. Viajava dentro do meu extase, que era como um carro de ouro levado pelos cavallos ardegos da imaginação e transportado pelos caminhos deslumbrantes das regiões placidas e mysteriosas da belleza immortal.... Ao estado de desvario artistico succedia em mim um desejo de mortificação e soffrimento. Resuscitar, em pleno dominio do sensualismo, a vida solitaria dos monges, evaporar a minha animalidade e dissolvel-a na combustão de um sentimento activo e fecundo, tal foi a nova via por que caminhei. Concentrado n'um logarejo encravado no coração dos Alpes da Baviera, absorvi-me no estudo e na scisma...

LENTZ.

E a consolação? Não te veiu?

MILKAU.

A principio illudi-me, pensando que não havia outra existencia, tão forte, tão nobre... mas os velhos monges tinham como sustento o consolo da adoração... O meu isolamento era apenas intellectual, uma fórma de desdem do mundo, uma expressão mesquinha de quem foge do seu logar na vida. Depois dos primeiros momentos de prazer e tranquillidade, a minha cobardia me atormentava infinitamente, e a solidão passou a ser um estado afflictivo. Hoje, Lentz,

quando penso no isolamento a que um homem se consagra, penso sempre no deleite d'esse refugio, penso que é um sacrificio, mas tambem que é uma manifestação de esteril orgulho. O ascetismo é como uma ilha solitaria que arde no meio do mar, os seus fogos deslumbrantes têm um phantastico poder de illuminação sobre o mundo, mas as suas labaredas afastam d'ella os homens.. E eu não podia consumir-me n'essas chammas, pois já trazia dentro de mim a porção de humanidade que me conduzia á vida. Então, uma manhã desci das alturas... Aqui nos meus olhos ainda tenho guardado até hoje o ultimo espectaculo das montanhas glaciaes. Nunca mais tornarei á geleira fumegante, nem sobre os blocos de gelos das brancas e frias pedras verei mais descançar a luz rosea do sol. Paizagem solitaria e morta, como si fosse um fundo de mar secco, e sobre ella os fragmentos da vida passando carregados ao sopro do vento gelado... Adeus, montanhas de silencio, de consolo e de immolação! Quando cheguei abaixo era outro homem. O amor dentro de mim sorria, amparava-me e um bem estar infinito nunca mais me deixou. O que eu amava, era fazer amar, gerar o amor, ligar-me aos espiritos, dissolver-me no espaço universal e deixar que toda a essencia de minha vida se espalhasse por toda a parte, penetrasse nas minimas moleculas, como uma força de bondade...

LENTZ.

Não, não! A vida é a lucta, é o crime. Todo o goso humano tem o sabor do sangue, tudo representa a victoria e a expansão do guerreiro. Tu eras grande quando a tua sombra sinistra de solitario passeava nos Alpes e amedrontava os ursos. Mas quando o amor penetrou em ti, começaste a minguar: a tua figura de homem vae se apagando, e eu verei o teu semblante um dia sem luz, sem vida, sem força, mirrado pasto da tristeza.

MILKAU.

O principio do amor me sustenta e protege. Eu sou d'aquelles que foram por elle consolados... Ia terminar o drama intimo do meu espirito e concluir-se a passagem dolorosa de um estado de moral hereditaria para uma consciencia pessoal. Reflectindo sobre a condição humana, o meu pensamento se esclareceu, quando vi a marcha da humanidade partindo da escravidão inicial... No principio era o cháos: massas informes apresentavam-se como manchas de nebulosas cobrindo a terra; pouco a pouco d'esta confusão cosmica os homens se destacaram, e as personalidades surgiram, emquanto os outros ainda jazem informes na materia geradora. Mas um dia chegará tambem para estes a hora da creação; o amor os reclamará á vida, pois crear homens é a sua obra. Um dia será a

subordinação de tudo a todos para maior liberdade de cada um. E' a parabola que descreve a vida, da grande escravidão para a maior individualidade...

LENTZ, *olhando a floresta.*

Vê como tudo te desmente. Esta matta que atravessamos, é o fructo da lucta, a victoria do forte. Cem combates travou cada arvore d'estas para chegar á sua esplendida florescencia; a sua historia é a derrota de muitas especies, a belleza de cada uma é o preço da morte de muitas coisas que desde o primeiro contacto da semente poderosa foram destruidas... Como é magnifica aquella arvore amarella!

MILKAU.

O ipê, o sagrado páo d'arco dos gentios d'esta terra.....

LENTZ.

O ipê é uma gloria de luz; é como uma umbella dourada no meio da nave verde da floresta; o sol queima-lhe as folhas e elle é o espelho do sol. Para chegar áquelle esplendor de côr, de luz, de expansão carnal, quanto não matou o bello ipê... A belleza é assassina e por isso os homens a adoram mais... O processo é o mesmo por toda a parte; e o caminho da civilisação é tambem pelo sangue e pelo crime. Para viver a vida é preciso

ir até ao ultimo gráo de energia, é preciso não a contrariar. Aquelles que cruzam as armas, são os mortos. Os grandes seres absorvem os pequenos. E' a lei do mundo, a lei monarchica: o mais forte attráe o mais fraco; o senhor arrasta o escravo, o homem a mulher. Tudo é subordinação e governo.

MILKAU, *olhando a matta*

A natureza inteira, o conjuncto de seres, de coisas e homens, as multiplas e infinitas fórmas da materia no cosmos, tudo eu vejo como um só, immenso todo, sustentado em suas intimas moleculas por uma cohesão de forças, uma reciproca e incessante permuta, n'um systema de compensação, de liga eterna, que faz a trama e o principio vital do mundo organico. E tudo concorre para tudo. Sol, astro, terra, insecto, planta, peixe, féra, passaro, homem, formam a cooperação da vida sobre o planeta. O mundo é uma expressão da harmonia e do amor universal. (*E apontando para a vegetação no alto de uma rocha.*) Na verdade, a vida dos homens na terra é como a d'aquellas plantas sobre a pedra. O cume da montanha era uma lage esteril, e sobre ella não fructificavam as sementes de arvores e de grandes plantas trazidas pelos passaros e pelos ventos. Um dia, emfim, trouxeram elles sementes de algas e vegetaes primitivos, para os quaes o mineral da terra é um alimento. Muito tempo passado, quando

aquellas sementes primeiro rejeitadas foram de novo para alli carregadas, já encontraram a terra formada pelas algas e sobre ella medraram, espalhando pelo chão a sombra, protegendo os primitivos moradores da pedra, que então ousaram crescer, entrelaçando-se nos troncos das arvores, no corpo de suas filhas. Do muito amor, da solidariedade infinita e intima, surgiu aquillo que nós admiramos: um jardim tropical expandindo-se em luz, em côr, em aromas, no alto da montanha núa, que elle engrinalda como uma corôa de triumpho... A vida humana deve ser tambem assim. Os seres são deseguaes, mas, para chegarmos á unidade, cada um tem de contribuir com uma porção de amor. O mal está na força, é necessario renunciar a toda a auctoridade, a todo o governo, a toda posse, a toda a violencia. É preciso não perturbar a harmonia dos movimentos e da espontaneidade de todos os seres. Deante da obra da civilisação o papel de cada um é egual ao do outro: a acção dos grandes e dos pequenos confunde-se no resultado. A historia testemunha que a cultura não é sómente a obra do crime e do sangue; ao lado da coacção moral concorrem as alavancas da sympathia. A obra do passado é ainda veneravel, porque é sobre ella que se fundará o futuro. Não amaldiçoemos a civilisação que nos veiu no sangue antigo, mas façamos que este sangue seja cada dia mais amoroso e menos carniceiro. Que os nossos mais entranhados instinctos da animalidade se

transformem no vôo luminoso da piedade, da dedicação e do amor...

Era finda a viagem. Os dois homens fitavam o sol, que rubro rolava para debaixo das montanhas. Os dois homens fitavam a Morte, que se vinha apoderando docemente das coisas...

III

Milkau, sentado á porta da pequena estalagem de Santa Thereza, onde dormira, estava contemplando a vida que se despertava em torno quando Lentz, sahindo por sua vez do quarto, veiu encontral-o com uma expressão repousada e jovial, levemente excitado pela frescura e subtileza do ar. Milkau alegrou-se vendo o seu companheiro de destino e saudou-o com um sorriso de ternura. Pouco depois, iam juntos pela pequena povoação agora accordada e radiante na sua ingenua simplicidade. As pequenas casas, todas brancas e toscas abriam-se, cheias de luz, como olhos que accordassem. Assim escancaradas e eguaes, se enfileiravam em ordem. O seu conjuncto uniforme era o de um pombal suspenso na altura silenciosa da montanha. Em roda, circumscrevendo a povoação, um parque verde assignalado de arvores salteadas, e por onde

passavam cantantes fios de agua corrente, que eram a alma da paizagem.

Os dois immigrantes sentiam-se transformados por uma paz intima, por uma consoladora esperança, deante do quadro que lhes mostrava a população. Viam todo o povo trabalhando ás portas e no interior das casas com tranquillidade, e todas as artes alli renascer na singeleza do seu espontaneo e feliz inicio. Era um pequeno nucleo industrial da colonia. Emquanto por toda a parte, na matta espessa, outros se batiam com a terra, aquella pouca gente se entretinha nos seus humildes officios.

Milkau e Lentz percorriam o logarejo, notando a musica vivaz e alegre formada pelos varios ruidos do trabalho. Na sua officina, um velho sapateiro de longa barba e mãos muito brancas e esguias batia sola. Lentz, achou-o veneravel como um santo. Um alfaiate passava a ferro um panno grosso: mulheres fiavam nos seus quartos, cantarolando; outras amassavam o trigo e preparavam o pão; outras, em harmonicos movimentos, peneiravam o milho para o fubá: sempre o pequeno trabalho manual, humilde e doce, sem o grito do vapor e apenas, como unica machina, um pequeno engenho para mover os grandes folles de uma forja de ferreiro, que a agua de uma represa fazia rodar com estrepito sonoro. E todo esse ruido era vivo e abençoado, todo elle se entretecia sem violencia, e mesmo o malhar do ferro não

destoava do metallico clangor de uma clarineta, em que o mestre da banda de musica de Santa Thereza dava a lição matinal aos seus discipulos. Havia uma felicidade n'aquelle conjuncto de vida primitiva, n'aquelle rapido retrocesso aos começos do mundo. Ao espirito desmedido e repentista de Lentz esse inesperado encontro com o Passado parecia a revelação de um mysterio.

— Isto é uma gloria, disse elle, interrompendo o silencio em que iam; estes pobres que trabalham mediocremente com as proprias mãos, estes homens que se não mancham nos fumos do carvão, que se não embrutecem no barulho das machinas, que conservam toda a frescura da alma, que se bastam a si mesmos, que fazem cantando o pão, as vestes... são os creadores simples e naturaes, e a creação é n'elles uma feliz satisfação do inconsciente.

Milkau tambem admirava, orgulhoso de ser homem n'aquelle alto de montanha, onde o trabalho tinha o seu scenario tranquillo; mas como enxergasse no louvor de Lentz o espirito negativo d'este, observou :

— Realmente, é um bello quadro esse que vemos, e o espectaculo de um trabalho livre e individual nos embriaga de prazer. Mas no fundo assistimos a um começo de civilisação; é o homem que ainda não venceu grande parte das forças da natureza e está ao lado d'ella n'uma postura humilde e servil.

— Mas quem póde negar que o homem, servo da machina, se vae afundando n'um embrutecimento peior que o do selvagem? replicou Lentz.

— Para mim ha uma illusão n'esse sentimento romantico. Sim, a machina, especialisando e eliminando os homens, tirou-lhes a percepção integral da industria; hoje, porem, que o homem a transformou em um instrumento de movimentos proprios, elle se libertou, readquiriu a sua intelligencia, dirigindo o machinismo engrandecido quasi á altura de um operario. Nós não podemos fazer que a massa da civilisação retroceda a esse antigo periodo da industria. A poesia que ha n'elle é o perfume mysterioso do passado, para o qual nos voltamos atemorisados; mas ha tambem uma poesia mais forte e mais seductora na vida industrial de hoje, e é preciso consideral-a pelo seu prisma luminoso como uma aurora...

— Pois eu, repetia Lentz inabalavel, emquanto passeiava ao lado de Milkau, tenho como sagrada toda essa gente; merecem mais o meu amor que essa infinidade de proletarios, cheios de ambições, famintos e pavorosos, procurando governar o mundo. Ao menos estes aqui, puros de todo o peccado de orgulho, são bons e ingenuos e supportam o seu jugo com um sorriso.

Passaram ainda algum tempo, sentindo uma entranhada difficuldade em abandonar aquelle logar. Dirigiram os passos para os caminhos que

abeiravam Santa Thereza. Procuravam as pequenas elevações, giravam abaixo e acima pelo parque, paravam á porta das casas, miravam attentos o serviço que n'ellas se fazia, sorriam ás creanças, e perseguindo com olhos de admiração as saudaveis raparigas, enrubesciam-n'as. E em tudo isso se recreiavam mansamente, deixando-se ir na inconscencia d'esses actos espontaneos, que os retinham alguns minutos no povoado. Mas afinal tiveram de se arrancar ao descuidado repouso. Uma filha da hoteleira levou-os até á bocca do caminho do Timbuhy. Com mil perguntas a prenderam uns instantes, agradados do seu rosto delicado, da sua forte e fulva cabelleira. Lentz via na rapariga uma divindade extranha n'aquella floresta verde, mas uma divindade meiga como eram os habitantes de Santa Thereza. A joven estendeu o braço longo indicando-lhes o caminho. Elles admiraram-lhe o gesto, o ar, a graça, e partiram como n'um sonho.

A principio iam meio apprehensivos e calados, como quem parte para o desconhecido. A estrada por cima dos morros descampados ora descia, ora subia. O panorama largo, ousado, fecundo, variava de aspectos, cheio de montes, valles, florestas, ribeiros e cascatas. Era um trecho de uma região poderosa e opulenta da terra brasileira. Dentro d'ella se abrigava a multidão de barbaros e de extranhos alli recebidos com brandura e carinho. Milkau e Lentz passaram pe-

las casas de colonos agricultores, as quaes viam pela primeira vez, e, sem n'ellas penetrarem, punham-se a mirar de fóra esses retiros encantados de verdura, de tranquillidade e abundancia. E as casinhas succediam-se por todo o valle, abrigadas umas no fundo seio dos morros, outras dependuradas na encosta d'estes, todas com disposição e graça uniformes.

Havia fumo em todas as chaminés, mulheres em suas occupações domesticas, animaes e creanças debaixo das arvores, homens mettidos na sombra fresca dos cafesaes que rodeavam as habitações. E os dois immigrantes, no silencio dos caminhos, unidos emfim n'uma mesma communhão de esperança e admiração, e puzeram-se a louvar a Terra de Chanaan.

Elles disseram que ella era formosa com os seus trajes magnificos, vestida de sol, coberta com o manto do voluptuoso e infinito azul; que era amimada pelas coisas: sobre o seu collo aguas dos rios fazem voltas e outras enlaçam-lhe a cintura desejada; as estrellas, n'uma vertigem de admiração, se precipitam sobre ella como lagrimas de uma alegria divina; as flôres a perfumam com aroma extranho, os passaros a celebram; ventos suaves lhe penteam e frisam os cabellos verdes; o mar, o longo mar, com a espuma dos seus beijos afaga-lhe eternamente o corpo...

Elles disseram que ella era opulenta, porque no seu bojo phantastico guarda a riqueza innumeravel, o ouro puro e a pedra illuminada; porque os seus rebanhos fartam as suas nações e o fructo das suas arvores consola o amargor da existencia; porque um só grão das suas areias fecundas fertilisaria o mundo inteiro e apagaria para sempre a miseria e a fome entre os homens. Oh! poderosa! ..

Elles disseram que ella, amorosa, enfraquece o sol com as suas sombras; para o orvalho da noite fria tem o calor da pelle aquecida, e os homens encontram n'ella, tão meiga e consoladora, o esquecimento instantaneo da agonia eterna...

Elles disseram que ella era feliz entre as outras, porque era a mãe abastada, a casa de ouro, a providencia dos filhos despreoccupados, que a não engeitam por outra, não deixam as suas vestes protectoras e a recompensam com o gesto perpetuamente infantil e carinhoso, e cantam-lhe hymnos sahidos de um peito alegre...

Elles disseram que ella era generosa, porque distribue os seus dons preciosos aos que d'elles têm desejo; a sua porta não se fecha, as suas riquezas não têm dono; não é perturbada pela ambição e pelo orgulho; os seus olhos suaves e divinos não distinguem as separações miseraveis; o seu seio

maternal se abre a todos como um farto e tepido agasalho... Oh! esperança nossa!

Elles disseram estes e outros louvores e caminharam dentro da luz...

Já traziam cinco horas de Santa Thereza quando chegaram á margem do rio Doce. Mal tiveram tempo de dar uma vista d'olhos pela redondeza, porque, sahindo de um barracão verde alli situado, o agrimensor Felicissimo se lhes dirigiu com o triangulo moreno do seu rosto escancarado n'um grande riso de vida e bondade.

— Então, gritou de longe, isso são horas de chegar?

E sem esperar resposta foi ao encontro dos dois allemães, com as mãos estendidas... Milkau pensou que era o genio da raça originaria e senhora d'aquella terra que se lhes deparava, n'uma alegria estrepitosa e confortante.

— Ah! meu caro, disse Lentz, por um pouco ficavamos por esses caminhos, ajoelhados, adorando esta sua bella terra.

— Não ha duvida, isto é mesmo um paraiso, concordou com enthusiasmo o agrimensor.

E os outros começaram a contar-lhe com exaltação as suas primeiras impressões. Felicissimo, porém, e interrompêu-os, preoccupado pelo instincto da hospitalidade.

— Onde almoçaram? Posso arranjar aqui alguma cousa para entreterem o estomago...

— Obrigado, disse Milkau. Ao sahirmos de Santa Thereza, comemos alguma coisa que traziamos e depois no caminho nos fartámos de laranjas no pomar de uma velha colona. Ainda lhe trazemos algumas aqui. Veja que belleza de fructa!

— Ainda não viram nada, respondeu o agrimensor, recebendo as laranjas. Não estraguem a admiração, porque têm muito de que ficar de bocca aberta. Olhem, não ha Brasil como este, e em tudo!

Encaminharam-se para uma meiagua coberta de zinco, onde o agrimensor tinha o escriptorio, cujo arranjo não podia ser mais simples : alguns instrumentos de campo, ao canto, sobre uma mesa dois ou tres grandes livros que eram o registro dos prazos arrendados aos colonos, e na parede um grande mappa dos lotes de terra da região. Nem um livro de leitura, nem o quadro mais humilde, nem uma photographia; apenas um maço de jornaes para desabafo da curiosidade do cearense. Felicissimo fazia tambem d'esse barracão o seu quarto de dormir, de uma singeleza nomada. Ao lado havia outro puxado maior, que era o alojamento destinado aos immigrantes, emquanto esperassem levantar nos lotes as suas casas Era espaçoso e arrumado como um dormitorio de hospital, tendo ao fundo uma pequena cozinha. Felicissimo, porém, abrira gostoso uma excepção para os dois extrangeiros, agasalhando-os no barracão do escriptorio. Os hospedes agradece-

ram ao brasileiro amavel e, abancados todos no quarto de dormir, travaram conversas nas quaes os immigrantes se foram informando de muitas coisas do logar, até que o agrimensor, sentindo que o sol baixava, lhes disse :

— Ande d'ahi, gente! vamos escolher os lotes.

Passaram para o escriptorio, e deante da planta dependurada accrescentou :

— Para mim, o que mais lhes conviria, seria o numero dez. Ahi a terra deve ser esplendida. O diabo é que está enterrado em plena matta e vão ter muito trabalho para fazer a limpa... Mas olhem que na verdade vale o esforço.

E Felicissimo de varinha em punho para apontar no mappa, todo assanhado, interrogava os outros. Milkau, sem se preoccupar muito com a escolha e querendo ceder por delicadeza á opinião do agrimensor, acceitou o lote proposto. Elle se rejubilava n'aquelle dia glorioso com a miragem de um grande e santo labor.

Preparavam-se para sahir. Chegando á porta, Felicissimo farejou o tempo, com ares de entendido, reflectiu e ponderou aos companheiros :

— D'aqui ao lote dez é um pedaço: não teriamos tempo de ir e voltar com o dia. Mas si fazem questão...

— De fórma alguma, respondeu Lentz. É melhor ficar para amanhã.

Uma doce fadiga entorpecia os viajantes e elles, deitados sobre a relva junto á casa, em companhia

do cearense, ouviam-lhe as historias, scismavam em coisas vagas e miravam o rio passar preguiçoso...

Um grupo de homens armados de ferramentas de campo appareceu á distancia. Vinham vagarosamente, arrastando-se pela estrada descampada junto á praia do rio. Percebendo de longe que havia gente nova, caminhavam silenciosos, com o impulso sinistro e reservado que é o primeiro movimento do homem para o homem... Chegados que foram, saudaram surdamente e calados entraram no interior do armazem para guardar as ferramentas. Felicissimo, vendo-os passar tão extranhos, ficou surprehendido e gritou-lhes :

— Então, camaradas! o rumo está acabado?

— Prompto! disseram, passando sem parar, a um só grito, feito da voz de todos, e entreolhando-se espantados por terem respondido ao mesmo tempo, fazendo côro.

Milkau e Lentz admiravam a robustez d'aquelles homens com pulsos de ferro, torso herculeo, barbas avermelhadas, olhos de um azul de abysmo, muito parecidos como um grupo de irmãos. Sómente havia um mulato, que entre elles se destacava. Tinha a cara mascarada pelas bexigas; era bronzeado, usava uma pequena barba anelada e falha e o cabello curto em pé sobre a testa. Com os olhos rajados de sangue e os dentes ponteagudos de serra, tomava por vezes a apparencia de um satyro maligno; mas essa impressão não era frequente, e

rapidamente a desmanchava um riso facil e ingenuo. No meio da massa indistincta dos companheiros louros e pesados, o cabra brasileiro tinha um ar victorioso, um ar espiritualisado. Não havia, na verdade, entre elle e a terra um remoto convivio, perpetuado no sangue e transmittido de geração em geração?...

Pouco a pouco os homens foram se approximando dos recem-chegados, ouvindo-lhes silenciosos a conversa. Como o sol se punha e as aguas do rio se faziam côr de sangue, Felicissimo apontou para o céo, mostrando a Milkau e a Lentz os bandos de aves que passavam na illuminação do crepusculo, em longas theorias harmonicas.

— Ah! Um bom tiro! exclamou o mulato, saboreando com melancolia os effeitos creados em sua imaginação de caçador.

— Qual, Joca, alli tu não apanhavas nada, cabra... disse-lhe a rir Felicissimo, em allemão.

Os camaradas applaudiram.

— Aposto, seu cadete, replicou o mulato com fanfarrice. Si eu tivesse uma boa arma, não ficava um bicho d'aquelles voando. Era só pontaria no da frente... e si a arma fosse espalhadeira, havia de se ver...

As aves em bando continuavam serenas e soberbas no seu vôo. Outras vinham ao longe... Joca olhava, seguindo-as pezarosamente.

Admirára-se Lentz do modo corrente por que o mulato falava allemão, apezar de recheiar a phrase

de vocabulos brasileiros. E, dirigindo-se aos trabalhadores allemães, perguntou-lhes si falavam a lingua do paiz. Responderam que não. E Felicissimo observou a proposito :

— Olhe, não se admire d'esses homens que estão aqui ha um anno ou pouco mais. Ha gente na colonia, entrada ha mais de trinta annos, que não fala uma palavra de brasileiro. É uma vergonha! O que acontece é que os nossos tropeiros e trabalhadores todos falam o allemão. Não sei, não ha povo como o nosso para apprender as linguas alheias... Creia que é um dom natural...

Joca approvou convicto e ajuntou que elle mesmo já falava mais allemão que a sua lingua e arranhava um pouco o polaco e o italiano. No fundo do pensamento de Lentz houve um pequeno jubilo por essas confirmações da insufficiencia do meio brasileiro para impôr uma lingua. Essa fraqueza não seria a brecha para os futuros destinos germanicos d'aquella magnifica terra? E poz-se a scismar, com os olhos abertos e fulgurantes.

— Não estará longe o dia, considerou Milkau, em que a lingua dos brasileiros dominará no seu paiz. O caso das colonias é um accidente, devido em grande parte á segregação d'ellas no meio da população nativa. Não digo que os idiomas extrangeiros não influam sobre o idioma nacional, mas d'esta mistura resultará ainda uma lingua, cujo fundo, cuja indole serão os do portuguez, trabalhado na alma da população por longos

seculos, fixado na poesia e transportado para o futuro por uma litteratura que quer viver.. (E sorria, dirigindo-se a Lentz). Nós seremos os vencidos.

Isto agradou a Felicissimo. Joca, que de tudo só apanhou a phrase final, olhou com superioridade a massa de seus companheiros allemães. A prophecia dava-lhe desde já um orgulho de vencedor.

Emquanto a conversação se ia desenrolando mansamente, viram passar pelo caminho, á beira do rio, um velho muito alto e magro, armado de espingarda e carregando um animal morto a gottejar sangue pelas feridas, que Joca declarou ser uma paca. O caçador era seguido por um bando de cães que o rodeavam ou o precediam, todos muito ardegos, de orelhas ora empinadas, ora baixas, exhaustos da caçada, bocca aberta e lingua de fóra, tremulos, nervosos, a resfolegar, queimando o ar frio com ardente e inquieta respiração, n'uma combustão que os envolvia de ligeiro fumo. O caçador caminhava com passo rapido, os cães o acompanhavam ganindo e excitados pelo cheiro de sangue que escorria da caça.

— Ah! murmurou Joca com pena, si nós apanhassemos aquelle bichinho para a panella!

O caçador passou sem os cumprimentar.

— É um selvagem, disse Felicissimo.

— Mora por aqui? interrogou Milkau.

— E' o vizinho mais perto do barracão, mas

nem por isso nos salva... passa pela gente como si fossemos cachorros... respondeu Joca.

— Ha de ser algum solitario, suppoz Lentz.

— Um arredio, explicou o agrimensor, não fala com pessoa alguma que eu saiba, vive só com aquelles cachorros, que são valentes como féras.

E o velho sempre caminhava, indifferente ao grupo de homens que o observavam, até que se sumiu no matto.

Continuavam a tratar da vida singular que levava o caçador, quando um dos camaradas se achegou a Felicissimo, prevenindo-o de que podiam ir ceiar. Ergueram-se da relva, uns espreguiçando os braços, outros bocejando, e tranquillos e morosos entraram todos em casa.

Os trabalhadores do barracão armaram a mesa das refeições no dormitorio dos immigrantes e ahi puzeram-se a ceiar. A comida era simples e pobre, o peixe salgado e a carne secca, alimentação habitual dos homens do campo nos logares do seu serviço; e todos se banqueteavam alegremente, alguns n'um prazer discreto e moroso, outros espertos e faladores como Felicissimo e Joca. Lentz olhava agora as duas raças alli reunidas á mesa; admirava o que havia de solido e repousado nos gigantes allemães, emquanto a facundia interminavel e molle do cearense e do mulato lhe trazia a sensação do enjôo de mar.

No emtanto, Milkau estava solicito com todos, alegrando-se n'aquella communhão entre as raças

distinctas, vendo alargar-se o destino da sobrevivente mesa commum que cahia dos tempos como uma reliquia do patriarchado.

A sala era alumiada por um lampeão de kerosene e a luz turva e indecisa, mas sufficiente para que os novos colonos pudessem distinguir a physionomia de cada trabalhador europeu até então para elles confundidos n'uma só massa. Uns eram já homens maduros e experimentados por longos soffrimentos, outros novos e joviaes, geralmente fortes, e mostrando uma calma indolente nos movimentos e nos olhos um longo descanço. Comiam mais ou menos egualmente com medo e devagar. Além do fundo uniforme da sua propria classe, uma longa intimidade lhes déra em muitos pontos uma só feição.

Entreteve-se Milkau, para conversar com os seus patricios, em indagar dos logares donde era cada um d'elles. Quasi todos procediam da Prussia oriental, da Pomerania; havia, porém, alguns que vinham das bandas do Rheno.

— De que logar é? perguntou Milkau ao trabalhador mais edoso.

— De Germersheim.

— Então somos quasi vizinhos, porque sou de Heidelberg.

O trabalhador sorriu, feliz por ter encontrado um conterraneo; mas a sua alegria não passava de um gesto dolorosamente incompleto como o proprio espirito. Para Milkau um compatriota era o

apparecimento subito e inesperado de todo o seu passado. Uma incomprehensivel saudade dos seus primeiros annos o mortificou um instante; era como um arrependimento de não ter sido nos principios da vida o homem de hoje. Um desejo de voltar atraz, de começar de novo, de pagar em amor toda a indifferença que tivera pelas coisas da sua terra, pelos homens da sua cidade, pelo quadro, emfim, onde passára a sua mocidade silenciosa.

— Ah! exclamou ligeiramente pensativo. Então é da terra de Soror Martha! Conheceu o Rochedo da Monja...?

— Sim.

Lentz perguntou si isso se ligava a alguma lenda. E Milkau pediu ao trabalhador que narrasse essa tradição ignorada pelos que alli estavam. Todos se voltaram para o emigrado do Rheno.

O homem interrogado ficou um segundo attonito e irresoluto em sahir da obscuridade collectiva e anonyma em que até então estivera na mesa. A principio não disse uma palavra. Coçava embaraçado a cabeça.

Joca, a quem o silencio de um instante perturbava e affligia, voltou-se para o companheiro allemão com os olhos esgazeados.

— Desembucha, homem de Deus! É segredo? gritou o cabra.

O allemão afinal resolveu-se a falar, olhando

para todos, muito espantado de se ver n'aquella situação saliente.

Na sua linguagem tosca contou que no tempo das cruzadas um duque, apenas se casára, partira a pelejar pela Fé. Sua mulher ficára inconsolavel com a separação e, temendo a morte do esposo, fez voto de que, si tornasse a vêl-o, o primeiro filho que tivessem seria consagrado ao serviço de Deus. Voltou o duque, e passado algum tempo nasceu-lhes uma filha, que se chamou Martha. A menina era de uma deslumbrante belleza, e com pezar os nobres vizinhos, que a queriam para esposa dos filhos, viram-na crescer morta para o mundo. Apenas Martha se tornou moça, entrou para o convento, onde a sua piedade encantava ainda mais que a sua peregrina formosura. O duque morreu na outra cruzada, e a viuva, sem mais filhos, ficou isolada no castello. Era-lhe unico conforto ver a filha, que de tempos a tempos ia visital-a, vestida de monja. Uma vez, quando esta atravessava o bosque para uma dessas visitas de consolação, aconteceu-lhe encontrar-se com um joven caçador, filho de um conde palatino. Deslumbrado, o rapaz ficou louco de amor pela freira, e silencioso seguia-a até ao castello. Luctou com-

sigo por esconder a paixão criminosa, mas foi impossivel, e vencido, anciado e ardente planejou raptar a monja. Uma tarde, disfarçado em aldeão, o joven conde bateu á porta do mosteiro para dizer a Martha que a duqueza estava a morrer. A freira partiu logo para a casa de sua mãe. O conde acompanhou-a, e, quando chegaram ao logar mais solitario, descobriu o seu ardil e propoz-lhe fugirem e occultarem o seu amor em outras terras. Martha espavorida e virtuosa põe-se a correr. O moço, allucinado, persegue-a. Vão os dois pela floresta como loucos. A freira transviada toma um caminho que a afasta do castello, e no desespero da fuga chega até ao rio, onde o conde a vae alcançado... Um rochedo se abre e recolhe no seio de pedra a joven monja. Não acreditou o conde na protecção de Deus e teimou em esperar a sahida de Martha. Ficou assim dias e dias alli vivendo, encostado ao penhasco. De dentro, em vez de maldições, vinha o echo das supplicas da freira pela salvação da alma de seu malfeitor. Passaram-se mezes, annos, o conde envelhecia, a barba embranquecida alongou-se-lhe até aos pés, e afinal o coração, amollecido pelas orações da monja, ficou espurgado da tentação e elle, convertido, penitente, entoava os hymnos que Martha lhe ensinava de dentro do rochedo inviolavel. Jurou então consagrar-se ao serviço de Deus, e, no proposito de fundar uma ordem religiosa, despediu-se da freira por entre lagrimas de arrependimento.

Partiu curvado, velho e cheio do espirito divino. Abre-se a rocha, Martha sáe na mesma juventude com que entrára. Para ella, assistida e alimentada pelos anjos, o tempo não havia corrido, e restava-lhe a illusão de ter apenas passado um dia encerrada na pedra. Confusa, medrosa, parte para o convento. Durante a sua ausencia as freiras, ouvindo cantar na sua cella uma voz celestial, passaram todo o tempo ajoelhadas á porta, embevecidas, presas á melodia, rezando em extase. Quando soror Martha sahiu do rochedo, parou a voz na cella e as freiras desprenderam-se do encanto, voltando aos seus labores. Martha corria para o mosteiro, e no seu caminho o tempo, que era de inverno, ia-se mudando em primavera, abrindo-se em flôres o campo mirrado... Entrou no convento, e tudo estava como deixára annos antes... Alli tambem o tempo não corrêra. Arrojou-se a monja aos pés da superiora, confessando os perigos da sua ausencia. A pobre madre acreditou que era um instante de allucinação e disse-lhe que ella não se tinha afastado do quarto, onde cantára os mais bellos louvores a Deus. Attonita, Martha recolheu-se ao seu aposento, de onde no mesmo momento viu sahir um anjo, que a substituira na ausencia, e que era a sua imagem.

A ceia ia-se acabando sob a apprehensão vaga que no animo dos trabalhadores deixava a

evocação das lendas nataes. Pouco a pouco cada um se foi erguendo e deixando a sala. Não tardaram a se juntar fóra no terreiro, á aragem fria da noite. Milkau e Lentz tambem se chegaram aos outros e todos na solidão que era alli, se reuniam mais e mais em intima communhão. Os homens deitaram-se na relva, voltados para o rio, que era uma faixa phosphorescente e tremula, de que parecia irradiar toda a luz que attenuava a escuridão da noite. A conversa era morna e tropega, coxeando sobre assumptos incertos, pois mais forte que estes havia em cada espirito uma idéa intima, longinqua e poderosa que teimava em se fixar. E um dos homens foi o interprete de todos quando disse:

— Ha muito encantamento neste mundo de Deus... Sempre se deve andar prevenido, pois ninguem sabe o que lhe está reservado soffrer e vêr. D'onde menos se espera surge um perigo...

Os outros, pensativos, concordaram n'um brando murmurio, cahindo outra vez em silencio. Lentz quiz levantar-lhes o espirito e poz-se a negar bruxas, milagres e encantados. Falou longamente, mas sem força de abalar as convicções plantadas desde seculos ás fontes d'aquellas almas. E quando elle acabava, dizendo: — As bruxas já morre-

ram ha muito tempo e ellas sempre foram estas mesmas mulheres que vocês amam —, um dos mais velhos não gostou do tom da negação e replicou :

— Não diga tal, moço, os homens devem tomar cautela nos seus amores. Quantas desgraças não lhes acontecem por se fiarem em vozes e cantigas de mulheres....

Cada um lembrou uma historia da sua localidade originaria. Alli, no serão da terra tropical, surgiram, chamados pelas evocações dos emigrados, os heróes, os semi-deuses saxões, as nymphas do Rheno, os gigantes com o seu cortejo de anões phantasticos. Os dois brasileiros interessavam-se ardentemente por esses contos vindos de um mundo desconhecido e que lhes suggeriam a reminiscencia de tantas outras historias européas a elles transmittidas e adulteradas pelos povos brancos, primeiros geradores da sua raça mestiça. Mas agora as lendas volviam ás suas origens, vinham mais puras, mais limpidas, com o seu caracter immune de contactos extranhos ; e com que sabor não escutaram as façanhas de Siegfried, filho de Sigisberto, as suas proezas no castello do Nivellino, seu combate com o gigante, a derrota do anão Alberico, guarda dos thesouros fabulosos, e depois as suas luctas, as perfias com a bruxa Brunhilde, rainha da Islandia, em que elle combatia invisivel pela força magica do seu chapéo encantado, vencendo a mulher para entregal-a

ao esposo, até que um dia morre o heróe atravessado por uma lança, que o attinge no unico ponto vulneravel do corpo.... E com que paixão não ouviram elles tratar da bella Lorelei, ora bemfazeja, protegendo os habitantes de sua vizinhança, ora vingativa, fazendo abrir as aguas do Rheno para engulirem os ousados que procuravam vêr-lhe o semblante mysterioso e que antes de morrer enlouqueciam ouvindo os seus canticos.... Vinha n'essa historia a paixão do conde palatino pela fada, seduzido pelas suas vozes magicas, até que um dia, avistando Lorelei sobre o rochedo com a lyra na mão, desmaiou e a fada o transportou para o seu palacio de crystal no fundo das aguas azues.... E a tristeza no castello, o velho pae louco a procurar o filho, até que, vendo a nympha, lhe pede que o restitua, e ella, soberana, divina como um symbolo, responde ao som da harpa: « O meu risonho palacio de crystal é no seio da onda e para lá, longe do vosso mundo, levei o meu amante fiel e leal... »

Quando essa historia acabou, alguns passaram a commental-a no circulo de suas nevoadas idéas. E Joca declarou que não tinha medo de mães d'agua. Como os outros escarnecessem d'elle, instou fanfarrão:

— Não se arreceia de mulheres, mesmo diabas ou feiticeiras, quem já teve trabalho com currupira.

Milkau achou esse termo extranho de um bello

e raro accento de linguagem; considerou-o como uma d'essas palavras ricas de som do idioma brasileiro enxertadas no velho tronco da lingua; mas como não soubesse a significação do nome, nem a lenda nativa que a elle se prende, disse n'um tom familiar ao mulato:

— Conte-nos isso, Joca!

— Ah! respondeu este, preparando-se para narrar; não foi por estas bandas, foi no Maranhão, porque eu sou de lá.... Meu tio Manoel Pereira na fazenda do Pindobal me dizia sempre: — Rapaz, socega com essas viagens noite e dia no matto por causa de rapariga, que uma vez currupira te pega.... Toma tento comtigo! Moleque que era eu, desempenado e de topete, ria das palavras do velho. — Eh! meu tio! deixe de abusão para amedrontar gente pavorosa.... Qual! currupira é phantasmagoria! E tio Manoel Pereira passava a me contar rodellas e sempre arrematava: — Rapaz! tôma tento! Um dia, nós tinhamos acabado de recolher o gado ao curral. Meu cavallo estava esfalfado de cercar um garrote arisco, que, depois de muito pelejar, eu trouxe da restinga na ponta do laço.... Chegados que fomos, peei o Ventania que, coitado, lá se foi para o campo, frouxo e meio descadeirado... Meu tio gritou para pôr a janta.... O sol já estava esfriando, quando nos puzemos á mesa, meu tio, que era o vaqueiro da fazenda, e nós, seus quatro ajudantes.... Os cabras traziam uma fome

canina, que espantava minha tia. — Eh! gente, dizia a velha nos servindo, parece uma fome de Satanaz. Te esconjuro! — O que é certo é que as curimatás voaram para dentro, as bananas não ficaram atraz e nós rematámos a boia com um trago da branca. Depois nos assentámos na soleira da porta em frente ao curral. Áquella hora as vaccas choravam de cortar coração, lambendo a bezerrada que do outro lado se roçava na cêrca. Eu estava derreado como um bode lasso.... Os outros estavam na mesma conformidade. Mas vae o Manoel Formoso e me diz : — Tu não sabes do baile da Maria Benedicta? — Oh! cabeça que era minha, não me lembrava mais desse ajuntamento marcado para aquella noite.... No sabbado passado tinha tratado com a Chiquinha Rosa nos encontrarmos na ramada onde era a festa. Eu andava de namoro com a cabocla, moça espigada como palmeira, com sua cabecinha delicada como de sussurina. Uma vontade de vêr a Chiquinha me assanhou o corpo e me fez espertar.

— Pois sim. Vamos d'ahi Manoelsinho. —

« E o Formoso se desculpou disfarçando; só ouvir o cabra, se via logo que tinha algum negocio estipulado para outra banda.... Os outros camaradas eram já maduros e casados, não formavam para a patuscada. Fiquei um tempinho meio desalentado, mas a idéa da rapariga me levantou o corpo cançado.... Ah! meu sangue, fica quieto!

— Bem, então já que ninguem me acompanha, vou só, porque filho de meu pae não engeita divertimento, disse meio arrevezado aos cabras molles.

« Levantei-me em direcção á fonte, e tio Pereira que me circumdava n'um tudo, entrou a ralhar. — Rapaz, tu estás maluco. Larga de banho a esta hora que tu apanhas maleitas. Depois, é só trabalho para os outros.

« Não me importei com a fala do velho e parti para a fonte. Ainda era bem de dia. Atirei-me á agua, que me deu um frio nos ossos. Dei um mergulho e umas parapemadas, com intenção de espantar algum jacaré que andasse na vadiação. Passei depressa para meu rancho para mudar de roupa; preparei-me com camisa e calça alva, enrolei no pescoço o lenço encarnado que tinha comprado a um barqueiro no porto. Bati na porta de tia Benta, pedi um pouco da sua pommada de cheiro e com poucas estava na ordem. O meu lenço branco estava desde a semana passada com a Chiquinha, para guardar no seio e perfumar com o seu cheiro. Ella havia de me dar no baile. Tio Pereira me vendo de viagem, disse : — Volta cedo que de manhãsinha, logo ao entrar da lua, nós vamos fazer matalutagem na fazenda da Marambaia. — Sim, meu tio. Vosmecê póde ficar socegado que estou de volta a tempo e bato no seu quarto ás horas.

« Não quiz mais conversa com o velho. E me

puz no olho do mundo com passo de ema escabreada. Do Pindobal á ramada da Maria Benedicta eram bem umas duas horas de marcha. Atravessei todo o campo da nossa fazenda com vista a alcançar a ponta do Guariba, e, me lembro como si fosse hoje, tudo estava bem secco, o pouco gado magro que havia, estava parado com os olhos tristes de peixe morto, virados para o lado do sol que se sumia; só se ouvia um barulho de porcos que focinhavam a terra á cata de minhoca. Quando cheguei para furar a ponta, esbarrei primeiro no negocio de seu Zé marinheiro. — Então, Joca, aonde se bota tão paramentado? perguntou-me o portuguez. — Brincar um pouco, patrão, na ramada da Maria Benedicta. — Olha que tem passado por aqui muita rapaziada. A brincadeira deve estar influida. Olha, pinga não falta, tudo lhe mandei eu.... por ordem do Pedro Tupinambá.... já se sabe.

« Não sei si foi a falação do Zé marinheiro que me escaldou mais o sangue; eu senti como tudo a rodar, o coração a querer pular pela bocca, e as pernas me fraqueando.... Mas tomei sustancia em mim e me aguentei valente, e ainda pude logo dizer ao patrão do negocio: — Eu vou correndo para lá. Mas a gente não se deve aproveitar dos outros, deve estar prevenido do seu. E vosmecê me encha ahi um quarto de restillo e me córte duas toras de fumo de mascar.

« Dito e feito, atirei-me para o caminho. O sol

já estava escondido e os vagalumes começavam a correr no ar parado, mas perdiam o seu serviço, porque a lua estava esclarecendo tudo. Principiei a cortar por uma picada, que encurtava a distancia e sahia no campinho, onde ficava do outro lado a casa da festa. A areia estava mais quente ahi dentro que no meio do campo; um grande calor me tomava o corpo; andei, andei, os lagartos corriam estremecendo o matto, de vez em quando um pica-páo n'um tronco de madeira secca batia as horas da tarde. Não havia viva alma, e eu com a pressa de chegar comia poeira que era gosto. Só parecia que encontrava o terço acabado e a Chiquinha, me largando de esperar, com seu par fixo para toda a noite. Pernas para que te quero! A cabeça, porém, não estava muito boa; parecia me estalar dos lados, e do estomago me subia de vez em quando um enjôo.

Lá no fundo da matta havia uma aberta e me parecia que um vulto caminhava para mim. Não dei importancia ao sujeito e disse commigo: — Ha de ser o filho do Zé marinheiro, que se recolhe, porque o pae não o deixa ir á festa. De repente, ouço um assobio fino que vinha de detraz. Pensei: — É algum camarada que se vae divertir e me chama. Voltei a cabeça e não vi ninguem. Assumptei de novo, nada. Continuei a andar... Outro assobio me passava, cortando os ouvidos, outro, outro: de toda a parte se apitava, do fundo do matto, da bocca da estrada, por cima das arvores. — Que

bandão de corujas por esta noite... Ha de ser agouro.— Tive assim um arrepio de frio, e para me socegar, quiz me valer do encontro com o filho do Zé marinheiro. Mas olhei firme para a frente e não vi ninguem. — Onde se metteu o diabo do pequeno? — Os assobios iam me rodeiando sempre, eu já estava com a cabeça tonta, o coração me batia a galope. Outra vez vi o pequeno na minha frente; reparei bem, porque elle estava perto e vi que não era o filho do portuguez — A modo que não conheço este caboclinho. Nós estavamos assim a umas cem braças um do outro, quando o pequeno se sumiu de novo. Os assobios de coruja não largavam. Eu resmunguei: — Que faz esse sujeitinho que desapparece de vez em quando? Isto não é coisa boa. — E elle torna a repontar. Então gritei com voz de susto, bem alto para intimar o cabra: — Olá, amigo,que conversa é essa? Você anda me fazendo visagens? — Não digo nada; bocca, para que falaste? A mattaria toda passou a assobiar como demonio, e eu comecei a ficar apavorado com a matinada. O caboclinho estava agora a umas dez varas de mim. O sangue me fervia, a cabeça me queimava. Não digo nada; o certo é que avancei para o pequeno com raiva de cego — Ah! seu diabo, tu me pagas. — Armei o páo para cima... Mas quando eu me vi, estava seguro pelos pulsos. — Larga! berrei — O caboclinho com olhos de sangue me encarava — Larga! — e eu sempre seguro. Fiquei como um

garrote ferroado. Avancei para o cabra com mais zanga do que quando me atraquei com o Antonio Pimenta, uma feita n'uma vaquejada. Lembrei-me de quanto boi valente deitei por terra, e agora alli zombado por um caturra! Nós luctámos para baixo, para cima: eu dava de cabeça na cara do bicho, mettia-lhe os pés na canella, e elle sempre duro, o mal encarado! Com o cabo de poucos minutos, eu ouvi um berro de estrondo, um berro de onça; ah! pensei que o malvado me deixava. Mas foi peior, porque outros berros se repetiram, catitú vinha batendo queixo, gatos bravos miavam; ouvi cascavel tocar seu chocalho... Com poucas eu estava no chão com o caboclo em cima de mim. Toda a bicharia se agitava no matto e caminhava para nós; as arvores mesmo se curvavam me abafando, os gaviões desciam, os urubús cheiravam minha carniça... Eu senti um medo molle e abandonei as forças, Comecei a tremer de frio, o suor me alagava a roupa, e eu disse : — Vou morrer, meu S. João. E os olhos se me fecharam como de morto... Levei um tempão desaccordado sentindo os bichos me rodeando, commandados pelo endiabrado... Depois tudo foi cahindo no socego; os meus pulsos estavam desembaraçados; um grande calor me fervia o corpo: abri os olhos devagarinho... tudo parado... tudo tinha desapparecido, a lua era clara como dia. Eu estava afadigado de tanta lucta... a lingua estava secca e dura que nem de papagaio. Abri bem os olhos,

e não vi mais nada, nem o caboclo, nem os bichos brabos. Mas tive então um grande medo e tratei de abalar d'alli. Passei a mão em roda de mim, caçando minha garrafinha de restillo e as tóras de fumo. Para espertar não ha melhor que um gole de canna e uma masca... Mas não encontrei nada; cacei, cacei. Nada. Puz a excogitar que toda a pendenga que o caboclo me fez, foi para me bater a garrafa. Velho tio Pereira me veiu á cabeça com suas palavras: — Currupira te assombra. Para tu te veres livre, dá, logo que o avistes, cachaça e fumo. E eu vi que n'aquella noite tive trabalho com currupira. Levantei-me de um pulo. Quiz correr para a ramada da Maria Benedicta, o samba devia estar acceso áquella hora. Olhei para a frente e a estrada ia acabar longe, muito longe. Tive medo de novo encontro. Voltei para traz; vinha como preto bebado, cáe aqui, cáe acolá; sahi no campo esbarrando com o gado; os olhos me ardiam, todo o meu sangue batia para saltar de dentro, a bocca estava grossa, eu trazia uma sêde de jaboti,.. mas lá vim assim mesmo navegando até á porta do rancho. Não tive conversa, atirei-me vestido na rêde que com meu corpo sacudia como uma canôa no Boqueirão. .

« Dei por mim quando ouvi falar alto na porta. Era a voz de meu tio com o Formoso. Elles abriram a tramella e um clarão da madrugada alumiou o quarto.

— São horas, Joca. Levanta d'ahi.

Quiz me erguer, mas as forças não acudiam. O velho segurou no punho da rêde que estava balançando, meu corpo tremia dentro como si houvesse uma dansa de todos os meus ossos. Meu tio mandou o Formoso abrir a porta e a janella. Ficou como dia. Elle poz a mão em cima de mim e eu abri os olhos cheios de fogo. E meu tio Pereira, sem mais aquella, resmungou zangado:

— Eu não te disse? Apanhaste a maldita. Quem te mandou tomar banho cançado áquella hora?

Não respondi. Tive vexame de relatar ao velho que era assombração de currupira.

Depois da narração os colonos ficaram scismando vagamente. Cada qual remontou por instantes aos principios da sua vida, e as recordações do passado encheram-lhes a alma de sombras e saudades.

Felicissimo achou que era tarde e os convidou a se recolherem, sendo o primeiro a erguer-se do chão. Os outros levantaram-se bocejando — um principio de somno chegava como uma caricia — espreguiçaram-se satisfeitos, seduzidos pela idéa de um suave repouso. Do rio Doce e da floresta vinham murmurios brandos e os colonos em silencio interpretavam esses sons da noite, ou como vozes das mães d'agua, cubiçosas do amor hu-

mano, ou como ruidos das vagabundagens tenebrosas dos currupiras errantes.

Já no dormitorio os trabalhadores resonavam sobre os colchões estendidos no chão, e Joca ainda se remexia inquieto, sem poder dormir. Era uma noite em claro que elle passava; tinha a garganta secca, sentia por vezes a pelle a arder, e não achava agasalho na cama fôfa e tranquilla. A evocação da terra natal alli no meio da floresta do rio Doce, extranha a seus olhos e sentimentos, fazia-o remontar aos quadros da sua vida passada no logar do nascimento, n'esses campos de Cajapió, varios e inconstantes, cuja mobilidade se transmittia á alma plastica dos homens ahi formados. No Espirito-Santo sentia-se Joca em terra alheia; os montes o apertavam, os desfiladeiros o suffocavam de terror, e então uma saudade o transportava para a longa planice onde vivéra. Via no verão o pasto todo morto; o amor violento do sol trazia o vasto campo fendido e cortado em pedaços, sem um fio verde; por toda a parte a seccura e com ella a morte. Nem uma gotta d'agua: o deserto arido e triste, e sobre elle, passava, arrastando-se longo, esguio, sinuoso, o caminho feito pelo pé do homem e pelo rasto do animal... Nos dias claros, sem nuvens, quando todos supplicam chuva, o horizonte se confunde com o céu. Outras vezes, nuvens descem quasi a tocar a terra, o sol rubro

as tinge, as miragens se formam estreitando o circulo visual, tudo se encerra n'um espaço limitado, e o viajante caminha para ellas, que se afastam inattingiveis, fazendo evoluções como um exercito em campo aberto. E assim a mobilidade do céo amenisa a esterilidade fixa da terra... Nem uma gotta d'agua para refrescar ao menos a vista. De espaço a espaço passa um boi faminto, esqueletico, movendo os ossos n'um ruido desencontrado e surdo... Varas de porcos vão fossando a terra, comendo as cobras que se estendem lubricas e felizes ao sol... Manadas de gado se apresentam no horizonte, como que surgindo subitas do chão, galopando loucamente, farejando o ar, doidas, sedentas, passando n'um turbilhão como um cyclone, levantando o pó tranquillo que, perturbado no seu repouso, as segue, envolvendo-as, sufocando-as, implacavel, veloz e rubro como uma columna de fogo...

Ao recordar-se d'essas emigrações de animaes, Joca teve um arrepio e um impeto para se erguer do colchão, onde se revolvia agitadamente. E sempre a terra, a visão da planicie o perseguia. Agora, era depois das primeiras chuvas sobre o campo. Uma manhã lá no Cajapió (Joca lembrava-se como si fôra na vespera) accordára depois de uma grande tormenta no fim do verão. A madrugada estava orvalhada, mas serena, e elle se erguêra de sua rêde para vêr o tempo. Um grande tapete de verdura fresca e humida parecia

ter descido do céo e coberto como um manto mysterioso o campo hontem mirrado... Os olhos perdiam-se na campina alegre; o gado festejava o rebentar da vida na terra e comia a herva tenra; um bando de marrecas passava grasnando, pousava aqui, levantava o vôo acolá, buscava ainda mais longe a região dos eternos lagos... Dias inteiros de chuvas; o pasto agora era farto, a agua porfiava em vencel-o, e quando mais tarde o diluvio se interrompia, viam-se na vasta savana verde pontos claros que eram o refrigerio dos olhos. Eram os primeiros lagos. Em volta d'elles uma multidão de aves aquaticas brincavam descuidosas e ostentavam as pennas de côres vivas e quentes. Vinham passaros de toda a parte: pernaltas com o seu bico de colhér, marrecas em algazarra, jassanans leves e timidas; e á tarde, quando o céo se vestia de nuvens cinzentas, notava-se desfilar, ora o bando marcial e rubro dos guarás, ora a ala virginea e branca das garças... No fundo dos lagos multidões de peixes borbulhavam por encanto. E em tudo o mesmo milagre de resurreição, de rejuvenescimento, de expansão e de vida. Mas as chuvas continuam, a agua sempre crescente vae engolindo o campo, o gado mostra-se inquieto e começa a outra emigração, a do inverno, para os tesos, ligeiras elevações da planicie. Vão lentos e vagarosos, ou aproveitando a terra firme, ou mettidos n'agua, ou nadando, mas sem recuar, caminhando para os refugios. Já no meio do inverno a agua quasi

apagou o campo, um ou outro ponto apparece como ilha e n'ellas o gado se amontôa. Em um grande lago manso transformou-se aquillo que fôra mezes antes o deserto ardente e fero. Sobre elle repousam os grandes nenuphares, as multiplas plantas aquaticas verdes, largas, vogando como passaros. A vida mudára : descançava na cocheira o cavallo e Joca sonhava-se a empurrar a canôa, reflectindo-se o seu vulto espigado á flôr silenciosa das aguas...

Milkau n'esse tempo scismava, emquanto o somno o não arrebatava para o esquecimento. Tinha saboreado as lendas ouvidas aos tropeiros e parecia-lhe ter arregaçado o véo que cobria a alma d'aquelles homens, e desfructado deliciosamente as paizagens distinctas de cada espirito e os panoramas longinquos que foram os quadros da infancia de cada povo gerador. Nas lendas allemãs Milkau via passar o Rheno, como um grande rio sagrado, que foi o centro e o nervo do mundo germanico, todo cheio de encantamento, e cujas louras nymphas eram as espumas das proprias aguas. Elle via os quadros recuados no tempo e os quadros novos da epocha medieval, bruxas, cavalleiros andantes e castellos. Todo o idealismo da raça estava alli, e o que nascêra nas aguas do rio, creando phantasias e mythos, mantinha-se inalteravel; os novos deuses latinos, penetrando no

seu espirito transmudaram-se em divindades barbaras, as suas santas eram aquellas mesmas fadas do Rheno e os santos os velhos deuses sombrios e batalhadores... Na lenda do currupira outro mundo se descortinava, que era toda a alma do tropeiro maranhense. Alli estavam a matta tenebrosa, as forças eternas da natureza que assombram e cujo symbolo era essa divindade errante que anima as arvores, que sacode do torpor tropical as féras ou que protege a natureza, intimidando o homem, seu perpetuo inimigo. Ella espanta, vinga-se e beneficia, transveste-se em mil figuras, em creança maligna, que é a sua encarnação preferida, em animal ou vegetal, conforme a astucia ou a força o exigem... Milkau sentia n'aquellas legendas o encontro dos varios aspectos dos feitiços, e cada um traduzia os instinctos, os desejos, os habitos differentes dos homens. Mundo encantado e mysterioso, esse das almas dos povos! O verdadeiro philosopho, pensava Milkau, será aquelle que conhecer as origens, não só da historia ou da sociedade, mas de uma alma isolada, aquelle que tiver o segredo de ponderar os espiritos, de desvendar nas cellulas cerebraes as remotas sensações vitaes dos povos e que possuir a intuição para distinguir na intelligencia de um homem a dosagem perfeita do extranho precipitado da treva com a pureza, do odio ingenito de uma raça com o amor organico de outra. E Milkau ia lentamente adormecendo, feliz e socegado n'aquella bemfazeja

noite tropical, no meio de homens primitivos, no seio de uma nova terra suave e forte; e o que era scisma da vigilia se ia pouco a pouco transformando no puro sonho em que elle entrevia n'um horizonte illuminado, surgindo docemente, uma nova raça, que seria a incognita feliz do amor de todas as outras, que repovoaria o mundo e sobre a qual se fundaria a cidade aberta e universal, onde a luz se não apague, a escravidão se não conheça, onde a vida facil, risonha, perfumada, seja um perpetuo deslumbramento de liberdade e de amor.

Lentz se esforçava por dormir e se debatia inutilmente para afastar os tumultuosos pensamentos que lhe galopavam na cabeça. As visões accumuladas nos ultimos dias de travessia da matta persistiam em toda a sua força. Ora, sentia-se esbraseado com o sol que inflammava as coisas e lhe queimava o sangue; ora, sentia-se passar pela sombra humida da floresta cuja exuberancia e vida se filtravam deliciosamente até á sua alma; ora, era o rio immenso, pujante que corria para elle, impellido por uma força d'esse poder mysterioso que animava as moleculas mais intimas de todo aquelle mundo novo. E Lentz via por toda a parte o homem branco apossando-se resolutamente da

terra e expulsando definitivamente o homem moreno que alli se gerára. E Lentz sorria com orgulho na perspectiva da victoria e do dominio de sua raça. Um desdem pelo mulato, em que elle exprimia o seu desprezo pela languidez, pela fatuidade e fragilidade d'este, turvou-lhe a visão radiosa que a natureza do paiz lhe imprimira no espirito. Tudo n'elle era agora um sonho de grandeza e triumpho... Aquellas terras seriam o lar dos batalhadores eternos, aquellas florestas seriam consagradas aos cultos temerosos das virgens ferozes e louras... Era tudo um recapitular da antiga Germania. Elle percebia no seu cerebro exaltado que os allemães chegariam, não em pequenas invasões humildes de escravos e traficantes, não para lavrar a terra para recreio do mulato, não para mendigar a propriedade defendida pelos soldados negros. Elles viriam agora em grandes massas; galeras immensas e numerosas os desembarcariam em todo o paiz. Elles viriam n'uma ancia de posse e de dominio, com sua aspera virgindade de barbaros, em cohortes infinitas, matando os homens lascivos e loucos que alli se formaram e macularam com suas torpezas a terra formosa; elles os eliminariam com o ferro e com o fogo; elles se espalhariam pelo continente; fundariam um novo imperio, se revigorariam eternamente na força da natureza que dominariam como uma vassalla, e senhores, e ricos, e poderosos, e eternos repousariam para sempre na alegria da luz... Mas no sonho de Lentz, sobre as

náos que velejavam, sobre os exercitos que caminhavam, uma massa immensa e preta marchava no céo qual uma nuvem conductora, e depois se transformava n'uma figura extranha e agigantada, cujos olhos penetrantes desciam do alto, envolvendo as terras e os homens com uma força invencivel e magnetica. Então Lentz viu pairar sobre a terra do Brasil a aguia negra da Germania

IV

Na manhã seguinte, Milkau e Lentz muito cedo estavam admirando o logar. No seu passeio approximaram-se do rio Doce, que, depois de se fatigar em curvas de reptil por entre os brandos contornos da terra maravilhosa do Espirito-Santo, alli se desdobrava a perder de vista. As grandes chuvas dos dias anteriores tinham enchido fartamente o rio, sobre cujo dorso luzidio e dormente a brisa perpassava volatil, estremecendo n'um leve arrepio a humida superficie. Era a unica quebra da immobilidade. A omnipotente amplidão das aguas engolira as margens, devorára a vegetação das praias e o tronco das arvores cujos galhos outr'ora pendidos como chorões simulavam sorver a agua, e agora quasi submersos tingiam n'uma orla verde o cinzento perola do rio. A cheia domina toda a paizagem, avassallando com singular grandeza o perfil da matta, crivada de clareiras, e a timida linha de

montanhas ao longe. Emanadas das aguas, suspensas sob o céo, nevoas densas apagam por instantes o sol, a sombra cobre a terra e faz a côr. Abre-se uma tregua para o eterno conflicto da luz e dos tons, e o panorama que se apresenta não é o constante dia de sol pleno, inundando de um só colorido, fulvo amarello, o espaço e as coisas; não é a larga e quente paizagem monotona, indistincta, onde o crepusculo é um sonho fugaz e a noite cáe como uma cortina negra que fecha bruscamente o dia... Milkau e Lentz sentiram n'aquella cerração o delicioso momento da resurreição das côres esplendidas e n'estas voluptuosamente repastavam o faminto appetite da vista.

— Não ha nada, dizia Milkau emquanto andavam, como esta tranquillidade, para formar o quadro da vida... E hoje me sinto feliz como jamais pensei que o seria. É que a felicidade é o esquecimento e a esperança. Parece-me que attingimos uma região aonde não chegam os gemidos humanos; aqui não ha um signal de soffrimento, tudo é vida facil, risonha e amavel... No fundo a natureza humana é feita para o goso, por isso mesmo o prazer lhe é mais inherente e imperceptivel, e a dôr, sensação extranha e rude, o espalha como um tufão... Quantos elementos, porém, não estão em nós para afastar a dôr; com que facilidade não a esquecemos, e como um só minuto de descanço não nos dá a illusão da eterna calma!

— É que nós somos victimas dos divertimen-

tos da natureza, que por esses perfidos e doces venenos cujos segredos ella possue, nos acorrenta á vida, para martyrisar-nos ao seu sabor.

— Mas a vida é mais natural do que a morte, o prazer mais do que o soffrimento... E tu emprestas á natureza uma consciencia que ella não tem. Ella não existe como entidade, distinguindo-se pela vontade. A nossa superioridade sobre ella, tu sabes, está exactamente n'essa consciencia que é nossa, que percebe as suas leis, as suas fatalidades e nos obriga a tomar o caminho mais seguro para a harmonia geral. E hoje, aqui situados n'este mundo, que começa ainda virgem de sacrificios, temos de tirar o verdadeiro sentido da nossa excepcional situação. Adormeçamos as tristezas do nosso passado, já que não podemos apagal-as de todo, e a vida nova se abra para nós como um sonho realisado.

— E eu tambem vejo aqui a terra immaculada com as suas grandes energias de felicidade, e n'ella viverei para vêr reconstruida a cidade antiga, forte, dominadora, que, saltando pelos seculos de humilhação, venha renascer n'este grande scenario...

— A esperança, disse Milkau a sorrir, apodera-se de nós e arrebata-nos para o futuro... Não é verdade que somos felizes ?

Pela linha da praia que a enchente, comendo o matto, tornava apenas uma vereda continuavam elles o passeio. Muitas vezes tinham de abandonar

o caminho e cortar pelas picadas dentro da vegetação; outras passavam aos pulos, de pedra em pedra. E riam com essa gymnastica, abandonados á sensação agradavel da fresca manhã e á volupia das illusões. Por longo espaço o panorama era immutavel; mas o que havia de monotono não fatigava, porque a vastidão das aguas, a sua opulencia, eliminava o enfado, como que alargando o espirito n'um conforto amplo e bemfazejo.

— Hoje, disse Milkau quando chegaram a um trecho desembaraçado da praia, devemos escolher o local para a nossa casa.

— Oh! não haverá difficuldade, n'este deserto, de talhar o nosso pequeno lote... desdenhou Lentz.

— Quanto a mim, replicou Milkau, uma ligeira inquietação de vago terror se mistura ao prazer extraordinario de recomeçar a vida pela fundação do domicilio, e pelas minhas proprias mãos... O que é lamentavel n'esta solemnidade primitiva é a intervenção inutil do Estado...

— O Estado, que no nosso caso é o agrimensor Felicissimo...

— Não seria muito mais perfeito que a terra e as suas coisas fossem propriedade de todos, sem venda, sem posse?

— O que eu vejo é o contrario d'isto. É antes a venalidade de tudo, a ambição, que chama a ambição e espraia o instincto da posse. O que está hoje fóra do dominio, amanhã será a preza do homem. Não acreditas que o proprio ar que escapa

á nossa posse, será vendido, mais tarde, nas cidades suspensas, como é hoje a terra? Não será uma nova fórma da expansão da conquista e da propriedade?

— Ou melhor, não vês a propriedade tornar-se cada dia mais collectiva, n'uma grande ancia de acquisição popular, que se vae alastrando e que um dia, depois de se apossar dos jardins, dos palacios, dos museus, das estradas, se estenderá a tudo?... O sentimento da posse morrerá com a desnecessidade, com a suppressão da idéa da defesa pessoal, que n'elle tinha o seu repouso.

— Pois eu, ponderou Lentz, si me fixar na idéa de converter-me em colono, desejarei ir alargando o meu terreno, chamar a mim outros trabalhadores e fundar um novo nucleo, que signifique fortuna e dominio... Porque só pela riqueza ou pela força nos emanciparemos da servidão.

— O meu quinhão de terra, explicou Milkau, será o mesmo que hoje receber; não o ampliarei, não me abandonarei á ambição, ficarei sempre alegremente reduzido á situação de um homem humilde entre gente simples. Desde que chegámos, sinto um perfeito encantamento: não é só a natureza que me seduz aqui, que me festeja, é tambem a suave contemplação do homem. Todos mostram a sua doçura intima estampada na calma das linhas do rosto; ha como um longinquo afastamento da colera e do odio. Ha em todos uma resignação amorosa... Os naturaes da terra são expan-

sivos e alviçareiros da felicidade de que nos parecem os portadores... Os que vieram de longe esqueceram as suas amarguras, estão tranquillos e amaveis; não ha grandes separações, o proprio chefe troca no lar o seu prestigio pela espontaneidade niveladora, que é o feliz genio da sua raça. Vendo-os, eu adivinho o que é todo este paiz — um recanto de bondade, de olvido e de paz. Ha de haver uma grande união entre todos, não haverá conflictos de orgulho e ambição, a justiça será perfeita; não se immolarão victimas aos rancores abandonados na estrada do exilio. Todos se purificarão e nós tambem nos devemos esquecer de nós mesmos e dos nossos preconceitos, para só pensarmos nos outros e não perturbarmos a serenidade d'esta vida...

No encalço d'elles uma voz clamava, tirando-os da divagação:

— Mas então que fugida foi essa? Para onde se botam?

Voltaram-se, como si despertassem, e viram a cara triangular e interrogativa do agrimensor, que vinha quasi a correr.

— Bom dia, disse Milkau, agarrando com enthusiasmo as duas mãos de Felicissimo, que se atirava a elle n'um gesto festivo e bondoso.

— Pregaram-me uma peça... Accordo, visto-me n'um pulo, vou procural-os para um dedo de prosa, e os meus amigos já tinham azulado...

— Tivemos pena de accordal-o, pois havia um

grande silencio na casa quando sahimos. E, distrahidos, viemos até aqui.

— Pois eu, insistiu o agrimensor, puz-me á caça de vocês, farejei aqui e acolá, e fui bem feliz em ter virado para esta banda... E nem tomaram café, nem nada...

— Não acha, disse Lentz, melhor desistirmos d'isso e aproveitarmos o tempo para um passeio mais longo?

— Seja. Voltaremos ao barracão á hora do almoço... Porque não aproveitamos para ver o lote de que hontem lhes falei?

— De que lado fica? perguntou Milkau.

— Aqui mesmo n'esta direcção.

E Felicissimo, olhando rapidamente para os lados, concluia orientado :

— Aqui devemos estar no lote vinte, mais ao menos; andemos um pouco, um kilometro, e eu lhes mostrarei o numero dez.

Felicissimo tomou a frente, seguido pelos outros, caminhando um a um na estreita beirada. A conversa ia-se fazendo em vozes altas, seguia imprevista, sem sequencia, aos saltos e trambolhões. E o sol que se desprendia das nuvens, transformava com violencia o repousado quadro da manhã nevoenta. Inundado subitamente de amarello, o rio chammejava em ouro, como si fosse toda a grande e incandescente massa do sol derretida, correndo sobre a Terra.

— Estão cançados? gritou Felicissimo.

— Que juizo faz de nós? perguntou Lentz.

— É por causa do caminho, porque realmente tomámos pelo peior; si tivessemos vindo por cima, tudo ia bem... Oh! diabo!

O agrimensor n'um falso movimento metteu o pé n'agua, saltando ligeiro para deante. Lentz que o seguia, recommendou-lhe cautela. Algumas vezes tinham de se abaixar para se desviarem dos galhos e dos arbustos, outras era preciso aguental-os com a mão. O agrimensor divertia-se em gritar para traz, de instante em instante: Galho á direita! Aguenta! — Com a mão segurava o ramo, e quando via este sustido pelo companheiro, largava-o. As vezes era precipitado, e uma lambada forte e farfalhante batia no rosto ou no corpo do vizinho. — Cuidado! implorava o outro a sorrir. E assim foram até que, em frente a um atalho, Felicissimo enveredou por este, á direita, e virou-se para os immigrantes, tomando um largo folego.

— Arre! Que brincadeira! Nunca pensei que o rio estivesse tão cheio. Agora cortemos por aqui, que vamos cahir mesmo dentro do lote.

Passando para a ligeira sombra do matto e caminhando pela picada, que não era muito batida nem destocada, iam vagarosamente, evitando os tropeços e as pôças d'agua.

Lentz, calado, suspirava bocejando. — Tudo aqui será uma grande difficuldade, pensava elle; não ha estradas, não ha a menor sombra de conforto, tudo é agreste e selvagem. Não é melhor

que eu desista de fazer esta vida de colono, e me enterre ahi n'um armazem de commercio, onde o caminho já esteja aberto e tudo aparelhado pelos outros? Realmente, que loucura atirar-me n'esta campanha contra a natureza inculta! Não é preferivel toda e qualquer outra vida a esta? Não é?... E os seus olhos descançaram em Milkau, que lhe sorria como um bemaventurado.

— Que delicioso deserto! dizia-lhe este, ao penetrarem mais e mais no matto espesso.

— É pena que a estrada não seja melhor para gosarmos desembaraçados este passeio, respondeu o outro quasi timido, receioso de deixar transparecer o seu desalento.

— Oh! descança, que havemos de abrir caminhos por tudo isto; limparemos as estradas, prepararemos o terreno, e matando a solidão, levantaremos uma habitação risonha, que nos recompense... Não é verdade?

— Aqui não falta em que trabalhar, cortou o agrimensor. Em geral, os colonos não querem fazer nada, limitam-se á sua casa, ao seu terreno e esperam que o governo se mexa, que lhes dê estradas, pontes e tudo mais... E que não se faça! Lá vae uma queixa por intermedio do Roberto ou de qualquer outro figurão ao governador, e, sabe? a politica se mette no meio, e nós estamos a levar carões todos os dias.

— Imagino que o senhor deve ter muitos aborrecimentos, disse complacente Milkau.

— Não faltam amofinações. Agora mesmo tenho um officio do inspector, mandando o engenheiro informar a respeito de uma representação dos colonos sobre uma ponte que está com o madeiramento estragado. Creio mesmo que já cahiram uns páos; nós pedimos verba e, como de costume, o inspector não se importou com o que disse o pessoal: os colonos, porém, que são matreiros, foram á fonte limpa, e Roberto arranjou com elles um « abaixo assignado », que mandou para a Victoria: o governador se assanhou logo, com medo das eleições, mandou o papel ao inspector, que por sua vez o mandou para cá, ao engenheiro, a fim de fazer o orçamento das obras... Isto leva ainda um rôr de tempo... E a minha vingança é que quando vier o dinheiro, será muito pouco, porque o tempo não descança, o páo vae apodrecendo dia a dia, e é preciso fazer a ponte de novo. Lá vem outra vez segundo barulho...

— E n'este tempo que recurso têm os moradores, si a ponte cahir? perguntou inquieto Milkau.

— Ora, muito simples. Botam uma pinguela de lado a lado e vão vivendo. Sou um seu creado, e estou me ninando para o governo, inspector e toda essa récua...

A zanga do agrimensor era d'essas que passam á medida que é espraiada n'um desabafo de linguagem. Immediatamente depois, elle tinha esquecido tudo e voltava á sua jovialidade. Andaram mais um pouco pela picada e sahiram, perpendi-

cularmente, em um caminho mais largo e mais limpo.

— Esta aqui o lote que lhes recommendo, disse Felicissimo, andando mais uns passos pela nova estrada.

Os outros olharam um mattagal cinzento, com as arvores crescidas e todo tapado pela vegetação, que era forte e traduzia a fertilidade do solo. Não viam nada de lado a lado: a vereda fôra aberta em plena matta e tudo era encerrado n'uma sombra infinita e calida.

Ficaram mudos e como ligeiramente apavorados pelo recolhimento das coisas e como si uma sensação de isolamento, de separação do mundo os mortificasse por instantes. Felicissimo, em cujo espirito trefego e intempestivo o silencio não tinha abrigo, impacientou-se por uma resposta, accrescentando:

— Este lote é muito bom; vejam que terra..... cada páo de respeito... É preciso um pouco de trabalho, não nego. Depois do roçado, o que não é nada, a difficuldade está na limpa... Vocês, porém, fazem um arranjo com a turma, e elles acabam isto n'um abrir e fechar de olhos... Oh! Ha de ser um gosto!

— Aqui estamos bem, concordou Milkau, a quem uma onda de illusão sacudia o torpor da instantanea cobardia.

— Estou por tudo, disse Lentz arrastado, e dissimulando a divagação de outros pensamentos.

E apoiou-se negligentemente a uma sucopira.

O agrimensor olhou a arvore.

— Faz pena, disse compassivo, botar tudo isto abaixo.

— Eu, por mim, acudiu Milkau, levado pelo mesmo sentimento, preferiria um lote onde não fosse preciso esse sacrificio.

— Não ha nenhum, respondeu Felicissimo.

— O homem, notou Lentz a sorrir com ar de triumpho, ha de sempre destruir a vida para crear a vida. E depois, que alma tem esta arvore? E que tivesse... Nós a eliminariamos para nos expandirmos

E Milkau disse com a calma da resignação:

— Comprehendo bem que é ainda a nossa contingencia essa necessidade de ferir a Terra, de arrancar do seu seio pela força e pela violencia a nossa alimentação; mas virá o dia em que o homem, adaptando-se ao meio cosmico por uma extraordinaria longevidade da especie, receberá a força organica da sua propria e pacifica harmonia com o ambiente, como succede com os vegetaes; e então dispensará para subsistir o sacrificio dos animaes e das plantas. Por ora nos conformaremos com este momento de transição... Sinto dolorosamente que, atacando a Terra, offendo a fonte da nossa propria vida, e firo menos o que ha de material n'ella do que o seu prestigio religioso e immortal na alma humana...

Emquanto os outros assim discursavam,

Felicissimo, no seu amor ingenuo á natureza, mirava as velhas arvores, e com a mão meiga festejava-lhes os troncos, como os ultimos afagos dados ás victimas no momento do sacrificio. Dentro da matta penetrava o vento da manhã e nas folhas passava brandamente, levantando um murmurio baixo, humilde, que se escapava de todas as arvores, como as queixas surdas dos moribundos.

— Então, que decidem? perguntou aos outros o agrimensor.

Os immigrantes concordaram de bom grado em se estabelecer no terreno indicado.

— Fazem muito bem, porque esta situação é admiravel para o café, e, além disto, é muita commoda aqui, á beira da estrada.

— E vê-se bem o rio? indagou Lentz.

— Sem duvida: é só desbastar o matto, ahi está á vista o estirão d'agua.

— Será uma delicia uma casinha n'este bello ponto, commentou Milkau n'uma irradiação de intimo bem estar.

— Hão de ver... E agora toquemos para o barracão; são horas do almoço. E hoje mesmo voltaremos com os homens para a medição.

Puzeram-se a caminho, alvoroçados com os varios sentimentos que os trabalhavam. Na estrada falavam alto, espantando os passaros dormentes e sacudindo do voluptuoso lethargo os calangos, que

se escapuliam pelas folhas seccas, n'uma musica de chocalho.

Chegados ao barracão, foram logo para o escriptorio, e ahi, em frente ao grande mappa dos terrenos, o agrimensor mostrou-lhes a posição do prazo escolhido, continuando nos calorosos elogios, e ao mesmo tempo, molhando uma penna em tinta encarnada, marcou o lote com uma cruz, á semelhança dos outros que já tinham sido concedidos. As folhas dos requerimentos eram formulas impressas, e em uma d'ellas Milkau teve de encher com as indicações especiaes de identidade os pontos em claro. Isto feito, os dois companheiros entregaram a petição assignada, pagaram as custas da medição e da planta, e foi esta a unica formalidade para a entrega do prazo, pois, graças á condescendencia do chefe, Felicissimo punha e dispunha das terras a distribuir. E eis como, pensava Milkau, toda a complicada engrenagem do Estado, com as suas repartições custosas, os seus innumeros funccionarios, afinal se concentra nas mãos reduzidas de um humilde agrimensor, que de facto é o senhor absoluto d'esses bens publicos.

— Vamos á boia, que já vae ficando tarde e vocês devem estar dando horas, pois ainda não puzeram nada no alforge, disse Felicissimo passando a mão espreguiçada no hombro de Lentz.

Este furtou instinctivamente o corpo como para não ser esmagado pelo gesto da intimidade.

Os trabalhadores já rodeiavam a mesa prepa-

rada pobremente para o almoço, quando os outros entraram na sala. A refeição a principio correu ruidosa : todos estavam expansivos pela fome e pelo começo da familiaridade.

Para o fim, Felicissimo passou a entristecer; uma subita preoccupação se apossou d'elle, e por mais que luctasse para disfarçar, não poude resistir e cahiu n'uma scisma profunda. Isto espalhava na mesa uma leve melancolia, que refreiava a expansão. Mal acabou o almoço, os homens da turma, habituados a essa afflicção intima do agrimensor, e que era o prenuncio das medições dos lotes, retiraram-se do barracão, d'onde o semblante do chefe carregado de sombras os expellia mais depressa. No terreiro cercaram um barril d'agua, em que mergulharam as mãos, esfregando depois as caras com estrepito, bufando. O boccal do barril era pequeno para tanta gente, e os homens rindo disputavam entre si a precedencia. Uma alegre algazarra se formou; cada qual esmurrava o companheiro, arrastava-o no meio de amaveis insultos, rindo sem saber de que, mas alvar e gostosamente.

— Vamos! aviem-se, gritou Felicissimo. E á voz de commando a alma obediente dos homens serenou e todos em ordem terminaram a ablução. Depois armaram-se com os instrumentos e ferramentas e puzeram-se em marcha na frente. Felicissimo com os novos colonos ia atraz. Por vezes, no caminho, Milkau cortezmente procurou con-

versar com o agrimensor, que, soturno, se mettia comsigo, mal respondendo ás perguntas. Então seguiam em silencio, ruminando os seus pensamentos, abrasados pelo calor do sol, que mesmo no matto coberto era abafadiço. Houve um momento, depois de andarem bastante, em que Felicissimo deu voz de alta.

Todos pararam mecanicamente.

— É aqui que temos de abrir o rumo.

Os trabalhadores começaram a desatrelar os instrumentos e os seus apetrechos accessorios. O agrimensor acompanhava-os com uma compenetração religiosa, e foi com certa sofreguidão que viu abrir-se uma caixa e d'ella se retirar um instrumento, que recebeu em suas mãos com febril anciedade. Pediu a tripeça, que um homem lhe apresentou rapido, e sobre aquella passou o agrimensor a atarrachar o instrumento. Havia uma calma grave em todos, e o moço cearense entregava-se á sua tarefa com extrema attenção. Depois de algum tempo, tomou posição com o seu apparelho, e ordenou a tres trabalhadores que seguissem pela frente da estrada com as balisas pintadas em zonas brancas e encarnadas. E virando-se para Milkau e Lentz, disse com solemnidade :

— Não sei si os senhores conhecem. Isto é o theodolito. Estupenda invenção! Dispensa grande trabalho para levantar as plantas. Hoje fazemos medições emquanto o diabo esfrega um olho, por-

que, como sabem, é a combinação do nivel e da altura : toma-se um angulo horizontal e um angulo vertical ao mesmo tempo... Grande invento! Sem elle não sei como me arranjaria!

Os novos colonos conheceram pasmos um novo Felicissimo, e não sorriram. O agrimensor calou-se ainda mais solemne e entregou-se todo ao instrumento; mirava na objectiva, abaixava-se, erguia-se para espiar por cima, voltava a rectificar as lentes, torcendo-as ora de mais, ora de menos, sempre com insuccesso. Já o tomava a angustia de não acertar, mas ora teimava em seus movimentos, ora abandonava o apparelho e ia miral-o de longe. Voltava ao instrumento, tornava a agei-tal-o, espiava outra vez e sempre o mesmo resultado negativo. Em roda faziam um timido silencio os trabalhadores, que conheciam esse momento terrivel do theodolito. E só n'elles Felicissimo se transformava, a ponto de insultar e espancar os seus homens. Cada um o temia e instinctivamente se ia afastando do apparelho perturbador, com medo de algum desabafo. E a afflicção do agrimensor n'aquelle dia redobrava á vista de Milkau e Lentz, para quem elle preparava a scena da sabedoria. O sol esquentava; no chão os pés queimavam; um suor frio e extenuante alagava o agrimensor. O tempo ia correndo, sem resolver-se a medição, e para Felicissimo, atado em sua angustia, parecia interminavel.

— Ah! disse aos hospedes. Elle tem hoje o

diabo no corpo: não consigo vêr nada. Com certeza foi quebrado por algum d'esses miseraveis.

E olhava raivoso o grupo dos trabalhadores, que agradeciam com os olhos a presença dos novos, evitando maiores consequencias da colera do chefe.

N'este tempo os homens das balisas estavam fatigados e começavam negligentes a oscillar os marcos.

Felicissimo arremessou-se ao primeiro:

— Oh! seu ordinario, eu logo vi que era você que não me deixava pôr em ordem o theodolito, afastando o páo da linha.

O homem desculpou-se, dizendo que arreiára o marco quando o chefe já não estava no apparelho. Felicissimo ficou colerico, mas a ancia e a vergonha do insuccesso não davam forças á sua ira. Ao contrario, enfraqueciam-no, tornavam-no gago, murcho. Voltou ao instrumento, e agora definhava no desespero de conseguir qualquer observação. Uma grande tristeza apoderou-se d'elle; Milkau com pena, disse-lhe:

— É melhor deixarmos isto para amanhã. Hoje está muito quente... Almoçámos bem, tinhamos andado antes, o senhor está fatigado. Deixe para amanhã com a fresca. E, depois, quem sabe? O theodolito póde estar quebrado, e em casa mais á vontade o desarma para vêr.

— Sim, é melhor. Com certeza ha alguma coisa ahi dentro... Mas para não perdermos tempo, si

fizessemos a medição com a fita?... É um systema atrazado e de que não gosto, mas emfim, si o apparelho está quebrado, não ha remedio.

— Com certeza.

— Guarde isto, ordenou Felicissimo a um homem, apontando desdenhoso para o instrumento.

Os trabalhadores miravam-se todos com ar intelligente. Cumpria-se a velha e costumada comedia do theodolito. Elles sabiam bem que o agrimensor, em mais de duzentas medições, não conseguira trabalhar com o maldito instrumento, que sobre elle exercia uma influencia satanica, lhe alterava o caracter, o punha fóra de si e era causa d'esse terror cujos prenuncios lhe sombreavam o espirito desde o fim do almoço. Á medida que o theodolito ia desapparecendo na caixa, a alma de Felicissimo ia-se libertando da angustia, e o seu jovial humor o retomava francamente, apagando os traços da agonia scientifica.

— Estes mulatos... dizia em aparte Lentz a Milkau.

E como o agrimensor se approximasse d'elles, desinteressado do theodolito, o allemão parou, disfarçou, alteando a voz, um pouco sarcastico :

— Vamos á fita!

A medição fez-se como sempre. As medidas foram tomadas na fachada da frente do terreno e nos fundos dentro da matta ; postes fincados nos quatro angulos assignalavam o lote adquirido pelos dois immigrantes. Faltava, porém, abrir o

rumo que separasse de lado a lado este quinhão de terra, dos outros. Milkau dirigiu-se a Felicissimo e perguntou-lhe si podia contractar com os homens esse serviço para aquella hora mesma. O cearense objectou que a planta não estava tirada.

— Não seja essa a duvida, disse Milkau, os marcos estão collocados e o rumo irá sendo aberto com as balisas e medidas rigorosas. Nós tomamos a responsabilidade de abrir novo rumo, si este não sahir de accordo com a planta.

O agrimensor bondoso e serviçal acquiesceu, e Milkau entendeu-se com os homens. Momentos depois, os trabalhadores estavam a derrubar o matto ; a principio iam escolhendo para cortar os pequenos arbustos, ladeando quando se encontravam com uma arvore mais robusta, ainda receiosos de acommetter o trabalho. O rumo ia sahindo acanhado e torto. Mas quando miraram o serviço feito, os homens como que despertaram da sua instinctiva preguiça e estimulados á vista dos extranhos atiraram-se duramente á derrubada. O machado cantava com energia no amago dos troncos, e derrubadores em grupo combatiam ao mesmo tempo uma pobre arvore. Havia uma raiva, uma furia hysterica de destruição, e em pouco tempo estavam completamente alheios a tudo e entregues á sua vertigem malvada. O ferro não descançava nos braços sempre em movimento, n'um compasso vagaroso. Ouvia-se cahir o machado des-

locando o ar e arrancando um ronco forte dos robustos peitos dos devastadores. Quando estes encontravam um páo mais duro, redobravam de ardor, o suor lhes escorria, o golpe era tirado bem do chão, e no impulso furibundo o ferro penetrava tanto que, para desprendel-o, o homem tinha de fazer um esforço desesperado. Iam para adeante, agora harmonicos e regulares. A pequena fadiga fazia bem aos seus membros herculeos, e a alegria se lhes espraiava nos rostos congestos. Não mais roncavam com a ancia dos primeiros movimentos; agora, habituados ao exercicio, serenavam, distrahiam-se, e das suas boccas rudes deixavam sahir os velhos cantos amados. Joca fôra o primeiro a soltar a voz. Os allemães instinctivamente o imitaram e cada um em sua propria lingua cantava versos bebidos na fonte natal. O mulato maranhense dizia as saudades do seu coração, tudo o que mais amava com as intimas energias do seu ser humano. E cantava n'um tom que era um longo soluço :

Adeus, campo, e adeus, matto,
Adeus, casa onde morei!
Já que é forçoso partir,
Algum dia te verei.

Era o grande acontecimento, o drama da sua vida esse abandono da terra natal. E elle o cantava sem attender a ninguem, cravando mecanicamente o machado nas arvores. Em outros momentos

abandonava esse queixume, e dos seus labios inconscientes sahiam versos de outro caracter :

Vi o teu rasto na areia
E puz-me a considerar :
Que encantos não tem teu corpo,
Si o teu rasto faz chorar!

N'esta imagem tão fina e tão superior de um sentimento animal, Joca expandia-se em gritos voluptuosos. Perpassava na cadencia e no pensamento da estrophe o fremito da luxuria meiga e doce de toda a sua raça.

A esta solitaria voz brasileira juntavam-se os accentos fortes e musicaes das vozes allemãs. Ellas cantavam em còro, e os versos que diziam eram echos das tabernas do paiz germanico; e por um momento alli mesmo, em plena selva tropical, os immigrantes sonhavam pela suggestão das cantigas, que se reuniam a beber, joviaes e ruidosos : « Die alten Deutschen trinken noch ein, noch ein... » (os velhos allemães bebem mais um, mais um). A derrubada do rumo proseguia mais activa e mais alegre. Os echos recolhiam as rimas singulares das duas raças, que se casavam no ar n'uma união extranha...

Teu rasto faz chorar...
Noch, noch ein...

Milkau, havia uns dias, no alojamento dos immigrantes, deixava embebido na contemplação correr

o tempo e não se decidia a começar essa vida, architectada pelo seu coração em longo sonho.

Uma piedade indefinida deante do sacrificio da matta o entorpecêra. Sentia que um pouco da belleza e do esplendor da terra ia morrer. E Milkau vibrava com a recordação de todo o soffrimento que o homem tem causado no mundo, passando indifferente sem ouvir o gemido do mar rasgado, a queixa da floresta ardente, o estremecimento do ar cortado, por toda a parte destruindo como um fatal portador da morte a integridade da fórma. E em roda d'elle a vida em tudo : na terra geradora, na mulher que elle ama, no pó que pisa. Tudo vive, tudo tem uma voz, uma alma na harmonia eterna do universo... Mas, ainda assim, Milkau perdoava ao homem. Comprehendia a fatalidade do seu destino e resignava-se, n'uma subordinação indiscutivel e indefinida, á necessidade.

Amanhecia, quando se chegou a Lentz, e disse resolutamente :

— Temos de queimar o matto.

A idéa do fogo chammejou no espirito do companheiro. Pouco depois, os homens foram reunidos, e todos penetraram na floresta com um recolhimento sacerdotal, de quem vae cumprir os ritos de cultos infernaes. N'um dos angulos da matta lançaram fogo á primeira moita, que lhes pareceu mais resequida Antes que a labareda apontasse para o alto as linguas ardentes, rubras, rapidas, uma fumaça grossa se desprendia do

fundo da toiça, suspendia-se no ar leve da floresta, vagando na direcção dos caminhos como pastosas nuvens. Começára a queima. O fogo erguêra-se e lambia n'um anceio satanico os troncos das arvores. Estas estremeciam n'um delicioso espasmo de dôr. Toda a ramagem da base foi ardendo, e as parasitas como rastilho de polvora levavam as chammas á copa, e a fumaça augmentando entupia as veredas e arremessava para a frente o bafo quente do fogo, que lhe seguia no encalço. Muitas arvores estavam contaminadas, ardiam como tochas monstruosas, e estendendo os braços umas ás outras espalhavam por toda a parte a voragem do incendio. O vento penetrava pelos claros abertos e esfusiava, atiçando as chammas. Pesados galhos de arvores que cahiam, troncos verdes que estalavam, resinas que se derretiam estrepitosas, faziam a musica desesperada de uma immensa e aterradora fuzilaria. Os homens olhavam-se attonitos deante do clamor geral das victimas. Linguas de fogo viperinas procuravam attingil-os. Recuavam, fugindo á perseguição das columnas que marchavam. Pelos cimos da matta se escapavam aves espantadas, remontando ás alturas n'um vôo desesperado, pairando sobre o fumo. Uma araponga feria o ar com um grito metallico e cruciante. Os ninhos dependurados arderam, e um piar choroso entrou no côro como nota suave e triste. Pelas abertas do matto corriam os animaes destocados pelo furor das chammas. Alguns libertavam-se

do perigo, outros cahiam inertes na fornalha.

N'um alvoroço de alegria, os homens viam amarellecer a folhagem verde que era a carne, e fender-se os troncos firmes, erectos, que eram a ossadura do monstro. Mas o fogo avançava sobre elles, interrompendo-lhes o prazer. Surpresos, attonitos, repararam que a devastação tetrica lhes ameaçava a vida e era invencivel pelo matto a dentro, quasi pelas terras alheias. E feros e duros atiravam-se á enxada para cavar o aceiro. Do lado da praia o trabalho foi facil; o terreno estava desbastado e limpo. Ahi abriram rapido o sulco protector. Do outro lado, no meio da floresta, nos limites da área do lote, a lucta foi tremenda. A nevrose do pavor centuplicou-lhes as forças. Os pygmeus que se não mediam com as arvores e que, não podendo vencel-as, tinham recorrido ao fogo, agora, sob o aguilhão da defesa propria, se arrojavam contra os páos com o denodo de gigantes. E afogueados, ennegrecidos, cavaram a trincheira pelo rumo, e, si encontravam o embaraço de algum tronco, atacavam-no a machado, com raiva, com ancia, com febre. O aceiro foi sendo aberto até que o fogo se approximou; a columna, como um ser animado, avançava solemne, sofrega por saciar o appetite. Sobre a terra queimada na superficie, aquecida até ao seio, continuava a quéda dos galhos. O fogo não tardou a penetrar n'um pequeno taquaral. Ouviram-se successivas e medonhas descargas de um tiroteio, quando a

taboca estalava nas chammas. O fumo crescia e subia ao ar rubro, incendiado; os estampidos redobravam, as labaredas esguichavam, emquanto a fogueira circumdava n'um abraço a moita de bambús. A cem metros de separação, os colonos cavavam sempre. Farto de devorar a carne dura do bambual, o fogo desafogou-se, e celere, e lepido, foi veredeando por um atalho, sorvendo os arbustos, que se erguiam á margem, até chegar ao aceiro. Já os homens n'um esforço immenso se tinham adeantado. As chammas abeiraram-se da valla e, deante do espaço aberto e intransitavel, detiveram-se e espalharam-se para a direita e para a esquerda, continuando a sua obra.

Os colonos e trabalhadores semi-mortos voltavam á casa, logo que se reconheceram senhores do perigo, invenciveis sacrificadores da terra.

A' noite, da varanda do barracão, quando as estrellas em rythmo moroso parecia caminharem no céo, Milkau chamava na sua imaginação a vinda dos tempos sem violencia, e os outros miravam n'uma diabolica satisfação a matta esbraseada se estorcer nas agonias do incendio.

V

A felicidade de Milkau era perfeita. Tinha limitado o inquieto desejo, apagado do espirito as manchas da ambição, do dominio e do orgulho, e deixado que a simplicidade do coração o retomasse e inspirasse. Trabalhava mansamente no quinhão de terra que occupava. A sua pequena habitação, erguida no silencio da matta, era humilde como as outras dos colonos ; nada existia alli que fosse a traição de um gosto refinado, ou uma pequena consolação da volupia. Apenas, quebrando a uniforme monotonia rustica, o quarto de dormir de Milkau impressionava como uma capella ardente de amor, de veneração e de saudade. Estava povoado de retratos, como veladores Penates que o homem transporta nas suas migrações sobre a terra. Ahi se viam pessoas da familia, essa mãe, quasi filha, com grandes olhos de dôr e supplica perenne, o pae illuminado por um sorriso de martyr, e a mulher creança que amára quando ella

passou deante dos seus olhos, transfigurando-se para morrer. Os mais eram retratos das grandes figuras humanas, poetas, amorosos, soffredores. Era com essas imagens que Milkau vivia na communhão funda e religiosa, que dá a alegria perpetua e que enche o vazio do isolamento. Sentia-se amparado por um fluido de esperança, de resignação, que, emanado do amor e das lembranças, o envolvia, dando-lhe uma armadura invencivel. E a vida, dentro d'esse quadro, sorria-lhe como uma deslumbrante resurreição. O trabalho pelas proprias mãos dava-lhe a sensação positiva da sua dignidade humana. Os seus olhos procuravam em torno o mundo para onde elle se queria dirigir n'um forte desejo de affeição, feliz e engrandecido, não pelo que tinha feito, mas pelo que aspirava fazer.

Sem demora, Milkau espraiava-se em relações com o grupo colonial do rio Doce. Achava um encanto em conviver com essa gente primitiva, que o recebia sem desconfiança, e que se ia deixando infiltrar, sua cordura e meiguice. Milkau, sem orgulho de inteligencia, conformava-se com todas as lições que lhe davam os antigos e experientes colonos sobre as coisas da lavoura. Vendo-o assim attento, mais lhe queriam os camponezes, que elle não atemorisava com a sua educação, e em sua presença tinham instinctivamente uma attitude cheia de sympathia e respeito. Milkau estava destinado a ser pouco a pouco a figura cen-

tral d'aquella região ; e, sem reparo, os colonos iam absorvendo o seu immortal prestigio, como a terra bebe imperceptivelmente as finas gottas do orvalho até ficar saciada.

Ao contrario do seu companheiro, Lentz vivia triste, n'um intimo e reservado desespero. A vida que tomára, era para elle uma grande humilhação, torturando-o essa pungente agonia de praticar a existencia condemnada pela idéa. Ficára alli ao lado de Milkau, incapaz de abandonal-o, preso ás seducções do camarada, que eram o estimulo para a agitação do seu pensamento. O caracter fraco trahia a audacia do sonhador, e a bondade do sentimento entorpecia-lhe as maldades grandiosas do seu idealismo. E assim inactivo, paralysado, caminhando na doce sombra de Milkau, elle, o creador da força, o apostolo da energia, completava-se na contradicção, como um verdadeiro homem.

Para se distrahir e dar um pouco de fadiga aos nervos, Lentz encarregava-se das viagens, das compras da casa, e sentia uma expansão de alegria quando atravessava solitario as montanhas em silencio e sobre ellas dava grandeza aos seus sonhos de vida. Outras vezes caçava, extenuando-se e acalmando-se, n'um esforço tenaz e porfiado. Era então que lhe succedia encontrar no matto o vizinho taciturno que passára, na tarde da sua chegada, defronte do barracão. Sempre calado, desdenhando qualquer conversa, o velho allemão agil, energico, primitivo, seguia cercado da sua

ardega matilha, cujos cães o festejavam aos saltos ou iam á sua frente, de orelhas cahidas, farejando o chão.

Uma tarde, Lentz voltava de Santa Theresa, trazendo a noticia de que no dia immediato haveria uma festa em Jequitibá. O novo pastor celebrava o seu primeiro serviço religioso com o concurso dos pastores de Altona e Luxemburgo. Em Santa Theresa e nas casas de colonos por onde Lentz passára, todos se preparavam para essa diversão. Milkau, que se queria identificar com os habitos da nova sociedade a que se consagrava, resolveu ir ao Jequitibá. E na madrugada seguinte os dois amigos partiram, marchando sempre por um caminho de montanhas.

Raras vezes a paizagem transmittira a Milkau uma emoção maior do que n'aquelles terrenos altos. Estava elle todo possuido pelo espirito da ascensão e sua alma escalára tambem as regiões silenciosas, placidas e vastas do infinito. Sob a transparencia crystallina do firmamento, a terra intumescida parecia, á hora do amanhecer, sahir de si mesma, e querer se alevantar para o céo, para o espaço, n'um soberbo movimento de força e desespero. E tambem as essencias mysticas, que ainda viviam em Milkau, n'aquelle instante de exaltação e vertigem, levavam-no a desejar attingir a eternidade e dissolver-se no infinito.

Quando já se avizinhavam do Jequitibá, iam pelo caminho encontrando colonos a pé ou montados, formando caravanas. Familias e grupos ininter-

ruptos enchiam as estradas. Todos vinham radiantes, excitados pela fresca da manhã e pela esperança do prazer em sociedade, pois havia muitos mezes que não se abria a capella, e os colonos não se reuniam desde essa epocha; era com uma alegria de recemchegados que se saudavam mutuamente. Alguns passavam a galope, e esse ardor, communicando-se aos outros, então era de vêr a carreira folgazã de toda a gente pelos caminhos. Quanto mais perto da egreja, mais a multidão se engrossava. Em certos pontos havia necessidade de demorar o passo para não se atropelarem, e tomavam uma rythmica marcha de procissão. Os dois amigos, depois de algumas horas de viagem, ao sahirem de um atalho coberto, descortinaram a capella do Jequitibá.

Esta ficava-lhes á frente, e os olhos d'elles abrangiam todo o panorama claro, feito de uma dourada luz e de pequenas elevações, como ondas regulares, brandas e fixas de um oceano manso. Pela encosta do morro que vae ter á capella, via-se a subida dos pygmeus. A multidão desemboccando alli de toda a parte, parecia borbulhar de dentro da terra. Ao longe, a capella branca, rodeiada pela multidão que fervilhava, que ondeava, parecia mover-se como uma presa arrastada vagarosamente por um formigueiro.

Acharam-se depois á base da collina e, seguindo outros, subiam por uns degráus de madeira fincados na terra e que muito espaçados chegavam

até ao alto, á casa do pastor, que era no fim da egrejinha. Á medida que galgavam, iam vendo viajantes que chegavam em bestas, apear-se e amarrar os animaes nas estacas, passando-lhes o embornal. O cimo, onde se erguia a capella, formava uma esplanada, e n'ella a massa de gente remexia, acotovellando-se. Um vozear confuso enchia os ares e turbava Milhau e Lentz, já tão descançados e entorpecidos na solidão bonançosa. Mas logo se habituaram e entretiveram-se emquanto a capella se não abria, em mirar o povo.

Era um grande ajuntamento de colonos da região. Alguns estavam alli havia trinta annos, e a sua pelle era amarella, encolhida como pergaminho; outros ainda eram louros e jovens. Trajavam as suas melhores roupas, o que fazia tambem uma mistura de modas de muitas epochas, conservadas religiosamente em trajes que se não acabavam mais. Cada uma das mulheres ainda tinha o seu vestido segundo o uso do momento em que deixára o paiz. O vestido largo, de cintura curta e babados, o corpinho fino, esguio, as crinolinas, as rendas, o casaco severo, as toucas de seda, os simples pannos brancos envolvendo a cabeça, o chapéo de velludo, trajes aldeãos, trajes de cidade, reviviam nas serras do Espirito-Santo, como si fosse uma revista retrospectiva de modas, ou a combinação phantasista de um baile de mascaras.

— Só isto paga a viagem, disse Lentz gra-

cejando; um perito poderia fixar pelos vestuarios a epocha de cada migração.

— É verdade, concordou Milkau, acompanhando as observações que o amigo fazia sobre os detalhes das vestes. Mas tambem admiremos a felicidade d'este povo.

— Até os velhos...

— A alegria dos velhos é um mandamento para a vida.

Misturado com o aroma da terra, o cheiro das flôres que as raparigas traziam ao cabello e das roupas domingueiras, guardadas longo tempo nos bahús, amenisava o odor forte das multidões. O povo continuava no seu borborinho tumultuoso e alegre. Milkau mirava para todos os lados, e ao longe descobriu Felicissimo, Joca e o grupo de trabalhadores da commissão de terras, que desde algum tempo tinha deixado o rio Doce continuando as medições para outras bandas. O agrimensor estava com um cravo ao peito e do bolso do paletot pontas de lenço sahiam espalmadas. Cumprimentou de longe, com uma barretada e um riso desdentado.

— Ora, disse Lentz, em voz baixa, depois de algum tempo; afinal de contas, já vimos o melhor. E está ficando quente. Que nos importa a missa do pastor? Vamos esperar o fim da festa, para assistirmos á sahida do povo, dando um passeio por essas montanhas, ou deitados á sombra de alguma arvore?

— Não; fiquemos aqui e acompanhemos esta boa gente. Nós nos divertiremos vendo divertir-se os outros.

— Mas, francamente, elles podiam se divertir de outra fórma. Essa religião...

— Ella é veneravel como toda e qualquer outra.

— Haverá um tempo em que o homem ha de enterrar com os antepassados o culto que elles nos legaram. Tudo será esquecido. E o homem viverá sem terror.

Milkau fitou muito calmo o amigo. Esteve um instante calado, hesitando si devia responder. Afinal disse :

— O espirito religioso é irreductivel. Para destruil-o é preciso que o homem explique o universo e a vida; e o conhecimento por mais que se alargue e avance não exgotta o mundo dos phenomenos. A marcha da sciencia no nosso espirito é como a nossa na planicie do deserto : o horizonte foge sempre, é inattingivel á medida que caminhamos. Além, além, ha sempre o desconhecido. E o culto que o idealisa, e o culto, seja do que fôr, de um deus ou de uma abstracção, como a que divinisa a sociedade humana, é inseparavel do homem. Elle é a expressão da nossa emoção immorredoura, do nosso eterno pasmo no universo ou a exaltação do nosso amor, e é sempre uma força salutar, divina.

Defronte d'elles, no começo da ladeira do morro, tres homens chegavam, esporeando com força os animaes, que subiam arquejantes. Quando

se apearam, Milkau reparou que eram os mais bem vestidos de todos. O mais velho era um sujeito de cabeça grande, meio barrigudo de monoculo escuro e costelletas; o outro, muito joven, moreno e imberbe, emquanto o terceiro tinha no seu rosto claro, com uma moldura de barba castanha, um ar de fadiga e preguiça. Lentz teve curiosidade de saber quem eram. Um dos vizinhos disse-lhe serem as auctoridades do Cachoeiro.

Com effeito era o triumvirato judiciario da comarca. Fitando-os, percebia-se que sentiam a consciencia de uma posicão superior. Olhavam os colonos como uma massa amorpha e subordinada, e o velho de monoculo, empertigado, esperava solemne, silencioso, os cumprimentos. Dois ou tres homens da cidade, rompendo a agglomeração, acercaram-se d'elles muito prazenteiros; outros, mais afastados, comprimentaram, muito reverentes e pressurosos de se recommendar. Por contagio e por instinctivo signal de respeito dos humildes colonos, as saudações propagavam-se e d'ahi só se viam as cabeças abaixando-se na direcção dos magistrados, que correspondiam desdenhosos.

O sol já esquentava muito, e sob os seus ardores a impaciencia crescia. Todos olhavam as portas cerradas da capella, praguejando contra o habito de os deixarem de fóra. Os homens tiravam o chapéo, limpavam o suor e muitos cobriam a cabeça

com o lenço. As moças atavam tambem o seu ao pescoço, emquanto mulheres velhas agitavam as saias, refrescando-se com estrepito. Abatava-se e murmurava-se. Alguns se esgueiravam para as escassas sombras das paredes; um grupo para se proteger do sol apertava-se debaixo de um misero arbusto, os animaes bufavam, espanavam-se com os rabos, triturando surdamente o milho.

A multidão impellia-se lentamente para as portas, n'um movimento inconsciente de quem ia forçal-as. Mas estacava, empurrando para traz, para adeante, zumbindo, e espalhando o calor de corpo a corpo. A porta afinal abriu-se, e foi uma invasão alvoroçada na capella sombria e fresca!

Milkau e Lentz conseguiram logar n'um dos bancos de madeira, e ahi repousados observaram a singeleza do interior, que bem se casava com a simplicidade externa. Não havia a menor pretenção de enfeite; na brancura das paredes estavam inscriptos versiculos da Biblia; no centro, o pulpito baixo, de madeira não envernizada, e ornado de listas alvas cheias de palavras santas em negro, ao fundo uma cruz preta com um sudario branco pendente.

— Muito triste, muito nú, como sempre, dizia em surdina Lentz ao camarada. O tom protestante é plebeu, inesthetico; mil vezes uma egreja catholica, com a sua pompa, as suas cerimonias de finas expressões symbolicas.

Milkau concordou, com um aceno de cabeça.

Em volta d'elles outras conversas proseguiam em voz baixa.

— Ainda o não viu? perguntava uma velha, alludindo ao novo pastor.

— Não, respondia outra. Ha muito tempo que não ando por estes lados. E onde você o viu?

— No armazem de Jacob Müller, outro dia. Parece uma pessoa muito de bem.

— Tambem si não fosse, para que lhe darmos o nosso dinheiro?

— Ah! isso você sabe, não ha remedio sinão darmos. Não fomos nós que encommendámos um pastor a Roberto? Seja como fôr, temos de o aguentar.

Depois do descanço do primeiro momento á sombra, recomeçava a impaciencia, que se esforçavam por conter, mas que se percebia nos bocejos, nos movimentos de pernas e de braços. Não tardou, porém, que um accorde de harmonium soasse, chamando todos á respeitosa continencia. A multidão apaziguou-se e o instrumento continuou a cantar os solos, como murmurios de piano e de flauta, seguidos de um acompanhamento mysterioso de vozes multiplas, infinitas. A musica infiltrava-se nos nervos dos ouvintes os amansava mollemente. Milkau vibrava. A musica enchia a sua alma capaz de sentir os mais intangiveis e deliciosos segredos do som e de se transportar além de si mesma, perdendo a propria essencia na mais copiosa e allucinadora emoção. Musica!... Que conjuncto de sensações não se accumularam desde as remotas almas pro-

genitoras, que rios de sangue não correram de paes a filhos, longamente, carregando as vibrações recolhidas em cada cellula, dolorosas, lentas, trabalhando, afinando o mundo dos nervos até emfim se formar no homem a derradeira da suas almas, a alma musical!... E emquanto o orgão no alto da capella cantava, lá ia Milkau, tomado pela saudade, carregado nas harmonias, á sua vida primeira. Era n'uma egreja de Heidelberg, na terra antiga, no passado... E Milkau, agora de olhos cerrados, não percebia mais as fronteiras do sonho e da realidade. Tudo se confundia extranhamente... Elle vê uma figura de mulher, que entra na sombra silenciosa e brandamente vae sentar-se. Os olhos d'ella embebem-se na Biblia e sobre esta os seus cabellos cáem n'uma chuva de ouro, como uma benção e uma luz do céu illuminando o livro santo. Musica tambem lá em Heidelberg: uma melodia phantastica, angelica, enche a egreja. Musica! Canta a mulher que Milkau amou. Um sonho dentro de um sonho; na volupia infinita de um templo, emquanto ella, recolhida, mystica e crente, entoava hymnos, elle, debaixo das harmonias, escrevia poemas sagrados, porque escrever é cantar com a penna... Musica!

Cessou o orgão na capella do Jequitibá. Milkau teve um ligeiro sobresalto e despertou. Os seus olhos meio attonitos descançaram em uma joven, que parecia entretida em vêl-o dormitar. Milkau ficou indeciso um instante... Continuava o sonho, ou era aquella mulher a sua visão realisada? Parecia-lhe

já ter visto em outra vida aquella mesma cabeça de macios e crespos cabellos de infante, com a mesma suave e meiga expressão. E ella o olhava vagamente distrahida. E quando reparou que era examinada, moveu-se, curvando o pescoço devagarinho sobre o peito, n'um gesto de recolhimento de ave mansa.

Subia ao pulpito o novo pastor, cercado pela curiosidade do povo. Era um homem alto, com uma barba fulva, que lhe cahia sobre o casaco preto, em rico contraste. Pelas mãos callejadas, pela côr vermelha do aspero rosto, pelo accento da voz, pelas phrases, Milkau reconheceu n'elle um camponez; e voltaram-lhe á memoria as observações de Lentz sobre o protestantismo, que sempre entendeu como uma religião secca e simples, aquella que mais se liga ao judaismo pela austeridade, pelo rigor excessivo de seu monotheismo, uma religião rustica, cujos melhores interpretes eram homens rudes, violentos e radicaes. Na scisão da Egreja cada uma parte ficára com a porção dos espiritos que lhe era propria e peculiar; a gente do norte inculta, barbara, independente revoltára-se naturalmente contra os civilisados, nos quaes o catholicismo se desenrola como um successor natural do paganismo, astuto, elegante e pomposo.

N'uma toada humilde e timida, o pastor ia desenvolvendo o seu allemão religioso. Este primeiro contacto com os colonos era para elle uma crise, e, em vez de continuar desembaraçado o sermão,

detinha-se a examinar o povo, a reflectir sobre si e os seus embaraços, e muitas vezes parava distrahido, outras ia tropeçando para adeante. Os ouvintes desinteressavam-se da atrapalhada e vagarosa prédica e preoccupavam-se com o prégador e sua familia.

Ao lado de Milkau um homem explicava a uma mulher que bisbilhotava a respeito de duas outras que se viam no côro da capella :

— Aquella mais magra e morena...

— Tem cara de judia...

— Sim... mas me parece muito boa pessoa... É a mulher do novo pastor.

— Ah! E a outra é que é a irmã d'elle?

— Quem vê um, vê outro. A cara não engana.

— E de onde as conhece?

— D'aqui mesmo. Outro dia vim preparar a horta, que estava toda abandonada... Agora se póde vêr; creio que o pastor tem gosto pelas plantas. A irmã mette-se em tudo.

— E Frau Pastor?

— Não sei, pareceu-me uma alma penada em casa.

— Pobre! Então, que lhe fazem?

O colono não respondeu, porque vendo que as suas palavras eram recolhidas por outros ouvidos da vizinhança, volveu concentrado e hypocrita á sua Biblia.

Na tribuna o pastor ia rolando o sermão, procurando com vão esforço esquentar-se, tentando

vociferar e clamar a religião. A sua voz logo esmorecia e cahia na morna toada.

Do outro lado, em frente a Milkau, estava Felicissimo, muito nervoso, a fazer signaes de impaciencia. O cearense arregalava os olhos para os seus amigos do rio Doce, sacudia a cabeça n'um gesto de contrafeita resignação, e em caretas successivas transformava a sua movel physionomia. Lentz não poude deixar de murmurar com um certo desdem a Milkau, que seguia complacente o agrimensor. — Que macaco! — O grupo dos magistrados tambem não estava resignado ao enfado da cerimonia. Sentaram-se os tres juntos n'um banco, ao lado do pulpito, e enfrentavam solemnes a multidão; o mais velho, que era o juiz de direito, não se cançava de gesticular; ora tirava o lenço, enxugando a testa que se franzia em grandes rugas, ora limpava o monoculo que, mal assestado ao olho direito, cahia logo, obrigando-o a repetir indefinidamente os movimentos; ao seu lado o promotor crispava as mãos, aborrecido, e de labios cerrados, agitava a perna, suando muito, fitando com desprezo e rancor o pastor e os colonos; o terceiro, o juiz municipal, coçando a barba por desfastio n'um grande abandono, espreguiçava-se no banco, estirando as pernas, e bocejando; ás vezes, murmurava alguma coisa, ao juiz de direito; e este, pondo machinal o monoculo para melhor entender, sorria benevola e cavalheirosamente.

Os allemães, cheios de respeito, não se moviam; concentravam-se recolhidos ao livro de orações, ou de olhos fechados voltavam-se para o abysmo vazio do seu espirito, que miravam absortos e suspensos, sem a menor vibração intima, sem um pensamento.

E o tedio envolvia a capella, até que o novo pastor terminou a prédica, e a musica do orgão, as vozes das cantoras vieram n'uma desabafada desforra levantar os animos. Os tres pastores reuniram-se no fundo da egreja e leram successivamente os psalmos; a musica foi suspensa um instante, para recomeçar um côro a que o povo respondia. O velho pastor de Luxemburgo, com a cara toda raspada e de oculos, tinha uma voz rouca, que se ia apagando, emquanto o pastor de Altona, com uma barba muito curta e dura, espraiava o seu ar desabusado e insolente. No meio dos dois o novo pastor de Jequitibá, muito grande e de olhos meigos, tinha uma attitude de gigante timido. Em breve acabou o serviço religioso; os pastores sentaram-se, vendo o povo retirar-se em ordem, lentamente, tangido pela musica, levando cada um o echo longinquo dos cantos. Fóra, todos ficaram deslumbrados com o sol e apressaram-se a partir. Os burros foram desamarrados, os embornaes vazios embrulhados e escondidos debaixo da sella, e d'ahi a pouco homens e mulheres montavam, descendo toda a massa de gente pelo morro abaixo, como uma represa de agua escura que se tivesse aberto sobre

a verdura da paizagem. Escorregando vagarosamente, ninguem se apressava, com receio de um perigoso atropelo. E a grande vozeria de commentarios, de galhofas, as grandes gargalhadas e gritos festivos rebentavam das mil boccas da multidão, matando a tranquillidade da região silenciosa. Milkau e o companheiro vinham-se tambem arrastando, partilhando da alegria e esquecidos de si para se misturarem na communhão alli formada pelo acaso e pelo impulso communicativo. Em baixo, na cruz das estradas, o povo começou a debandar; alguns tomavam a deanteira, galopando na estrada e envoltos na poeira, outros corriam mesmo a pé; as mulheres arregaçavam as saias de cima por economia, e cobriam com ellas as cabeças, emquanto os homens se descalçavam, levando nas mãos as botinas ou os chinellos. E a gente ia-se escoando pelos caminhos, procurando as suas casas, ou as tabernas proximas, onde costumava passar o domingo. Milkau voltou-se, sentindo um toque no hombro. Era Felicissimo, que lhe falava de cima de um burro.

— Bons olhos os vejam... Ha quanto tempo não nos avistamos! E para onde se botam agora?

— Para a casa, naturalmente, respondeu Milkau.

— Pois eu lhes proporia.....

— O que? perguntou Lentz, interrompendo.

— Irem á casa de Jacob Müller, onde ha um grande baile á noite, e já agora de dia começa o pagode.

— Mas não tivemos convite.....

— Oh! isto é uma conversa... Aqui na colonia não ha convites. Em se sabendo que ha uma festa, a gente não tem mais que se apresentar, porque isso tambem faz parte do negocio...

— Que negocio? interrogou Milkau.

— Que negocio? repetiu o agrimensor, respondendo. Então não sabe? O sujeito arranja a festa com olho de fornecer a comida, vender muita cerveja e tudo mais... Ora, vamos d'ahi. É verdade que estou montado, e não podemos ir juntos... Mas não ha difficuldade; o caminho é este da esquerda, vae descendo, depois torna a subir e, quando chega no alto, vocês têm um pequeno pouso com uma venda; passem pela frente, tomem á direita, e vão seguindo sem se desviar. Quando toparem um sobrado branco com um terreiro, é ahi. Não ha confusão: a casa está em festa e vocês a reconhecem logo.

Os dois amigos consultaram-se com o olhar, meio indecisos; mas Lentz não demorou em responder:

— Pois sim, iremos.

— Assim é que eu gosto da rapaziada, disse radiante o agrimensor, que não tem historia nem maçadas. Falou-se em patuscada, não engeita. Bem, eu vou indo .. vou na frente, mando guardar tres logares na mesa para nós... Temos muito que desenferrujar...

E apontava com a mão livre a lingua. Depois,

tomado de uma repentina excitação, passou a fazer tregeitos inconsiderados com a cabeça, a rir muito. « Até logo! » Picou o burro com vehemencia, deu-lhe chicotadas, gritou para a frente, e se foi n'um galope, espantando os colonos com os berros e a correria. Os outros executaram as indicações do cearense e foram andando apressados pela estrada.

No alto estava realmente a venda, onde já se agglomeravam muitas pessoas, formando grupos differentes, todos alegres. A taberna era limpa, bem arrumada e com duas portas largas. Dentro, encostados ao balcão, os allemães bebiam em geral cerveja fabricada no Cachoeiro e alguns tomavam cachaça; algumas mulheres de varias edades agruparam-se aos homens, e entre todos trocavam-se saudações e offerecimentos amaveis de bebidas. A dona da casa e uma filha, moça e loura, de um louro lavado em que uma rosa traduzia a eterna faceirice da mulher, serviam lestes os freguezes. Fóra, uma grande latada corria pelo oitão da casa e na sombra larga debaixo do caramanchão, sentadas ás mesas toscas, familias almoçavam e eram attendidas pelo dono da casa.

— Como esta sombra convida a descançar! disse Lentz, fatigado do sol.

— Podemo-nos demorar aqui um pouco, e fazer a caminhada mais á vontade, concordou Milkau.

— Não... Si não estás morto, continuemos,

porque receio, uma vez em casa, não tornar a sahir por este sol!

E lá se foram, deitando um olhar de cobiça ao caramanchão ruidoso, onde o verde das folhas entrançadas nas grades formava quadro para as côres simples, alacres dos vestidos das mulheres.

No caminho, viram muita gente que tomava o rumo da casa da festa. E quando chegaram á lombada de um morro, avistaram em baixo um fio d'agua veloz, e á beira o sobrado onde se percebia, mesmo de cima, o movimento de uma reunião.

— Apertemos o passo, propoz Lentz, que não vale a pena mais nos pouparmos, quando lá está o nosso refugio.

— Sim, isto agora vae depressa; é só descer.

E ao lado d'elles passavam rapazes e raparigas a correr pelo morro abaixo, gritando de jubilo e levados pela excitação de chegar sem demora. Isto transmittiu-lhes tambem o desejo de correr, de se perder na alegria do ar, na vertigem da descida. E correram tambem; mas d'ahi a pouco pararam e sorriram vexados da inconsciencia que os tomára.

— Ora esta, disse Lentz, estavamos a imitar.

— Não foi isso o que me fez parar, mas é que, nós nos estavamos exgottando, ponderou Milkau, desconhecendo-se n'aquelle arranco de expansão jovial, e contente com este rejuvenescimento do seu espirito. Afinal, a natureza readquiriu os seus direitos, pensava elle...

Desamordaçavam-se-lhe os nervos, e uma invasão de luz punha-o em mysteriosa e infrangivel harmonia com o Mundo joven, verde e glorioso.

Ergueu a cabeça n'um gesto de desafogo, sacudindo a barba de ouro. Os seus olhos azues estavam radiantes de paz e calma, e foi com o passo cheio de magestade e de graça simples que baixou da montanha.

Nas cercanias da casa de Jacob Müller a paizagem tinha o realce e a vida communicada pelo movimento da gente, que se ia reunindo. Muitos a pé ou montados vinham da capella do Jequitibá, outros de Santa Theresa, e outros do Cachoeiro. A casa tinha uma bella situação no centro de varias estradas, e era um dos maiores pontos do commercio do interior da colonia, e aos domingos um dos mais procurados pelos habitantes do logar, por moradores de longe, e até pelos caixeiros da cidade. Era um sobrado branco, no fundo de um valle e á margem de um endiabrado ribeiro, que descia em tropel infindo do morro para o Santa Maria. Á roda d'elle o terreno estava limpo de plantação, e havia um pequeno campo de relva tenra e fresca que brilhava ao sol. O sobrado ficava destacado das grandes massas de arvores e de folhagem que vestiam as pedras dos morros.

Ao chegaram ao terreiro da casa já as vozes da festa vinham ao encontro dos dois novos colonos, e elles foram entrando no meio do ruido, da agitação

dos allemães á sombra da varanda, quando a tarde começava a refrescar e a luz a esmorecer

— Venham, venham, meus amigos.

E Felicissimo, gritando, corria para elles, arrastando-os. Os outros, espantados da effusão do agrimensor, perguntavam para onde os levava.

— Vamos a um copo de cerveja.

— Não, obrigado; arranjemos antes um logar aqui á sombra, disse Milkau, porque precisamos de descançar.

O agrimensor ficou meio amuado: — Ora bolas! E os dexou bruscamente. Milkau acompanhou-o, para lhe dar uma explicação da recusa, mas o outro, levado pelo rompante, lá se foi, mettendo-se pelos grupos e entrando no armazem. Milkau desistiu de seguil-o e voltou a Lentz, procurando ambos um logar para descançar. Acharam-no emfim em um banco, debaixo de uma laranjeira, em frente á casa. A gente movia-se muito. Bandos de moças de branco passavam de mãos dadas, rapazes corriam pelo campo em mangas de camisa, em apostas brincalhonas, uma pequenada vadia espalhava-se guinchando pelo terreiro, como um bando desesperado de maitacas.

Outros entravam e sahiam do armazem cantarolando com a voz rouca e a gesticulação de embriagados. O estrondo dos pés que dansavam no sobrado, echoando no vasto armazem, e o som langoroso de um realejo incessante desciam do alto, atordoando a gente. E nas janellas muitas

pessoas com ar indifferente debruçavam-se para o terreiro, olhando a agitação em volta, e fitando pasmadamente a paizagem, que parecia tambem mover-se toda, arrebatada pela celeridade do regato.

Milkau, que se tinha conservado mudo, a contemplar satisfeito o prazer alheio, viu um rosto amigo que se approximava. Era Joca que, em mangas de camisa, de lenço ao pescoço, e um cinturão de couro segurando a calça, vinha saudal-o, abrindo a bocca em que se apertavam os dentes felinos.

— Então vieram divertir-se um pouco? Sim, senhores, já é coragem, que do rio Doce aqui é um estirão!

— Sahimos de madrugada e fizemos a viagem sem grande fadiga... respondeu Milkau.

— Lá isso não, interrompeu Lentz, porque eu estou que não me posso mexer... Começo a ter fome tambem.

— O que não falta é comida. Olhem só lá para dentro do armazem, por cima das cabeças d'esta gente: vejam que povo está alli agarrado ao balcão; parece urubú cercando carniça. E atraz, nas salas, as mesas já estão apinhadas para a hora do jantar. O que é preciso é marcar os logares desde ja.

— Seu chefe se encarregou d'isso, referiu Lentz, mas sumiu-se de nós e esqueceu-se de nos dizer o que arranjou.

— Mas elle ha de voltar, concluiu confiante

Milkau, e estou certo de que temos tudo arranjado; e você, Joca, que fim levou?

— Rolando, amigo... De um lado para outro, a fazer medição agora lá para o Guandú... Isto é, estes dias nós descemos ao Cachoeiro para folgar um pouco. E como vão lá no prazo? Já sei que a casa está bonitinha. E o cafesal?...

— Plantado.

— No roçado que fizemos?

— Sim, ao lado da casa.

— E quando beberemos d'esse café?

A resposta foi um gesto largo de mão, indicando o tempo remoto. Por um instante uma ligeira sobrexcitação coloriu as faces de Lentz que tremia em pensar no vago da distancia ainda á sua frente, e n'aquella vida extranha que levava.

— Ah! agora a coisa vae ser mais animada, disse em sobresalto o mulato, olhando alvoroçado para o fundo; lá vem a banda.

Os musicos da philarmonica do Cachoeiro vinham chegando ao arraial, e todas as vistas se voltavam para elles. Um grande reboliço fez-se no povo e repentinamente todos se foram approximando da banda, que, caminhando lentamente e como por um velho habito, se dirigia para um pateo ladrilhado de cimento, que era o logar destinado para seccar o café comprado por Jacob Müller. Nos dias de semana uma grade de arame protegia esse pateo da invasão dos animaes e da creançada. Aos domingos, quando havia festa, a grade era retirada,

e todos tinham a liberdade de penetrar na area. Joca deixou Milkau e foi se postar ao lado dos musicos, alguns dos quaes eram seus conhecidos e camaradas.

— Então, minha gente, vocês hoje estavam com preguiça de desunhar! A rapaziada aqui já andava impaciente... O velho Martinho já está com o braço morto de tocar realejo, para entreter o povo lá em cima. Vamos á gaita!

E, contente, o mulato começou a dar vivas á banda do Cachoeiro. Um alarido de gargalhadas e acclamações acompanhou os vivas. Os homens da musica sorriam, rubros de vexame, e todos automaticamente tiraram o chapéo, agradecendo.

Foi um delirio para o maranhense, que começou a dar outros vivas ao « povo do Cachoeiro », a « Jacob Müller », « á união da rapaziada. » Todos se divertiam, gesticulavam, dansavam descompassados, acompanhando a banda. Os musicos installaram-se n'um dos angulos do pateo largo, liso, lavado, que recebia em seu lagedo, para irradial-a, a força do sol. N'um momento ficou coalhado da gente simples e facil de contentar, d'esses que são amados da alegria e em quem ella não encontra atropelo para reinar livremente.

Collocadas as estantes, os musicos sentaram-se e começaram a tocar uma marcha de que cada qual, enthusiasmado, ia repetindo os compassos. Joca, cantando marcialmente, com os olhos accesos e as narinas arregaçadas, perseguia um bando de ra-

parigas louras, coradas, que fugiam rindo, n'um fingido susto. Alguns velhos já ébrios, de cachimbo ao queixo, arrastavam as vozes, fazendo mesuras ás mulheres, que riam destemperadamente. As creanças invadiam o terreiro, vindo em grupo, abrindo espaço aos empurrões. O dono da casa, todo de branco, em mangas de camisa, e com um grande chapéo de palha na cabeça, appareceu no pateo, e depois de se entender com o mestre da banda principiou a falar, dando ordens. Algumas velhas applicavam-lhe palmadas nas costas, outras puxavam-lhe levemente a barba; elle respondia aos soccos, berrando : — A festa é das creanças. Limpa o terreiro! Arreda! Vocês têm baile á noite. E depois, persuasivamente, virava-se para os mais teimosos :

— Anda, meu velho, ajuda-me, que tenho de attender á freguezia. Olha, vae tomar um copo lá dentro.

Era o argumento irresistivel e proveitoso, porque a miragem d'esse copo afastava o homem d'ahi, e dava algum lucro ao armazem. O logar ficou limpo da gente grande, que se enfileirou aos lados, formando o quadro do pateo. A creançada agora sobre elle girava doidamente, a rodar, a rodar, como si fosse movida por um pé de vento.

A musica acabou a marcha, e deu o signal de uma quadrilha. Um velho alto, com uma longa sobrecasaca preta e surrada, de oculos azues e uma cara de genipapo murcho, entrou no terreiro para

dirigir o baile infantil. Foi um instante de socego. O homem mandou que os pequenos se ordenassem pelos sexos, e começou depois a distribuir os pares, chamando cada creança pelo seu nome. « Alberto e Emma. » « Hermann e Sofia ». « Guilherme e Ida... » Ás vezes, um dos pequenos recalcitrava contra o arranjo.

— Mas eu estou compromettido, professor.

— Como? Com quem?

— Com Augusta Feltz...

— Mas não é possivel : você tão miudo e ella tão crescida, replicava o velho, tremendo-lhe as mandibulas molles.

No circulo as mães intervinham, acompanhadas por outras vozes de mulheres.

— Deixe, sr. professor. Que é que tem? Cada um escolhe a que deseja.

O mestre resignava-se, e Augusta Feltz, com os seus doze annos, de canellas compridas e olhos mansos de veada, lá ia para a fórma, inclinando o pescoço para o cavalleiro, que a levava de braço, fitando-a muito ancho.

Afinal o professor conseguia arranjar as quadrilhas, e a musica rompia a dansa. Os pequenos estavam exercitados, de modo que tudo corria em ordem, sem confusão. Das pessoas grandes, muitas ficavam entretidas, acompanhando a festa das creanças; outras, porém, fatigavam-se da attenção, e punham-se a passeiar pelo arraial, indo á beira do rio, deitando-se na relva para vêrem passar a

agua; alguns, de braço como noivos, iam se perdendo pelo matto a dentro, e outros se reuniam ao balcão a beber e a cantar as velhas estrophes do prazer e do convivio humano, que na illusão instantanea os transportavam á terra abandonada. Em tudo, no menor movimento, no mais pequeno gesto, a reunião alli na estação do Cajá dava a sensação do esquecimento e da alegria.

— Era isto o que eu procurava, dizia Milkau a Lentz, quando passeiavam pelo terreiro ao rythmo da musica, e olhando a scena. Era isto que eu procurava, e que emfim achei... Viver no meio de gente simples, partilhar com ella o seu doce esquecimento da dôr, matar o odio... Compara este povo com os homens de outras terras, onde cada um parece possuido do espirito do demonio, solto sobre a face do mundo, devastando-a nos seus impulsos de loucura, e estrebuxando para morrer n'um espasmo de maldade. Aqui ao menos é a serenidade, é a calma, é a alegria.

— Mas, observava Lentz traçando no rosto um gesto de desdem, no fundo isto é a estagnação, é uma existencia vazia e inutil.

— E não é o amor a acção por excellencia? E não é elle a força que aqui na colonia, no canto do universo, move os homens? Que queremos mais?

Approximaram-se do baile das creanças, que proseguia vivo e animado. Agora havia uma grande roda dos dansantes, que ora celere, ora vagarosa, se ia movendo aos cantos infantis, estridentes, e

desafinados. E quando a meninada estava muito entretida, um sujeito mascarado saltou no pateo, disfarçado em palhaço maltrapilho, besuntada de alvaide a cara, e beiços e faces pintados de vermelhão. Uma immensa risada dos grandes o recebeu, e os meninos pararam a dansa meio espantados, abrindo o circulo. O palhaço começou a cabriolar, a gritar, imitando animaes, e d'ahi a pouco, no meio da algazarra geral, mettia-se na roda das creanças, de olhos tapados, a divertil-as.

— E Felicissimo que não nos procurou mais? lembrou Milkau, afastando-se do circulo, com o amigo pelo braço.

— É verdade. Creio que desconfiou comnosco.

— Vamos procural-o, propoz Milkau.

— É tempo, mesmo porque já podiamos ir jantando, accedeu Lentz.

Já áquella hora o sol esfriando transformava magicamente o panorama, graduando a côr, que parecia surgir pouco a pouco do seio secreto das coisas e se expandir mais livre á superficie luminosa. A aragem refrescava o tempo, passando volatil pelas cabeças louras das mulheres, brincando-lhes nos cabellos n'um leve arrepio que lhes descia da nuca. A paz da tarde avançando subtil reinava sobre as gentes, entorpecendo-as com a sua doce perfidia.

— Mas onde se metteu o agrimensor ?... Onde se metteu elle?... ia dizendo Lentz, passando de grupo em grupo, e mirando por toda a parte.

— Hoje elle está mysterioso comnosco... Tambem porque não lhe acceitámos o copo de cerveja?... Não custava nada uma amabilidade.

— E não se perdia um camarada... tão idiota, concluiu Lentz.

— Oh! Tambem vaes logo aos extremos...

Procuraram o agrimensor pelo terreiro, dando volta por traz da casa. Uma caminhada inutil. Foram até á margem do regato, chegaram até á beira das estradas, e precipitaram-se para onde avistavam grupos de gente, na esperança de achar o cearense. Tudo em vão. E entraram no matto. Debaixo de uma carregada sombra, um par amoroso, cochichando, descançava. Com a presença dos extranhos, o joven abaixou a cabeça enleiado, disfarçando a remexer nos gravetos esparsos no chão; a rapariga, porém, n'uma tranquillidade altiva, com seus olhos serenos e francos, expulsou os perturbadores.

Quando tornaram á clareira, desistiram de procurar Felicissimo no arraial e se encaminharam para a casa.

O balcão continuava sempre cercado, bebia-se largamente, e n'uma lingua arrastada, enfadonha, cantava-se. Os dois amigos lançaram uma vista d'olhos pelo armazem e não viram o agrimensor. A mulher de Jacob, percebendo-os indecisos, fez-lhes um gesto, perguntando-lhes o que bebiam. Milkau, desviando delicadamente alguns colonos pesados e oscillantes, chegou-se a ella, indagando

de Felicissimo. A mulher aconselhou-os a subir á sala do fundo onde se servia o jantar, pois talvez ahi o encontrassem, e falou-lhe dos logares encommendados para tres. De facto, no sobrado, emquanto a sala da frente se achava quasi deserta, e apenas com algumas pessoas á janella vendo o baile das creanças, a sala do fundo estava n'um grande borborinho. Á mesa muita gente sentada comia avidamente. Em pé, uns com pratos na mão tomavam caldos, e outros, agarrando linguiças, fatias de pão, mastigavam com uma fome voraz e com os olhos injectados, fixos, n'um espasmo de satisfacção bestial. Um cheiro de alho, de vinagre e pimenta excitava a multidão e entretinha a sua voracidade.

Felicissimo estava n'uma cabeceira da mesa com dois logares vazios de cada lado, e quando avistou os companheiros chamou-os n'um sobresalto.

— Aqui! Aqui!

Os outros foram rompendo caminho e tomaram os seus logares.

— Até que afinal vocês resolveram vir... Pensei que não quizessem saber de mim hoje, pois tão entretidos andavam... Viram passarinho verde?

— Ora, respondeu Lentz, não mude os papeis. Foi você exactamente que nos deixou, e meio amuado não se importou mais comnosco, que sem nenhum conhecimento temos andado vagando á matroca...

— Não me conte historias, patife. Imagino quantas amizades não tem por ahi, com quanta

rapariga não tem falado!... Vamos lá, nada de segredos.

O allemão enrubesceu, e não sabia como replicar. Milkau veiu em soccorro.

— Lentz não se preoccupa com isto.

— Vá pregar n'outra freguezia, seu maganão.

— O nosso interesse é misturarmo-nos á alegria d'este povo, comprehender a sua vida e felicidade...

Felicissimo olhou-o com os olhos miudos, cahidos e vagos. Depois, com uma cara feita de um riso complacente e velhaco, arrastando a voz :

— Qual, camarada, não me conte rodellas; então você mesmo, você, que lá na sua lingua procura misturar-se á alegria d'esta gente, que quer mais sinão...

— O peior, meu amigo, é que com esta discussão nós vamos ficando sem jantar, cortou Lentz.

— Oh! é verdade, gritou o agrimensor, erguendo-se apoiado nas mãos.

Em pé, berrava chamando os creados. Afinal, uma rapariga attendeu, postando-se em frente ao cearense, á espera de uma ordem. Felicissimo mirou-a com malicia, piscando os olhos para o companheiro, e depois como a allemã, enleiada, quizesse partir, elle resolveu-se a falar.

— Meu bem, meu amor, você traga jantar egual ao que me tem trazido, para estes dois amigos; comecemos por um caldo de hervas.

A creada desappareceu rapidamente, com um

movimento airoso como um passo de dansa.

Felicissimo estalou a lingua, atirando-lhe os olhos, que a seguiram como servos amorosos.

— Ah! esta vida! esta vida! murmurava o agrimensor, melancolicamente, e sem saber o que dizia.

Puxou o copo de cerveja e bebeu. Olhou a garrafa que esvaziára, bateu na mesa, pedindo que lhe trouxessem outras seis.

— Nós não tomamos tanto, objectou Milkau.

— Si vocês fizeram voto, eu não fiz: beberei todas seis.

Milkau e Lentz começaram a jantar dos pratos rusticos, que serviam no meio de algazarra e de desordem. Muitos caixeiros da cidade, mais bem trajados que os camponezes, recusavam a comida ordinaria, e pediam aves em conserva, de que se serviam bebendo o vinho do Rheno. Alguns d'estes rapazes que eram da casa de Roberto, reconheceram os antigos hospedes nos novos colonos, e os cumprimentaram com gestos de cabeça, n'uma expressão amavel. Dos seus logares offereciam-lhes vinho, acenando com a garrafa. Milkau agradecia com outro gesto, e o grupo continuava a beber indifferente e desdenhoso do resto da gente.

Felicissimo bebia sempre com grande alarde, e tanto barulho fazia que não tardou muito a attrahir sobre elle a curiosidade geral. Excitado por essa attenção, o agrimensor exhibia-se por

todas as fórmas, cantava, dansava, trepado na cadeira, de copo em punho, levantando brindes. Os camponezes o admiravam n'uma alegria infantil, os rapazes da cidade o deprimiam com applausos ironicos, com phrases insultuosas, ditas no meio de risadas. A estes o agrimensor respondia improvisando versos em portuguez, versos d'essa toada sertaneja que lhe falava tão intimamente. Muitos não o entendiam, mas a cadencia dos versos os enternecia e era com amor que pediam ao cearense que não parasse. Este variava o seu repertorio, cantando canções allemãs, que estropeava, mas que ao seu lado eram retomadas com brio, com enthusiasmo, pelos colonos. Produzia-se um berreiro descommunal, feito de vozes de velhos, moços e mulheres, augmentado pelos repiques nos copos e nos pratos, e pelo som estridente de um realejo, tangido n'um impulso frenetico para acompanhar as canções, cujas notas graves eram abafadas no barulho, destacando-se apenas os agudos, violentos e ferozes. O dono da casa, querendo conter a matinada, tomou Felicissimo pelo braço, para forçal-o a descer da cadeira. O agrimensoro repelliu, continuando a gritaria, e outros o cercaram, protegendo-o contra Jacob, que foi expulso da sala aos empurrões. O agrimensor ordenou por sua conta mais cerveja, que mandava distribuir em torno. Disputava-se cada garrafa das mãos das creadas, e na confusão, na desordem, na desattenção, o liquido espalhava-se pela mesa

dos copos entornados na sofreguidão da conquista. Milkau temendo pelo agrimensor, propoz-lhe sahirem um pouco, a desfructar o resto da tarde no terreiro.

— D'aqui não arredo, gritava elle.

E os allemães embriagados o acompanhavam n'um berreiro.

— Não arreda, não arreda.

E de então em deante estas palavras serviam disparatadamente de estribilho a cada canção. Os que ainda tinham consciencia, riam gostosamente da ira dos outros e mais que tudo do effeito dos proprios cantos cheios de versos de amor, de idyllios campesinos casados com aquelle estribilho do cearense.

Milkau e Lentz julgaram-se no meio de doidos, que se fitavam com expressões varias de desdem e de divertimento. E os dois foram-se esgueirando da sala, sem colera, perseguidos pela vaia dos que ficavam.

Fóra, a lua vinha rompendo e a claridade que d'ella descia, apoderava-se furtivamente do dominio da varzea abandonada pelo sol. E n'esse instante indeciso, intermediario, o vento extinguia-se, e todos se sentiam sob um encanto mysterioso de saudade, de repouso, com os olhos pregados no espaço, abysmados em melancolia. No terreiro as creanças fatigadas estavam serenas, intimidadas pelo silencio que ellas mesmas faziam, e as mais pequenas, cabeceando de somno, encostavam-

e ás mães sentadas no chão. Os musicos recolhiam os instrumentos e vinham vagarosos jantar. Os dois amigos caminharam até ao rio, e o foram margeando, descuidosos por algum tempo. Detiveram-se e sentaram-se nas pedras. E mais tarde, como esfriasse, ouvissem de novo a musica, volveram á casa da festa. Quando a descobriram, ella estava illuminada, e a luz rubra e quente que sahia das janellas e das portas, abria um circulo de fogo em phosphorescencia, dentro da claridade mansa e leitosa do luar. No terreiro já não havia quasi ninguem : as creanças tinham debandado, os grandes haviam partido para as colonias, ou se tinham recolhido ao salão do baile. Subiram ao sobrado, onde na sala da frente se começava a dansar. Alli, a musica tocava uma valsa arrastada e langorosa, e pouca gente dansava, pois muitos ainda permaneciam á mesa ou se postavam encostados ás portas e ás janellas, timidos e negligentes. Em geral os pares compunham-se de raparigas, que, enlaçadas umas as outras, rolavam provocadoras, sacudindo com os seus movimentos o torpor dos rapazes, até que estes, estimulados, viessem separal-as, tomando uma d'ellas para seu par fixo.

Não se passou muito tempo sem que o baile entrasse em plena animação. A sala, depois que a noite avançára, fôra mais illuminada ? a musica não cessava de tocar e todos se divertiam alegremente. Agora é que se podia vêr a variedade de

gente agglomerada na casa de Jacob. Alli estavam negociantes do Cachoeiro, com as mulheres, caixeiros da cidade, tropeiros, lavradores, creadas e todos reunidos n'uma grande promiscuidade, sem separação de classes. Deante de Milkau que, sentado a uma janella aberta, acompanhava a festa, passou, na serie de pares de uma marcha polaca, uma joven de flexivel graça, de movimentos ondulantes, voluptuosos, distinguindo-se do resto das outras raparigas, desengonçadas ou morosas, arrastadas com estrepito pelos seus pares. Um homem de tosca figura, que estava ao lado de Milkau, referiu-se a ella.

— Não ha nenhuma que seja capaz de chegar a Luiza Wolf.

— Realmente é muito graciosa.

— Ah! É preciso conhecel-a para saber que não é só no baile; é em tudo assim. Parece que não cança de levantar aquella cabecinha. Amanhã estará trabalhando com o mesmo ar...

— Naturalmente é uma colona...

— Não; é creada no Cachoeiro, e o patrão d'ella é aquelle mesmo que é o seu par... Martin Fidel. Não conhece?

— Não.

— Pois admira, é um dos negociantes mais ricos da cidade; a familia está toda aqui. A mulher já é velha como elle... Ah! lá vae ella ao braço d'aquelle mocinho alto, de nariz grande, não vê? É um colono e filho de colono no Jequitibá. O pae

d'elle tambem está dansando; é aquelle baixo, gorducho, barbado e de chapéo na cabeça; o par é a creada, uma desenxabida... como vê.

Os dansantes continuavam no compasso marcial da polaca, executando variadas figuras, ora desenhando meias luas, ora separando-se em alas, marchando frente a frente, ora fazendo evoluções de homens e mulheres, separados, para se reunirem depois de differentes voltas. Os movimentos eram tardos e pesados; dentro de sapatos grossos ferrados, batendo fortemente os pés no assoalho, arrastando-se com esforço, faziam um barulho secco, enorme, que dominava as vozes dos instrumentos. Quando a contradansa parava, os pares voltavam-se n'um mesmo instante como por uma combinação magica, e todos livres se moviam vagarosamente, procurando os bancos encostados ás paredes das salas ou aos cantos das janellas. Muitos sahiam até ao terreiro para se refrescar; namorados passeiavam alli no escuro, abraçados; velhos fumavam o seu cachimbo, resmungando conversas preguiçosas, até que de novo a musica dava o signal e todos voltavam á sala, em ordem, sem o menor embaraço, passando a dansar automaticamente, de charuto ou cachimbo ao queixo, e chapéo na cabeça, emquanto as mulheres amarravam lenços ao pescoço, por causa do suor que lhes escorria da fronte.

Milkau estava só; o seu informante tinha-o abandonado, farto de lhe relatar coisas da colo-

nia. Lentz desde muito tempo não apparecia na sala, e o amigo pensou que, fatigado d'aquellas simples e monotonas dansas, estivesse no terreiro passeiando solitario. Felicissimo não sahia da sala de jantar, onde com amigos allemães continuava a cantar e a beber. De vez em quando, ao menor silencio da musica, as vozes d'elles, alegres, entoadas, entravam n'um grande alvoroço.

Junto de Milkau, no mesmo banco, sentaram-se duas mulheres. N'uma d'ellas reconheceu elle a mesma que na capella o fitára durante o seu somno. Estavam alli, a descançar bem perto d'elle, aquelles mesmos olhos meigos e infinitos sobre os quaes via boiar imagens doloridas que seriam a vida e o amor da rapariga. Esta respirava offegante, tinha um ar fatigado e sentava-se n'um pesado abandono. Tambem da sua parte ella não deixou de acompanhar a furto o vizinho e, ás vezes, mesmo com certa ousadia, o mirava nos olhos, placida e innocente. Havia n'ella certa belleza, uma distincção maior do que era commum nos colonos; o porte era gracioso, o busto erguido, porém de um contorno farto, e as mãos brancas, talvez longas demais, sahiam dos braços como cabeças de galgo. Mas o que ella tinha de superior era a fronte aberta, era o cabello louro, fôfo, volatil, era a expressão da bocca, da sua bocca descorada, mas humida e bondosa. Alguns minutos depois, tocou de novo a musica uma valsa, e quasi todos foram dansar. Milkau então falou á vizinha.

Não dansa?

Ella não se intimidou ouvindo a voz d'elle, até então silencioso e tranquillo. Respondeu promptamente:

— Não; não posso, pois não me sinto bem; mas, si quer um par, aqui tem esta minha amiga, que é uma das melhores na valsa.

E com gesto de carinho quasi maternal, pegou na mão da outra rapariga, que se deixou acariciar negligentemente, como habituada áquellas maneiras da amiga.

Milkau ficou meio confuso e desculpou-se, confessando que não sabia dansar. E a sua interlocutora:

— É o que me acontece pretextar, quando não me sinto bem... Mas ninguem me acredita. Vejam só...

E sorriu levemente. A voz d'ella era um canto intimo, sonoro, e como que rasgava um tenue véo para mostrar a deliciosa paizagem da sua alma. E como em toda a voz humana, o accento da sua era uma revelação da personalidade intima; pela voz, que traduz a musica do cerebro, percebem-se as qualidades secretas de cada espirito, conhece-se a nobreza ou a grosseria da raça ou do grupo moral a que pertencemos.

Um rapaz se approximou, e sem dizer uma palavra, á moda do logar, tomou pelo pulso a outra moça, arrastando-a para a dansa. A rapariga ergueu-se e voltando-se para a amiga, disse radiante e rapido:

— Maria, onde me esperas?... Não quero me separar de ti. Tenho tanto que te dizer...

— Por aqui mesmo. Neste banco ou na janella.

Quando a joven partiu arrebatada pelo par, Maria disse a Milkau :

— Não lhe parece tão boasinha? È filha de um colono do Luxemburgo; ha muito tempo não nos viamos, e hoje tem sido um regalo.....

— Oh! desde manhã andamos n'esta roda viva. Lembro-me de tel-a visto na capella do Jequitibá, referiu Milkau.

— Sim. È verdade; recordo-me bem de que não estavamos muito longe um do outro.

— Por signal que eu dormi...

Maria enrubesceu, mas immediatamente retomou o fio da conversa.

— Fazia um calor terrivel... E o pastor não o divertia, não é verdade?

— Não sei... Ao contrario, sentia um bem estar immenso, e o somno me veiu como um arrebatamento feliz.

— Deixe lá, replicou meio confiada e intima, que ás vezes seria melhor passar a vida a dormir...

— Já vejo que converso com uma grande preguiçosa...

— Eu? Nunca... volveu com vivacidade a rapariga. Não é por preguiça..... seria para esquecer tantos aborrecimentos que desejaria um grande somno...

Acabou a phrase com uma voz sumida e vagarosa.

— Aborrecimentos? Imagino a que coisas simples dá este triste nome, observou Milkau.

Ella não respondeu e ligeiramente abaixou os olhos; quando logo depois os ergueu, mudou de assumpto.

— Como é bello dansar!

Com a sua mão fina fazia um aceno affavel ás amigas que passavam, allucinadas no movimento aereo da valsa.

Milkau ia achando prazer em se entreter com a rapariga, que tambem ao seu lado não sentia o menor constrangimento e se exprimia sem embaraço, como a um velho conhecido.

Quando a musica parou, os pares se desfizeram e cada um dos dansantes tomou direcção diversa.

— Tu vês, disse Maria á amiga, não me mexi d'aqui á tua espera.

— Eu sabia. E agora queres dar um passeio ou preferes ficar aqui? perguntou a outra arquejando de cançaço e sentando-se instinctivamente:

— Oh! meu Deus! Passeiar, quando estás que não pódes? Não, amor, descança um pouco.

— Talvez, observou Milkau, fosse preferivel, para sua companheira, sentar-se á janella; as cadeiras alli estão desoccupadas. Vamos para lá: o ar fresco lhe dará forças.

Levantou-se, e as moças correram sofregas para

as cadeiras indicadas, receiosas de perdel-as. O primeiro olhar d'elles foi para o quadro de fóra. Toda a terra estava inundada de um luar branco; as nuvens, descendo no céu, desmanchavam-se no horizonte, e o grande campo vaporoso, livre, sem estrellas e desmaiado ia se transformando em um pavimento de crystal, puro, rijo, transparente. O verde das arvores adoçava-se á luz diamantina; a torrente rolava borbulhando, um vento manso balançava os ramos, e d'estes as sombras ainda longas dansavam inquietas.

— Que é isto? interrogou Maria, meio assustada por um grande barulho de vozes, que vinha da sala de jantar para o logar do baile.

Todos se precipitaram para indagar do que se passava. Havia grande discussão em vozes altas e agudas mas tudo cortado por atroadoras e bruscas gargalhadas. Todavia, Maria e a companheira não estavam tranquillas, pensando que uma grande rixa se travava alli. Milkau sahiu para vêr o que se passava, e pouco tempo depois voltou.

— Não é nada. O agrimensor Felicissimo entende que já basta d'estas dansas extrangeiras e que agora se deve passar ás dansas brasileiras... Os musicos não sabem como executal-as, os rapazes protestam contra a innovação, que elles ignoram, o agrimensor insiste, ensaia alguns passos, assobia, quer forçar os musicos a tocarem...

— E afinal? perguntou Maria.

— Afinal parece que Felicissimo vencerá, e veremos alguma dansa da terra.

De facto, o agrimensor conseguira impôr os seus desejos, e arranjára que os musicos de experiencia em experiencia lhe déssem uma peça, cujos compassos seriam mais ou menos os da dansa que premeditára. Depois d'este accordo, os musicos vieram para os seus logares, e a gente anciosa correu para a sala, n'um borborinho de risadas, para conseguir um bom logar. Depois succedeu um silencio de espera, ninguem se movia mais na sala, livre para a dansa; quasi todos estavam sentados, e muitos amontoados ás portas e janellas. Junto aos musicos, Felicissimo cantarolava o andamento. Não tardou, porém, que a orchestra, agora afinada, começasse a tocar uma peça arrastada e voluptuosa. Alguem perguntou ao agrimensor o que ia elle dansar. Felicissimo, cambaleando, com os olhos tortos e compridos, sahiu para o meio da sala, gritando com voz difficil:

— É o chorado, meu povo!

E, erguendo e abaixando os braços, ensaiava estalar os dedos como castanholas. Mas nenhum som produziam as suas mãos dormentes. A musica suspirava gemidos languidos, e o dansarino só, no meio da casa, fazia tregeitos desconnexos, desengraçados, medonhos. Rodava sobre si mesmo, acocorava-se, arrastava a perna, e jamais um gesto se casava com o compasso da musica. Riam em torno, achando aquillo estupido e gro-

tesco. A embriaguez do agrimensor era completa, e o inutilisava inteiramente. Felicissimo deu mais algumas voltas, e afinal, como n'uma guinada de navio, o seu corpo se arrojou rapido, violento contra a parede. Foi uma barafunda; todos gritavam de susto, uns fugiam abandonando os logares, outros riam do espectaculo. O agrimensor apoiou-se com a mão á parede, livrando a cabeça, e cahiu brusco e pesado n'uma cadeira vazia. Por enthusiasmo, por prazer, a musica continuava. Felicissimo ainda tentou erguer-se, mas os seus vizinhos o sustiveram na cadeira, com medo de alguma quéda desastrada. Elle deixou-se prender, agradecendo-lhes com o enternecido olhar de bebado manso.

Durante algum tempo ninguem se moveu e a musica proseguia solitaria nos seus largos e chorosos compassos. Mas, de repente, como um fauno antigo, Joca pulou na sala e principiou a dansar. A sua alma nativa esquecia por um momento essa dolorosa expatriação na propria terra, entre gente de outros mundos. Arrebatado pela musica que lhe falava ás mais remotas e immorredouras essencias da vida, o mulato transportava-se para longe de si mesmo e transfigurava-se n'uma altiva e extraordinaria alegria. Todo o seu corpo se agitava n'um só rytimo; a cabeça erguida tomava uma expressão de prazer illimitado, a bocca entreaberta, com os dentes em serra, sorria; os cabellos animavam-se livremente, ou

empinados e eriçados, ou molles cahindo sobre a fronte: os pés voavam no assoalho e, ás vezes, paravam, sacudindo-se os membros n'uma dansa desenfreiada; as mãos, ora baixas, estalando castanholas, ora unidas, sahindo dos braços retesados, ora espalmadas no ar, e n'esse gesto, ébrio de musica, perfilado nas pontas dos pés, elle parecia, com os braços abertos, querer voar. Umas vezes, corria pela sala saracoteando o corpo, com os pés juntos n'um passo miudo e repinicado; outras, obedecendo ao compasso da musica, vinha languido, requebrado, de cabeça inclinada e olhos compridos, e achegava-se a alguma mulher, quasi de rastos, suspenso, querendo arrebatal-a n'uma volupia contida, mas que se adivinhava febril, vertiginosa. Depois, erguia-se n'um salto de tigre, retomava a sua doidice, como n'um grande ataque satanico, agitava-se todo, convulso, tremulo, quasi pairando no ar, n'uma vibração de todos os nervos, rapido, imperceptivel, que dava a illusão de um instantaneo repouso em pleno espaço, como a dansa de um beija-flôr. N'esse momento a orchestra podia parar, fazer um silencio que desequilibrasse tudo, Joca não perceberia a falta dos instrumentos, pois todo elle, no seu corpo triumphal, na sua alegria rara, no impulso da sua alma, vivendo, espraiando-se na velha dansa da raça, todo elle era movimento, era vibração, era musica.

A scena continuou algum tempo com esse unico

personagem. Joca procurou um par, uma mulher que acudisse aos seus appellos, que correspondesse aos seus movimentos. Ninguem veiu, ninguem sentiu o impeto de sacudir-se, de remexer-se ao rythmo d'aquella dansa. Todos tinham curiosidade e nada mais. Desolado, tomado de uma repentina tristeza, de uma saudade das suas companheiras de mocidade, das mulheres negras, que sentiam como elle, pouco a pouco foi cançando... O peito offegava, as pernas morenas não se retesavam com a mesma energia de pouco antes, com a flexibilidade vigorosa do páo d'arco...

Exhausto, elle derreiou o corpo combalido, e o ultimo interprete das dansas nacionaes foi cedendo o terreno aos vencedores, emquanto outra musica, outra dansa, invadia o scenario. Era a valsa allemã, clara, larga, fluente como um rio.

Na sala os pares voavam n'um frenesi. E entre estes se foi a amiga de Maria. Fóra havia mais luar, as sombras minguando se resumiam mais fixas. N'uma das janellas um par cochichava, esquecido de dansar. Era uma longa, infindavel e sussurrante palestra. Um momento a rapariga alteou a voz, e, toda entregue á paixão, declamou como na velha ballada: — Ob ich dich liebe? Frage den Stern... Maria estremeceu ouvindo o canto de

amor, e sem saber o que fazia, fitando com os olhos ardentes o céo, apontou a lua, dizendo com voz sumida e tremula:

— Que tristeza!

O pensamento de Milkau, como obedecendo a um chamado extranho, subiu ao astro morto. Ella imaginou a solidão de um mundo sem vida, essa terra deserta, marchando como um cadaver phantastico na estrada do infinito... Elle pensou que algum dia tambem, aqui nesta Terra radiante, viçosa e feliz, toda a vida se acabaria, e uma immensa tristeza, um grande silencio reinaria nestes mesmos cantos cheios de movimento e de alegria. E para quantos não começára o isolamento, principio da morte... Pensou na sua propria vida, no seu destino, n'esta solidão em que ia passando a existencia, envolto como n'um véo intangivel que o não deixava sahir para o mundo nem permittia que o mundo viesse a elle. Sua vida triste, sem uma companheira, sua vida casta e mystica, peior que o eterno frio...

Acabára a dansa e era a hora da separação. Um velho chegou á janella onde estava Maria e chamou-a. A moça despediu-se de Milkau, como de um antigo conhecido, que no dia seguinte se tornaria a vêr. Por sua vez, Milkau, já recomposto d'aquelle instantaneo desfallecimento, foi procurar Lentz, encontrando-o, entre varios colonos, no terreiro, ao ar livre.

— Oh! pensei que fosses o ultimo a deixar

esta casa, gritou Lentz, recebendo jovial o companheiro. Não sabia que eras tão grande apaixonado de festas.

— Distrahi-me, vendo os outros alegres e quiz te dar a liberdade de te divertires ao teu modo.

— Aqui estive, a conversar sobre a Allemanha com estes amigos. E falámos tambem de outra Allemanha que ha de vir, no futuro... Não é verdade, camaradas?

Os outros applaudiram a prophecia.

— Bem, disse Milkau, mas agora cuidemos de ir para casa.

— A caminho! Adeus, amigos. Até um dia!

Bateram durante horas e horas a mesma estrada de manhã percorrida. Um momento, depois de passarem por um grande cafesal bello em sua viçosa negrura, na encosta de uma montanha magestosa, começaram a ver cruzes pretas e pedras brancas por entre os pés de café.

— Que é isto? perguntou Lentz.

— Um cemiterio! respondeu Milkau.

E accrescentou:

— Vê tu. Não ha em Chanaan logar para a morte. A terra dá o menos possivel aos tumulos; elles, escassos e raros da fralda da montanha, não apagam a Luz nem dão sombra sobre a Vida, que os enlaça e domina na força do seu triumpho.

VI

Maria não podia esquecer os fugitivos momentos do seu encontro com Milkau. Muito das palavras do desconhecido se impregnára no seu espirito, e ella guardava recordação d'esse dia do baile como de uma festa tranquilla para a sua alma, de um pequeno clarão dentro da amargura da sua vida.

A historia de Maria Perutz era simples como a miseria. Nascêra na colonia, na mesma casa onde ainda vivia. Filha de immigrantes, não conhecêra o pae, morto ao chegar ao Brasil, no barracão da Victoria; a mãe viuva e quasi mendiga empregára-se como criada na casa do velho Augusto Kraus, antigo colono estabelecido no Jequitibá, longe do Porto do Cachoeiro. A « colonia » era prospera e os outros habitantes eram o filho casado, e um neto que nascêra um anno antes de Maria. Vivia-se tranquillamente, as creanças cres-

ciam como irmãos, e o velho Augusto, tendo quasi chegado ao extremo da curva desse circulo em que as edades se tocam, entretinha-se em encher as almas dos meninos de recordações da sua vida, de coisas longinquas da patria germanica. Esquecêra Maria a morte da mãe; o facto devia ter acontecido na sua remota infancia, não lhe deixando traço na memoria. A sua familia, o seu lar era aquelle em que fôra recolhida. Ignorando a propria historia, por muitos annos viveu como inconsciente, passando a existencia sem perceber o mundo, de que se não distinguia, e com o qual mesmo se confundia n'uma grande innocencia. Viver puramente, viver por viver, na completa felicidade é adaptar-se definitivamente ao Universo, como vive a arvore. Sentir a vida é soffrer; a consciencia só é despertada pela Dôr.

O grande amigo de Maria era o velho, de quem ella, crescida, e já moça, cuidava como de uma creança. Com elle conversava longo tempo, para elle cantava coisas cujo sentido não entendia bem, amores fabulosos, lendarios, paizagens extranhas, mas que falavam, como o sol, á alma cançada e saudosa do colono, Só se separavam á noite, depois da ceia, quando o ancião vinha para o meio do terreiro e ahi, sentado n'um tronco secco de arvore, se punha a fumar, scismando. O sonho era sempre o mesmo, um anceio de tornar á sua terra, de revêr essas montanhas da Silesia, onde dormira quando pequeno, vigiando o gado. Nesse

tempo conhecia pelos nomes as solitarias estrellas. Elle as viu sempre n'essa marcha de forçados no campo azul, até que na epocha da sua migração, ao balanço do mar, desceram do céu, baixaram ás aguas para desapparecerem uma noite e serem trocadas por outras... Mas ainda, de vez em quando, n'este outro mundo, lá vinham algumas das antigas conhecidas, como perdidas das companheiras, e elle as saudava pelos nomes, n'um rejuvenescimento infantil. E assim, para vêr as velhas estrellas, Augusto Kraus se sentava ao ar livre, até que adormecia tranquillo como um passaro. As mulheres, Emma, que assim se chamava a nora, e Maria se occupavam em arranjar os leitos, e quando a tarefa se concluia e as duas voltavam ao silencio, Maria sahia a buscar o velho, despertando-o de mansinho. Enfiava-lhe o braço, arrastava-o brandamente até ao quarto e deitava-o na cama fôfa, farta como um paiol de algodão. Uma noite, e foi a ultima, a rapariga achou-o derrubado, de bruços no chão e gelado.

Depois da morte do velho a situação de Maria na familia foi se modificando. Já a tristeza entrando no seu espirito lhe revelava o desencanto da existencia; já a ambição dos colonos, donos da casa, temerosos que da convivencia do filho com a rapariga resultasse alguma ligação de amor, lhe traçava a separação entre ambos. Mas, apezar de todas as preoccupações tomadas, Maria foi amante do joven Moritz Kraus. Estes amores eram, como

em geral, os amores da colonia e deviam acabar por um casamento. Assim esperava Maria. Mas a cupida ambição dos já então velhos Kraus não permittiu que as coisas seguissem o curso habitual. Queriam que o filho se casasse com Emilia Schenker, uma das mais ricas moças do logar. Não era a distincção de classes, que não existe entre os colonos, quasi todos da mesma origem, que os levava a afastar Maria, de Moritz; era apenas o interesse, a avidez de incorporar o filho á familia Schenker. Assim, os paes, sem suspeitarem do ponto a que tinham chegado as relações entre Moritz e a creada, e no desejo de cortar uma simples inclinação, que a convivencia tornára inevitavel ligando-os inexoravelmente, deliberaram mandar o filho para outra colonia, longe do Jequitibá, onde o alugaram como trabalhador, esperando esquecesse o amor, emquanto preparavam o espirito dos Schenker para annuir ao desejado casamento.

Maria viu com grande pasmo a docilidade do amante, que lhe parecia entrar gostoso nos planos dos paes. O seu abandono foi completo; não teve meio de communicar com Moritz nem animo de exigir o casamento. Que era ella sinão uma miseravel, uma pobre creada, que poderia ser lançada de um momento para outro na estrada? Como poderia embaraçar com a sua pessoa, com os seus desejos e ambições, os planos da familia? Para o rapaz aquella ligação fôra uma simples conse-

quencia da vida em companhia de uma rapariga; fôra apenas uma conclusão animal, e desde que lhe acenavam com outra mulher rica, elle prestava-se manso e satisfeito a esposal-a.

Pouco a pouco, Maria já não era a mesma galharda e resistente serva. Um grande desanimo a tomava, e de vez em quando, — fraqueza que não lhe vinha só do desalento moral mas tambem da mysteriosa perturbação do organismo, — tinha tonteiras e tudo se lhe turvava nos olhos, um grande suor frio inundava-lhe a fronte e á garganta subiam-lhe nauseas. Quando no cafesal lhe vinham subitamente esses momentos de cançaço, esquecia-se da tarefa, deitava-se ao sol n'um completo abandono, os cabellos amarellos misturavam-se com a relva verde, os seios arfavam intumescidos, e ella desapertava-os n'um gesto de desafogo: a bocca humedecia-se, os olhos semicerrados perdiam-se no azul do infinito e tudo, céos, terra, parecia balouçar como em alto mar... Indo ás festas da colonia, alvoroçou-se, pensando encontrar-se com Moritz. Este, porém, não foi á capella nem ao baile de Jacob Müller, e Maria, cada hora mais abandonada, mais inquieta com a fatalidade da sua sorte, teve a dolorosa provação de se confundir com a alegria dos outros, e, reprimindo os sobresaltos, retendo uma immensa vontade de chorar, ouvia phrases e juramentos de amores alheios, que lhe enchiam os ouvidos, redobrando-lhe a agonia. E por isso não esque-

cia a sua conversa com Milkau. As palavras d'elle, sem significação, sem alcance, vazias mesmo, eram ainda assim repassadas de uma infinita brandura, que cahia sobre ella como um refrigerio para sua ancia... E no desespero, no abatimento, vivendo em si mesma como hypnotisada, em funda agonia, ella se apegava a essa lembrança como a um trecho de verdura no deserto immenso, desolador, que era a sua nova existencia. Quem era elle ? Quando o veria mais?... E sabia que tudo tinha passado como o rasto do passaro no ar ; mas teimava em reproduzir de memoria aquelles momentos, a que pouco a pouco a turvada imaginação e a fragil lembrança, tudo pervertendo, n'uma doce conspiração, iam dando outro relevo, outra sensação, mais forte, mais expressiva.

Uma manhã, o dono da casa ia partir para o cafesal proximo da habitação, quando um mulato, montado n'uma besta, se approximou d'elle vagarosamente.

— Você se chama Franz Kraus ? perguntou o mulato de cima da montaria, desdobrando uma folha de papel, que tirára do bolso.

O colono disse que sim.

— Pois, então, tome conhecimento d'isto. E desdenhoso entregou o papel ao outro.

Kraus olhou o escripto, e como, apezar de estar no Brasil havia trinta annos, não sabia ler o portuguez, ficou embaraçado.

— Não posso ler... Que é?

— Tambem vocês vivem aqui na terra a vida inteira e estão sempre na mesma, bradou o mulato. Venho por aqui furando este mundo, e de casa em casa sempre a mesma coisa: ninguem sabe a nossa lingua... Que raça!

O colono ficou aturdido com aquelle tom insolente. Ia replicar meio encolerisado, quando o mulato continuou:

— Pois fique sabendo que isto é um mandado da justiça. É um mandado do senhor juiz municipal para que vosmecê dê a inventario os bens de seu pae, Augusto Kraus. Não era assim o nome d'elle? A audiencia é amanhã, aqui, ao meio-dia... A Justiça pernoita em sua casa. Prepare do que comer... e do melhor. E os quartos... São tres juizes, o escrivão e eu, que sou o official do juizo, que tambem se conta.

O colono, ouvindo falar em Justiça, tirou o chapéu submisso, e ficou como fulminado.

— Ah! Prepare tudo para se arrolar. Não esconda nada, sinão cadeia. Ouviu? Bom, adeus; não tenho mais conversa. Não lhe deixo contra-fé, porque de nada lhe serve... Era só o que faltava... mais essa maçada.

Picou o burro, e solemne lá se foi n'um chouto pelo caminho. Antes de passar a cancella, voltou-se para a casa. Kraus estava pregado no mesmo logar, com o chapéo a rolar nas duas mãos. O meirinho gritou:

— Comida e dormida para cinco. Veja lá!

Desappareceu; e o colono ficou por algum tempo na mesma postura. O nome magico da Justiça aterrava-o. Na colonia quando se falava em tribunaes e processos, todos se confrangiam. A lei e o direito tinham alli um prestigio inquietador.

Franz Kraus não teve mais animo de ir para o trabalho. Entrou em casa. A mulher, que o viu em tão extranho abatimento, arrancou-lhe palavra por palavra a narrativa da intimação. Depois, ambos ficaram mudos o dia inteiro. Maria tentou confortal-os, mas o terror dos outros, um terror como si tivesse havido alli uma visita da morte, fazia ainda augmentar a propria tristeza d'ella, tirando-lhe as energias para distrahir os patrões. Apenas, quando foi a tarde, Maria lembrou os hospedes do dia seguinte e o interesse que deviam empregar para recebel-os do melhor modo. Comprehendendo isso, Franz animou-se, e auxiliado por Emma e a creada começou a arranjar a hospedagem. As mulheres matavam gallinhas, preparavam o pão negro dos colonos, arrumavam a casa, remexendo velhos bahús esquecidos nos quartos. Tudo se fazia debaixo de conselho, cada qual, como succede nos dias de desgraça, querendo apoiar-se no outro, todos conchegando-se n'uma desfallecida cobardia.

Na manhã seguinte, a « colonia » estava ordenada. Kraus, vestido como nos domingos, poz-se inquieto a andar no terreiro, espreitando a chegada dos magistrados. As mulheres, tambem vestidas

com os seus melhores fatos, não se arredavam do trabalho na cozinha.

Era mais de meio-dia quando a Justiça entrou senhorilmente na colonia. Os magistrados montavam excellentes bestas que, segundo o costume, eram emprestadas pelos negociantes ricos do Cachoeiro. O colono correu a recebel-os, de chapéo na mão, solicito em ajudal-os a apearem-se das montarias. Um dos juizes largou-lhe o animal; os outros da comitiva amarraram os seus nas arvores e todos espanaram com o chicote a poeira das botas, batendo no chão ruidosamente com os pés.

— Estou morto! disse o juiz municipal, espreguiçando-se.

— Uma estafa! Quatro horas de viagem... Ainda o sr. veiu por obrigação, mas nós dois, eu e o collega, que nada temos com isto, e só pelo passeio! Emfim, sempre a gente se diverte... disse o juiz de direito, procurando fitar com o monoculo o promotor.

— Perdão, então não terei occasião de funccionar? perguntou vivamente o promotor, adaptando a luneta azul aos olhos.

— Ah! é verdade, sr. curador de orphãos...

— Mas aqui não ha disto... Todos, meu doutor, são maiores, atalhou com um riso de escarneo um mulato velho, côr de azeitona, recordando nas linhas e na expressão inquieta, a cara de gato

maracajá, como era a sua alcunha. Era o escrivão.

— Mas, senhores, entremos... A casa é nossa em nome da lei, disse o juiz de direito, encaminhando-se para dentro.

— Mas onde está esse inventariante imbecil? perguntou com arrogancia o promotor.

— O sandeu fica todo este tempo a arranjar os animaes e nos deixa aqui ao Deus dará, explicou o escrivão.

E todos passeiavam pela sala com estrepito, batendo com o chicote nos moveis, ou praguejando, ou rindo das pobres estampas nas paredes, ou farejando para dentro, de onde vinha um capitoso cheiro de comida.

— Delicioso esse tempero! Promette! exclamou o juiz de direito.

— Moça bonita que saia! gritou rindo o promotor.

— Não haverá alguma por ahi?

Ouvindo tanto rumor, Kraus correu á sala atarantado, como si já tivesse commettido o primeiro delicto, e poz-se como um creado á espera das ordens.

— Traga paraty! ordenou o escrivão. Mas que seja do bom.

O colono sumiu-se, para logo voltar com uma garrafa e um calice.

— Não ha mais copos n'esta casa? perguntou com desprezo o escrivão.

O colono tornou ao interior e depois reappareceu, balbuciando desculpas, e poz em cima da mesa quatro copos.

— Vamos a isto, meus senhores! propoz o promotor.

Segurou a garrafa, serviu no calice ao juiz de direito.

— Dr. Itapecurú, como mais graduado...

E foi distribuindo a cachaça nos copos.

— Você quer?

— Muito pouco, um nada.

— Tome lá, seu fracalhão.

— Sr. escrivão, continuou o promotor distribuindo.

— Mas, dr. Brederodes, o sr. me affronta com este copo quasi cheio.

Rindo, contente, o « maracajá » começou a beber, estalando os beiços:

— É bom... Esses diabos de colonos a primeira coisa que aprendem aqui na terra é a conhecer paraty.

— Meus senhores, uma consulta, disse Brederodes, uma consulta de direito. O official de justiça póde beber antes da audiencia?

Na porta, em pé, o meirinho esperava a sua vez. Os outros riram sem responder á pergunta.

— Sr. doutor, para clarear as idéas... E, meio desconfiado, o mulato chegou-se á mesa com o braço estendido.

— Vá lá! depois se esqueça de tocar a campainha, e temos processo nullo.

— Não ha risco!

De um trago engoliu a aguardente, com medo que esta lhe escapasse. Uma onda de sangue ennegreceu-lhe o rosto, os olhos cheios d'agua tingiram-se-lhe de vermelho.

— Este sujeito não nos dá almoço? Olhe que já é tarde... Faça favor de vêr isto, sr. escrivão. O sr. é o nosso mordomo, disse o dr. Itapecurú, olhando pelo monoculo o subalterno.

O escrivão entrou pela habitação a dentro, procurando o colono. Quando voltou, disse:

— Vamos almoçar, o homem tinha tudo preparado. O melhor é deixarmos essas nossas cerimonias, tomarmos conta da casa, porque si fôrmos esperar que esta gente se mova, estamos convidados. Não sahiremos d'aqui. Olhem, si querem lavar as mãos, o quarto é este.

Indicou os aposentos; todos o seguiram e se viram em um quarto com duas camas altas, de grandes colchões de palha farfalhantes e commodos.

O juiz municipal apalpou com volupia um dos leitos:

— Ah! que somno divino aqui!

— Mas, como é isto? Só duas camas e somos quatro! observou inquieto o promotor.

— Aqui ao lado ha outro quarto. E empur-

rando a porta de communicação, o escrivão mostrou-o.

— Nós hoje não sahiremos d'aqui, não é exacto? inquiriu o juiz de direito. Pois bem, vou me pôr á vontade. Manoel, veja as chinellas.

O official de justiça obedeceu. Os collegas do juiz de direito o imitaram, e logo depois todos tres, mudados de roupa, lavados e refrescados, como si estivessem em suas fazendas, entraram radiantes na sala, onde o almoço os esperava.

Comeram com appetite as comidas da colonia, beberam cerveja em quantidade. O dono da casa e o official de justiça serviam a refeição, e, só no fim do almoço, Maria, que estivera todo o tempo na cozinha, entrou com o café. Unica mulher no meio d'esses homens, ella ficou vexadissima e rubra, sentindo por instincto a crueza e a lubricidade dos olhares excitados e cobiçosos.

— Oh! lá!... Caça extranha... Não é nenhuma asneira, disse afoitamente o promotor.

— Socega, Brederodes, observou sorrindo o juiz municipal, dando-lhe de manso uma palmada nas costas.

Maria, meio perturbada, foi depondo as chicaras de café defronte de cada hospede. Elles agradeciam, a sorrir intencionalmente, enfiando os olhos nos olhos da rapariga.

— Até o sr. dr. Souza Itapecurú... notou o escrivão, dirigindo-se ao juiz de direito, que de

monoculo na mão ficou atrapalhado, com um sorriso parvo enchendo-lhe a cara.

— Oh! é só para vêr...

E a pobre moça, finda a tarefa, desappareceu n'um andar incerto e balanceado. E emquanto os outros commentavam, divertindo-se com a scena, Brederodes ficou pensativo. Nos seus olhos turvos passavam miragens de volupia, e elle sentiu impetos de se apossar da mulher.

Depois do almoço, puzeram-se a fumar descançados; e quando um grande torpor ia dominando a companhia, entendeu o escrivão espertal-a, dizendo ao juiz municipal :

— Sr. dr., V. S. não manda abrir a audiencia?

O dr. Paulo Maciel espreguiçou-se bocejando, como si o convidassem á mais enfadonha das tarefas.

— Pois sim. Vamos lá, seu Pantoja.

O « maracajá » poz os oculos e armou-os na testa, emquanto arranjava a mesa para o serviço. O official de justiça apresentou-lhe um bahúsinho, de onde elle tirou utensilios para escrever e um formulario, que abriu em pagina marcada. Procurou a melhor luz, sentou-se e principiou, debruçado sobre o papel de margem dobrada, a lançar os termos do processo Paulo Maciel tomou um logar á cabeceira da mesa, e com ar fatigado e distante começou a acompanhar o serviço do escrivão.

— Bem; está prompto o termo..

— Sim senhor, então abra a audiencia, ordenou o juiz municipal ao meirinho.

Este, de campainha em punho, foi até á porta e começou a badalar, passeiando na frente da casa, clamando com voz tanhosa : — Audiencia do sr. dr. juiz municipal... Audiencia do sr. dr. juiz municipal...

Sob a força do sol de fogo, na grande calmaria do mundo, esses gritos estridentes, avolumando-se no silencio total, aterravam os moradores da « colonia. »

Depois foi apregoado o dono da casa, que entrou na sala, confuso e medroso. O seu olhar não retinha da scena sinão uma vaga impressão; começára por desconhecer sua propria casa transformada em tribunal, governada por aquelles homens que se tinham apoderado d'ella, e onde elle parecia extranho e prisioneiro. Ordenaram que se approximasse, e fizeram-lhe perguntas a que respondia com voz apagada e tremula. Quando declarou que o pae era morto havia quatro annos, o escrivão resmungou :

— Vejam só... Este heróe aqui na posse dos bens, desfructando-os como si já fossem d'elle... sem dar contas á justiça, nem á fazenda nacional.

Paulo Maciel, desinteressado, levantou-se e disse ao escrivão :

— Seu Pantoja, vá tomando as declarações.

E passou para o quarto, onde os collegas fuma-

vam tranquillos e preguiçosos, estirados na cama. Tirou o paletot e deitou-se como elles.

Na sala, Pantoja atormentava o colono com perguntas e de vez em quando se interrompia para ameaçal-o:

— Si você me occultar qualquer coisa aqui da casa ou das terras, ou do cafesal, tem de se haver com a justiça... Vocês são finos, mas eu sou macaco velho... São as penas da sonegação... Penas terriveis!

Assim envolvia as suas ameaças nas dobras de termos technicos, com que ainda mais amedrontava o allemão. O processo foi-se fazendo com estes dois unicos personagens; sentado n'uma cadeira, junto á janella, cochilava o meirinho, abrindo de tempos a tempos os olhos rubros de somno, que se fechavam logo; do quarto não vinha mais o som da conversa: apenas um roncar monotono e regular de alguem a dormir enchia a casa, onde tudo se entorpecêra n'um grande socego.

Duas horas levou o escrivão a trabalhar no inventario, proseguindo á sua discreção, deixando apenas em claro as assignaturas do juiz e dos avaliadores que elle dava como presentes, e que eram seus homens de palha, n'uma costumada fraude que lhe rendia mais custas.

Acabado o serviço, despediu o dono da casa, que assignou tudo quanto elle mandou, sem receber a menor explicação. Depois Pantoja tirou os oculos,

e manso, sorrateiro, veiu ao quarto em que estava o juiz municipal.

— Prompto, sr. doutor!

Maciel espantou-se com a voz do subalterno, que curvado sobre elle sorria, fitando-o com os olhos endiabrados e sinistros.

— Ah! o sr.? Já acabou?

— Tudo. Havendo milho, meu doutor, vae depressa que é um gosto. E aqui ha bastante... Tenho promptos alguns mandados para intimar uns colonos d'esta vizinhança, que não fazem inventario ha muito tempo, comendo os espolios á tripa forra, sem nos dar satisfacção. Venha v. s. assignar os mandados para se fazerem amanhã esses inventarios aqui mesmo. É cousa pouca, mas...

— Ora, seu Pantoja, é melhor deixar essa pobre gente em paz. Não sendo coisa grande, não nos adeanta.

— Não, meu doutor, tudo o que cáe na rêde é peixe, e quando se sabe expremer a mandioca, póde-se vêr o que rende no fim da festa.

— Seu Pantoja, seu Pantoja... disse o juiz municipal, como si quizesse suster aquelles appetites do escrivão. Afinal, condescendente e resignado, levantou-se, e em mangas de camisa e chinellos veiu á mesa da audiencia assignar os mandados.

— Neves, ponha-se em campo, ordenou o escrivão ao official. E lendo os papeis, repetia alto os nomes das pessoas a intimar : — Viuva Schultz...

Viuva Koelner... Otto Bergweg... tudo é perto. Para amanhã ás nove horas, aqui.

— Ás ordens, seu capitão. Com poucas estou de volta.

O meirinho metteu os mandados no bolso e foi sellar o burro.

— Mas que malandrice! disse o juiz municipal, voltando ao quarto onde descançavam os collegas Com este bello dia, deitados! Ora, meus senhores, vamos passeiar!

E abrindo as janellas, deixou que entrasse no aposento uma luz branda, amortecida no verde da folhagem das arvores que envolviam a casa.

Os dois outros abriram os olhos.

— Que boa somneca, doutor! disse Maciel ao juiz de direito. E voltando-se para o promotor : — Você tem-se fartado de dormir !

— Para que serve o colono sinão para isso? Para sustentar e regalar a Justiça. Olhe, Maciel, no seu caso, si fosse eu o juiz dos inventarios, não sahiria das « colonias. »

— Muito bem, dr. Brederodes, devemos sempre fazer as nossas desobrigas, como os vigarios. Esta é a nossa religião... Mas não é com o dr. Maciel que se consegue isto. O sr. bem sabe o trabalho que tivemos para arranjar esta pequena excursão.

— Tenho pena... ia dizendo o juiz municipal.

— De que, sr. doutor? interrogou vivamente o escrivão.

— D'esta pobre gente, d'estes miseraveis.

— Na miseria anda a Justiça. O sr. deve ter pena é de si, da sua familia e dos seus patricios. Não é, sr. dr. juiz de direito?

Itapecurú, que de pé se penteava dividindo o cabello ralo, voltou-se gravemente, acudindo á interpellação e, assestando o monoculo, metteu-se entre os discutidores.

— A quem pergunta! Fui juiz municipal doze annos na Bahia. Vão lá saber a minha fama. Fui o terror dos inventarios. Não deixei um só por fazer, ia de porta em porta em nome da lei; quando me constava que havia um fallecimento, tomava nota, e trinta dias depois o mandado fazia mexer os recalcitrantes. Ah! todos prosperámos no fôro... eu movia a machina. Estes moços de hoje se dão outros ares... Capitão Pantoja, é por essa falta de espirito pratico que o paiz vae mal. Nós somos de outra escola, nós, os velhos.

Havia n'essas palavras um prazer refinado de metter-se de camaradagem com o subalterno, que era o chefe politico do logar.

— Perdão, dr. Itapecuru, não me envolva na classe dos romanticos, protestou Brederodes com interesse. Commigo, aqui o capitão sabe, colono anda fino.

Paulo Maciel viu-se assim excluido d'aquella communhão e ficou meio desdenhoso, mirando os collegas dominados pelo olhar felino do escrivão. Todos triumphantes escarneciam do juiz municipal, e nos seus risos entravam suas almas, com-

pondo um conjuncto extravagante; um era o riso tumultuoso, alvar, de Itapecurú, outro era o riso canino, rapido, cortante de Brederodes, o do escrivão era o riso silencioso, sem energia para o ruido, perdendo a força em se estampar demorado na physionomia.

Vieram todos para o terreiro, e se puzeram a passeiar vagarosos. O sol já ia fraco, e a tarde era amena. Os colonos, encurralados na cozinha, não appareciam. A Justiça reinava livremente na casa e no pomar. De chinellos e em mangas de camisa os jovens magistrados fartavam-se do bello ar da tarde, o juiz de direito que não os acompanhava em tamanho desalinho, ia com um paletot de palha de seda, muito penteado, engravatado, com um gorro de velludo na cabeça. O escrivão conservava a sobrecasaca de alpaca preta, já muito russa. Cobria a cabeça com uma especie de solidéo de lã, que lhe tapava a calva.

Deram algumas voltas, examinando cada detalhe do sitio; e quando estavam debaixo do laranjal carregado de fructos, amarellos e vermelhos, fructos novos ou sazonados, notou Paulo Maciel:

— É admiravel a ordem e o asseio desta colonia. Nada falta aqui, tudo prospera, tudo nos encanta... Que differença em viajar nas terras cultivadas por brasileiros... só desleixo, abandono, e com a relaxação a tristeza e a miseria. E ainda se fala contra a immigração!

— Então, pela sua theoria, interrompeu o pro-

motor, devemos entregar tudo aos allemães?

— Apoiado... commentou o escrivão. E' a consequencia do que diz o dr. Maciel.

— Sim, confirmou este, para mim era indifferente que o paiz fosse entregue aos extrangeiros que soubessem aprecial-o mais do que nós. Não pensa assim, dr. Itapecurú?

O juiz de direito tomou um ar solemne:

— Sim e não, como se diz na velha escolastica. Não ha duvida que falta ao brasileiro o espirito de analyse. E quando digo brasileiro, refiro-me a todos nós. E que se póde fazer sem analyse? É o destino da Hespanha: cahiu em nome da philosophia. Não podia entrar em concurrencia com um povo analytico...

— Como, doutor? gritou o juiz municipal. Então os Estados-Unidos...

— Terra de analyse, meu amigo. Terra invencivel. Olhe, eu sou um fanatico da analyse. Quando vejo um individuo, estudo-lhe todos os habitos, não preciso saber das suas idéas, basta uma circumstancia, por exemplo, o que esse homem come, e eu concluo sem medo de errar quaes os sentimentos psychologicos do meu examinado. Ah! Porque uma vez apanhado, classifico-o. E' meu.

— O doutor é terrivel, disse Maciel trocando um olhar com o promotor.

— Ah! Tenho confiança nos novos povos formados n'esta escola. Quando estive em França, não

deixei de ir ao parlamento e admirei os jovens espiritos, que alli estão dissecando o orçamento, analysando os impostos... Fala-se em Lamartine... Um sujeito, e até patricio nosso, me disse uma vez em Pariz : veja os seus oradores de hoje... Anões! Lembre-se de Berryer, de Lamartine. Quando falavam aqui dentro (estavamos no Palais Bourbon) a voz d'elles era ouvida no mundo inteiro... E a d'estes de agora nem na praça da Concordia.

— E que respondeu?

— Pensa que embatuquei? disse com o seu riso volumoso o magistrado. Vae vêr. Não, respondi eu, não ha inferioridade; antigamente esses homens falavam por falar. Só rhetorica, nada de serio. E a sua loucura era tão grande que pagavam pela lingua... Idiotas! Veja hoje essa gente nova, rapazes quasi imberbes, educados na sciencia positiva, cheios do espirito de analyse. Não reparemos na fórma, olhemos a essencia. Ahi é que está tudo. Não olhe você como elles dizem, mas sim o que elles dizem.

— E depois?

— Matei-o, como vê. O Brasil, (voltando á nossa questão), morre por esse mesmo espirito de rhetorica. É uma fatalidade. Até certo ponto convenho, com o sr. dr. Maciel, que devemos ceder o passo ao mais forte. Ao mais ditoso cedo o ingresso, como diz o poeta.

E Itapecurú arrependeu-se profundamente de ter dito isto, porque leu nos olhos de Pantoja a sua

condemnação. Teve um frio de medo e quiz gaguejando, remendar o pensamento. Mas o escrivão não lhe deu logar e acudiu rancoroso :

— Admira-me ouvir de dois magistrados uma tal linguagem. Não ha mais patriotismo, não ha mais nada. Os senhores podem querer entregar a patria o extrangeiro, podem vendel-a, mas emquanto houver um mulato que ame este Brasil, que é seu, as coisas não vão tão simples, meus doutores.

E o pardo cerrou os punhos, rangeu os dentes, estampando-se-lhe na cara um sorriso tenebroso.

— Mas, capitão, escute, obtemperou o juiz de direito com uma voz de melliflua cobardia; não duvide dos meus sentimentos patrioticos. Quem applaudiu mais do que eu a resposta do Marechal? Á bala, sim, meu capitão, á bala quando elles vierem.

— E não ha de tardar muito o momento, disse o promotor. Patriotismo vae-se vêr em breve.

— Sim, é preciso desmascarar os patriotas de barriga, disse, soturno, Pantoja.

— E quando é esse famoso momento? perguntou calmo e desdenhoso Maciel.

— Quando esse imperador da Allemanha que você admira tanto, replicou Brederodes, mandar a sua esquadra bloquear os nossos portos.

— E que fazem vocês para se oppôrem? Pensa você, Brederodes, que com o nosso exercito diminuto, com a nossa marinha insignificante, podemos arrostar a alguem?

Brederodes deu uma gargalhada e disse victorioso :

— E os Estados-Unidos, meu caro?

— E' verdade, ajuntou tambem, rindo, Itapecurú. E a grande America cruzaria os braços?

— Não sei até que ponto se metteriam n'isto os Estados-Unidos... Depois, que lucro teriamos n'essa intervenção? Passariamos de um senhor para outro. Nada mais.

— E a doutrina de Monroe? A America para os americanos...

— ... do Norte. Como elles mesmos dizem, concluiu gracejando Maciel.

— De toda a parte. O nosso combate será com os europeus.

— Ninguem póde dominar um paiz quando o povo não quer... interveiu o escrivão. Meu doutor, com uma caixa de phosphoros se liquida um exercito e toda essa canalha européa.

— Como, capitão? perguntou, cortez e lisonjeiro, o juiz de direito, esperando com ar admirativo a resposta.

— Como? respondeu o escrivão com uma satisfacção sinistra. Tocando fogo nas casas, no matto, nas cidades. Um grande incendio que ha de espantar o mundo!

— Sei d'isto. A Polonia e o Transvaal tambem promettiam tanto... observou ironico o juiz municipal.

— Os Polacos eram aristocratas e por isso indignos; os Boers são uns miseraveis que têm o que perder, disse fóra de si Brederodes. Alli ha mais amor ao dinheiro, ás minas, do que á honra. Os brasileiros, não. Não temos nada a perder, felizmente, e isto decide o povo.

— Bravo, doutor. O senhor é dos nossos.

— Capitão, não duvide dos meus sentimentos, disse interessado o juiz de direito.

O escrivão encolheu os hombros com desprezo.

— Os senhores falam em independencia, observou, então, caustico, o juiz municipal; mas eu não a vejo. O Brasil é e tem sido sempre colonia. O nosso regimem não é livre : somos um povo protegido.

— Por quem? interrompeu Brederodes, gesticulando com a luneta.

— Espere, homem. Ouça. Diga-me você : onde está a nossa independencia financeira? Qual é a verdadeira moeda que nos domina? Onde o nosso ouro? Para que serve o nosso miseravel papel sinão para comprar a libra ingleza? Onde está a nossa fortuna publica? O pouco que temos, hypothecado. As rendas das alfandegas nas mãos dos inglezes ; vapores não temos, estradas de ferro tambem não, tudo do extrangeiro. É ou não o regimen colonial com o nome disfarçado de nação livre?... Escute. Você não me acredita ; eu desejaria poder salvar o nosso patrimonio moral, intellectual, a nossa lingua emfim, mas a continuar esta

miseria, esta torpeza a que chegámos, é melhor que viesse de uma vez para cá um caixeiro de Rothschild para governar as fortunas, e um coronel allemão para endireitar isto.

— Você é um cynico... insultou-o Brederodes, pallido, com os labios a tremer.

Houve um pequeno silencio. O escrivão saboreou a disputa, Itapecurú temeu um conflicto, mas Paulo Maciel sorriu logo com superioridade :

— Descomponha-me como quizer; o que você não póde negar é a evidencia dos factos. Colonia somos nós e seremos... repetiu frio e insistente.

O outro enrubesceu, e obedecendo a uma excitação fula, proseguiu atrevido :

— Colonia, emquanto houver miseraveis como você.

— Menino, menino, deixe de ser malcreado, disse seccamente Maciel. E, retomando o seu geito continuou :

— Si na verdade não entrámos ainda na orbita de um grande povo, é porque aproveitamos da disputa entre as nações fortes. Temos sobre o continente projectada a sombra dos Estados Unidos. Isto reconheço; mas um dia, fatigados de impedir que outros se apossem de nós, elles nos comerão, como fizeram a Cuba.

— Dizem que a Allemanha tem planos. Dizem... O collega sabe que em questões d'esta ordem não convem falar sem toda a segurança, commentou profundamente o dr. Itapecurú. E a sua cobardia,

solemne punha uma certa brandura na discussão.

— Póde affirmar sem medo, disse o escrivão, que estamos sendo cercados pela cobiça dos Allemães. O proprio Imperador paga do seu bolsinho missionarios e professores no Rio Grande e em Santa Catharina.

— E o governo, que faz a tudo isto? perguntou Brederodes. E elle mesmo respondeu: — Cruza os braços, cuida de eleições, de politicagem. Nós precisamos, capitão, varrer esta corja que se apossa do poder para enriquecer, esquecendo-se de que o povo soffre e o extrangeiro só tem a ganhar com a nossa miseria.

— As eleições vêm ahi... Porque não fazem os senhores um manifesto? propoz o juiz municipal.

— O negocio não é para manifesto, nem para eleições. Isto é coisa á parte, coisa do interesse dos partidos, dos amigos, respondeu o escrivão, tomando a serio o que dizia Maciel.

— Eis o que nos prejudica, replicou Brederodes; é essa mania eleitoral: por causa de partidos deixa-se naufragar o paiz.

— E até se aproveitam dos votos do extrangeiro, accrescentou Paulo Maciel. Porque esses allemães não serão nunca brasileiros, e são os melhores eleitores aqui do capitão Pantoja.

O escrivão ficou embaraçado no seu duplo sentimento de chefe de partido na localidade e de nativista.

— Mas esses allemães não fazem nada. São

muito respeitadores e mansos... Um rebanho de carneiros... por esses respondo eu.

Brederodes deu uma risada, escarnecendo :

— Está ahi o perigo. Os Allemães são uns velhacos, mettem-se em nossa casa muito quietinhos, obedientes, nós nos aproveitamos d'elles, do seu numero, do seu dinheiro, e elles vão na sombra engrossando, até um dia se despejarem sobre nós e avassallarem o paiz. Capitão, deixe de conversa, fogo no extrangeiro, nativista sempre. Á bala!

Paulo Maciel parecia desinteressar-se da discussão e, descuidado, foi-se afastando na direcção da casa, tirando de passagem folhas das laranjeiras que ia aspirando, nervoso. Os companheiros o seguiam, empenhados no assumpto. Maciel pensava :

— É o debate diario da vida brasileira... Ser ou não ser uma nação... Momento doloroso em que se joga o destino de um povo... Ai dos fracos!... Que podemos fazer para resistir aos lobos ? Com a bondade ingenita da raça, a nativa fraqueza, a descuidada inercia, como nos opporemos a que elles venham ?... Tudo vae acabar e se transformar. Pobre Brasil!... Foi uma tentativa falha de nacionalidade. Paciencia... E que nos adeantam os Estados-Unidos? Será sempre um senhor. Todo este continente está destinado ao pasto das feras... Sul America... Ridiculo... Mas não haverá uma salvação, não haverá um deus ou uma força que

paralyse o raio armado contra nós?... Emfim, vá lá... Mea culpa; e está acabado... Temos o que merecemos... D'ahi, póde ser que seja melhor... A Terra prosperará... Melhor administração... mais policia... e é só... Vale a pena? E o mundo é só isso? Vale a pena viver para ter mais policia? E a lingua? a raça... esta associação... degradada si quizerem... mesquinha... sim, fraca, quasi a esphacelar-se... mas amoravel, boa, e amada, apezar de tudo, porque é nossa, nossa... Oh! muito nossa...

Caminhando, assim chegaram á casa, onde eram esperados para jantar. Puzeram-se á mesa, e o meirinho, já de volta das intimações; ajudava o serviço. Sahindo do seu esconderijo, Maria rodava pela sala, sempre perseguida pelos homens. A pobre, porém, parecia fria e indifferente ás phrases atrevidas, immoraes, com que a cobriam os sujeitos da Justiça. Acabado o jantar, estes puzeram as cadeiras do lado da casa e entretiveram-se a conversar pela noite a dentro, emquanto as estrellas se vinham abrindo numerosas e infinitas.

O juiz de direito não desanimava em desmanchar qualquer impressão sobre a sua falta de patriotismo que porventura ficasse no espirito de Pantoja, temido pela sua influencia politica, e voltava ao assumpto.

— O meu nacionalismo, capitão, é antigo. Desde a Academia fui um exaltado em questões de patriotismo. Ah! nunca transigi.

— Mas isso foi n'outro tempo, creio que hoje... ia interrompendo Maciel por brincadeira.

— Hoje, com a edade, respondeu empenhado Itapecurú pondo o monoculo, redobrou o meu nativismo. Não dou treguas ao extrangeiro. Aqui para nós, sou até jacobino.

— Mas divertiu-se bem na Europa, e com certeza, si pudesse, não sahiria de lá, objectou Maciel.

— Nunca abandonaria minha patria. Não nego que a Europa tenha alguma coisa de bom. Aquelles que, como o sr., sentem desgosto de ser brasileiros, devem dar uma vista d'olhos ao velho mundo. É salutar, creia. Os meus sentimentos nacionaes, confesso, estavam enfraquecendo, mas, vendo a decadencia da Europa, tive orgulho d'este Brasil e voltei ao meu furor. Não é debalde que me chamo Itapecurú. E'a marca nativista que trago da Academia...

— Como assim ? inquiriu Brederodes.

— Quando Gonçalves Dias e Alencar deram o grito de alarma pelo Brasil, pelo caboclo, nós, estudantes, respondemos ao nosso modo... Eu me chamava Manoel Antonio de Souza. E só. Souza cheirava a galego. Accrescentei Itapecurú. Manoel Antonio de Souza Itapecurú... Foi um movimento geral. Cada um tomou um nome indigena, e d'ahi os Tupinambás, os Itabaianas, os Gurupis.

Quando mais tarde a palestra esmoreceu, o juiz de direito disse aos companheiros :

— Meus senhores, que propõem para matar o

tempo? Vamos a uma partida de manilha?

Paulo Maciel não temia o tempo e, ao contrario dos companheiros, era mais feliz quando o deixavam só com os seus pensamentos.

— Não conte commigo, doutor. Estou cançado e vou deitar-me. Boa noite ; eu os espero no quarto.

Os outros, logo que Maciel partiu, entraram a detrahil-o.

— É uma pena, disse Itapecurú, não dá para nada.

— Tambem pouco se perde, accrescentou Brederodes. Presumpção não lhe falta, mas, no fim de contas, que tem feito?

— Sim, desembuche para vermos o que tem tão escondido, escarneceu o escrivão. Uma coisa affirmo : nada sabe do officio. Eu podia contar impagaveis... Si um dia escrever para a Capital, para os jornaes, havemos de rir muito. Será bonito e asseiado.

— O que elle sabe é descompôr o Brasil, maldizer de tudo o que é nosso, disse o dr. Itapecurú, accentuando a phrase com vistas ao escrivão Pantoja, que ajuntou por sua vez :

— Mas o dinheirinho no fim do mez não se engeita, esse, nem por ser brasileiro, fede.

— Póde ser que quando isto fôr da Allemanha, receba o dobro dos seus patrões, disse o promotor.

— E' verdade, insinuou Itapecurú, que não larga a grammatica allemã?

— Sim, está se preparando para nos governar, respondeu Brederodes.

Riram e ergueram-se para jogar. O juiz de direito trazia sempre um baralho de cartas na mala para essas excursões judiciarias em que nada tinha a fazer, e que acompanhava por divertimento.

Os tres jogaram algum tempo, até que o promotor, pretextando cançaço, abandonou o seu logar.

— N'este caso, capitão, desafio-o para uma bisca, disse pressuroso o juiz de direito, não querendo desistir de jogar, com aquelle vago receio do tédio, que tanto o perseguia.

— Pois sim, doutor, aguente-se para uma sova, acquiesceu Pantoja por entre baforadas da fumaça de cigarro.

Brederodes no terreiro chamava em voz baixa o meirinho :

— Neves, Neves!

— Prompto, seu doutor.

O official de justiça estava a cochilar, deitado na relva, e ergueu-se meio atordoado. O promotor deu-lhe uma ordem que elle partiu a cumprir. Brederodes, ficando só, passeiava nervoso, agitado de desejos lubricos. Não tardou o official de justiça.

— Então? perguntou o promotor, quando o viu ainda de longe.

— Qual! seu doutor. Não vejo geito.

— Como assim?

— A bicha é arisca como quê. Só si V. S. visse

o nojo com que me olhou... Nem me respondeu, como si ainda tivesse o que perder... V. S. não reparou como já vae bem adeantada ?

Brederodes ficou colerico. Uma fluxão de sangue subiu-lhe á cabeça, rangeu os dentes, e os olhos na noite escura brilharam felinos e máos.

— Ella me paga. Deixe estar. Ainda que tudo isto aqui arrebente... Corja de allemães !

— V. S. não se zangue... Vou vêr si ainda dou uma volta no caso. E desappareceu na direcção da casa, fugindo ao desabafo do promotor.

Este ficou só, n'uma meia allucinação, ruminando vinganças. Na casa tudo se aquietára. Os dois parceiros, mortos de somno, tinham-se resignado a deixar o baralho e estavam deitados nos quartos; os colonos não davam signal de vida; o meirinho não voltára. Farto de esperar, e um pouco acalmado no seu furor, Brederodes resolveu vir para o quarto. Ahi o seu companheiro, que era o escrivão, resonava. Elle deitou-se de manso e poz-se á espera de que a noite avançasse. Tornava-se-lhe o sangue impetuoso de desejos, e na mente nevrotica passavam perturbadoras miragens sensuaes. Levantou-se sorrateiro e, apenas alumiado pela frouxa luz de um candieiro de azeite que estava na sala, seguiu pela casa a dentro; e quando na volta do corredor o clarão se acabou, ás apalpadellas foi tacteando as paredes. Ao dar com alguma porta, punha-se á escuta, para vêr si, por um movimento, um signal qualquer, reconhecia

o quarto de Maria. E um momento acreditou descobril-o... Tentou abrir a porta. Mas esta estava fechada á chave. « Miseravel » pensou, com raiva o promotor. Um impulso de arrombar a porta apoderou-se d'elle, mas um vago vislumbre da consciencia da sua falsa posição tolheu-lhe o movimento.

— Póde sei que não seja aqui... Isto naturalmente é o quarto dos velhos.

E com esta esperança passou adeante nas trevas. Outra porta estava em frente. Escutou ; nada... Poz a mão no trinco, a tramela levantou-se e com a pressão a porta abriu-se, rangendo. Brederodes palpitou alvoroçado. De dentro ouviu um rumor de alguem que acordára, e uma voz assustada de velha perguntar :

— Quem é ? És tu, Maria?

Brederodes recuou para o corredor e deixando a porta aberta deslisou nas pontas dos pés, n'um instincto salvador que lhe fazia adivinhar no escuro o caminho do quarto.

No dia seguinte, ás nove da manhã, o meirinho annunciava ao toque de campainha a audiencia dos inventarios dos vizinhos de Kraus.

Na sala o juiz municipal e o escrivão estavam no seu posto, á mesa; o promotor e o juiz de direito á janella conversavam, voltados para dentro; em pé, encostados á parede, duas mulheres e um homem, rodeiados de creanças, seguiam atemorisados a scena, esperando ser chamados.

— Sr. dr. Brederodes, V. S. tem de funccionar

como curador de orphãos nos tres inventarios. Ha uns desvalidos que precisam da protecção legal de V. S., disse o escrivão, motejando.

O promotor teve um risosinho de satisfacção e veiu sentar-se á mesa.

— Não é possivel arranjar alguma fatia para mim n'esta festa? perguntou o dr. Itapecurú, n'um sorriso idiota.

— V. S. sabe que é depois, no fim do negocio, que se precisa da sua benção. Todos comerão do bolo...

— Bem, n'este caso, como nada tenho a fazer, emquanto os senhores preparam o prato, vou dar um giro ahi fóra.

Pondo o chapéo, assestou o monoculo nos intimados e sahiu magestoso, seguido pelo sorriso zombador dos que ficavam.

— Viuva Schultz! chamou Pantoja.

Depois de alguma hesitação, uma camponeza alta, ainda moça, se approximou.

— Ha quanto tempo seu marido é morto? perguntou o escrivão, iniciando o interrogatorio deante da apathia do juiz municipal.

— Ha dois annos.

— Sempre o mesmo... Ninguem cumpre a lei; aqui todos herdam sem a menor cerimonia... Isto vae acabar. Juro.

Em seguida, passou a tomar as primeiras declarações da viuva, que triste e subjugada por aquelle apparato judiciario, ia respondendo docilmente a

tudo. O juiz municipal e o promotor, despreoccupados da audiencia, levantaram-se e foram entretidos para a janella. A mulher a cada passo soffria descomposturas insolentes de Pantoja, e um immenso pejo a assaltava.

— Quantos pés de café tem a sua colonia?

— Quinhentos...

— Só? Não minta... sinão temos conversa no Cachoeiro.

— Mas, senhor, póde ser que tenha mais ou menos, não contei um por um, meu defunto marido avaliava em quatrocentos... eu plantei uns cem n'estes dois annos.

— Bem, eu arredondo a cifra.

E calado, sem nada dizer á interessada, que, além de tudo, não sabia ler o portuguez, escreveu:

— Mil e quinhentos pés de café.

Continuava Pantoja a lançar os termos do inventario, segundo o seu velho processo de tudo fazer elle mesmo, augmentando descaradamente o valor dos bens para accrescer os seus lucros. Depois de algum tempo, disse á colona:

— Agora póde ir. D'aqui a duas semanas appareça no Cachoeiro, no meu cartorio, para receber os seus papeis.

A mulher ia se retirando, radiante de allivio.

— Espere lá!... Que desembaraço! Ainda não lhe disse o principal, observou com accento escarninho o « maracajá ».

N'um papel escreveu varias parcellas, sommou-

as resmungando e disse comsigo afinal : — Cento e oitenta mil reis.

— Está direito: olhe leve comsigo o dinheiro das custas. Trezentos mil reis. Ouviu?

— Trezentos mil reis!... Trezentos mil reis!... Meu senhor!

— Não tem meu senhor nem nada; aqui não se faz esmola... e dê-se por muito feliz, porque não houve demanda. Si tivesse de metter um advogado, é que havia de ser bonito... Trezentos mil reis. Nada de conversa e bico calado. Si eu souber que vosmecê andou batendo a bocca pelo mundo, tem de se haver commigo.

A colona lançou olhos de supplica para os dois magistrados, que continuavam indifferentes a sua palestra. Sem um apoio, esmagada, sahiu cabisbaixa da sala da audiencia. Pantoja chamou o colono, que esperava a sua vez de ser apregoado. E depois de repetir com elle a mesma cousa, passou a se occupar da ultima intimada.

A mulher, vestida de luto, muito baixa e ainda joven, com um ar apatetado e longinquo, o ar da miseria, approximou-se. Uma filha de cinco annos segurava-lhe o vestido e ella carregava ao collo outra, cuja cabeça dourada se realçava radiante por entre a pretidão das roupas da mãe.

Paulo Maciel, cançado de estar em pé, veiu sentar-se no seu logar e interessou-se um pouco por esse grupo.

— É viuva ha pouco tempo? perguntou elle.

— Dois mezes..., respondeu a moça.

— E desde quando está no Brasil?

— Ha um anno apenas... Meu marido, que já vinha doente do peito, não durou muito...

— Estavam principiando a vida... Não é verdade?

— Apenas houve tempo de levantar a casa, fazer o roçado para a plantação... Não se plantou nada.

— É triste! E como vive você? inquiriu compassivo.

A mulher ficou pensativa sem responder.

— Naturalmente tem algum amigo que substitue o defunto, disse Pantoja, para se vingar do interesse do juiz, o que elle, habituado a fazer tudo, considerava como uma invasão dos seus privilegios.

Paulo Maciel, para evitar uma discussão com o subalterno, no fundo de todos elles temido, fingiu não ouvir.

A colona, afinal, disse:

— Estou em trato para vender a minha casa e vou me empregar como creada em outra colonia.

— No fim de contas, seu Pantoja, opinou Maciel, não ha inventario a fazer. É melhor mandal-a embora.

— Como é isto? disse tremulo o escrivão. V. S. tem competencia para dispensar na lei? Ora, esta é muito boa... Que diz a isto, dr. Brederodes

V. S. é o principal interessado... Trata-se de orphãos.

— Não concordo na dispensa do inventario, acudiu vivamente o promotor... E si o senhor não quer fazer ex-officio, dr. Juiz municipal, eu requeiro.

Paulo Maciel ficou sem saber o que dizer deante de taes attitudes. O seu sentimento era suspender, prender este escrivão insolente, seu subordinado legal; era dispensar o inventario, era ainda por cima dar dinheiro do seu bolso á desgraçada e mandal-a embora, envolvendo-a n'um clarão de bondade. Mas para isso, que somma de energia, de fluido nervoso, não precisava de consumir!... Valeria a pena? As suas poucas forças o trahiram, e a intelligencia fina, distincta descortinou-lhe, perfida, o desenrolar de uma lucta com os seus collegas, com esse escrivão chefe politico, mandão da localidade, lucta ingloria em que elle não se queria estragar... Os juizes passam e os escrivães ficam.

— Está bom, cheguemos a um accordo. Faça-se apenas um arrolamento summario dos bens, em vez de um inventario formal, propoz com uma voz fatigada. Pantoja mediu-o triumphante.

— Isto é uma novidade para illudir a lei... aqui está o formulario official e V. S. não me mostra esses arrolamentos. Inventario é inventario, sr. dr., respondeu o escrivão, apossando-se da situação que o superior lhe abandonava.

— Homem, deixe de luxos, seu Maciel, disse o promotor. Que mal ha em fazer-se o inventario?

— Que mal?... obrigar esta pobre mulher a pagar mais custas... É pouco?

— As custas são o azeite da machina do fôro... objectou alegremente Pantoja.

E o inventario foi feito como os outros, com as mesmas extorsões e violencias. No fim, quando o escrivão intimou a colona a que lhe désse duzentos mil reis, esta começou a chorar.

— Deixemos de scenas... Querem obrigar a Justiça a trabalhar de graça... Era só o que faltava.

— Mas não posso arranjar tanto dinheiro.

— Venda a casa.

— Sim, meu senhor, vou vender o que tenho para pagar as dividas de meu marido, dividas da molestia e depois trabalhar para outras novas.

— Primeiro a Justiça... Si não quizer nos pagar, não venderá a casa nem o roçado; eu prendo os papeis, e agora vamos vêr.

— Capitão Pantoja... ia dizendo o juiz municipal.

— Deixe o caso commigo, atalhou o escrivão, colerico e intratavel. V. S. é rapaz, não entende d'isto, veiu hontem ao mundo, mas a mim ninguem me embaça... Lagrimas!... Todas ellas choram.

E voltando-se para a colona :

— Vá, á mulher moça não falta dinheiro...

Deu uma risada secca. Atordoada como uma

somnambula, a colona sahiu, arrastando os filhos.

Depois do almoço, os animaes estavam sellados para a partida. O dia era abafadiço e dominado pelo sol, que mantinha sempre com a luz poderosa um grande silencio. Os juizes vieram para montar, ajudados pelo meirinho e pelo dono da casa. Pantoja chegou-se ao grupo e disse ao promotor, apontando o colono :

— Ainda não tive a minha conversa aqui com o amigo.

E batendo no hombro de Franz Kraus, que o fitou espantado da intimidade, accrescentou n'um gesto de ironica cortezia :

— Muito obrigado pela hospedagem, camarada... mas ainda falta alguma coisa.

— Que é ? interrogou inquieto o colono.

— As nossas custas, meu amigo. Você póde... E por isso dê-nos logo. Está me cheirando mal o fiado... vá buscar... Quatrocentos mil réis.

O homem vacillou, como para cahir. Uma vertigem o ia tomando; na garganta a voz morreu-lhe n'um espasmo. O escrivão empurrou-o de manso, dizendo-lhe zombeteiro :

— Vá, amigo, não se espante. Olhe que o negocio podia ser peior... Advogados, demandas, penhoras...

Sob aquella pressão, o colono foi caminhando automaticamente para a casa.

— Bravo, capitão, o senhor é de força, observou lisonjeiro o juiz de direito.

— Ainda não viram nada, respondeu o escrivão, estimulado.

Depois de alguma demora, que os ia impacientando, appareceu o velho Kraus. Tinha os olhos vermelhos, as faces inchadas e rubras. Chorára.

Pantoja recebeu o dinheiro e contou. O colono olhava-o, mudo e abatido.

— Muito bem. Agora tudo está em ordem. Fiquemos bons amigos. Procure os papeis no cartorio, no fim do mez.

E montou. A cavalgada partiu.

— Parabens, disse Itapecurú a Paulo Maciel; está chovendo na sua roça.

O juiz municipal, sem dar-lhe resposta, olhou-o com um grande nojo.

Em pé, no meio do terreiro, de chapéo na mão, a cabeça ao sol, o colono via com os olhos desvairados a Justiça sumir-se na estrada... E quando Ella desappareceu e tudo voltou ao socego profundo, ficou elle longo tempo com a vista pregada na mesma direcção... Subitamente, n'uma raiva immensa e cobarde, murmurou olhando medroso para os lados :

— Ladrões!

VII

Continuava Maria na colonia de Franz Kraus no seu mesquinho penar. Desesperada da volta de Moritz, vigiada pelos olhos cúpidos e inquisidores dos velhos, vivia como uma louca, volteando apatetada pela casa, nos serviços domesticos, e sem poder dormir noites e noites na afflictiva ancia de querer salvar-se da deshonra, que o tempo indifferente e implacavel trazia cada vez mais á flôr. Assaltava-a muitas vezes um desespero de fugir, de ir para longe, desconhecida e forte, sem preoccupações alheias, esperar que das proprias entranhas lhe viesse a salvação e o consolo do futuro... Outras vezes definhava languidamente, preza de um grande temor, de uma immensa e mofina vergonha, e queria morrer. Mas fraca, cobarde, as forças não lhe acudiam para qualquer resolução, e ella se deixava ficar na colonia e na vida, no mesmo ruminar de desespero e de agonia...

Os velhos não tinham mais illusão sobre o estado da rapariga, e vendo-a mover-se pela casa, n'um passo tropego, com o ar transfigurado que lhe punha a amargurada maternidade, sentiam um odio surdo contra ella, erguida alli como um estorvo ao desafogo da ambição d'elles. Viam desfeito o casamento do filho com a herdeira dos Schenker; tudo fôra tarde, diziam inconsolaveis. E agora passavam os dias muito unidos, em cochichos de vingança ou em planos para se vêrem livres de Maria. Mas as suas cabeças não eram inventivas, nem mesmo para a maldade; ficavam irresolutos, com medo de processos, subjugados pelo infinito e crescente terror que lhes deixára a visita da Justiça. E d'este modo, a vida n'aquella colonia era uma tortura para todos. Não se conversava mais, não havia mais o esquecimento do tempo, mais a indifferença pela existencia, que é o unico encanto d'esta. A todo o momento eram ralhos e insultos, eram exigencias de serviço á pobre rapariga, na doentia obsessão de vêl-a abandonar a casa. Já lhe não davam quasi comida, dobravam-lhe os trabalhos, e era com desespero nevrotico que viam a misera inabalavel, sem um movimento de revolta, n'um constante gesto de somnambula.

Assim viveram algum tempo esses desgraçados. E, como uma manhã, Maria, já fatigada de trabalhar, com as mãos tremulas, tomada de um suor frio, deixasse cahir um prato, que se quebrou, a velha Emma enfureceu-se e começou a insultal-a

n'um berreiro. Franz correu á cozinha, e transbordando-se-lhe o odio, avançou colerico para Maria que, intimidada, ia recuando, fugindo atordoada do alarido. E foi então que Emma gritou :

— Miseravel... Vae-te embora... Sáe... Sáe...

O marido, communicado do mesmo furor, agarrou uma acha de lenha e brandiu-a, n'uma ameaça de morte :

— Fóra, canalha... Fóra, ordinaria.

Maria correu ao quarto, querendo se refugiar; o velho alcançou-a e com violento empurrão impediu-a de fechar a porta; a rapariga, livida, offegante, collou-se á parede, protegendo o ventre com as mãos. Franz estacou deante d'ella, rangendo os dentes, uma baba viscosa a escorrer-lhe da bocca contorcida. Emma segurou a moça pelo braço, que apertou com violencia, e ordenou-lhe :

— Parte, peste... Carrega teus trapos, suja... Vae-te d'aqui...

A rapariga obedeceu automaticamente. A excitação dos velhos, de subita que fôra, não deixava de prolongar-se, e foi debaixo de maldições, de pragas rancorosas, que a misera entrouxou algumas roupas.

— Fóra e já... berrava Emma, possessa.

Maria sahiu para o terreiro e, levada pelo impulso das ordens violentas, caminhava firme, sem hesitação, para o desconhecido. Por entre a folhagem verde os seus cabellos descobertos iam espa-

lhando o fogo do sol... Não dizia uma palavra, não mumurava uma queixa.

Era uma estatua marchando, e os olhos grandes e limpos tinham o lustre crystallino e secco dos frios espelhos...

Atraz, seguia-lhe no encalço, como um latido de cão, a voz de Emma :

— Vae, miseravel... Vae, perdição de minha casa... Maldita!

Maria andou algum tempo, inconsciente e desvairada. Sob a grande e funda emoção as idéas tinham-se congelado, emquanto a sua visão dilatada ia notando e retendo os pequenos incidentes da paizagem. Uma arvore cortada, um cafesal verde, um fio d'agua, um reflexo de sol, um animal que se movia no fundo negro da matta, tudo era apanhado pela sua aguçada retina. E foi caminhando, sem dar fé da sua direcção, até que lhe chegou a fadiga da energia em que se mantinham os nervos, trazendo-lhe uma sensação de desanimo, que lhe entorpecia os passos e lhe despertava a consciencia... Via-se expulsa da velha casa que lhe fôra o lar, o jardim, o mundo !... E na memoria os quadros da sua vida desde a infancia... Tudo cortado...Tudo acabado, sem explicação, n'um impeto de colera, cuja razão não percebia bem... Quiz tornar á casa, entrar sem rancor, desmanchar com o sorriso o pesadelo monstruoso... Sim, voltar, voltar! Mas quando se dispunha a retroceder, reconheceu, n'uma insondavel desolação, que des-

vairava, imaginando poder tão simplesmente restabelecer o que estava extincto. Parada, com a cabeça pendida sobre o seio, os olhos embebidos no proprio corpo, chorava.

Uma vaga inquietação de não encontrar um pouso, um abrigo n'aquelle deserto, começou a agital-a, dando-lhe animo para proseguir no silencio da estrada. Encaminhou-se para os logares mais invios, pois um grande pejo a afastava das casas conhecidas.

Não tardou que o seu appello de salvação fosse para o pastor de Jequitibá. Desde aquella manhã da missa, não o tornára a vêr mas da sua timida e doce figura de camponio ficára-lhe uma agradavel impressão. Na pequena alma de mulher rustica e simples de Maria houve um rebate de esperança, que ella seguiu confiadamente.

Quando, depois de duas horas de marcha, a rapariga avistou a egreja e a morada do pastor, um sobresalto de terror sacudiu-lhe o corpo. Mas foi instantanea a hesitação, porque a falta absoluta de outro apoio no mundo lhe impunha uma extranha intrepidez.

Começou a subir. A paizagem era limpa, e os dois pequenos edificios de atalaia davam maior tristeza á solidão. Lembravam habitações humanas perdidas no deserto, lembravam o isolamento, o sacrificio, o abandono... E á proporção que Maria subia, recordava-se da ultima festa da colonia, e com a saudade ia enchendo, povoando de gente,

de vozes e gestos, de movimento, de vida, o vazio descampado das montanhas e dos valles calados. Ella recompunha tambem os instantes em que vira Milkau e levada por essa corrente de evocações ia scismando com a musica do harmonium que soava na capellinha, emquanto elle dormia...

Quando chegou ao alto viu a terra em roda da casa, talhada e preparada para jardim, o que era a paixão do novo pastor. De uma porta aberta vinham vozes de creanças soletrando, monotonas e cantantes. Era ahi a escola regida pela irmã do padre. Maria passou cabisbaixa, e a voz infantil, mais forte e estridente, deu-lhe um tremor. Olhou de soslaio, e viu uma sala escura, uma mulher de preto no fundo, na parede uma cruz negra envolta no sudario, cabeças alvas de creanças movendo-se curiosas para ella. Passou adeante e em face da porta fechada da casa tremeu mais. De dentro nenhum outro rumor vinha para abafar a voz da creança na escola, que proseguia desarticulada, sinistra, infatigavel... Maria quiz fugir, mas o medo da solidão, da montanha deserta, o terror do recolhimento d'aquella casa arrancou-lhe as forças... Alagada em suor frio, desfallecida um instante, atirou ao chão a trouxa de roupa e apoiou-se á parede. Depois veiu-lhe um novo esforço de valor, e n'um impulso nervoso tocou a campainha, que retiniu alarmante n'aquelle repouso universal.

A mulher do pastor acudiu á porta, assustada

pelo barulho, com uma expressão de espanto que ainda mais atemorisou Maria. Afinal, depois de confusas explicações, entrou esta para falar ao pastor, que veiu logo á sala, onde a rapariga o esperava.

Quando Maria o viu, ficou petrificada. O homem, erecto como um soldado e vestido como um jardineiro, tinha uma voz de uma doçura inesperada e que se não casava com o seu porte rustico.

— Que deseja, minha filha?

Maria não respondeu. Poz os olhos no chão, muito vermelha e tremula. Depois, grandes lagrimas rolaram-lhe pelas faces.

— Vamos, que lhe aconteceu?... interveiu com meiguice Frau Pastor.

— Eu... eu... queria... um agasalho, respondeu soluçando a miseravel.

O pastor ficou confuso, achando extranho o pedido.

— Você não tem uma casa, uma colonia...? Nós não precisamos de mais creadas.. disse elle, sempre com a sua voz macia, que lhe sahia do peito de touro como um balido de ovelha.

Maria ficou calada. Frau Pastor approximou-se, bateu-lhe no hombro:

— Que lhe aconteceu? Perdeu seu emprego?

Agora, a este mofino contacto da piedade, Maria chorava sem pejo, abundantemente. As pessoas da casa, querendo arrancar-lhe alguma coisa sobre a sua situação e darem-lhe mais confiança,

proseguiam no interrogatorio. Pouco a pouco ella se foi acalmando, e pelo instincto da obediencia respondia, por entre lagrimas. Fóra, uma grande algazarra se fez e gritos festivos de creanças soltas se foram perdendo pela encosta da montanha abaixo. Era o alegre rumor da liberdade...

A irmã do pastor, rustica e marcial como elle, entrou na sala. O irmão explicou-lhe o assumpto, e essa mulher, severa e silenciosa, fiel aos seus habitos de nunca perguntar, esperou que tudo se explicasse. O pastor a temia, e ella o tinha submisso, amedrontando-o com as regras religiosas. Na casa, onde Frau Pastor era uma sombra do marido, a auctoridade da cunhada era decisiva.

— Vamos, dizia o sacerdote com o geito astuto do camponio, trocando um olhar com a irmã. — Vamos; ainda não me disse porque deixou a casa de Kraus... Como posso tomal-a sem saber de tudo?

— Não me quizeram mais... fui expulsa.

— Oh! Oh! Então o negocio é grave! Que falta commetteu você, filha, para tamanha punição?

A professora, que mirava com olhos devassadores a rapariga, interrompeu o inquerito com uma risada secca. Frau Pastor, temendo a explosão da cunhada, ergueu-se por instincto, para deixar a sala. Mas a curiosidade reteve a sua alma de creança.

— Ora, deixemos de comedia, clamou zombeteira a professora. Eu sei bem porque os seus

patrões, que devem ser gente honrada, a puzeram na estrada... Divertiu-se? Porque chora? Temos nós culpa dos seus prazeres? Olhe, mulher, já que entrou n'esse caminho, não era para aqui que se devia dirigir. Esta é uma casa de respeito, a morada de Deus. Vá para a sua vida... Vá... Fóra...

Era o grande odio, o maior de todos, o que vem do sentimento sexual, a incendiar a irmã do pastor. Não era ella a mulher incompleta, a inabalada, a torre fechada, emquanto a outra, a mesquinha Maria, era a perturbadora, a consoladora, a amiga do homem?

— Oh! minha senhora, que mal lhe fiz?...

Ergueu-se da cadeira o pastor e muito solemne, com aquella maldita e doce voz, disse:

— Em nossa casa não se encontra o prazer; aqui é o logar do amor de Deus. Vá, regenere-se. Lembre-se de que todo o peccado tem uma punição. O seu é horrivel. Desencadeiou-se a ira do Senhor...

Maria cessou de chorar e pensou espantada que alli tambem todos estivessem loucos. Um olhar de piedade infantil escapava de Frau Pastor. Mas era uma compaixão sem agasalho, inane, medrosa. Maria lh'o retribuiu, e talvez o coração, que tudo faz comprehender, lhe inspirasse maior piedade por aquella esvaida sombra de gente. O pastor empurrou-a de leve para a porta, acariciando-a paternalmente.

E ao passo que a rapariga ia deixando a casa, a

voz do padre se revistia de um accento cada vez mais delicioso de ternura :

— Vá, filha... minha pobre filha, que pena! Como soffro em não poder conserval-a em minha casa... Si este logar não fosse sagrado... Si não fosse terrivel a morada de Deus! Vá, filha, vá!

E quando Maria se viu no alto da montanha e olhou deslumbrada, allucinada, a voz do pastor ainda lhe cantava ao ouvido :

— Vá, filha, cuidado na descida, cuidado com os caminhos... Isto aqui é muito solitario.

Depois, a porta fechou-se, e tudo o que era humano alli desappareceu n'um immenso silencio. Ficando só, Maria, arrastada pelo medo e por um assomo de vergonha, começou a descer a montanha correndo e na sua febre sentia-se como que apertada, suffocada pelos morros e enterrando-se n'elles. Ao chegar abaixo, á cruz das estradas, poz-se a caminhar pela que levava a Santa Thereza. No seu coração innocente, na sua intelligencia confusa, todas as scenas violentas d'esse dia se misturavam extranhas como n'um pesadelo. Era o soffrimento animal n'uma alma rudimentar; e o que a impellia para a frente era um vago terror da noite, o desespero do desamparo na matta. Transmontava o sol, e as encostas dos morros, os valles apaziguados e, emfim, livres do grande incendio do dia, embebiam-se na luz serena da tarde. Transformava-se a expressão das coisas; as primeiras sombras, deitando-se longas, preguiçosas

como tomadas de somno sobre a relva avelludada e voluptuosamente verde; os pequenos ventos acalmando a febre da terra inflammada; a viagem dos passaros na limpidez do céo, dilatado pela claridade crystallina do ar...

No fundo do valle Maria viu um nucleo de colonias engastadas na vegetação. Das chaminés sahia fumaça, e áquella hora, em cada uma das casinhas da matta brasileira, as familias dos emigrados se reuniam n'um olvido feliz, e em torno da mesa esperavam a ceia... A miseravel sentou-se desalentada sobre a borda do morro com a vista perdida nas habitações. Aos seus ouvidos subiam vozes humanas, que ella escutava, como uma musica sussurrante, deliciosa... Outra fraqueza a pungia, que não era só o cançaço da corrida, a fadiga angustiosa da maternidade, mas o vacuo da fome, alli, na opulenta terra de Chanaan... Maria teve o impeto de se precipitar do alto sobre as casas que estavam a seus pés, sentindo-se attrahida pelo feixe de forças humanas, reunidas n'aquellas vivendas. E, então, impellida pelo imperioso desejo de partilhar o conchego, o calor, a sympathia dos semelhantes, Maria, esquecida da sua triste situação, sem o menor pejo, arrebatada pela fome, ergueu-se e desceu rapida para o grupo de casas.

Quando ahi chegou, não havia ninguem fóra. Os cães a receberam n'um atroador alarido, mas ella proseguia pelo terreiro a dentro e com sua calma de louca tornava inoffensivos os animaes. Da

primeira morada sahiram para vêr a razão do alarma. Homens e mulheres chegaram á porta, ainda mastigando e aborrecidos de ser interrompidos. Ao enfrentar a gente, a fugitiva como que despertou e ficou intimidada, sem saber o que dizer. Assaltaram-na de perguntas. E como no seu enleio a miseravel respondesse por disparates, alguem disse :

— É com certeza uma maluca,

Foi um panico, que se communicou subitamente, e todos se julgaram em presença de alguma perigosa doida vagabunda. Correram as mulheres para o interior da casa, os homens pegaram em páos e avançaram para ella, amedrontando-a.

— Fóra, maluca, fóra.

Maria recuou escorraçada, sem perceber bem o que se passava. Os cães excitados ladravam furiosamente, e das outras casas a gente sahia para o pateo, fazendo côro com os vizinhos, n'um grande berreiro.

— Fóra, maluca! maluca!

A moça fugiu n'uma desabalada corrida. Homens e cães a perseguiram alguns momentos, raivosos e ululantes :

— Maluca, maluca...

Já Maria voltára á estrada, e ainda continuava mesmo offegante a correr, fugindo espavorida para longe d'aquelle ponto. Na sua carreira chegou até uma pequena matta que o caminho cortava. A claridade da tarde ahi dentro esmo-

recia ainda mais. Maria parou, com medo de penetrar na sombra, e, postada na abertura da floresta, tomada de um calafrio, espiou para dentro, até perder os olhos na outra longinqua porta de luz. Pela estrada interior iam e vinham borboletas enormes, azues e pardas, n'um vôo captivo e arquejante... Maria ficou pregada á beira da matta, sem animo para entrar, sem animo para fugir, e uma inexplicavel e funda attracção por aquelle sombrio e tenebroso mundo a retinha extatica... Das mãos tremulas e despercebidas cahiu-lhe a trouxa de roupa. Exgottada de forças, aterrada, vendo-se colhida em pleno deserto pela noite, desamparada, batida, a mesquinha derreou-se aos pés seculares de uma arvore, e de olhos dilatados, ouvidos apurados, ella espreitava o rumor e o curso das coisas... E o poder de visão redobrava á medida que a sombra surgia mysteriosa nos meandros da floresta, como o bafo vaporoso, impalpavel da Terra... Na sua imaginação perturbada sentia a natureza toda agitando-se para suffocal-a. Augmentavam as sombras. No céo, nuvens colossaes e tumidas rolavam para o abysmo do horizonte... Na varzea, ao clarão indeciso do crepusculo, os seres tomavam ares de monstros... As montanhas, subindo ameaçadoras da terra, perfilavam-se tenebrosas... Os caminhos, espreguiçando-se sobre os campos, animavam-se quaes serpentes infinitas... As arvores soltas choravam ao vento, como carpideiras phantasticas da natureza morta... Os

afflictivos passaros nocturnos gemiam agouros com pios funebres. Maria quiz fugir, mas os membros cançados não acudiam aos impetos do medo e deixavam-na prostrada em uma angustia desesperada.

Os primeiros vagalumes começavam no bojo da matta a correr as suas lampadas divinas... No alto, as estrellas miudas e successivas principiavam tambem a illuminar... Os pyrilampos iam-se multiplicando dentro da floresta, e insensivelmente brotavam silenciosos e innumeraveis nos troncos das arvores, como si as raizes se abrissem em pontos luminosos... A desgraçada, abatida por um grande torpor, pouco a pouco foi vencida pelo somno; e deitada ás plantas da arvore, começou a dormir.. Serenavam aquellas primeiras ancias da Natureza, ao penetrar no mysterio da noite. O que havia de vago, de indistincto, no desenho das coisas transformava-se em limpida nitidez. As montanhas acalmavam-se na immobilidade perpetua; as arvores esparsas na varzea perdiam o aspecto de phantasmas desvairados... No ar luminoso tudo retomava a physionomia impassivel. Os pyrilampos já não voavam, e myriades e myriades d'elles cobriam os troncos das arvores, que faiscavam cravados de diamantes e topazios. Era uma illuminação deslumbrante e gloriosa dentro da matta tropical, e os fogos dos vagalumes espalhavam ahi uma claridade verde, sobre a qual passavam camadas de ondas amarellas, alaran-

jadas e brandamente azues. As figuras das arvores desenhavam-se envoltas n'uma phosphorescencia zodiacal. E os pyrilampos se incrustavam nas folhas e aqui, alli e além, mesclados com os pontos escuros, scintillavam esmeraldas, saphiras, rubins, amethystas e as mais pedras que guardam parcellas das côres divinas e eternas. Ao poder d'essa luz o mundo era de um silencio religioso, não se ouvia mais o agouro dos passaros da morte; o vento que agita e perturba, calára-se... Por toda a parte a bemfazeja tranquillidade da luz... Maria foi cercada pelos pyrilampos que vinham cobrir o pé da arvore em que adormecêra. A sua immobilidade era absoluta, e assim ella recebeu n'um halo dourado a cercadura triumphal; e interrompendo a combinação luminosa da matta, a carne da mulher desmaiada, transparente, era como uma opala encravada no seio verde de uma esmeralda. Depois os vagalumes incontaveis cobriram-na, os andrajos desappareceram n'uma profusão infinita de pedrarias, e a desgraçada, vestida de pyrilampos, dormindo imperturbavel, como tocada de uma morte divina, parecia partir para uma festa phantastica no céo, para um noivado com Deus... E os pyrilampos desciam em maior quantidade sobre ella, como lagrimas das estrellas. Sobre a cabeça dourada brilhavam reflexos azulados, violaceos e d'ahi a pouco braços, mãos, collo, cabellos sumiam-se no montão de fogo innocente. E vagalumes vinham mais e mais, como si a flo-

resta se desmanchasse toda n'uma pulverisação de luz, cahindo sobre o corpo de Maria até o sepultarem n'uma tumba magica. Um momento, a rapariga inquieta ergueu docemente a cabeça abriu os olhos, que se deslumbraram. Pyrilampos espantados faiscavam relampagos de côres... Maria pensou que o sonho a levára ao abysmo dourado de uma estrella, e recahiu adormecida na face illuminada da Terra...

O silencio da noite foi perturbado pelas primeiras brisas, mensageiras da madrugada. As estrellas abandonam o céo, os vagalumes vão se apagando medrosos e occultando-se no segredo das selvas, emquanto os seus derradeiros lampejos na matta se misturam ao clarão do dia nascente, formando uma luz turva, indecisa, incolor. Na arvore que agasalha Maria, começa o canto dos passaros, e, sem tardar, de todos os galhos da floresta sáe uma nota musical, que enche os ouvidos da mulher com o accento de uma felicidade inextinguivel. E aves surgiam, e tudo se esclarecia de outra luz, e o ruido começava, e um perfume concentrado durante a noite espalhava-se, capitoso, pelo mundo despertado. Abandonada pelos pyrilampos, despida das joias mysteriosas, Maria foi emergindo do sonho, e a sua innocencia de todo o peccado, a sua perfeita confusão com o Universo acabou ao rebate violento da consciencia. E a infatigavel memoria lembrou-lhe a agonia. Maria conheceu-se a si mesma. Arrancada pelo pavor

dos perigos porventura passados n'aquelle deserto, ergueu-se de um salto e partiu correndo. E emquanto atravessava a matta, apezar do medo que a tomára, na sua lembrança persistia um clarão, que lhe descia d'essa miragem entrevista no espectaculo da noite maravilhosa. E quando chegou aos caminhos descobertos, já encontrou o sol, a cuja temivel potencia morreu toda a illusão do sonho.

A miseravel marchou seguidamente duas horas, passando já por desertos, que lhe engrandeciam a desolação, já por valles repletos de colonias, que lhe recordavam a sua vida de hontem. Em todas as casas começava com o dia o trabalho; vultos de mulheres moviam-se em roda das vaccas, na densa evaporação dos curraes; homens rachavam tóros de lenha; creanças corriam nos terreiros limpos, e de todas as chaminés aquelle suave e ineffavel fumo da manhã, que annuncia, sem pejo da fome alheia, a fartura do homem. Maria continuou a subir as montanhas até ao alto de Santa Thereza. Quando ahi attingiu, ficou mais timida, receiosa de perturbar com o seu ar de vagabunda a serenidade da população activa e silenciosa do logarejo. E foi n'um grande rubor, gerado da acabrunhadora humilhação, que se dirigiu, vacillando, para a estalagem.

Na taberna que era o unico pouso d'aquellas alturas, viajantes tomavam a primeira refeição da manhã. Maria ficou parada á porta, n'uma postura

de mendiga. A dona da casa, occupada em servir, não reparou n'ella, mas a filha, menos atarefada, vendo-a, veiu á porta inquirir de que necessitava. Com a voz sumida, Maria disse que tinha fome. A joven a convidou a entrar, mas depois, como que arrependida, deixou-a bruscamente e foi falar á mãe. A estalajadeira veiu examinar a foragida, e quando esta lhe explicou que buscava abrigo e trabalho, a velha perguntou :

— E que dinheiro traz você?

Maria, que não tinha pensado n'isso, ficou embaraçada em responder. A outra insistiu. Afinal, a rapariga confessou que nada trazia.

— E então como quer você que lhe dê de comer?

Maria fitou-a aterrada, com os olhos seccos e vidrados. A estalajadeira tornou :

— Mas que traz você ahi n'esse embrulho?

A mendiga abria-o para lhe mostrar as roupas, quando de dentro os passageiros gritaram pela dona da casa, insultando-a. A velha virou como um corropio, dizendo :

— Bem, entre para a cozinha, que já lhe falo.

A moça atravessou o corredor sem olhar para o refeitorio. Na cozinha onde entrou, uma massa repulsiva movia-se como uma lesma, ao lado do grosseiro fogão de barro. Era a creada do albergue. E Maria teve um confrangido asco, não ousando sentar-se, esperando de pé, n'um embrutecimento de faminta, a comida que lhe iam dar.

Os viajantes partiram, e a estalajadeira foi á cozinha. Depois de examinar o que Maria trazia, declarou :

— Por esta roupa, dou-lhe comida e dormida dois dias.

E foi se apoderando da trouxa, deante da complacente apathia da rapariga, a quem deu um pedaço de pão e uma tigela de café. A desgraçada, cheia de fome, comeu n'uma volupia desprezivel.

Maria passou o dia inteiro a vagar pela povoação, e por toda a parte aonde chegava, ia despertando a curiosidade e dando a impressão de tristeza que apavorava a descuidada gente do logar. Ninguem lhe falava; e ella, absorta, alheia, rolava vagarosa, arrastando-se como um animal empestado.

Mergulhada na desgraça, Maria ia rapidamente sendo governada por uma velha alma mais rudimentar, mais primitiva, que recalcava todos os ligeiros vislumbres de uma sensibilidade menos grosseira. E para o meio-dia, era quasi sem pudor que pedia trabalho de casa em casa. Ninguem a queria : repelliam-na, escorraçavam-na, n'um instincto de apertada defesa. Alli na tranquillidade do povoado, na conchegada e bonançosa vida aldeã, não era ella o extranho phantasma da miseria ?

Á tarde, depois do jantar, quando o sol baixava, a população se apresentava á porta das casas, repousada e esquecida. No meio da felicidade dos outros, sentiu Maria crescer a sua solidão. Per-

correu a estrada que corta Santa Thereza e foi até ao fim, onde acabava a povoação; quiz ir além, pela matta a dentro, mas não teve animo de se afastar d'aquella atmosphera de desespero, de se evadir do raio do calor humano. Voltou.

Naquella primeira noite, quando foi a hora de se recolher ao albergue, a dona d'este mostrou-lhe um colchão estendido n'um quarto infecto.

— Está ahi a sua cama.

Alumiada por uma candeia de luz mortiça, a infeliz ficou um instante só. O bafio do quarto tonteou-a, e n'uma vertigem ella cahiu, desalentada sobre o colchão de palha podre. Não tardou que um vulto entrasse no quarto e fosse sentar-se n'outro monturo de palhas, que ficava em frente áquelle em que se achava Maria. Era a velha creada. Tirou o casaco e ficou em camisa e saia, mostrando uma magreza de bruxa. Os cabellos despenteados cahiam-lhe sobre o pescoço; á luz turva os olhos brilhavam n'um fulgor de loucura. Sobresaltada deante da megera, a moça permaneceu petrificada, na mesma postura, e foi com um revoltado nojo que viu na tibia claridade a sua companheira metter a mão esqueletica na palha nauseabunda e retirar d'alli um pedaço de carne, que começou a devorar.

As duas miseraveis não se falaram. Mas os olhos da megera se incendiavam de odio contra a rapariga, que lhe apparecia como uma inimiga, a invasora do seu circulo de independencia n'aquelle immun-

do aposento, que ainda assim era o refugio da inclinavel liberdade. Vencida pela prostração, não tardou muito a tombar dormindo sobre a palha. Maria acompanhava o arfar d'aquelle corcovado corpo e o latejar das grossas arterias, e com inquieto receio não podia dormir. Tudo a prendia á vigilia, o medonho quarto, o máo cheiro e o terror da bruxa. E quando ia cabeceando, derrubada por alguma rajada de somno, via n'um instantaneo pesadelo a velha erguer-se, livida, satanica, alongando as mãos de esqueleto, para a estrangular. Despertava convulsa e, gelada, espichava a cabeça até junto da outra, que continuava a dormir.

Pela noite a dentro, no maior silencio da casa, ratos começaram a surgir no quarto. Guinchando, farejando, corriam doidamente; passeiavam pelo corpo da velha como sobre um cadaver, e no seu colchão comeram os restos de carne que ella deixára. Maria sentiu-se endoidecer de pavor. Os ratos largaram a comida e continuaram a sua infatigavel investigação no aposento, indo e vindo a todos os cantos, incessantes, irrequietos. A lamparina principiou a se extinguir, crepitando, e o quarto, ora se escurecia, ora se illuminava em successivos relampagos, até cahir tudo n'uma profunda escuridão... Maria, sempre alerta, acompanhava o ruido aterrador dos ratos, e semi-morta sentiu passar sobre a cabeça o vôo tenebroso de um morcego...

Correram os dois dias marcados pela estalajadeira, sem que Maria pudesse encontrar trabalho;

suas implorações e suas supplicas eram desdenhadas, e n'um instante a sua miseria tornou-se o ludibrio da gente amparada e farta d'aquelle retiro do mundo. A dona do albergue intimou-a a deixar a casa, e Maria teve um panico terrivel em se vêr de novo obrigada a bater as estradas, sem pão e sem guarida. Desatou a chorar, atirando-se aos pés da velha para que a deixasse permanecer alli até encontrar um emprego. A filha, abalada por tanta miseria, teve animo para intervir e Maria ficou na hospedaria como creada, em companhia da outra. E assim viveu alguns dias, apathica, esmagada, mas n'esse maldito apego á vida, que é o alimento da desgraça.

Uma manhã, Milkau em viagem para o Porto do Cachoeiro, onde ia comprar mantimentos, almoçava socegadamente no albergue de Santa Thereza, quando viu Maria passar no corredor, entrando da rua. Apezar da miseravel situação em que ella estava, Milkau reconheceu a sua joven companheira do baile de Jacob Müller, e que entrevira primeiro na capella de Jequitibá, n'um delicioso momento. Ficou um instante pensativo, procurando explicar por vãs conjecturas o novo encontro. Depois de alguma hesitação, chamou a dona da casa e perguntou-lhe quem era a mulher que elle acabava de vêr.

— Ah! disse ella, é uma vagabunda que recolhi. Não sei d'onde veiu; appareceu aqui sem um vintem e tanto chorou que a fui deixando ficar...

— É sua creada hoje?

— Qual! Um trambolho... O que ella me faz não é nada em relação ao que eu lhe faço. O melhor é que se vá para outras bandas; aqui ninguem a quer. Tambem era só o que faltava! Aquillo no estado em que está, sem eira nem beira, desmoralisa uma casa... E então breve, que tem de ir para a cama...

Essa linguagem atordoou o espirito de Milkau. Promptamente pediu que chamasse a rapariga, e a velha, obedecendo, retirou-se. Milkau n'uma grande afflicção interrompeu o almoço. Alguns momentos depois, a estalajadeira entrava empurrando Maria, que, tendo por sua vez reconhecido Milkau, vinha arrastada, com immensa vergonha. Vendo-o agora, poz-se ella a chorar. Milkau levantou-se commovido e procurou acalmal-a. A dona do albergue, espantada da scena, motejava:

— Olhem, vejam só, coitadinha... Está-se a lhe arranjar emprego e ainda fica amuada. Esta não quer me largar a sopa!...

Não continuou, porque da cozinha a chamaram, e ella acudiu para lá, deixando Milkau e Maria a sós. A confiante meiguice das palavras de Milkau a decidiu a contar-lhe a sua desventura. Por vezes, embaraçava-se vergonhosa, e delicadamente Milkau a desviava dos pontos intimos e mais dolorosos. Maria, porém, retomada de um inesperado ardor, abria-lhe todos os cantos da sua humilde existencia. E quando n'aquella sala da hospedaria

Milkau acabou de ouvir a narrativa, poz-se a scismar. Era a primeira vez em que na sua vida nova se esbarrava com a Desgraça... E n'um instante esse encontro lhe apagava todos os longos mezes de felicidade, de resurreição. A dôr impunha-se com a sua força solemne, devastadora, e os sentimentos de Milkau galopavam para o passado, mergulhando-se outra vez nos cyclos sombrios do soffrimento, d'onde pensára ter-se libertado para sempre... Si elle não désse ouvidos, si passasse adeante, deixasse no caminho a miseria alheia e continuasse no seu embevecimento de felicidade?... Não tinha elle fugido á maldade humana, abandonado a velha sociedade odiosa e recomeçado a existencia na virgindade de um mundo immaculado, onde a paz devia ser inalteravel? Porque então o espectro do soffrimento o perseguia ainda alli?

Milkau divagava n'um fundo desespero. Maria o fitava serena, esperando que elle falasse. Passou-se longo tempo n'esse silencio triste.

— Bem, disse afinal Milkau, com o semblante illuminado; tenho uma colonia onde posso empregal-a. É uma casa de conhecidos meus no Rio Doce... Tenho medo, porém, de que não aguente a viagem. É longe, e está tão abatida...

Era a salvação. Maria sorriu encantada.

— Abatida? Oh! não... Estou prompta para caminhar. Vae vêr como não me canço.

Depois, reflectindo:

— Mas o senhor não ia para o Cachoeiro? Por-

que então abandona a sua viagem e volta ao Rio Doce? Por amor de mim?

— Ora, isto não vale nada, respondeu Milkau, sem affectação. Depois de vêl-a amparada, tornarei ao Cachoeiro. Amanhã mesmo.

— Mas...

— Vamos, disse elle com meiga decisão.

Chamaram a estalajadeira, a quem Milkau communicou que a rapariga seguia com elle. A mulher fez uma careta zombeteira :

— Oh!... meu senhor. Ella não é minha filha; póde tomal-a como quizer. Uma vagabunda... Que bem me importa a mim...

— Diga-me uma coisa : quanto devia pagar esta pobre moça aqui na sua estalagem ? inquiriu Milkau, sem se importar com o que estava tagarelando a velha.

Esta poz-se a contar nos dedos e depois pediu um preço exaggerado. Milkau não replicou, e dando o dinheiro :

— Eis aqui a importancia que você pede.

A mulher ficou pasmada e recolheu as cedulas, contentissima.

— Agora, accrescentou Milkau, peço que restitua a roupa que foi o penhor do pagamento.

A dona do albergue tornou-se fula, como si fosse roubada :

— Esta é boa; negocio é negocio. A roupa foi coisa á parte.

Milkau explicou mansamente que ella tinha de

optar entre os vestidos e o dinheiro; e a velha, assim compellida, preferiu ficar com a quantia e restituir os objectos, de que não necessitava, e foi buscal-os, resmungando, malcreada. Maria seguiu-a. E quando voltou á sala, vinha de roupa mudada, com uma fita azul no cabello, faceira, risonha. Milkau festejou n'um sorriso o despertar da mulher.

Partiram. A estalajadeira, fincada na porta, emquanto elles atravessavam o povoado, clamava aos vizinhos :

— Vejam só. Não é que a desavergonhada teve sorte... E aquelle sujeito com uma cara de santo! Pouca vergonha...

Quando deixaram Santa Thereza e tomaram o caminho do Timbuhy, Milkau recordou-se da sua primeira viagem com Lentz, atravessando n'um extase a pomposa região, para se libertar do Mal... A sua viagem de hoje era ainda um combate contra o soffrimento, contra o odio entre os homens... Mas, afastando as apprehensões de uma irremediavel desillusão, o seu espirito tomava outro caminho e confiava que aquelle doloroso incidente, interrompendo a descuidada bemaventurança, passaria rapido, e tudo voltaria á doce calma. Amanhã, pensava elle, Maria tornará a ser feliz, o seu amante arrependido virá buscal-a, e todas as ligeiras feridas da dôr serão curadas por um sopro de bondade... Isto deu-lhe novas forças e, esquecendo a tristeza, a miseria da sorte da companheira, foi alegre conversando com ella.

Debaixo do sol ardente desciam e subiam morros, e durante as primeiras horas Maria marchava lepida, apezar de tudo. Mais tarde começou a fraquear e era com difficuldade que proseguia. Sentaram-se ás sombras das arvores, á beira dos caminhos. Descendo das regiões ferteis, passavam tropas de burros carregados para o Porto do Cachoeiro, passavam viajantes montados, escoteiros, passava gente a pé, e só elles, descuidados, se deixavam ficar alli. Com o avançar da tarde, Milkau ficou inquieto, percebendo que lhes era impossivel alcançar o Rio Doce n'aquelle dia. Pediu a Maria continuassem a caminhar até descobrirem uma colonia onde pernoitar. Andaram mais um pouco, e uma colonia se lhes deparou no alto da montanha. Milkau propoz subirem pela vereda que levava até lá, onde talvez conseguissem agasalho. Maria fez um esforço e foi subindo vagarosamente.

A colonia para onde se dirigiam, era um pequeno jardim europeu, que quebrava a uniformidade das habitações dos immigrantes. Á medida que se approximavam, iam sendo maravilhados. Em baixo extendia-se uma série de valles recortados em mil aspectos diversos; ora, montanhas baixas formando massas enormes, seccas, aridas; ora mattas folhudas, negras; ora, despenhadeiros, planicies, riachos, plantações, casas; tudo n'uma abundancia de creação, n'um capricho de linhas, de desenho, como n'uma paizagem extravagante. Os viajantes foram-se deliciando com o scenario, perfumado

com os aromas que vinham do jardim, até que, chegando á cancella, Milkau bateu palmas. Os cães ladraram atirando-se sobre a cerca, e logo um velho acudiu, socegando-os com alegre auctoridade :

— Olá, patifes! assim é que se recebem visitas?

Os cães afastaram-se rosnando, e o velho, alisando a longa barba branca, falou aos viajantes, mostrando no riso uma fila de dentes sãos. Milkau explicou-lhe o que os levára ahi. E o velho, radiante, escancarou a porta, n'um gesto de agasalho facil e espontaneo. Penetraram no jardim, que estava em triumphal floração. Os olhos não se podiam fixar em nenhum pormenor. A impressão que tiveram, foi de um só conjuncto de côres desdobradas ao infinito. A vista se lhes extendia farta e satisfeita sobre uma tela magica, uma zona cambiante, uma irradiação espectral, divina e rara.

Levou-os o velho para dentro da casa e offereceu-lhes jantar, servindo-os á mesa e obsequiando-os como podia. Entretanto, ia-lhes contando que era viuvo, morava alli só, havia muitos annos, as filhas eram casadas e os filhos viviam na vizinhança; o que o entretinha era cultivar flôres; o cafesal tambem o distrahia, e da janella apontou as plantações no morro proximo, tratadas com o carinho de uma horta. Findo o jantar, vieram os tres para o jardim. O homem da colonia deixou os hospedes e foi regar as plantas. Milkau ficou um momento admirando os movimentos expertos e juvenis do ancião, e depois, seguido de Maria, começou a pas-

seiar pelo jardim. Ella parecia nunca ter soffrido: uma resignação de nomada apagára rapidamente os vestigios da miseria. E um instantaneo olvido encerrou a sua agonia. Agora, toda era encanto por Milkau, e com os olhos postos n'elle ficava embebida n'um humilde enlevo. Encerrado alli, Milkau julgava-se fóra da natureza tropical, via interrompida a eterna verdura, susbtituida a tragedia da natureza brasileira pela doçura européa trazida nas flôres que peregrinaram até ahi. E o jardim lembrou a Milkau a terra que abandonára, e elle transportou-se no vôo da saudade para a velha Germania. Náquella mesma hora era alli a hora da primavera... Tudo resuscitava, sahindo da morte gelada. Recordou-se dos bosques, dos jardins, das casas, da gente n'um regosijo de novidade ao calor bemfazejo do sol. E no animo de Milkau amollentado pelo violento encontro da dôr, entristecido, abatido apontou no momento do crepusculo uma ligeira sombra de nostalgia... Maria estava meio fatigada e inconscientemente apoiou a mão no hombro de Milkau. Este sentiu uma fulminante caricia, e o calor emanado das entranhas geradoras da mulher infiltrou-se nos seus nervos, entorpecendo-os bruscamente. E foram caminhando como espectros: olhos perdidos no vago, mudos e sonhadores. Com a quéda do dia, as plantas cheiravam ainda mais. Quando elles passavam esquecidos, absortos, borboletas voavam sahindo das plantas, como flôres aladas... Andaram até onde

o jardim ia acabar n'um logar secco, descampado, onde, como uma mulher bella e damninha, uma palmeira se alteava, esterilisando a terra... Sentaram-se em uma pedra. Os olhos, depois de mergulharem no tremedal que ficava em baixo, no despenhadeiro da montanha, ergueram-se para o céo, e acompanharam a morte do sol. Era uma representação phantastica. Sem raios, sem reverberação, o immenso globo ostentava uma successiva gradação de côres, como si dentro d'elle um magico se divertisse em illuminal-o. O mundo inteiro tinha parado para assistir ao espectaculo... O grande actor foi descendo no espaço sem nuvens, sobre a sua superficie as côres ainda continuavam n'uma infinita mutação, até que afinal elle mergulhou no horizonte e a terra tingiu-se de sangue e em seus mil nervos agitou-se toda... Era noite. O colono acabára o serviço e veiu ter com os hospedes, convidando-os a se recolherem. Dentro, á mesa, os tres conversaram sem interesse, até que o dono da casa, cahindo de somno, propoz irem dormir. Mostrou a Milkau dois quartos contiguos, onde lhes tinha preparado as camas.

E já a casa estava em socego e Milkau, no seu leito, sem poder dormir, acompanhava o somno de Maria. O resonar leve e regular da mulher vinha-lhe aos ouvidos, como uma musica extranha que se lhe infiltrava, aquecendo-o...

Seguia deliciosamente todo aquelle brando respirar, e pouco a pouco uma funda perturbação lhe

alvoroçava o sangue. Mulher!... pensava elle. E esta palavra evocadora dilatava-lhe os horizontes da restringida e quasi apagada sensualidade. Mulher! E lá vinham do esquecimento, onde jaziam sepultadas, as visões lubricas e lascivas... Mulher!... E um torpor, um espreguiçamento dos musculos o desequilibrou de uma vez e o atirou a uma vertigem de volupia... Milkau levantou-se tremulo, o coração galopando, a garganta estrangulada, a bocca secca. Chegou-se á porta entreaberta do quarto de Maria. Cresceu-lhe o tremor e uma languida molleza o deteve, dando-lhe um instante de consciencia e um profundo vexame... O homem forte ficou envergonhado d'esse momento de loucura, e, abrindo a janella, poz-se a scismar debruçado sobre a Noite divina... Amaldiçoou-se e teve nojo de si; viu-se o ludibrio do desejo e descreu da redempção...

Maria continuava a dormir tranquillamente; o seu respirar chegava sempre aos ouvidos de Milkau, enchendo-os de um goso infinito... Não era um resonar de adormecida, era um suspiro de amante, debaixo de cujas camadas sonoras se sente o mysterio do instrumento, que vos canta... O cheiro do jardim transtornava as coisas... Milkau estremeceu outra vez, sacudido pela volupia... Era noite, e todos se amavam... Aquella hora chegava-lhe do universo inteiro o echo do Amor... Só elle era mudo... E o seu olhar prescrutava as sombras da immensidade... Tudo se illuminava ao poder for-

midavel da sua allucinação. E tudo era uma visão de amor : as boccas se beijavam com febre, os braços se apertavam enlaçados, os corpos, misturados, gemiam n'um frenesi de doidos... O solitario tambem amou... O sangue dentro d'elle, o joven sangue parado pela illusão, degelou-se n'um momento e, quente e sofrego, clamou o corpo da mulher... Milkau deixou a noite tentadora e entrou no quarto de Maria. Os cabellos d'ella estavam soltos e cahiam sobre o collo nú... Milkau recolheu a quentura do corpo feminino, que amornava o aposento, e nos cabellos de Maria, como em frocos macios e louros, mergulhou a mão até ao fundo... E ficou tremulo, n'um fremito convulso, mudo e refreiado. Deslumbrado pela vertigem, via-lhe os cabellos descer pelo corpo abaixo, correntios, luminosos como um rio de ouro... Ficou assim seculos pregado áquelle corpo, sem poder ir além, n'uma arquejante respiração, que accordou a rapariga. Ella, com os olhos meio cerrados, perguntou :

— Já são horas de partir?

A voz innocente cahiu sobre Milkau como uma rajada de frio. Retirou a mão e, voltando rapidamente a si, fugiu, murmurando :

— Não, não... Dorme... Socega. Não é nada...

Voltou á janella. E para elle, que não era mais o mesmo, a Noite era outra; não tinha mais aquelles accentos de volupia, aquelles transportes de luxuria. Era serena e bemfazeja como a face de uma

irmã. Ficou longo tempo alli, humilhado, confuso, arrependido, e com a brisa misturou os queixumes da sua agonia sexual, e com o orvalho, que a madrugada para o sarar lhe derramou sobre a cabeça, confundiu as suas lagrimas de solitario.

De manhã, ao deixarem a casa, o velho os acompanhou até á porta do jardim encantado, sorrindo-lhes com carinhosa malicia, como se costuma sorrir aos noivos. Maria retribuiu a saudação sem saber o que esta dizia. Milkau sentiu uma pungente tortura com aquelle sorriso; mas logo, erguendo a cabeça, partiu altivo, como o vencedor de si mesmo.

VIII

A passagem da miseria na nova vida de Milkau deixára o seu vestigio perturbador. No espirito d'elle uma melancolia teimosa se espraiava infinita, vaga, entorpecedora, e agora o pensamento rolava vertiginoso para o desanimo... Não podia esquecer a desgraça de Maria. Não ha soffrimento, scismava elle, tão insignificante que não clame aos que passam, piedade e reparação com o alarido de cem mil boccas. Não ha desgraça pequena. Toda a dôr é immensa.

E para afugentar a persistente Tristeza, que o cercava e lhe extendia os braços amorosos, Milkau consagrava-se ainda mais ao trabalho. Já por esses tempos a colonia tinha um bello e florescente aspecto. Todo o «prazo» estava cultivado, e os pés de café, que brotavam n'um indomavel viço, cobriam como um manto a antiga hediondez do roçado. Desapparecêra a coivara, o terreno

semelhava um verdejante parque cercado das arvores immensas da floresta, apenas interrompida, e a humilde casinha dos dois emigrados estava coberta de trepadeiras, que se abriam em flôres, dando aquelle jardim alli nos tropicos um perpetuo ar festivo á vivenda.

Milkau era agricultor por instincto, e todas as suas faculdades de attenção, de imaginação, as empregava com desvelo e ardor no trabalho com as proprias mãos, que ennobrecia o seu destino humano. Lentz era o caçador. Restringido a um circulo de limitada actividade, o seu espirito, sempre retrogrado, buscava expandir-se n'essa fórma inicial e selvagem da civilisação. Caçava, luctava com os animaes, devastava as mattas, e alliado a outros colonos de egual inclinação, em poucos mezes para elle já não havia segredos na floresta brasileira. No mesmo tecto esses dois homens exprimiam duas culturas differentes. Um offerecia ao mundo façanhas, matanças, sacrificios de sangue, e o outro, simples lavrador, fructos da terra, flôres do seu jardim... Mas, longe do odio, da lucta fratricida, entre esses dois interpretes successivos da vida, formára-se uma attracção, uma solda inquebrantavel e que ainda significava a imagem d'essa impulsiva liga entre todos no mundo, que cada dia será crescente, até se tornar universal e indestructivel.

Milkau trabalhava sempre. E quando, curvado sobre a enxada, a fronte suada, os nervos cança-

dos, um repouso suave, um esquecimento devia adormecer-lhe os pensamentos, lá vinha ainda nesses instantes o tormento da piedade, o continuo testemunhar da desgraça alheia, como uma mancha na sua visão radiante.

« Não é no trabalho que está a salvação da miseria nem o estimulo para o desalento. Que importa que nos fatiguemos, que ensopemos a terra com o nosso suor, que cubramos o mundo de flôres sahidas das nossas mãos infatigaveis, si alli adeante, ao nosso lado, vive a Dôr; si todo esse sangue, essas flôres, esses fructos não são balsamos para aquella ferida extranha!... Que bem fariam a côr, o perfume e o sabor das coisas ao padecer de Maria? Como remediar, sarar a morte do sonho, a decepção, emfim? Tambem ella não mourejava dia e noite no trabalho, como um forçado? E a consolação lhe vinha? Oh! não, é preciso haver outra coisa no mundo. *Outra coisa* mais santa, mais poderosa, mais doce, mais divina, mais subtil, mais bemfazeja, mais vasta e mais mysteriosa... O Amor!... » Assim pensava Milkau, emquanto a enxada, manejada pelos braços inconscientes, cavava a terra.

Varias vezes fôra á « colonia », onde Maria se empregára, para levar-lhe algum conforto. Ella se retrahia cada dia mais e nem mesmo a elle confiava os passos do seu martyrio. Milkau respeitava esse pejo, e sem insistir em desnudar-lhe o coração, recommendava á gente da casa a maior caridade para a desgraçada, pedindo que

velassem por ella e a não desamparassem na proxima crise. Os colonos promettiam-lhe tudo, mas na verdade o sentimento d'elles era outro: tratavam a miseravel com desdem, mesmo com rancor, como uma intrusa que lhes ia roubar a tranquillidade, dar-lhes trabalho e augmentar-lhes o custeio da casa. Maria não se queixava. Aos antigos tormentos juntava o desprezo e o odio dos novos patrões. E ainda assim se agarrava a essas raras migalhas de uma desdenhosa condescendencia humana, atormentada pelo medo do doloroso momento, que se approximava.

Por aquelle tempo a vida de Milkau continuava a ser minada pela tristeza. E tambem para o companheiro, fóra a caça, nada havia na colonia capaz de encher-lhe a imaginação. Durante o dia trabalhavam, mudos e abysmados nas suas scismas, e era com um passo moroso e incerto que vagavam ás tardes pelas habitações vizinhas. N'um d'esses passeios foram até uma colonia, que ainda não tinham visto. A' porta estava um ancião, que os convidou a repousar um pouco, e, emquanto a familia se entretinha nos arranjos domesticos e no trato dos animaes, os dois amigos ficaram a conversar com o velho. Falaram da Allemanha, e o ancião narrou-lhes sem demora traços da sua vida. Era um veterano do exercito prussiano cuja memoria estava cheia de lembranças da ultima grande guerra. Lentz se interessava pelos pormenores d'essas historias, e o velho falava satisfeito

e vaidoso de entreter os jovens. Na sua narrativa imaginosa passavam cidades extranhas, desfilavam exercitos, estrondeava o tumulto das batalhas, desabavam cargas de cavallaria, a chuva obliqua da metralha mudava em lama sanguinolenta a miseravel e inquieta poeira humana, varrida em turbilhões heroicos pelo tufão da Conquista. O velho soldado terminou por contar que uma vez, n'um reconhecimento, cahira do cavallo e por cima do peito lhe passara n'um galope o animal de um camarada, e como, abandonado, a vomitar sangue, fôra por um acaso colhido na estrada. Desde então déra baixa e emigrára para o Brazil, onde o clima quente lhe mantinha a vida... A essas lembranças misturava outros episodios da invasão, quadros da cultura extrangeira apenas entrevista e que recolhêra á retina com essa sensação de deslumbramento maravilhoso, como a que ficava do minuto de um Barbaro no seio da civilisação... Ainda o apavorava o terror da disciplina. Escapára de ser fuzilado, porque uma noite de dezembro, em França, fazendo parte de uma guarnição, exigira dos moradores da casa onde se acampara, uns cobertores. E essa extorsão, além do que era permittido reclamar, elle ia pagando com a vida. Lentz applaudiu então a Força immortal, que commandava e era temida... E sorria como havia muito tempo não lhe era dado. Enthusiasmado, o veterano ergueu-se, e caminhando tropego, levou os vizinhos para dentro da casa mostrar-lhes ve-

lhos retratos de reis, vistas da Prussia, estampas da guerra. Tudo era antigo, mobilias, quadros e lembranças. Tudo alli era uma volta ao Passado.

Em caminho para a colonia, disse Lentz :

— Que consolo senti indo á casa d'esse velho! Parecia ter penetrado um instante no passado intacto da Prussia.

— Mas é préciso não amares demais esse passado, observou Milkau.

— E porque não me retemperarei nas fontes da minha raça? perguntou Lentz, com um tom emphatico de superioridade.

— Porque? Porque, respondeu Milkau, o que estimas n'esse passado é exactamente o que elle tem de humilhante e vergonhoso. Amas o seu espirito de destruição, o demonio que o agitava, a alma senhoril, a servidão, a guerra, o sangue, tudo o que separa e destróe... Dia a dia será reduzido o campo da veneração pelas instituições da Antiguidade. Amemos o sacrificio feito pelo amor humano, a sciencia, a arte... Mas aquelle amor inconsiderado por tudo o que é passado, tudo o que foi, é um dos sopros mais poderosos para a desordem universal. E eu tenho que o estudo das coisas antigas, o prestigio das proprias lettras mortas são outros tantos venenos que acobardam a alma do homem de hoje e dão um encanto crescente ao mysterio da Auctoridade... Os que se collocam no passado, aquelles cujas almas se fazem artificialmente antigas, esses são os verdadeiros

inimigos do genero humano, são os pregadores da desordem, os prophetas do tedio e da morte.

— Tu sabes bem, interrompeu Lentz, não é tudo do passado que eu amo, mas regosijo-me quando testemunho n'elle a ostentação das fortes qualidades humanas da nossa Patria.

— E que beneficio resulta d'essa força, d'essa grandeza da Patria?

— Oh! Exactamente o que n'ella venero é a tendencia imperial, a fibra bellicosa, a expansão universal, a tenacidade, o genio militar, a disciplina...

— Mas que é a Patria?

— A Patria... ora, Milkau, tu não sabes? É a raça, uma civilisação particular que nos fala no sangue, o nosso eu, a nossa propria projecção no mundo, a somma de nós mesmos multiplicados ao infinito. Não ha ninguem que fuja da sua atmosphera... Immortal!

— Não, meu querido Lentz, a Patria é uma abstracção transitoria e que vae morrer... Sobre ella nada se fundou. Nem arte, nem religião, nem sciencia. Nada, absolutamente nada tem uma fórma elevada, sendo patriotico. O genio humano é universal... A Patria é o aspecto secundario das coisas, uma expressão da politica, a desordem, a guerra. A Patria é pequenina, mesquinha, uma limitação para o amor dos homens, uma restricção que é preciso quebrar.

Entraram em casa e durante a noite largo tempo

debateram essas idéas. No dia seguinte, quando Milkau trabalhava solitario, rolava-lhe na cabeça a discussão da vespera; e sentia um mal estar lembrando-se da viva contrariedade que oppuzera aos sentimentos do amigo.

— Não ha duvida, pensava elle, penitenciando-se, é assim por natureza. Quando dois homens se collocam frente a frente, uma instinctiva animalidade surge entre elles, perturbando a sympathia. E o querer innato de subjugar, ou pela força, ou pela superioridade da intelligencia, ou pela consciencia da propria perfeição. Assim tambem sou eu; procuro reduzir Lentz a mim, dominal-o até ao fundo das suas idéas, do seu proprio ser. Oh! orgulho damninho! Quando a propria humildade deixará de ter no seu mais intimo recesso a desfiguração, o amargor da vaidade, da soberba, do dominio?

Milkau reconheceu-se inferior ás suas idéas, humilhado por uma força inconsciente. Depois tornava aos mesmos pensamentos. Comprehendia que no seu companheiro essa exaggeração do amor da patria era talvez um symptoma de nostalgia, uma ancia pela terra das origens. E não é isto uma consequencia doentia da educação patriotica? Mas, n'aquelle instante de angustia, quando por sua vez se examinava mais de perto, revelava-se a si mesmo... Fitou o céo immenso, desvelado, de uma serenidade, de um brilho e de uma firmeza de crystal, e sentiu-se extranho a elle... Admirou ao longe o córte das montanhas, a negrura da matta, a fronde

das arvores... Debaixo dos seus pés a terra vermelha, como embebida de sangue, e das plantas tenebrosas o cheiro que tonteia e excita... O morno socego do universo... E tudo lhe era extranho. Elle e o Mundo, elle e tudo mais, a dualidade, a distincção irremediavel. « Eu não estou em ti, tu não estás em mim... Ainda assim eu te amo, mas tu não és eu.»

N'uma dôr funda, Milkau, devorado de magua, combalido, sentiu-se tambem expatriado... Não havia entre elle e todas as coisas em volta de si a subtil intimidade que nos prende eternamente a ellas, o imperceptivel e mysterioso fluido de communicação que faz de tudo o mesmo ser... E percebia, n'um grande desalento, que o conjuncto tropical do paiz do sol o deixava extatico, errante e incomprehensivel, e que a sua alma emigrava d'alli, incapaz de uma communhão perfeita, de uma infiltração definitiva com a terra...

— Que sou eu então? Que verme, que atomo miseravel, que se não governa, que não póde amar o que quer, que se não póde identificar com todas as moleculas do mundo? Que sou eu, onde leis imperiosas, perversas, me dominam, me vencem o novo sangue?

Outros vizinhos vieram algum tempo depois se estabelecer no Rio Doce, na campina que sahindo da matta morre sobre as aguas. Era uma pequena familia magyar, composta do pae viuvo, duas

filhas e um filho, a que se juntaram outro rapaz da mesma raça, que era noivo de uma das raparigas, e um cigano. Viviam unidos em uma só communhão de desanimo e de espanto, na casinha feita de madeira tosca, com tecto de telhas de páo, incendiada pelo sol nos dias quentes, varada pelo vento, invadida pela chuva nos dias de tormenta. Ahi cumpriam o ritual dos costumes patrios. Sob a pressão cobarde do isolamento, apegavam-se, como a um refugio, ás intactas tradições, transportadas de sangue a sangue e mantidas pelo temor religioso desde os antepassados. O cigano partira tambem, arrastado pelo instincto vagabundo. Na longa travessia, o eterno caminhante da planicie imaginava-se prisioneiro no vapor, que lhe parecia uma jaula movediça e endemoninhada. O oceano contemplado da terra attrahia-o pela irresistivel seducção da immensidade. Sobre o mar elle não sentia mais liberdade moral. O infinito é uma miragem atormentadora, em que se perde a essencia humana... No meio das aguas illimitadas, sitiado pelo perigo, assaltado pelo terror, o espirito, dissolvendo as suas forças vitaes n'uma desaggregação continua, transforma aquella attracção impulsiva e illusoria em uma persistente impressão de assombro e de pavor, e a orla de terra que se lhe escapou ao longe, e para onde se volta incessante, recebe os queixumes da saudade. O homem só é senhor da sua individualidade na porção de espaço cujo horizonte póde medir com

os olhos, naquillo que é finito e limitado...

Passaram entorpecidamente os primeiros tempos, esmagados pela perspectiva do desconhecido, com a alma em suspensão. Até então não se trabalhára; os homens corriam as vizinhanças, caçavam, vagavam pelos montes e iam aos povoados; as mulheres viviam no lar. Quando cahia a sombra, o cigano deitava-se sobre a relva, á beira do rio, e pregava os olhos preguiçosos no poente, vendo morrer o sol. Aos domingos a familia se reunia na varanda; o velho a um canto, bonnet enterrado até os olhos, cachimbo na bocca, quilotava repousadamente as longas barbas amarellas e as rugas da cara; as raparigas e os dois rapazes, como legitimos magyares, ornavam-se com as bellas roupas do seu paiz e vinham faustosos e garridos entregar-se ao grande prazer da sua raça, á dansa.

As vezes, Milkau e Lentz nos seus passeios pela margem do rio ficavam-se debaixo de alguma arvore, assistindo áquellas festas no silencio da grande solidão. O musico era o cigano com o inseparavel violino, sentado ao lado do velho. Dado o signal, os pares punham-se em ordem, e iniciavam as marchas polacas. A musica tangia á festa.

Os seus compassos a principio langorosos iam ganhando movimento e a largos impulsos do som arrastavam os figurantes. Faziam rapidas voltas, meias luas harmonicas, enroscavam os braços uns nos outros e balouçavam-se cadenciados,

como suspensos sobre as notas, formando em sua graça artistica grupos de estatuaria classica. Ao findar a contradansa, respiravam satisfacção, espalhando-se-lhes no semblante o orgulho da sua mestria. Mas o cigano os não deixava socegar, vibrava o violino, e logo todos sentiam o despertar nervoso da paixão.

Com a rabeca presa sob o queixo e empunhada por uma mão convulsa, emquanto a outra manejava o arco, o musico arrancava do instrumento uns longos e cantantes gritos. Os homens, trazendo chapéo de feltro com lindas plumas, paletot e calça de velludo e á cinta uma larga faixa de seda carmesim, enlaçavam as raparigas, cujo corpinho meio aberto ao collo vestia o busto esbelto, e cujas saias ornadas de velludo e seda lhes envolviam as fórmas poderosas. Naquelle espaço estreito, na varanda quasi debruçada sobre o grande rio selvagem, e extranho áquellas melodias, reuniam-se, na fraternidade do destino e da arte, as duas raças, a que tem o sentimento innato da musica, e a que tem a espontaneidade da dansa. Continuava a valsa. Os artistas da dansa acompanhavam a loucura da rabeca n'um vôo quasi imperceptivel e para deante, para deante, por sua vez no sublime surto dos sentidos, improvisavam novas figuras. Quando estavam no auge do prazer, a mais moça das raparigas, amparada nos braços do irmão, deslisava alegre, feliz, com o rosto illuminado, embevecida, a fitar o musico amado, com avel-

ludados e longos olhos, que sorriam primeiro que a bocca... E quando a musica ia morrendo, a outra rapariga, transportada, em extase, a cabeça loura reclinada sobre o hombro do noivo, n'uma vertigem aerea, respirava a pequenos haustos com a bocca entreaberta, sua bocca vermelha como o sangue, humida como o orvalho.

A turma de Felicissimo voltára para novas medições. O agrimensor depois do trabalho ia todas as tardes conversar na colonia de Milkau, e com a sua vivacidade e alegria entretinha os dois emigrados, contando episodios da sua vida aventureira, scenas do Norte, d'esse Ceará tragico em cuja areias sedentas e implacaveis se vasam, se fundem na resignação, na dôr, na energia e na esperança, a alma dos homens... Quando não havia serviço urgente, Joca juntava-se a Lentz e os dois se embrenhavam no matto, a caçar. Na convivencia com esses sertanejos Milkau apaziguava as ancias em que se vinha debatendo o seu espirito. A espontaneidade de raça, a coragem e a bondade d'elles eram novos arrimos para a illusão...

Nenhum incidente perturbava o calmo viver de immigrantes e trabalhadores, até que uma manhã o agrimensor e os seus ajudantes, sentados á porta do barracão, viram uma mancha preta passar velejando magestosa, serena, no céo claro.

— Urubú!.. disse Felicissimo.

— Ah! temos carniça por aqui... opinou Joca, indagando com os olhos atilados o vôo do corvo.

A grande ave solitaria descia vagarosa, boiando negligente n'um vasto circulo do espaço, como um barco de velas negras... Logo depois outra subia no horizonte e não tardou muito que outras mais viessem sujar a limpidez do azul. E d'ahi a pouco se ia baixando e restringindo a um ponto da matta o vôo dos infectos urubús que os trabalhadores acompanhavam curiosos e divertidos em suas almas infantis.

— Mas... alli, n'aquelle ponto, é a casa do «bruxo», observou um dos homens, designando assim a morada do intratavel e velho caçador que habitava aquellas margens do rio.

— Vae vêr que é algum dos cachorros que morreu... Tambem, que o diabo os leve a todos... praguejou o mulato.

— Que a peste os acabe... Malvados!.. ajuntou outro.

— E mais o dono.,.

— Qual, para mim não morreu bicho nenhum. Si fosse, o velho o teria enterrado, como a um filho, concluiu Felicissimo.

— Sim... e não haveria carniça.

— Quem sabe si não é o velho que está morto? conjecturou um trabalhador.

— Homem, é verdade... acudiu um camarada. Ha dias que o não vejo...

— Quem sabe! tambem eu... declararam outros do grupo.

— Vamos vêr, seu cadete? propoz Joca ao agrimensor.

E todos se levantaram e seguiram na direcção da morada do caçador. Ao approximarem-se, ouviram latidos e uivos de cães. Mais perto, quando descortinaram a casa, viram os cães ladrando, correndo como demonios doidos para os urubús que teimavam em baixar á terra. As aves negras rasteavam quasi o chão, e quando os cães se arremessavam sobre ellas, erguiam o vôo e iam pousar logo adeante.

— Vocês não vêm ?.. A carniça é o velho... gritou n'uma gargalhada alvar um dos homens.

— Que fedor !... Este diabo está podre ha muitos dias, berrou outro.

Instinctivamente todos pararam, como n'um conselho.

— Então, seu cadete, que se faz? perguntou Joca ao agrimensor.

— Ora !.. vamos a enterrar o velho... Deus lhe perdôe a alma... Nós lhe cuidaremos do corpo, disse decisivo o cearense.

Os homens não hesitaram mais, agora inspirados pelo impulso de piedade de Felicissimo, e todos caminharam para dentro do cercado. Vendo-os approximar-se a matilha de cães abandonou os urubús e avançou como uma só massa, atroadora, furibunda, terrivel, contra os homens. Aproveitando a diversão, os corvos caminhavam no terreiro, e n'uma dansa macabra iam invadindo a ca-

sa, n'um riso infernal, espichando voluptuosos as cabeças petulantes de harpias descabelladas.

Deante do arranco dos cães os homens fugiram, e na porteira da cêrca os defensores da casa pararam arreganhando os dentes, uivando, ladrando, as sanguineas boccas escancaradas.

— Como podemos afrontar essa canalha?.. perguntou um dos trabalhadores, quando já estavam fóra do perigo.

— Joca, vá com outros buscar os ferros para darmos uma licção áquella cachorrada... ordenou Felicissimo, saboreando uma vingança.

— Vamos d'ahi, disse Joca, e partiu acompanhado de mais dois.

Os outros ficaram atirando pedras aos cães, que, estacados na cancella, não se arredavam, furiosos e tremendos. Os urubús, descendo em maior numero dos ares, continuavam em cortejo a penetrar na casa. Um horrivel e crescente fetido mesmo á distancia tonteava os homens, dando-lhes ancias de vomitar.

— Oh! que demora, resmungava impaciente Felicissimo esperando na estrada a volta de Joca. E ia gritando:

— Pedra, rapaziada! mão certeira!

Os cães latiam, mostrando os dentes brancos e afiados... E os urubús continuavam a baixar do céo... Afinal, pela estrada vieram correndo esbaforidos Joca e os companheiros, carregados de

enxadas, foices e páos. Cada um se armou, e Felicissimo ordenou com enthusiasmo :

— Agora, avança, meu povo!

Os homens resolutos e raivosos precipitaram-se sobre a cancella, que ao choque dos seus corpos unidos espatifou-se, dando-lhes passagem; os cães não retrocederam e lançaram-se sobre elles, mordendo-os desesperadamente. Os invasores berravam na dôr :

— Mata! mata!

E a páo e foice arremetteram-se contra os animaes. N'um momento estavam os aggressores todos rotos, e o sangue lhes corria das feridas. E da peleja, umas vezes sahia um cão gritando, ganindo, quando uma paulada certeira e furibunda lhe quebrava as pernas, outras eram homens que, debandados, isolados, fugiam pelo terreiro, perseguidos... Estes trataram logo de se unir, traçando com os instrumentos um circulo de defesa :

— Não afrouxem! ordenava Felicissimo.

— Avança! avança!

— Para dentro!... para dentro!...

Recuaram os cães ante a energia do ataque; e correndo sumiram-se como por encanto. Os homens, indo-lhes no encalço, penetraram na casa, brandindo as armas... Mas entontecidos pelo cheiro suffocante, estacaram indecisos e apavorados deante de um quadro medonho. Dentro, os urubús comiam um cadaver humano que jazia por terra, o corpo do solitario e abandonado immigrante. Os olhos ti-

nham sido devorados e as cavidades immensas e rubras escancaravam-lhe a testa. Allucinados em seu goso satanico, os corvos, sem dar fé da gente continuavam a picar, a comer, avidamente, embebidos. Os cães, esquecidos d'elles, faziam frente aos invasores.

— Chò! Chô, canalha, atroou um grito de Joca, desesperado de nojo.

E n'um impeto de compaixão avançou para o cadaver para livral-o dos urubús. Agarrando-o pelas canellas e pelas roupas, os cães o detiveram... Os camaradas acudiram promptos em sua defesa. Deante do alarido da lucta, os urubús esbordoados largaram a preza e, abrindo as azas, espalhando com o vôo ainda mais o fedor, incapazes de se afastarem d'aquella nauseabunda atmosphera, pousaram morosos, pesados, nas traves da casa, e ahi se postaram funebres, medonhos, como testemunhas do combate dos homens e dos cães... Quando Joca conseguiu tocar o cadaver, recrudesceu o furor das féras. Não temiam mais os ferros e os cacetes e atacavam os inimigos, que se apossavam do amo... Foi um desvario: homens e animaes se batiam corpo a corpo, se feriam, se despedaçavam, como n'um combate de doidos... Os homens estavam estraçalhados e sobre as pernas núas e brancas de muitos d'elles corria um sangue quente... Guinchando, os cães morriam, estorcendo-se como possessos e atirando-se sobre o cadaver do velho. Depois de muito tempo

de lucta, alguns trabalhadores puderam apossar-se do corpo e o foram carregando para fóra, emquanto os companheiros os defendiam n'um esforçado arrojo. O resto dos cães ainda arremettiam contra elles, mas eram logo mortos... Os que ainda restavam, não esmoreceram e mais allucinados investiam. Um d'elles cravou as prezas na coxa de um homem com tal furia que este, picando-o com o ferro e tentando arrancal-o com as mãos, não conseguiu. O cão cada vez mais se enterrava pelas suas carnes a dentro... Correu outro homem em seu soccorro e com um certeiro e violento golpe de foice cortou o pescoço do animal; a cabeça ficou segura na carne da victima e das arterias rotas jorrava o sangue...

Não havia mais cães a matar. O terreiro ficára alastrado de corpos decepados, mutilados, de membros esparsos. Os homens maltratados, doloridos, deitaram no chão o velho. Em revoada, os urubús vieram assanhados para o terreiro, avançando impavidos para o cadaver, que os trabalhadores extenuados já lhes queriam abandonar.

— Não! gritou zangado Felicissimo. Não! Havemos de enterrar o pobre velho... Era só o que faltava, seus miseraveis!... Pega enxada!

E o cearense agarrou tambem n'uma d'ellas e começou a cavar a cova. Muitos, murmurando, obedeceram. Alguns, porém, ficaram enxotando as aves.

— Mais funda! ordenou ainda o agrimensor.

Assim, os urubús o desenterrariam... Faz dó vêr uma pobre creatura de Deus desamparada, sem ninguem n'este mundo, comido por estes sujos...

Em breve a cova ficou prompta e n'ella enterraram o immigrante caçador. Felicissimo ajoelhou-se e rezou:— Padre nosso, que estaes no Céo... Dominados por uma compaixão subita e extranha os homens rudes ajoelhavam-se e de chapéo na mão, tristes, acabrunhados em face da morte, que só agora se lhes revelava, rezaram. Depois, mudos, encheram a cova de terra. A' medida que o cadaver ia sendo coberto, remontavam os urubús um a um ás alturas secretas...

N'aquella noite, quando os trabalhadores da turma de Felicissimo se reuniram á porta do barracão, ouviram na matta um clamor, uma roncaria aterradora, quebrando o silencio bemfazejo. Era uma vara de queixadas que passava. E Joca explicou:

— Lá vão as almas dos cachorros, feitas catitús para desenterrar e resuscitar o velho demonio...

Formava-se assim um novo mytho no Rio Doce. Nas noites de tempestade ainda hoje, quando o catitú matraca no matto, todos se recolhem medrosos, melancolicos, pensando nos cães encantados...

Ao amanhecer de um dia de nevoeiro, a paizagem perdêra o seu contorno exacto e regular. As linhas definitivas dos objectos confundiam-se, as monta-

nhas enterravam as cabeças nas nuvens, a cabelleira das arvores fumegava, o rio sem horizonte, sem limite, como uma grande pasta cinzenta, ligava-se ao céo baixo e denso. O desenho apagára-se, a bruma mascarava os perfis das coisas e o colorido surgia com a sombra n'uma sublime desforra. Por toda a parte manchas esplendidas se ostentavam. E sobre a campina esverdeada, vaporosa, uma d'essas manchas, ligeiramente azulada, movia-se, arqueava-se, abaixava-se, erguia-se e se ia lentamente dissipando. O sol não tardou a vir, e a natureza sacudiu-se, a nevoa fugiu, o céo espannou-se e dilatou-se em maravilhosa limpidez. A mancha movel sobre a planicie definiu-se no perfil de um pobre cavallo que passeiava na verdura os seus olhos de velhice e fadiga, tristes e longos. De passada, com os tumidos e negros beiços, affagava a herva, triturando-a com fastio e desanimo, emquanto a sua attenção de cavallo experimentado estava voltada para a cabana, a cuja porta os seus donos, os novos colonos magyares, o miravam com interesse. A neblina leve, veloz, vinha distrahil-o d'aquella postura de curiosidade humilde, e acariciava n'um frio electrico o seu pello ralo e falhado. Estremecia n'um goso manso, e extendendo o focinho, arregaçando os beiços, sensual e grato, beijava o ar. Não mais encontrava a nevoa, que fugira para os montes, levada pela brisa, como si fosse o imperceptivel véo que envolvesse alguma deusa errante e retardada. Um raio

de sol, porém, descêra a brincar-lhe nos olhos e incendiava-lhe a pupilla. Meiguices da natureza.

Um dos jovens magyares, levando uma corda, caminhou para o cavallo. O animal entregou-lhe a cabeça n'uma mistura de abandono e tedio. O rapaz passou-lhe o cabresto e o levou ao poste fronteiro á casa, onde o amarrou. Os colonos tinham resolvido principiar n'aquelle dia a plantação do prazo, e o velho deu ordem de partir para a queimada. Os filhos armaram-se das ferramentas de lavoura, o cigano, sahindo de sua modorra e apenas armado de um chicote, acompanhou os outros, que, desamarrando o cavallo, seguiram com elle para o roçado. As raparigas que ficavam em casa cheias de instinctivo pavor, viam o grupo afastar-se vagarosamente.

Chegaram ao aceiro que, aberto como uma larga ferida sobre o dorso da terra, era um sulco de alguns metros de largura, circumdando a queimada. Da matta carbonisada ainda resistiam de pé alguns troncos despojados, ennegrecidos. Milkau e Lentz, passeiando áquella hora, passaram perto do roçado e viram chegar ahi o grupo dos vizinhos.

— Ainda bem, disse Milkau, elles vão trabalhar; fazia-me dó vêr esta gente apathica, irresoluta, entorpecida na preguiça.

— Mas para que trazem elles quasi arrastado aquelle cavallo? perguntou Lentz.

E os dois se afastaram um pouco e ficaram a

distancia, acompanhando os movimentos do grupo.

O velho colono segurou o animal pelo cabresto e o collocou no meio da valla. Os filhos puzeram-se de lado, n'um recolhimento religioso. O pae puxou o cavallo para a frente. De chicote em punho, o cigano seguia atraz, e a primeira vergastada, cortando o ar n'um sibillo, cahiu em cheio sobre o animal. Este, como arrancando-se de si mesmo, pinoteou assustado. Novas lambadas foram arremessadas por mão vigorosa. Estirou o cavallo o pescoço para a frente, abaixou-se, alongou-se, encostando quasi o ventre á terra, como para se libertar do flagello que lhe vinha do alto. Os seus membros se extorciam, confrangidos sob a dôr immensa. E desapiedadamente, puxavam-no para deante, levando-o ao furor do açoite. N'aquelle sacrificio cumpria-se uma missão sagrada: ligava-se á nova terra o nervo da tradição da terra antiga. Quando os antepassados tartaros desceram do planalto asiatico, e no solo europeu renunciaram á vida errante dos pastores, para lavrar o campo e buscar na cultura a satisfacção da vida, sacrificaram aos deuses o velho companheiro de peregrinação nos brancos steppes. E, assim, a immolação ficou sempre no espirito dos descendentes como um dever, cujas raizes se extendem até ao fundo da alma das raças.

Continuava o grupo a caminhar. O velho, como um sacerdote conduzia a victima, seguida do cigano, em cujo rosto se recompunha a antiga expres-

são infernal e terrivel dos antepassados, n'um retrocesso harmonico e rapido, produzido pelo singular effeito da paixão sanguinaria. Os outros assistiam mudos á cerimonia. O chicote vibrava incessante; as suas pontas de ferro cortavam o lombo do animal. O ar leve e frio, penetrando nos fios de carne viva, causava uma dôr fina, aguda, acerba, e a vista e o cheiro do sangue excitavam ainda mais a energia do flagellador. Veiu-lhe uma hysterica insensibilidade, uma rudimentaranesthesia, uma assassina obsessão. Estonteou-o uma vertigem, mas o açoite não parou. Os sulcos na carne abriam-se mais fundos; o sangue escorria frouxo. Mofino de dôr, o cavallo proseguia arrastado, regando a terra. Gottas vermelhas respingavam sobre a descoberta cabeça do velho magyar, de uma brancura de açucena. As suas narinas dilatavam-se em languido goso. Cavos gemidos resoavam no peito da besta. E no seu olhar infinito de moribundo traduziam-se os humildes protestos e os timidos appellos de misericordia.

E o relho soava, emquanto o martyr ia lento, de pescoço estirado, pernas tropegas, esvaindo-se pelas veias abertas, como torneiras de sangue. O cigano mais terrivel, mais feroz, transfigurava-se, e da sua garganta afinada irrompeu brusco, sonoro, o canto de guerra dos velhos tartaros. O chicote cruel e rapido marcava o compasso d'esse rythmo extranho O contagio do furor apoderou-se dos outros, que, immobilisados, assistiam ao sacrificio.

E embriagados pouco a pouco pelas phrases da musica, pela suggestão do rito, pelo odor de carne sangrenta, acompanhavam o canto, n'um côro infernal. O animal, exhausto, cahira de lado, como um peso inerte. O açoite inexoravel ainda o levantou uma vez, e no solo, como n'uma veronica, ficou estampada a imagem do seu corpo, impressa em sangue. Proseguia sem interrupção, fogoso, lugubre, o canto que feria asperamente o ar, e era o echo da melodia satanica da morte. O cavallo deu mais alguns passos, cambaleando como um allucinado, e afinal prostrou-se sobre a terra. Arquejante, resfolegando n'um espaçado estertor, morria vagarosamente. Nas suas pupillas de moribundo photographaram-se n'um derradeiro clarão as physionomias dos algozes. E esta imagem medonha, que se lhe guardára no interior dos olhos, era a infinita tortura que o acompanharia além da propria morte, presidindo à dolorosa decomposição da sua carne de martyr.

Cessaram as vozes. Os homens agruparam-se em torno do cadaver, rezando como phantasmas loucos. Poças e fios vermelhos manchavam o sulco. A camada de argilla, lisa, escorregadia como uma couraça, tornava o seio da terra impenetravel ao sangue, que, sorvido pelo sol, se evaporava e dissolvia no ar. Era a rejeição do sacrificio, o repudio da immolação, rompendo a cruenta tradição do passado. A nova Terra juntava a sua contribuição aos limpidos ideaes dos novos homens...

— E para que? dizia Milkau commovido até ás lagrimas, e para que a tortura, a fecundação pelo sangue, si Ella, risonha e alegre, como uma rapariga bella e fresca, lhes daria os seus fructos, cedendo tão sómente ás brandas violencias do amor?..

IX

E o que tinha de acontecer, acontecia... No meio do cafesal que estava a limpar, Maria, que já desde a vespera vinha soffrendo, sentiu repentinamente uma dôr aguda nas entranhas, como de uma violenta punhalada. Cahiu pesada no chão, o corpo se lhe retorceu todo e o rosto desmaiado desfigurou-se n'uma contorsão medonha. A dôr fôra viva e passageira e logo que a rapariga voltou a si, assaltada por um grande terror, o seu primeiro movimento foi de se recolher á casa e ahi, no abrigo domestico, esperar o desenlace da crise. Teve, porém, medo de affrontar a ira dos patrões, que dia e noite ameaçavam despedil-a, para se furtarem ao incommodo do tratamento. Resistiu e continuou a labutar debaixo dos pés de café, sósinha, no silencio do dia. O trabalho não proseguia bem; das mãos entorpecidas deixava cahir frouxa a enxada, e as pernas trope-

gas, volumosas, não se sustinham firmes. De espaço a espaço a mesma dôr voltava, como si lhe dilacerasse o ventre. Maria se amparava, apertando-se com as mãos para suffocar o soffrimento extranho e vergonhoso que sentia. Nos intervallos erguia-se, esforçando-se por trabalhar, desbastando o matto tecido ao cafesal, mas logo era derrubada exhausta, alagada em suor frio. As vezes, tinha impetos de gritar, e contra toda a vontade gemia alto, clamando soccorro. Quando serenava, espantava-se dos seus inconscientes desabafos e tremia de pavor, pensando que lhe viriam acudir. Sabia bem que qualquer auxilio dos amos importaria em um augmento de tortura, de aviltamento e seguramente em uma expulsão immediata d'aquelle lar desagasalhado, mas ainda assim um lar. As dôres inexoraveis proseguiam amiudadas, e a desgraçada, sem mais esperança, viu chegada a hora da maternidade.

Tomada de medo, abandonou o serviço e, afastando-se o mais possivel da casa, deixou o cafesal e aventurou-se para o lado do rio, onde era mais deserto. Ahi, no terreno inculto e bravio, as unicas arvores que havia eram esparsos cajueiros muito derreiados, esgalhando-se pelo chão. Maria sentou-se debaixo d'uma d'essas arvores que n'aquella epocha estavam em flôr. O aroma forte invadiu-lhe a cabeça. E ella combalida deixou-se pender sobre a terra. No vão das dôres, os olhos indifferentes se extendiam sobre o campo e recolhiam a pom-

posa phosphorescencia do rio faiscante... Nada se movia alli na solidão, a não ser uma manada de porcos, que vinha ao longe focinhando e escavando a terra... Maria gemia livremente, extorcendo-se na agonia. Os seus gritos eram finos e estridentes e ás vezes resoavam asperamente, como estrangulada gargalhada hysterica. Rasgavam-se-lhe as entranhas, dilatando-se á força... Depois, a dôr se interrompeu de novo e o suor frio banhou-lhe o corpo, que jazia desfallecido e inerte, até que arrancos lancinantes o agitaram outra vez. Os porcos pouco a pouco se iam approximando, e a miseravel, alheia a si mesma, entretinha-se em acompanhar-lhes a morosa viagem...

Sempre as mesmas dôres, agora mais miudas, mais cortantes, acabando n'um grito soluçante, que se perdia n'um longo espasmo. Soffria muito, o corpo lhe tremia convulso, os dentes batiam de frio nervoso, as mãos roseas cerravam-se como molas de ferro. Tudo n'ella era desordem; os cabellos, desprendendo-se, cahiam ennovellados sobre o rosto, as faces tumidas estalavam de sangue, o vestido arrebentando deixava vêr o colo nú e arquejante. E de repente sentiu-se mais desfallecida, parecendo que se ia desmanchando n'uma humidade viscosa, repugnante...

A morte devia ser assim. Oh! peior que a morte... Novas dôres vieram, abafadas, quasi surdas, sacudindo-a violentamente, dando-lhe ancias de apertar alguma coisa contra si. Maria

abraçou-se ao tronco deitado do cajueiro. Os seus olhos desvairados não viam mais nada. Nos ouvidos entrava-lhe o resfolegar roufenho dos porcos, que a cercavam, attrahidos pelo cheiro que d'ahi se exhalava... E ella agarrava-se á arvore, estreitando-a com os niveos braços nús e mordia o tronco, cravando-lhe os dentes desesperadamente, convulsivamente... Em torno fungavam os porcos, remexendo as folhas seccas do cajueiro, chegando mesmo alguns mais atrevidos, mais vorazes, a lamber afoitamente o chão... Maria, horrorisada, queria afugental-os, mas as dôres a retomavam, imperiosas; nem mesmo tinha forças para um grito agudo, e só podia gemer estrebuchando n'uma mistura de soffrimento e de goso, que a estimulava extranhamente... E os porcos persistiam sinistros, ameaçadores... Subitamente, ella cahiu extenuada, largando a arvore... Um vagido de creança misturou-se aos roncos dos animaes... A mulher fez um cançado gesto para apanhar o filho, mas, exangue, debil, o braço morreu-lhe sobre o corpo. Uma vertigem turbou-lhe a visão, enfraqueceu-lhe os ouvidos, e n'uma volupia de bem estar parecia deliciosamente suspensa nos ares, longe da Terra, longe do soffrimento, ouvindo no arfar dos porcos o resfolegar longinquo e adormecedor do mar... E os animaes sedentos enchafurdavam-se, guinchando, atropelando-se no sangue que corria. Um novo gemido sahiu do peito de Maria, despertando-a, em sobresalto. Os porcos afastaram-se espantados,

e ella, meio consciente, contorceu-se. mirou attonita a creança, que vagia estrangulada. Depois, quando um grande vacuo se lhe fez de todo nas entranhas, a dôr cessou, e Maria mergulhou afundada em outra vertigem. Os porcos, sentindo-a socegada, precipitaram-se sobre os residuos sangrentos, espalhados no chão. Devoravam tudo, sotregos, tremendos; sorveram o sangue e na excitação da voracidade arremessaram-se á creança, que ás primeiras dentadas soltou um grito forte, despertando a mãe... Quando esta abriu os olhos, deu um salto brusco e pondo-se de pé, livida, hirta, allucinada, viu o filho aos trambolhões, partilhado pelos porcos, que fugiam pelo campo afóra...

A filha dos patrões, em busca de Maria, chegava nesse instante, e vendo a espantosa scena, sem nada indagar retrocedeu á casa, alarmada, gritando n'uma espontanea e communicativa maldade que a creada tinha matado o filho...

Dois dias depois, Maria estava na cadeia do Cachoeiro.

A população germanica ficou horrorisada com a noticia do crime, e os sustentaculos da colonia, os ricos negociantes, os pastores, os proprietarios, unidos, agitaram-se para a vingança e o exemplo. Uma manhã, antes da audiencia em casa do dr. Itapecurú, este despachava autos com o escrivão Pantoja; o dr. Brederodes percorria uns jornaes politicos da capital, quando Roberto

Schultz, vestido como nos domingos, entrou solemne.

— Seja bemvindo a esta casa... saudou-o com servilismo o juiz de direito.

O allemão cumprimentou a todos com uma palavra amavel para cada um, muito macio e delicado. Entretiveram-se algum tempo sem pretexto, n'uma conversa, que proseguia aos arrancos. Itapecurú presentia que Roberto tinha o que lhe communicar em reserva. Que será? pensava o juiz de direito. Algum despacho, que vem pedir, como de costume? Ou, quem sabe, vem exigir o pagamento da minha conta? — Aqui Itapecurú, longe do assumpto, ficou nervoso, sorrindo estupido e sem proposito aos outros. Não se atrevia a chamar o allemão em particular e demorava com geito o escrivão, que tambem, cheio de curiosidade, se não apressava. — Não, não é para uma questão de autos, pensava o juiz, sinão não estaria tão grave... Com esse ar de importancia... Ha de ser a conta. E o magistrado ficou abatido, anniquilado.

— Senhor doutor, disse por fim Roberto já maçado, o que me traz aqui...

Itapecurú respirou. Não, não era cobrança. Assim, deante de gente... Não, não era a conta.

— Oh! meu bom amigo, o senhor manda, não pede. Aqui estamos todos para servil-o. Não é, doutor Brederodes?

O promotor resmungou, sacudindo os hombros.

— Depende... Si fôr de direito...

— Como, senhor doutor? Julga V. S. que eu seria capaz de falar á Justiça sinão de coisas sérias? perguntou o allemão, sorrindo, acariciando o hombro do promotor, que enrubesceu com a impertinente familiaridade.

— Está claro, acudiu Pantoja. Nós somos amigos velhos e nunca o senhor me pediu nada desarrazoado.

— Nem a mim, capitão, accrescentou Itapecurú, espraiando as bochechas n'um riso grotesco, que o desarmou do monoculo.

— Mas de que se trata?.. interrogou abelhudo o «maracajá».

— Meus senhores, eu venho aqui, em nome da colonia, pedir a punição d'essa miseravel que matou o filho. O crime é horrivel, e a dignidade dos allemães exige uma licção severa...

— A colonia sabe, disse gravemente Itapecurú, que aqui não falta Justiça. Havemos de examinar tudo com o cuidado que sempre empregamos em nossa missão.

— O que nós receiamos é que algum dos senhores tenha uma fraqueza de coração pela sorte da ré, e...

— Oh! impossivel. A Justiça tem os olhos vendados, considerou o juiz de direito, fitando o escrivão. E em que termos está o processo, capitão?

— O dr. Brederodes deu hontem a denuncia... Já expedi os mandados para a formação da culpa.

— Ah! Então, doutor e caro collega, não ha du-

vida sobre a criminalidade da accusada? perguntou Itapecurú ao promotor... O senhor, que viu os autos?

Brederodes não respondeu e continuou de lado a folhear os jornaes.

— Não póde haver duvida... observou Roberto. Ha testemunhas de vista, que affirmam ter ella lançado a creança aos porcos... E, depois, os precedentes...

— Ah!

— Sim... Uma perdida... O filho lhe seria um trambolho. V. S. comprehende... Mas não ha de ser aqui que pegarão esses máos exemplos. Imagine V. S. si ficasse impune o delicto, si nós passassemos a mão por cima, que seria da moralidade das familias dos colonos para o futuro?...

— Mas como podiam os senhores abafar o crime? perguntou Brederodes seccamente...

— Não denunciando, não prendendo, empenhando-nos para não haver andamento no processo, arriscou o allemão.

— E' muita petulancia... Eu não digo, capitão, que o senhor Roberto e os seus patricios nos têm aqui como seus creados? E Brederodes deu um violento murro na mesa.

— Doutor Brederodes...

— Senhor doutor...

Os outros queriam evitar o desabafo do joven promotor. Este continuava a vociferar, quasi esbor-

doando o negociante, que procurava com um riso cobarde amparar a furia do brasileiro.

— Sim, creados... Vem aqui á casa do juiz de direito um bolas qualquer, porque enriqueceu furtando o nosso dinheiro, exigir em nome da colonia... Que colonia?... Exigir que se cumpra a lei... E' boa!

— Mas não ha inconveniente... creio, collega, que o povo...

— Qual povo, qual nada. Ladrões, mandões de aldeia... Extrangeiros... Qual povo!...

— O que elles querem é exactamente justiça!

— Tartufos, miseraveis... Como viram uma das filhas apanhada com a bocca na botija, e como não ha remedio algum, se alvoroçam todos para reclamar justiça... Muito boa!

— A nossa moralidade... teve forças de dizer o allemão.

— Moralidade? Fingimento... hypocrisia. A moralidade de salteadores, que se apossam de nossas terras e enriquecem!

— Então V. S. pensa que não ha crime no caso? interrogou Pantoja, para desviar a questão.

— Si ha? Oh! esta miseravel, conheço-a bem, replicou Brederodes, motejando.

— E' aquella? perguntou o maracajá com intenção.

— Sim, a mesma, fez-se de fina, de pudica commigo, e ahi está o que ella era; mas agora liquidaremos contas. Aproveitarei a occasião para

levar esse processo até ao fim, desmascarar toda esta corja d'aqui. Este facto não é o unico. Para mim todas estas allemãs matam os filhos, quando... Havemos de vêr. Não sou o promotor? Exigencias commigo? Não, isso não.

Não poude mais vociferar, engasgado pela colera. Pegou no chapéo e, mal apertando a mão de Itapecurú, que ainda o quiz demorar, sahiu olhando com raiva a figura farta e desmoralisada de Roberto.

— Tem graça! disse Pantoja, quando ficaram a sós, querendo illudir a impressão deixada pelos desmandos da ira do promotor.

— É verdade. Nós gostamos muito de bolir com elle para vêl-o se queimar, ajuntou por disfarce Itapecurú.

— Lá se vae batendo com as mãos, falando sósinho. Que damnado!... rapaziadas... commentava o escrivão, que ia acompanhando da janella a marcha de Brederodes na rua.

O allemão não dizia nada. Não era alli que havia de confessar os seus rancores.

— O defeito principal dos moços de hoje, considerou o dr. Itapecurú, balançando o monoculo, é a falta de attenção com os elementos conservadores do paiz. São simples revolucionarios. Pensam que o progresso é a revolução. Eu tambem admiro os direitos do homem, sou liberal, mas como magistrado sei dar a cada um o que é seu. *Suum cuique tribuere.*

— E' o habito da justiça, cortou o escrivão, já principiando a enfadar-se.

— Sim, a justiça para todos, velhos e jovens. Que póde fazer uma sociedade sem ordem? É a base. E' preciso termos sempre em vista o elemento conservador do paiz. Por exemplo, aqui na colonia, onde repousa este salutar elemento?

Ninguem respondeu. Itapecurú sorriu da incapacidade do mudo auditorio e continuou :

— Onde está o elemento? Nos senhores negociantes, nos proprietarios, nos colonos estabelecidos, emfim, nas classes respeitaveis, que têm o que perder... E não é maltratando-as, que se tem uma perfeita organisação social. Os senhores jacobinos não comprehendem este principio admiravel. Para elles a politica é só destruir e botar abaixo. Pois é pena...

Roberto, impaciente, levantou-se. O juiz de direito suspendeu o discurso.

— Bem, seu doutor. Posso responder á colonia que não ha meio da criminosa escapar?

— A colonia sabe que pelas minhas theorias... ia dizendo Itapecurú.

Mas Roberto não esperou o resto, fez-lhe uma grande cortezia e foi sahindo. Pantoja acompanhou-o com passo sorrateiro.

— Oh! seu escrivão! E os nossos autos? interrogou afflicto o juiz de direito, ainda mais que tudo aborrecido por ficar só, sem ouvinte.

— Espere um pouco, já venho, retrucou o escri-

vão sem se voltar. E se foi esgueirando ao lado do allemão.

— E que tal o promotorzinho! disse na rua Roberto ao «maracajá».

— Maluco...

— Maluco? Canalha! vou já escrever para o Cachoeiro armando-lhe a cama.

— É... É... gaguejou o escrivão, embaraçado. O diabo é que esses jacobinos são muito fortes... Todos se protegem... Uma irmandade... E não vá o governador não attender...

— Donnerwetter! praguejou o allemão.

E logo proseguiu na lingua do paiz :

— É boa! Os senhores querem o nosso auxilio nas eleições, quinhentos votos só aqui nesta colonia, e quando se trata de castigar um insolente, que vive a nos insultar, fogem com o corpo!..

— Tem razão, tem razão. Olhe, eu mesmo vou escrever ao governador, em segredo, pedindo, pelo menos, a remoção do Brederodes... Basta a remoção... Não é?

— Que vá para o inferno!

— Sim... para o inferno, repetiu o outro machinal e pensativo.

— Então escreva... Posso contar?

— Oh! commigo o senhor sempre conta. Que não faço pelo partido? Mas, segredo... Muito entre nós. Porque... sabe... os jacobinos...

— E o tal processo? interrompeu Roberto, mudando de assumpto. Veja... ha muito pedido do

centro. Realmente, é um caso monstruoso. A colonia não póde abafar. Que se diria? Que as allemãs do Cachoeiro são umas perdidas e atiram os filhos aos porcos...

— É muito serio; comprehendo...

— Os jacobinos de quem o senhor fala tanto...

— Ah! a politica!

— ... gritarão, como fez o sr. Brederodes. Além d'isso, nas outras colonias, em Itapemirim, Benevides, por toda a parte, os nossos patricios haviam de nos desmoralisar. Nada; é preciso um exemplo, para que se calem

— Póde ficar tranquillo, que respondo pelo resultado d'esse negocio.

— E o promotor?

— Não viu? Com a idéa de se vingar dos colonos, e mesmo por tolices pessoaes, perseguirá a tal sujeita até ás ultimas. E' cabeçudo... O juiz de direito, esse, coitado! já se sabe, é nosso...

— Sim. E' meu, posso dizer, proclamou o negociante, batendo com alarde no bolso da calça.

Pantoja sorriu, acompanhando o gesto.

— Quanto ao juiz municipal... continuou o escrivão.

— E' verdade, é um senhor cheio de maçadas, esse doutor Maciel.

— Não faça caso... Um imbecil. Dá-se um berro com elle, e tudo vae direito. E depois, temos o Itapecurú e as testemunhas... E eu, esse seu

creado, que móe a mandioca, concluiu com jactancia o cabra.

— Sim perfeito, ninguem discrepa. Bom, adeus, não esqueça, a carta...

Pantoja e o allemão separaram-se, seguindo direcções diversas. Mas logo o « maracajá » voltou sobre os passos e gritou para o outro :

— Ia-me passando...

Depois, approximando-se abaixou a voz :

— Tenho precisão urgente, hoje, de cem mil reis...

— Appareça.

— Muito obrigado. Não é para mim, ajuntou pressuroso E' para a caixa do partido...

A cadeia do Porto do Cachoeiro, resto do antigo povoado, já existente antes da colonisação, talvez fosse a mais velha e a peior habitação da cidade. As paredes eram negras e as grades enferrujadas da janella quasi soltas dentro dos buracos da cravação. Um corredor dividia a casa ao meio : de um lado a prisão e do outro o alojamento dos dois unicos soldados, que serviam de guardas effectivos aos detidos. O carcereiro ahi apparecia raramente ; tinham-lhe dado, como é o habito no paiz, o emprego para remunerar serviços eleitoraes, em que era excellente. Entre presos e soldados havia a mais relaxada camaradagem. Os accusados passavam n'essa casa apenas como por uma estação durante o processo ; depois de condem-

nados, eram remettidos para as prisões da capital, Mas o que soffriam esses miseraveis quasi sem alimento, dormindo sobre estrados de madeira, sem roupas, n'uma promiscuidade animal, ao frio, á humidade e n'uma incrivel immundicie!

Maria não comprehendia bem porque a prendiam. A intelligencia n'ella adormecêra, e apenas de longe em longe lhe vinham vislumbres da exacta noção do que tinha acontecido. Trazia-lhe a memoria o quadro medonho, que os seus olhos uma vez tiveram a suprema agonia de vêr... E ella se exaltava, se debatia em gemidos de horror, em supplicas, em chôros, até que de novo o torpor bemfazejo lhe arrebatava a consciencia... Em outros intervallos, quando, mais calma, se sentia soffrer, esmagada pelo temeroso peso do mundo, e ainda assim fraca, acobardada, quasi a morrer, o seu maior tormento era a desesperada ancia por seu filho, entrevisto tão bello no nevoeiro da vertigem...

Não tardou muito que Milkau soubesse da sorte de Maria. E foi um rugido no seu coração. Comprehendeu logo, por instincto de bondade, e pela crystallina claridade da sua alma desannuviada, que atraz d'essa accusação havia um drama, um tecido de cobardia, de vingança, de estupidez, tão fertil nos humanos. E teve pejo de ser homem, vergonha, desprezo de si mesmo, e de tudo o que era vida... Chegára-lhe o momento doloroso em que o divino sonho se desmancha ao sopro da mal-

dade. Tudo o que julgára como o doce convivio da bondade, do esquecimento e da paz não era sinão o baixo connubio de todas as vilezas sociaes...

Na tarde desse mesmo dia, Milkau disse a Lentz:

— Vou ao Cachoeiro por algum tempo.

— E que te leva lá? perguntou o amigo.

— A sympathia pelo destino d'essa infeliz rapariga...

— E por isso me deixas?... Abandonas os nossos interesses... a nossa colonia?

— É meu dever, como é o teu, esse soccorro.

— Não comprehendo... replicou seccamente Lentz, esperando uma resposta.

— Não comprehendes? respondeu Milkau com calma. Então não vês que essa desgraçada é uma victima? E desde que eu a tenho por tal, devo correr para o seu lado.

— Quem sabe da verdade?

— E quando não fosse innocente, o seu crime não seria antes a culpa dos que a repelliram e a levaram ao desespero?

— Mas tu não estás em causa... parece-me..., escarneceu Lentz.

— Todo o homem está em causa, quando ha um soffrimento no Universo.

E partiu só. No dia seguinte, chegando ao Cachoeiro, a cidadesinha não tinha mais para elle o encanto d'aquella primeira manhã, em que a saudára como filha do sol e das aguas. A tristeza que

trazia, communicava-se á paizagem e toda a antiga maravilha d'esta se desfazia mysteriosamente. Apertado entre duas linhas de morros, o povoado parecia-lhe abafado e condemnado a uma irremediavel angustia. O sol infernal castigava sem piedade as habitações e sobre as rochas abrasadas, colossaes, viam-se estampadas a esterilidade e a aridez. O rio, quasi sem agua, quebrando-se nas pedras negras, informes, fervilhava o seu cachão monotono. Sobre as ruas barrentas, descalçadas, erguiam-se, olhando para o rio, casas deseguaes, sem arte, feitas ás pressas, como para um povo apenas acampado sobre a terra. Eram pequenos sobrados, verdadeiros aleijões, dolorosamente núa, fazendo vêr nas linhas inconscientes figuras deformadas de seres monstruosos. E ahi, na embryonaria e abortada cidade, a gente grosseira e rude mostrava o ar embrutecido, torturado pela avida cobiça... Tudo o que era natureza tinha o aspecto sinistro, tragico, desolador, e o que era humano, mesquinho e ridiculo.

O unico desejo de Milkau era estar immediatamente com Maria. Todavia hesitava, com receio de se vêr n'um instante desilludido sobre a innocencia d'ella, e de ouvir a lugubre confissão do crime. E, agitado, tremulo, dirigia-se, impellido por impetos confusos e irresistiveis, á cadeia.

Á porta, um mulato moço, vestido de soldado, de farda desabotoada, desarmado, era o guarda da prisão. Milkau pediu permissão para falar á pri-

sioneira. O homem, sem mesmo se levantar da soleira da porta, mostrou-lhe d'alli, com a mão preguiçosa, o corredor da casa e apontou-lhe o quarto onde ella estava. Milkau entrou, apprehensivo.

As grades não deixavam penetrar no aposento toda a luz do dia, e na minguada claridade viu Maria sentada sobre o estrado que lhe servia de cama. Ella, muito assustada com a apparição, tremia, e nenhum dos dois por algum tempo disse uma palavra.

Ella curvava humilhada a cabeça, sem olhar o homem; depois, muito branca, fitou-o implorando misericordia. A compaixão foi crescendo em Milkau ao aspecto miseravel da mulher. O que fôra n'esta de gracioso, de seductor, de docemente feminino, tinha-se apagado, e só restava uma triste carcassa, uma face livida, d'onde espiavam scintillantes olhos em que dansava a loucura.

— Soffres tanto... não é? disse Milkau, tacteando-lhe levemente a cabeça.

Maria recebeu d'aquellas mãos e d'aquella voz um fluido de ternura extranha e de bondade nunca sentida. Foi um goso subtil, que ella, curvada como para lhe recolher toda a caricia, queria se prolongasse indefinidamente. E nos labios da desgraçada chegou a abotoar um sorriso, sorriso infantil e humilde.

Milkau não esperou que ella falasse. Ia por

deante arrebatado pela sympathia, que o não deixava premeditar nas palavras e nos gestos.

— Soffres... Eu sei... Mas isto vae acabar... Terás ainda tanta felicidade n'este mundo... Tanta!

E sentou-se na unica cadeira que havia no quarto, puxando para si a cabeça de Maria, que, inerte, lhe deixou affagar os cabellos tecidos, emmaranhados e seccos, como um ninho dourado. E sobre os joelhos d'elle descançou muda, submissa, a fronte. Elle não lhe via a face voltada para o chão, mas, á medida que falava, sentia sobre o corpo a morna humidade das lagrimas...

— É preciso cuidares de ti... Erguer o espirito... Estás tão fraquinha... e doente. Não... isto vae acabar... Haverá piedade da tua sorte. Tu sahirás d'aqui. E ainda a felicidade...

Instinctivamente hesitava em accusal-a. Para que levantar alli o espectro do crime? E ella se reanimava, e pouco a pouco, ao poder mysterioso da bondade, ia surgindo a sua consciencia entorpecida.

— Olha. Não te abandono, continuava Milkau, e direi aos outros que a culpa não é tua... Sim, forão elles os responsaveis... Elles te perdoarão, confessando a sua terrivel falta. Porque... Não é? são os mais culpados...

Maria estremeceu. As lagrimas seccaram-lhe instantaneamente. Milkau proseguia, arrastado pela deliciosa ancia de confortar:

— Foi n'um momento de allucinação... Não eras tu, bem sei. Era a loucura ..... Abandonada.

perdida, não quizeste (desgraçada que foste!) vêr o teu filho soffrer, como tu...

A miseravel ergueu a cabeça e olhando-o firme, aterrada, recuou para o fundo do estrado.

— Não... não.... murmurou arquejante.

— Eu me compadeço de ti... Não tenhas medo... disse Milkau, querendo attrahil-a.

— Não... vae... vae. E com o gesto incerto o expellia da sua vista.

— Desgraçada! Que te resta, si me repelles...

— Vae... vae... Meu Deus! E as mãos, ora crispadas se torciam juntas n'um aperto, ora, pesadas, comprimiam como tenazes a cabeça.

— Não... Eu fico para te salvar, affirmou Milkau obstinado. Elles não te perdôam... Elles te pedirão conta de teu proprio filho.

— Meu filho... sim... meu filho...

— Que tu mataste.

— Eu?

— Tu.

N'um impulso frenetico de arrancar a confissão, de tudo saber, Milkau allucinado perdia-se desvairadamente.

— Sim... tu... Assassina...

— Não... Meu filho... Não... Não me lembro bem. Arrancaram-no de mim para o devorar... Oh! meu Deus, é horrivel!

E os seus olhos pungentes e frios atravessavam os de Milkau, que, espantado, confuso, emmudecêra. Agora era ella que falava.

— Assassina! Meu filho! Oh! Porque me vem perseguir na minha miseria? Oh! Deixe-me... deixe-me...

A colera de Milkau abrandára em presença d'esse desespero, e humilhado elle se arrependia do seu transporte inconsciente.

— Maria, recomeçou com uma voz apagada, eu te peço por tudo que amas: dize-me que estavas louca, que não eras tu quando mataste teu filho. Dize-me.

— Deixe-me... Deixe-me, murmurava suffocada a pobre.

— Não... Fico... Devo ficar. É para o teu bem. Has de me dizer tudo.

Maria ficou acobardada, sentindo a energica decisão com que foram ditas essas palavras. O seu espirito fragil debateu-se ainda para luctar, mas apenas pairou um momento livre e logo cahiu vencido, anniquilado, aos pés do dominador.

— Quero saber... quero... insistia Milkau.

A rapariga esperava submissa.

— Porque não me chamaste em teu soccorro, quando te viste desamparada, perseguida? Porque? Não confiavas em mim?

— Tinha medo... Vergonha... disse com uma voz imperceptivel.

— Vergonha! E por isso...

Calou-se pensativo, tomado de uma tristeza infinita.

— Natureza humana! Vergonha... disseste... E

por isso mataste teu filhinho, miseravel... teu filhinho?...

— Mas, eu não matei ninguem, gritou n'um esforço a infeliz.

— Não negues... Elles te accusam...

— Elles são máos...

— E quem matou?... Anda... responde... supplicou angustiado Milkau.

Ella obedeceu.

— Quando foi... Pensei estar tão longe... Pensei estar morrendo...

— E depois?

— Ouvi ao meu lado a vozinha d'elle... Chorava! Meu Deus! Depois, um roncar de porcos em roda de nós... Depois, elles o carregaram... e foram... comendo... comendo...

Estes fragmentos de phrases eram bastante para aclarar o espirito de Milkau, e a espantosa scena se lhe representou exacta na imaginação aguçada pela sympathia. E então, illuminado de novo, chamou-a a si, carinhoso e terno.

— Vem! Escuta!

A essa voz, cheia de meiguice, ella se approximou, docil e abandonada. Curvou-se outra vez sobre os joelhos d'elle, e alli, na infecta e tenebrosa prisão, os dois desgraçados foram recompondo tudo lugubremente:

— Tu te sentiste desfallecer... Uma vertigem derrubou-te...

— E os porcos...

— Vieram... O sangue corria...
— A creança... a creança...
— Chorava aos teus pés.
— E os porcos...
— Arrebataram-na...
— Meu filho!
— Tu despertaste e viste ao longe teu filho ensanguentado... aos pedaços, nos dentes dos porcos...
— Meu filho!
— Perguntaram-te por elle... Não te escutaram. Accusaram-te, prenderam-te...
— E agora... amaldiçoada... presa. Nada mais me resta, nada mais...

Desde aquelle momento a vida de Milkau transformou-se de novo. Todas as forças do seu coração voltou-as á defesa e salvação de Maria. O processo demorava, e emquanto não começava, Milkau não desamparava a desgraçada. Fazia-lhe amiudadas visitas, e sendo ella a unica prisioneira, os guardas deixavam-lhe a liberdade de entrar na detenção quando quizesse. Maria chegou a sentir-se feliz na sua miseria. Longos momentos havia em que, presa á voz, á doçura do amigo, ficava deliciosamente esquecida do proprio infortunio. Por sua vez, elle, vendo-a diariamente, encantava-se em sondar essa alma primitiva, rica de emoção e de bemaventurada ingenuidade. Nas

conversas, narrava-lhe sempre as suas viagens, e a sua vida de peregrino no mundo. Tudo ella ouvia com sofreguidão, acompanhando fielmente os casos por elle praticados ou conhecidos. Ora erravam nas pequenas cidades do Rheno e resuscitavam lendas... Subiam aos Alpes gelados e guardavam nas pupillas as côres maravilhosas do sol a morrer... Ora nas grandes cidades tumultuosas sem piedade, onde ha fome... Ou no mar, balançados pelos ventos, arrastados pelas tempestades... E ainda no mar glacial, esclarecido vagamente pela lua, e brancos navios avolumados na phosphorescencia da noite, a passarem sinistros para se mergulhar, sumir, engulidos pela treva insondavel... E ella, como sombra, sempre o seguindo, sempre atraz... Outras vezes, não contava; lia-lhe poemas, de que ella não percebia bem o sentido, mas a cuja mysteriosa musica vibrava, chorando perdidamente, sem saber porque...

Na cidade, Milkau começou a ser notado, e a principio com curiosidade, depois com rancor, acompanhavam a sua extranha conducta. Formaram-se alli, como se formariam em qualquer parte do mundo, as mais indignas conjecturas. Acreditou-se que era elle o amante de Maria, e um odio collectivo não poupava o homem, que se ligava ainda, talvez como cumplice, á mulher que lhe matára o filho. Todos o evitavam; em casa de Roberto Schultz, seu correspondente para os fornecimentos da colonia, era tratado com desdem,

e Milkau, na sua força, na sua superioridade amorosa, resignou-se a ser o inimigo commum. E assim, repellido pelos outros, quando não ia á cadeia, passeiava solitario pelos arredores do povoado.

Dias depois Felicissimo chegou ao Cachoeiro e alojou-se no mesmo hotel em que estava Milkau. O cearense, com a sua indole franca e bondosa, não participava do preconceito da cidade, e, indifferente a isso, era o companheiro de Milkau nos passeios e com inquietação amiga observava-lhe os silencios profundos.

De volta de uma d'essas caladas excursões, entraram uma manhã na cidade e viram um movimento desacostumado na rua principal. Ás portas das lojas e nas calçadas a gente do logar e os tropeiros e colonos do centro seguiam pasmados um grupo, que passava. Era Maria, ladeada dos dois soldados, que ia responder ao processo. Vinha transfigurada, e á claridade do dia a sua lividez era cadaverica; os olhos postos no chão tinham grinaldas roxas, e na bocca morria-lhe um nenuphar branco, humido, gelado...

Milkau commovido, mudo, deixou passar aquella visão que lhe parecia o phantasma da Innocencia levada para o martyrio... Ao longe ella se foi perdendo, apagando-se... Milkau abandonou Felicissimo e precipitou-se no encalço, para o Juizo. O agrimensor, compadecido, não procurou detel-o.

Depois da primeira audiencia seguiram-se outras,

a que Milkau não faltava. As testemunhas depunham contestes contra Maria. A trama estava bem tecida e fatalmente a accusada não poderia rompel-a. Pedro Maciel era o juiz da instrucção dirigindo desprevenido e intelligente o processo, com uma inutil cordura. A persistencia de Milkau tornava-o um familiar das audiencias e, muitas vezes, depois de acabado o trabalho, Maciel entretinha-se muito á vontade com elle. Por seu lado, Milkau achava o juiz municipal uma esplendida natureza e o ia estimando. Não era seguramente a posição do magistrado que o attrahia. Quando estava deante de outro homem, Milkau imaginava-se no deserto; o seu espirito eliminava todas as separações que vêm da sociedade e instinctivamente não conhecia as vãs distincções de posição, de fortuna, de familia, de raça. Apenas via um ser egual, que tratava sempre com sympathia e ás vezes com respeito, quando, pela sadia intelligencia, pelo soffrimento augusto, pela superioridade moral, esse homem lhe inspirava tal sentimento.

Os dias d'essa acabrunhadora vida no Porto do Cachoeiro se iam succedendo sem alteração para Milkau, quando, voltando da cadeia, uma tarde, encontrou Felicissimo muito sobresaltado.

— Que desgraça! que desgraça! foi lhe dizendo abrupto o cearense.

— Que foi? perguntou Milkau interessado.

— Uma desgraça... O pequenino Fritz, o filhi-

nho de Otto Bauer acaba de ser esmagado por um barril de vinho no armazem do pae...

— Que horror! Pobresinho! E onde está?

— Alli, mais abaixo, apontou Felicissimo. Em casa d'elles. Fui chamar o medico, e volto para lá.

— Vamos.

Quando chegaram, a casa estava em alvoroço, A noticia tinha-se espalhado e muita gente apiedada viera agglomerar-se ahi, invadindo com a familiaridade da compaixão o aposento onde, deitada em uma mesa, a creança morria. A mãe ainda joven debruçava-se sobre ella, devorando-a com os olhos, n'uma dôr sombria, confusa, de animal. O pae vagava a tremer pela sala, atordoado com o desastre. Ouviam-se lamentos e chôros em roda. O pequeno Fritz agitava de vez em quando os bracinhos, estrebuxando. Pelos cantos da boquinha escarlate sahiam espumas de sangue. Os olhos azues arregalavam-se desmedidos e as pupillas immensas, de tão dilatadas, parecia não lhes caberem mais. A cabeça estava intacta; o esmagamento tinha sido no thorax.

— Pobre creança! gemeu Milkau, não duvidando da morte. E atraz d'elle uma voz lhe pediu :

— Veja se dá um remedio para a salvação.

Milkau voltou-se e fitou Joca. Este tinha o ar tragico de um satyro em dôr. A creança era o carinho do tropeiro quando elle vinha á cidade. Os paes lh'a confiavam a passeio, entregavam-na aos seus desvelos quasi maternaes, e o cabra sentia-se

desvanecido, feliz, quando o trazia nos braços de loja em loja ou quando lhe dava, com o cuidado de uma ama, a mão na rua para ir ensaiando os passinhos vacillantes. Milkau ficou sensibilisado, vendo aquella face de homem primitivo e barbaro molhada de lagrimas, e sem a menor esperança fez com auxilio do tropeiro alguns curativos. O medico não tardou. Viu o que estava praticado e, sacudindo a cabeça, murmurou :

— Era o que se podia fazer... Não ha mais nada.

E, nas tenebrosas torturas da meningite, morreu o pequeno Fritz. Na vigilia da noite eram todos os que guardavam o cadaverzinho, muito silenciosos, divagando em scismas. De fóra vinha pelas janellas abertas o doloroso mugido da cachoeira. Pouco a pouco o silencio em que estavam e a fadiga do coração foi entorpecendo e adormecendo a quasi todos. E na frouxa claridade das velas mortuarias desenhava-se fugitivamente o vulto de uma velhinha, a bisavó do pequenino, quasi extincta, incorporea, de uma transparencia vitrea, a vida só nos olhinhos limpos e de uma scintillação sinistra... A mãe de Fritz tambem fechou os olhos e o somno lhe foi vindo ao tempo que a respiração offegante moderava e as côres rubras das faces inchadas se iam apagando até uma pallidez absoluta... Depois, a physionomia serenou, tomando uma expressão socegada e feliz. Era uma bella mulher, de uma cabelleira farta

e negra, com um perfil delicado e fino. Tudo n'ella exprimia saude e força, e a dôr lhe vinha como uma hospeda extranha e importuna. Os que ainda alerta a contemplavam, tiveram uma pungente tortura vendo essa mãe bonita e moça dormindo a sorrir, voltada para o filho morto... No canto da sala uma imagem de Nossa Senhora, illuminada por uma lampada, presidia a morte.

A familia catholica revelava-se. E Milkau reflectia deante do admiravel symbolo. Tinha a impressão de que todo o culto se ia restringindo em torno da Virgem Maria. Lembrava-se das cathedraes, dos templos onde passára e onde sempre os altares d'Ella attrahiam mais os corações das gentes, emquanto os outros, mesmo os do Christo, ficavam quasi desertos. E porque? Talvez pela maior conformidade entre o genero humano e a mulher. E essa tendencia universal para divinisar, exaltar as deusas, as santas, não vinha acaso de longe, de muito longe, não estava agora em plena culminancia no culto de Maria, que ia insensivelmente apagando, absorvendo todos os outros?..

Toda a noite passou Milkau a confortar a familia. Elle estava tambem esmagado e abatido. E, quando olhava o mortosinho, scismava:

— E' dolorosa ainda mais do que as outras a morte de uma creança. E' a dôr deante do inacabado, do apenas ensaiado... do que nos ia completar... Não viver... E os que morrem sem ter vivido, os que foram apenas esboços da existencia,

deixam-nos uma piedade torturante. Quando morre uma creança, nós tambem morremos um pouco n'ella, porque ahi morre uma illusão nossa.

No outro dia foi o enterro. Toda a gente da cidade, n'uma espontanea unidade de sentimentos, participava de um mesmo pezar, tornando a tristeza collectiva.

A manhã era limpida, lavada e azul. Uma banda de musica alegre, ruidosa, como nos enterros de anjos, puxava o prestito, em que o povo vinha sorumbatico e lugubre. Foi um luto geral na povoação espantada com a catastrophe : as escolas fecharam-se, e grupos de meninos vestidos de branco enfileiraram-se alongando o cortejo ; os armazens tambem cessaram o trabalho e de todas as casas e lojas vinha gente encorporar-se ao enterro, mesmo os inimigos e competidores do pae de Fritz, que traziam flôres, suspendendo confrangidos e aterrados os seus odios.

As auctoridades brasileiras vieram, excepto Brederodes, que não perdoava ao extrangeiro nem mesmo na desgraça. E a marcha ia n'essa mistura de amargura, ruido e musica alegre, desenrolando-se pela rua principal do povoado. Entre os que carregavam o esquife, estava Joca, a mirar embevecido o seu amado menino vestido de marinheiro e embarcado como n'um brinco infantil n'aquella gondolasinha dourada e vermelha, em viagem para o céo...

Quando deixou a rua á margem do rio, o enterro

tomou a direcção da cadeia, que ficava perto do cemiterio. Lá, á prisão chegou primeiro matinal e alviçareira a musica, e Maria, que tudo ignorava, sentiu uma fresca claridade n'alma com aquellas caricias do som immortal. E despercebida, attrahida por ella, veiu a grade e poz-se a mirar... O enterro vinha vindo marcial e solemne... Maria espreitava; o seu olhar de allucinada sahia violento pelas grades da prisão e repousava ardente no morto... Ainda alli na morte passava o triumpho, a victoria da força e da felicidade... Ella ouvia agora, confundidas na harmonia dos sons, outras vozes abafadas, cavernosas... Vinham de longe, do desconhecido, mas tão persistentes, tão terriveis que dominavam os cantos dos instrumentos... E Maria, na sua sensibilidade desvairada, ia ouvindo, ia vendo o enterro do proprio filho, levado pela musica macabra do resfolegar dos porcos... Com o rosto descomposto, os cabellos pendentes, a bocca cerrada, n'uma contorsão, ficára hirta, agarrada ás grades... Da multidão, só Milkau olhava para ella, tomado de uma compaixão infinita. Os mais, apavorados e rancorosos, desviavam-se da figura infernal da desgraçada... A colonia passava, unida na piedade como no odio.

X

Paulo Maciel, agora, depois das audiencias do processo, arrastava Milkau diariamente á sua casa e em longas e nobres palestras, dignas de homens, a amizade se ia formando entre elles. Para Maciel, sobretudo, que se sentia separado de todos d'aquella terra, esses momentos eram sagrados, tinham o perfume da liberdade, e jamais, depois que o doce veneno da duvida lhe corrompêra a alma, fôra elle tão feliz e fecundo.

— Não vejo meio de evitar um máo desenlace ao processo, disse o magistrado, logo que se encerraram no escriptorio, respondendo a uma pergunta de Milkau.

— Como? Está convencido da culpa de Maria Perutz? perguntou Milkau inquieto.

— Meu amigo, não estou convencido de coisa alguma... Apenas lhe explico que, pelos depoi-

mentos, pela prova dada, a pronuncia é fatal, e a condemnação...

— Mas as testemunhas, cortou Milkau, vêm insinuadas, foram industriadas para essa desgraçada conclusão.

— A quem o diz? E' sempre assim entre nós: não ha um processo em que se possa fazer justiça. Digo-lhe isto eu, que sou juiz. Que exprimem as minhas sentenças sobre a verdade dos factos? Nada... Não pense que não desejaria reagir. Mas é inutil; quando recebo uns autos, ha n'elles tal tecido de mentiras que tenho de capitular. E' de desesperar, não é?

— E' horrivel!...

— Um paiz sem justiça não é um paiz habitavel, é uma agglomeração de barbaros... affirmou Maciel no seu pendor para generalisar.

— No Brasil não ha lei, e ninguem está garantido, continuava. O processo é feito de tal maneira que tudo vae em perigo. Olhe, si aqui um homem entender se apossar da propriedade de outro, encontra no nosso systema de justiça, no modo por que se faz o processo, apoio para a sua intenção. E si esse homem é um potentado, ninguem o póde embaraçar. Nem eu mesmo... concluiu.

— No mundo inteiro a justiça é uma illusão, interrompeu Milkau.

— Mas no Brasil a situação é ainda peior, porque não se trata de raros eclypses de justiça.

Milkau, sem dizer nada, ficou pensativo, ouvindo o joven magistrado que proseguia n'um impulso de confissão, de desabafo.

— Isso, que chamamos nação, não é nada, repito; aqui já houve talvez uma apparencia de liberdade e de justiça, mas hoje está tudo acabado. E' um cadaver que se decompõe este pobre Brasil... Os urubús ahi vêm...

— De onde?

— De toda a parte, da Europa, dos Estados Unidos... E' a conquista...

— Não creio, assegurou Milkau.

— Virão. Como poderemos nós subsistir desta fórma em que vamos? Onde a base moral para mantermos a nossa independencia no exterior, si aqui dentro estamos na desordem e no desespero? O que se dá no paiz é uma verdadeira crise do caracter. Não ha uma virtude fundamental...

— Um caracter de raça, explicou Milkau.

— Sim, meu amigo. Aqui, a raça não se distingue pela persistencia de uma virtude conservadora; não ha um fundo moral commum. Posso accrescentar mesmo: não ha dois brasileiros eguaes; sobre cada um de nós seria futil erguer o quadro de virtudes e defeitos da communhão. Onde está, mudando de ponto de vista, a nossa virtude social? Nem mesmo a bravura, que é a mais rudimentar e instinctiva, nós a temos com equilibrio e constancia, e de um modo superior. A valentia aqui é um

impulso nervoso. Veja as nossas guerras, de quanta cobardia nos enchem a lembrança!... Houve tempo em que se proclamava a nossa piedade, a nossa bondade. Collectivamente, como nação, somos tão máos, tão hystericamente, inutilmente máos!...

Calou-se, como levado a tristes recordações. Milkau, compadecido das torturas d'aquella alma de brasileiro, fitava-o com immensa sympathia.

— Repare o que se passa com o patriotismo, proseguiu depois Maciel. No Brasil a grande massa da população não tem esse sentimento; aqui, ha um cosmopolismo dissolvente, não que seja a expressão d'uma larga e generosa philosophia, mas simples symptoma de inercia moral, indicio da perda precoce de um sentimento que se devia casar com o estado atrazado de nossa cultura. Note que os poucos patriotas que temos, são ainda homens de odios, de sangue, emfim logicamente selvagens.

— Não ha duvida, ponderou Milkau, interessado n'esta analyse franca de Maciel, que ha profunda disparidade entre as varias camadas da população. E a falta de homogeneidade será talvez a maior causa deste desequilibrio, desta instabilidade...

O juiz reflectiu e, desbruçando-se um pouco sobre a mesa, voltado para Milkau, replicou a este n'um tom mais decisivo e vibrante :

— Tem razão. O aspecto da sociedade brasileira é uma singular physionomia de

decrepitude e de infantilidade. A decadencia aqui é um mixto doloroso de selvageria dos povos que despontam para o mundo, e do exgottamento das raças acabadas. Ha uma confusão geral. As correntes da immoralidade vagueam sobre a sociedade e não encontram resistencia em nenhuma instituição. Uma tal nação está preparada para receber o peior dos males que póde cahir sobre o mundo: a geração dos governos arbitrarios e despoticos. Si a sociedade é uma obra de suggestão, que se póde esperar dos sentimentos, da idealisação das massas incultas, quando a imaginação d'ellas é deslumbrada pelo espectaculo da mais desbragada perversão dos governantes? Que reacções sobre cerebros obscuros não provocará o desamor d'esses conductores das gentes, ao ideal, ás coisas superiores, e seu apego ás posições e ao ganho? E não é só o governo. E'a magistratura subserviente e apparelhada para explorar os restos da fortuna privada, são os funccionarios, os militares, o clero, tudo n'um declive em que se vão resvalando, horrivelmente deformados...

Levantou-se muito nervoso, abriu a janella que dava para o rio, e poz-se a mirar absorto e vago a cachoeira, emquanto a claridade da tarde, mansa e suave, invadia o aposento. Milkau, sem se mover do seu logar, encheu-lhe os ouvidos de louvore á natureza.

E Maciel voltou-se:

— Ainda é uma vantagem viver-se na roça nesta hora tenebrosa. Ao menos, temos a benignidade da calma e a tranquillidade da familia. E por quanto tempo, não sei... O clima... A peste se apodera do corpo miseravel da nação... A familia vae sendo demolida pela força imperiosa dos vicios.

Parou, e como resumindo todas as suas decepções e anhelos, murmurou n'um desalento :

— O meu desejo é largar tudo isto, expatriar-me, abandonar o paiz, e com os meus ir viver tranquillo n'um canto da Europa... A Europa... A Europa! Sim, ao menos até passar a crise...

E quando ia sendo arrebatado pela expansão dos seus mais intimos anceios, Maciel conteve-se com esforço, ficou repentinamente mudo, fitando com os olhos vermelhos e humidos o extrangeiro. Milkau falou-lhe com brandura; e as palavras cahiam frescas e consoladoras sobre os campos desertos d'aquelle coração.

— Não quero diminuir, disse elle, a exactidão dos seus conceitos. Mas lembre-se de que não ha sociedade sem abalos. Ou melhor, que não ha nada fixo e eterno : tudo vae de passagem, tudo está sempre em crise, procurando perpetuas e incessantes combinações de ser. Por outro lado, esse terror que nos vem dos acontecimentos presentes, é tambem um pouco uma questão de perspectiva. Quando estamos dentro d'elles, tudo se mostra grandioso ou ridiculo, terrivel e formidavel, tudo

parece ir acabar n'uma desaggregação irremediavel; mas no futuro elles minguam á força de distancia, parecem normaes e suaves, e nós começamos a louval-os, como uma engenhosa e admiravel expressão dos melhores tempos, que são sempre os passados. Deixa que lhe repita uma velha imagem? E' assim como si estivessemos no mar, no meio das ondas e dos ventos : o espectaculo do oceano enche-nos a alma de terror, porém depois que o atravessamos e o olhamos de longe, as ondulações das vagas são como um leve sorriso.

E Maciel tambem sorriu, festejando a metaphora.

— Muito bem, replicou, tornando-se subitamente jovial; mas aqui se passa uma verdadeira tormenta...

— E' natural, e não podia ser de outro modo. Do que tenho observado e adivinhado um pouco, é ella consequencia da primitiva formação do paiz. Desde o principio houve vencedores e vencidos, sob a fórma de senhores e escravos; desde dois seculos estes luctavam por vencer aquelles. Todas as revoluções da historia brasileira têm a significação de uma lucta de classe, de dominados contra dominadores. O povo brasileiro foi por longos annos apenas uma expressão nominal de um conjuncto de raças e castas separadas. E isso se manteria assim por muitos seculos, si a forte e imperiosa sensualidade dos conquistadores não se encarregasse de demolir os muros da separação, e não formasse essa raça intermediaria de mes-

tiços e mulatos, que é o laço, a liga nacional, e que, augmentando cada dia, foi ganhando os pontos de defesa dos seus oppressores... E quando o exercito deixou de ser uma casta de brancos e passou a ser dominado pelos mestiços, a revolta não foi mais do que a desforra dos opprimidos, que fundaram desde logo instituições destinadas a permanecer algum tempo, pela sua propria força de gravidade, n'uma harmonia momentanea com os instinctos psychologicos que as crearam... Era preciso esse choque do inconsciente para se fazer o que se buscava desde seculos por outros meios: a nacionalidade...

— Bravo! applaudiu Maciel. Está ahi a explicação do triumpho e do prestigio do nosso "Maracajá".

— É o representativo, affirmou Milkau, tambem gracejando.

— Vejo bem que é isso mesmo, commentou o juiz. Era preciso formar-se do conflicto de nossas especies humanas um typo de mestiço, que se conformando melhor com a natureza, com o ambiente physico, e sendo a expressão das qualidades médias de todos, fosse o vencedor e eliminasse os extremos geradores. Perfeito... Reparemos que Pantoja não é um caso isolado. Os que tendem a nos governar, e que nos governam com melhor acceitação e exito, são desse mesmo typo de mulatos. O Brasil é, emfim, d'elles...

Paulo Maciel deteve-se um momento, e depois,

emquanto olhava para as mãos brancas e longas, continuou com um sorriso ironico :

— Não ha duvida... Si eu tivesse algumas gottas de sangue africano, com certeza não estaria aqui a me lamentar... O equilibrio com o paiz seria então definitivo... Pantoja, Brederodes... estes não marcham firmes e seguros?... Não são os donos da terra?... Porque não nasci mulato?...

O pequeno mundo da colonia, tangido pelo escrivão, representou-se no espirito de Milkau como um resumo bem claro de todo o paiz. Todos os nacionaes que alli dominavam, sahiam fatalmente do nucleo da fusão das raças, emquanto aquelle joven de uma intelligencia mais fina, de uma sensibilidade maior e mais distincta, era aniquilado, vencido pelos outros. Tinha razão? Faltava-lhe a gotta de sangue negro para que tudo n'elle se equilibrasse?

— Vê, meu amigo. E' fatal, disse Maciel negligentemente; não ha salvação possivel para o nosso caso, é uma incapacidade de raça para a civilisação...

— Oh! não. Isto não se póde concluir dos meus pensamentos. A crise da cultura aqui é motivada pela divergencia dos estados de civilisação das varias classes do povo. É preciso um pouco mais de identificação, como dolorosamente já se está fazendo. Não ha raças capazes ou incapazes de civilisação, toda a trama da historia é um processo de fusão : só as raças estacionadas, isto

é, as que se não fundem com outras, sejam brancas ou negras, se mantem no estado selvagem. Si não tivesse havido a fatal mistura de povos mais adeantados com populações atrazadas, a civilisação não teria caminhado no mundo. E no Brasil, fique certo, a cultura se fará regularmente sobre esse mesmo fundo de população mestiça, porque já houve o toque divino da fusão creadora. Nada mais póde embaraçar o seu vôo, nem a côr da pelle, nem a aspereza dos cabellos. E no futuro remoto, a epocha dos mulatos passará, para voltar a edade dos novos brancos vindos da recente invasão, acceitando com reconhecimento o patrimonio dos seus predecessores mestiços, que terão edificado alguma coisa, porque nada passa inutilmente na terra...

— O paiz será branco em breve, suspirou Maciel, quando fôr conquistado pelas armas da Europa.

E Milkau disse ao brasileiro:

— Essa Europa, para onde d'aqui se voltam os vossos longos olhos de sonhadores e moribundos, as vossas cançadas almas, cobiçosas de felicidade, de cultura, de arte, de vida, essa Europa tambem soffre do mal que desaggrega e mata. Não vos deixeis deslumbrar pela exhausta pompa da sua civilisação, pela força inutil dos seus exercitos, pelo lustre perigoso do seu genio. Não a temaes nem a invejeis. Como vós, ella está no

desespero, consumida de odio, devorada de separações. Ainda alli se combate a velha e tremenda batalha entre senhores e escravos... Não ha calma para a consciencia, não ha tranquillidade no goso, quando ao vosso lado sempre alguem morre de fome... E' uma sociedade que acaba não é o sonhado mundo que se renova todos os dias, sempre joven, sempre bello. E ainda para manter taes ruinas, os governantes armam homens contra homens e entretêm-lhes os ancestraes appetites de lobos com a pilhagem de outras nações. Tudo que se apresenta á flor da vida não corresponde mais aos fundamentos da Vida... As leis, nascidas de fontes impuras para matar a liberdade fecunda, não exprimem o novo direito; são o escudo perturbador do governo e da riqueza, e quem diz auctoridade diz posse, diz servidão e destruição. Por taes leis os povos chegaram a esse excesso de grandeza que é o primeiro toque da decadencia. Por ellas tudo se baralha, toda a humanidade parece sem raizes na terra, passando, como si estivesse para morrer, sem cuidar dos que vêm surgindo após. Está vacillante, inquieta, n'esse momento indeciso em que não teme mais a justiça vingadora e posthuma, que amedrontava no passado os espiritos, e nem pratica a maravilhosa justiça que vae chegar amanhã para dar a todos o que é de todos.

« Nada corresponde ao Tempo. O espirito que morreu, ainda anima debilmente o mundo... As

raças deixaram de ser guerreiras e ainda se armam... Os povos abandonaram a religião e conservam os templos e o sacerdocio... A arte não exprime a vida, nem a alma do momento; a poesia volta-se para o passado e a sua lingua subtil, fina e mesquinha, sem seiva nem vigor, não é a lamina poderosa e refulgente onde se reflecte a imagem dos novos homens. E por tudo isto que enlanguesce e definha, passa o veneno sensual, morbido e perfido, tirando a força ao homem e a bondade ao leite da mulher... Não a temaes, que vos não póde escravisar; antes que se erga contra vós, ella se despedaçará. Não longe, os seus exercitos não se poderão mover, pois como a essas figuras carbonisadas desentranhadas da terra do passado, um sopro de vento os reduzirá a pó, o sopro bemfazejo que tudo invade, tudo vence, como o bafo sagrado das divindades do futuro, e que são as forças redemptoras da sciencia, da industria, da arte, da intelligencia, do odio e do amor e de mil outras potencias ainda incognitas, mysteriosas e santas... E já as posições vão sendo tomadas insensivelmente pelos que as desprezam.

— E' um grande mal, disse involuntariamente Maciel, n'uma voz imperceptivel.

— É o primeiro passo e um grande bem. Que o exercito, a magistratura, o governo, o parlamento, a diplomacia, a universidade e tudo mais que deva finar, caia nas mãos dos que julgam taes instituições como instrumentos do mal, crea-

ções grosseiras ou ridiculas. Então os exercitos não marcharão...

— Não será a conquista fatal do paiz, onde isto primeiro se dér? arriscou o joven brasileiro.

— Si taes consequencias resultarem, serão tão fugazes e passageiras que não devemos d'ellas cogitar. O dominio do vencedor d'essas luctas inferiores será instantaneo, porque aquellas forças da resurreição se communicam invisiveis entre os homens do nosso grupo de cultura, e conduzem ao mesmo resultado n'este systema planetario, onde, destacando-se da nebulosa inicial, entrou o Brasil para soffrer comnosco os mesmos sacrificios, as mesmas transformações e, n'uma semelhança de destino mais funda que apparente, sonhar os mesmos sonhos...

Quando Milkau partiu, o juiz, ficando só, scismava em tudo o que acabava de entrevêr deliciosamente, n'esse mundo a transfigurar-se, n'essas ancias para novas e mais bellas expressões da vida, n'essa esperança luminosa e feiticeira... E, apesar do deslumbramento da visão, as atribulações do momento venciam-no

— Tudo desmorona em torno de mim. Já ninguem aqui se entende, e não tarda que eu mesmo seja extranho a tudo e nada mais sinta de commum com aquelles que são os homens de minha terra... O que me resta é ainda este socego da familia, este amor de mulher que me conforta, e esta

creança que nos rejuvenesce, emquanto lá fóra tudo vae desabando.

Não ouvindo mais rumor de conversa no escriptorio do marido, a mulher de Paulo Maciel entrou ahi discretamente, como tinha por habito todos os dias antes do jantar. Era esbelta, magra e ainda muito joven. A pallidez brasileira, doentia e diaphana, dilatava-lhe os olhos negros e faiscantes. Sentou-se no seu logar de retiro e d'ahi, arrancando o marido das scismas em que estava, foi-se reclinando suavemente para elle. Maciel, eternamente fascinado por ella, acalmou-se, e sem demora esquecido de suas devastadoras angustias, e debeis revoltas, foi em sussurro entretecendo com a companheira, como em fios de brando e macio cabello de mulher, uma doce e infinda conversação. A noite vinha vindo, avançando e estendendo-lhes em silencio os braços cheios de ternura mysteriosa. E tudo foi uma volupia, casta e subtil.

Mas não tardou que passos miudos e velozes os sacudissem d'esse vaporoso adormecimento, e logo invadisse o aposento a figura em desordem de uma creança. Trazia as faces vivas e accesas, tremia-lhe o narizinho; os cabellos vinham debandados, e pela testa corria um suor gelado. Cahiu nos braços da senhora, vibrando, abafada:

— Mamãe!

Esta, afflicta e estupefacta, olhando-a sem vêr, recolheu-lhe anciosa o corpinho.

— Gloria! Gloria! murmurou.

O marido achegou-se a ella, e tomando-lhe umas das mãos, beijou a creança.

— Soceguem.

Esta palavra foi dita varonilmente e trouxe lagrimas á mulher, como uma reacção de alento, e Gloria, a creança, enterrou mais a cabeça no collo onde se agasalhára. N'este momento entrou no aposento a criada, que, agitada, começou a explicar a angustia da menina, reconstituindo com largos gestos e grandes vozes, quasi n'uma algazarra, um episodio da rua. Passeavam ambas, quando uns immigrantes mendigos se acercaram d'ellas, pedindo esmola Algumas mulheres do bando desejavam com mãos descarnadas apossar-se das joias da menina, e uma mais ousada beijou-lhe o rosto; e emquanto forçava por tirar-lhe a pulseira, o filho arrancou-lhe o laço de fita, correndo n'uma gargalhada de triumpho. A criada defendera Gloria, repellindo o grupo com o chapéo de sol, mas á sua energia tonta correspondera uma vozeria desbragada. Si não fosse a intervenção de dois homens que passavam, a lucta não se terminaria logo. Mal puderam escapar, partiram desvairadas para a casa, no meio de imprecações de furia.

Durante a narração, a moça segurava a menina pela cabeça, beijando-lhe frequentemente os amortecidos olhos de somnambula. Paulo Maciel, para diminuir nesta o natural e invencivel horror aos pobres, tentou disfarçar o acontecimento, sorrindo d'aquelles sustos. A creança encarou-o indecisa.

O medo dava-lhe o justo sentimento do real, e tornava vãs as palavras.

Procuraram distrahil-a e desviar para coisas alegres e diversas a sua attenção, pois já aos cinco annos uma precoce e morbida phantasia era-lhe doença d'alma. A invenção dos grandes não foi feliz e fertil naquelle momento; as idéas lhes fugiam; elles paravam, scismavam, e apenas como recurso lançavam-se ao argumento que nunca tráe, beijos, que foram então arquejantes...

A grande calma do crepusculo aquietava-lhes, como num remanso, as perturbações, e só a menina de vez em quando tremia, segurando-se á senhora, a quem não sobrava regaço para occultal-a, e abrigal-a mais e envolvel-a com os braços, perdidamente, maternalmente.

— Tenho medo, mamãe!

Depois, um soluço hysterico, outro, mais outro, succedendo uma modorra interrompida de instante e instante pelo crispar de suas garrasinhas aferradas aos pulsos da senhora, que tentava inutilmente adormecel-a. Os seus sentidos sahiam do pesadelo n'uma dolorida expressão de susto e de fadiga. Levantou a cabeça, fitou os outros com um sorriso leve, melancolico, que traduzia uma mansa agonia, rudimentar, inconsciente, a indizivel tristeza das almas rudes, primitivas ou infantis. Moveu os labios como quem ia falar, e os dois esperaram, em subita transformação de allivio, a sua voz.

— Ah! nós tambem fomos como elles, hein, mamãe! murmurou Gloria, brandamente.

A mulher de Maciel a principio não percebeu toda a extensão d'aquelle pensamento, mas do pouco que comprehendeu, ficou aterrada. Maciel que estava a ler, deixou cahir o livro, e enfiou olhos agudos na menina.

— Sim, mamãe, ha muito tempo, longe, n'outra terra. Nós andavamos na rua toda a hora, dormiamos na rua, você me carregava, quando eu não podia mais; papae me dava tanto...

A sua physionomia transfigurava-se com essa recordação, e, em extase, voltada para a janella, parecia buscar dias passados. Os outros scismavam.

— Você se lembra quando a gente não tinha que comer e ia pedindo dinheiro? Você me beliscava para eu chorar e me empurrava dentro das lojas para pedir comida...

— Gloria, disse Maciel, que tolices são essas? Não fales n'isso...

A menina moveu para elle o rosto. Quedou-se um momento calada, obedecendo á intimação. Ouviu-se um grande suspiro. Mas, d'ahi a pouco, como que irresistivelmente:

— Ah! que frio fazia lá. Aqui não se treme, não cáe neve. Porque, mamãe?... Você se lembra d'aquelle chapéo que você tirou do menino na rua e me deu? Ih! correram atraz de nós, não foi, mamãe? Mas nós nos escondemos n'aquella casa

escura, e eu fiquei com o chapéo bonito...

— Gloria, Gloria! teve a moça forças de exclamar.

Paulo Maciel levantou-se convulso, tomou-a ao collo e mostrou-lhe uma estampa, que tirou precipitadamente do armario.

— Que bonito! Não se conteve a creança. Me dá, papae?

— Dou, si não disseres mais tolices.

Ella pagou-lhe com um beijo. Voltaria á realidade o seu espirito desannuviado das nevoas que o envolviam? pensou Maciel. E pousou Gloria no chão com a gravura. A creança, porém, pouco se demorou em admiral-a; voltou á senhora que estava a chorar:

— Mamãe, não chore. Você tem tanto dinheiro... Você não apanha... Não é, papae?

Fazia-se escuro. A criada tardava em trazer o candieiro. No completo repouso da casa, á sombra que abafava os ultimos clarões da luz, a figura e as palavras de Gloria, como a imagem e a voz de um passado horrivel, que resurgia em meio da felicidade, tinham ares de monstros. E ainda assim, Maciel gosava um absurdo e requintado prazer intellectual n'aquellas tenebrosas visões da creança...

— Você não era assim, mamãe, como agora, boa para mim. Eu não tinha boneca, não tinha criada; nem cama! Andava suja. Não era? Você não tinha vestido bonito, não tinha dinheiro, não tinha anel!... Tinha uma pulseira que aquelle moço lhe

deu... Papae ficou zangado, você apanhou muito, hein mamãe!...

A pobre moça desalentada parecia vêr lagrimas no rosto do marido.

— O moço dormiu lá, quando papae foi preso pelos soldados. Me dava dinheiro, dizia que eu era filha d'elle, mas eu queria era meu papae... Papae voltou... você disse que elle era tonto... aquella mulher contou tudo...

Levantando os braços n'um immenso esforço de quem suspende algemas, Paulo avançou esboçando no espaço gestos inuteis para tapar aquella bocca maldita e innocente.

— Mamãe tambem mordeu na rua a mão da menina para tirar o anel. Eu vi. Pensa que eu não vi? Agora a gente não tira mais de ninguem. Papae, cadê o homem que você quiz matar com aquella faca?...

De repente, voltou-se para a senhora :

— Amanhã vou passear com o vestido côr de rosa? Levo a boneca maior, a Dulce, sim?

Murmurando umas desculpas, a criada penetrou no gabinete trazendo um candieiro acceso.

— Emilia, Emilia, amanhã... gritou Gloria, partindo no seu encalço.

A mulher de Paulo Maciel abraçou-se a elle como a um rochedo. Agarrados um ao outro, fulminados pela sensação, olhavam correr a creança. A sua caridade amorosa colhia os fructos amargos de Chanaan. Havia dois annos, n'um grande

desespero de infecundidade, tinham aberto o coração áquella filha de uns immigrantes hespanhóes. E agora, das cellulas obscuras e implacaveis d'ella, surgia-lhes, como um castigo, uma existencia de outros, um passado alheio...

XI

Lentz vagava nas desertas margens do Rio Doce, e o seu espirito, atormentado pela solidão, retrahia-se comprimido deante da serenidade desesperadora da terra. Sobre elle o céo cavado, longinquo desdobrava-se sereno e luminoso, o sol abrasava um mundo parado e morto. Ia errante e perdido, embebidos os olhos no que alli era a unica vida, nas aguas vagarosas, deslisando como alma expirante. A implacavel belleza do silencio o exaltava, e elle passava amaldiçoando a impassibilidade do universo, que não estremecia nem se agitava fecundo aos seus pés sobrehumanos. Na conspiração da calma, da solidão, da luz, do esplendor, do infinito, o espirito do homem delirava. E nesse delirio a memoria apagava-lhe as origens da existencia, o passado não tinha sido; e tudo, fórmas deliciosas das coisas, agua, que ainda se movia, arvores silentes e concentradas, céos, sol, montes, nuvens,

tudo era a expressão de vidas que se extinguiram, de seres que se agitaram cheios de alma, e que preparavam extaticos o leito admiravel para o despertar do primeiro homem. E a nova existencia das novas fórmas ia começar...

Lentz sentiu-se maravilhado pelo scenario em que se abriam seus olhos sem passado, virgens e primitivos; mas o tédio de se vêr unico, errante, desalentava-o, e immortal, e infinito, mergulhava o espirito no tempo immemorial, e tremia de tristeza. E assim na região do silencio as ancias da creação agitaram o homem forte. O principio da vida, o impeto de repetir-se eternamente erguia-se n'elle, supplice e imperioso. Lentz quiz que as suas forças intimas e essenciaes, desaggregando-se, se fraccionassem em parcellas imponderaveis e invisiveis, como particulas de luz, n'uma mysteriosa fecundação do Nada. Anceado, inquieto, doloroso, delirava... e uma illusão perversa descortinava a sua imagem multiplicada em myriades de corpos formosos e serenos, como a geração de um deus. Deliciou-se extasiado nos olhos da sua raça, nos cabellos, nos membros e traços de gloria, em que cada um resumia a belleza e a força do universo... E tudo era bello, e tudo era bom, porque tudo era elle.

Depois, não tardou a chegar-lhe a invencivel monotonia de se vêr a si, a si indefinidamente. No desespero, quiz voltar ao increado, extinguir tudo, e gerar novos seres, que não fossem a sua imagem,

que não fossem divinos, que gemessem, que morressem e fossem humanos. O creador luctou com o proprio espirito e o espirito, como uma força diabolica, indestructivel, venceu-o, creando sempre a mesma expressão, sempre elle só. Elle... E as fórmas que sahiam da força solitaria e desdenhosa, acompanhavam-no eternas e fataes. Lentz horrorisava-se de se vêr a si mesmo, n'uma multiplicação infernal. Do alto da montanha, aonde chegára, precipitou-se, fugindo da multidão de phantasmas que o perseguiam amorosos e escravos e que eram elle, sempre elle... Approximou-se do rio, vôou sobre este n'um impulso de salvação, n'um desejo extranho de anniquilamento, de allivio... e parou. Sobre o crystal das aguas a sua imagem o espreitava para o seguir ainda na morte...

E o delirio se repetia sob mil terriveis combinações, nos dias serenos que abrasavam a alma fragil e desvairada do solitario. E quando, nas noites socegadas, os tormentos da nova vida sobrehumana não o mortificavam, elle penetrava na solidão infecunda do espirito e errava pelo deserto ululando, amesquinhado e cobarde. Implorava a companhia tenebrosa do vento, e o vento se calava áquella invocação satanica; com os olhos ardentes e devoradores, buscava, em vão, reanimar as coisas que adormeciam. A lua voltava para elle a sua livida face de cadaver...

Um movimento de piedade trouxe Milkau á

colonia. Durante todo aquelle tempo, não esquecêra o seu companheiro de destino. E, quando houve uma parada no processo, veiu ao Rio Doce. Era ainda madrugada quando entrou no prazo, e logo no jardim abandonado, invadido pelo matto, que não perdôa e está sempre attento ao descuido do homem, Milkau adivinhou tudo. A casa estava aberta, e derrubado no chão adormecia pesado o corpo de Lentz.

Permaneceram juntos na colonia até o dia seguinte. O contacto de Milkau alevantava e restabelecia o espirito do infeliz. E agora, n'um incommensuravel pavor da solidão, este se ia deixando governar pelo instincto da ligação universal, e prendia-se n'uma affeição entranhada e decidida a Milkau, que o chamava ao Cachoeiro, á defesa e ao consolo do soffrimento. Um raio da luz que irrompia do martyrio de Maria, chegou a Lentz que, obdecendo ao poder do inconsciente, contra que tanto luctára, curvou a cabeça e seguiu o amigo.

Na estrada, quando tudo se animava á passagem d'elles, e ventos, e passaros, e arvores cantavam em volta, Lentz, recapitulando a curta historia da sua desillusão, dizia comsigo:

— Ah! como tenho saudades dos meus sonhos de audacia, dos meus desejos e ambições... E tudo isto que eu e elle ambicionavamos fazer, é nada. Encontrámos no nosso caminho a Dôr mesquinha e poderosa, e ella nos guia e nos transforma...

— Toda a maldade n'elle era obra da imagina-

ção, reflectia Milkau, acompanhando-o com o carinho dos olhos. Mas não é a idéa que governa o homem, é o sentimento. A nossa força individual não é nada em comparação á força accumulada na vida. Que póde um só contra a corrente imperiosa e dominadora, formada pelas primeiras lagrimas, descendo das origens do mundo, avolumando-se, tudo arrastando, tudo vencendo, até que um dia seja um perenne preamar de bondade e doçura? Que póde o homem, insignificante e inutil, erguer para desviar o curso, o impeto da piedade e da sympathia?

Chegando ao Cachoeiro, foram logo á cadeia. Durante a ausencia de Milkau, tinha conhecido Maria uma nova tortura, a que sáe das perseguições da sensualidade. Com a sua brancura, com a extranheza da sua raça, ella vinha já de algum tempo alvoroçando os soldados negros. A principio, o aspecto severo da desgraça os afastára, envolvendo-a n'um circulo de respeito e de protecção; imperceptivelmente, porém, a convivencia e a familiaridade foram permittindo que n'elles se erguesse o desenfreiado desejo. Procuraram seduzil-a, communicando-lhe por instincto a lubricidade; mas quando a viram insensivel e obstinada nas suas recusas, fugindo ao velho costume da prisão, onde as mulheres encarceradas eram amantes dos guardas, enfureceram-se e empregaram para vencel-a o medo, a força e a crueldade. As suas noites eram agitadas, escapando ella sempre de ser violada

pelos soldados assanhados e bebados. Debatia-se nas mãos d'elles, e salvava-se, ou pela disputa sensual da posse que entre os dois pretos se formava, ou pelo alarido levantado, deante do qual se recolhiam cobardes e espavoridos. E os dias, que lhe concediam, eram para vingar as luctas da noite, obrigando-a a trabalhar para elles como uma escrava, dando-lhe pancadas, negando-lhe alimento. E Milkau, agora na frouxa luz da prisão, notava, surprehendido, quão terrivel fôra a devastação da miseria no corpo da rapariga. Não se enganava elle sobre a exacta situação da pobre victima, por mais que esta lhe sorrisse, mostrando-lhe vislumbres de esperança e traços de resignação, querendo com esforço apagar a historia do seu martyrio escripta indelevelmente nos olhos famintos, no rosto murcho, nas mãos de esqueleto e no peito mirrado... Milkau teve a impetuosa ancia de arrebatal-a d'alli e carregal-a afoitamente para longe, muito longe, e pôl-a onde as féras não fossem homens...

Durante o tempo que ahi passaram, Lentz ficou silencioso. Pela primeira vez se via n'um carcere, misturando-se com criminosos e reprobos. A sua velha alma aristocratica estremecia de repugnancia, e o espirito de sonhador soberano e forte, que não se lhe tinha extinguido de vez, extranhava o contacto da miseria, revoltava-se por se libertar da molleza, da piedade, ardendo em remontar ás alturas do silencio e do imperio. Mas era tarde: a

garra da compaixão o prendia ao mundo, que elle tambem assim fecundava com o seu quinhão de soffrimento.

Na rua, quando sahiram da cadeia, Milkau ouviu, como um echo do seu proprio coração, estes murmurios:

— Pobre mulher! Como é triste a vida!

Era o novo Lentz que falava.

Commovidos e angustiados, os dois amigos separaram-se. Emquanto o outro voltava a se recolher ao repugnante albergue do Cachoeiro, Milkau seguia sem proposito, vagando, para as bandas do Queimado, a região abandonada onde fôra a antiga cultura do logar, e que atravessára no dia de esperança em que chegou á colonia.

Entrou na velha terra exhausta e morta. Ainda no chão, que pisava, estavam os marcos deixados pela geração extincta e vencida... Um dia, tudo o que fôra vida já por alli transitára... E agora, restos disformes de habitações humanas se sustinham petrificados, dolorosos e nús, e trepadeiras mesquinhas e bravas se esforçavam por cobrir-lhes o pejo de ruinas mutiladas. Nas collinas baixas e humildes da redondeza, destroços de pedras miravam com suas caladas mascaras de monstros a grande Terra em frente, as altas e viçosas montanhas, onde se fartava a força dos invasores... Perdido no largo e desdobrado espaço, o Santa Maria, desembaraçado das pedras que antes o faziam vibrar alegre e vivaz, passava vagindo mofino e

lento... Tudo era languido, e vazio, e descampado, e deserto. N'um canto da planicie, uma moita de arvores extinguia-se mansamente. Ellas vinham de outr'ora e ainda eram a derradeira vida que alli restava... Cadaveres de arvores derrubadas desmanchavam-se em pó, e outras de pé, tocadas pela morte, vestiam-se de purpura e ouro, n'uma transfiguração gloriosa. O sol impaciente precipitava-se a mergulhar nos braços verdejantes e opulentos da Terra futura e mostrava ao Passado a outra face rôxa, fria e morta... No silencio dos ventos, cabras aconchegadas aos filhos roçavam-se nos oitões das ruinas, ruminando preguiçosas... Passaros no céo desmaiado buscavam o pouso da noite... Áquella hora, no theatro da Agonia, Milkau scismava:

« Não, eu não te fujo, doce Tristeza! Tu és a reveladora do meu ser, a razão da minha energia, a força do meu pensamento. Sobre ti me reclino, como si fôras um insondavel e voluptuoso abysmo; tu me attráes, e estendo-te os braços n'esse doloroso e invencivel amor, com que o sonho ama o passado, a morte ama a vida. Antes de te conhecer, perfida illusão me entorpecia os sentidos, e a minha frivola existencia foi a lugubre marcha do inconsciente risonho por um caminho de dôres. N'esse momento eu ainda te não buscava, sol moribundo! No meu rosto se estampava o riso continuo e fatigante, e elle afastava de mim os

homens, para quem a eterna alegria é morte... Mas tu, Tristeza, não estavas longe. Tu te sentaste á minha porta, n'uma postura de resignação e silencio. E como esperaste! Um dia a alegria, de cançada, se extinguiu, e então sôou para mim a a hora da paz e da calma. Entraste. E como desde logo amei a nobreza do teu gesto! Oh! Melancolia! minha alma é a morada tranquilla onde reinas docemente.

Milkau caminhou ainda illuminado pelos ultimos clarões da luz. No céo não passavam mais os bandos das aves. O sol resvalára de todo no fundo do horizonte A aragem se calára... O debil vagido da cachoeira ia-se perdendo para sempre. E Milkau scismava :

« A dôr é boa, porque faz despertar em nós uma consciencia perdida; a dôr é bella, porque une os homens. E' a liga intensa da solidariedade universal. A dôr é fecunda, porque é a fonte do nosso desenvolvimento, a perenne creadora da poesia, a força da arte. A dôr é religiosa, porque nos aperfeiçôa, e nos explica a nossa fraqueza nativa.

« Tristeza! tu me fazes ir até ao fundo das remotas raizes do meu espirito. Por ti comprehendo a agonia da vida; por ti, que és o guia do soffrimento humano, por ti, faço da dôr universal

a minha propria dôr... Que o meu rosto não mais se desfigure pelas visagens do riso cançado e matador; dá-me a tua serenidade, a tua séria e nobre figura... Tristeza, não me desampares... Não deixes que o meu espirito seja a preza da vã alegria... Curva-te sobre mim; envolve-me com o teu véo protector... Conduze-me, oh! bemfazeja! aos outros homens... Tristeza salutar! Melancolia...

XII

— Maria!

A desgraçada estremeceu; e com as mãos hirtas, estiradas, afastou de si o rosto que se inclinára sobre ella. Nas torturas do pesadelo, parecia-lhe que beiços rôxos, sedentos e viscosos lhe buscavam os labios...

— Maria, sou eu... repetiu Milkau.

Ella abriu os olhos e ficou deslumbrada. A sua mão agora branda e languida tacteava incerta para se certificar da subita e extranha apparição do amigo. E gestos infantis e leves roçavam pela barba de Milkau n'uma inconsciente caricia...

— Vamos! Levanta-te... disse-lhe elle, baixo e com firmeza, sacudindo o morno carinho, recolhendo e enfeixando com energia as suas forças mais intensas.

Obedecendo, Maria ergueu-se; e pela mão de Milkau foi seguindo pela casa meio escura. No corredor, a claridade da noite, que entrava pela porta da rua, aberta como de costume, deixava vêr o corpo de um soldado negro dormindo n'uma postura brutal, como uma figura tosca e archaica. A prisioneira alarmada quiz recuar; Milkau tomou-lhe as mãos com imperio e passou com ella sereno e forte ao lado da sentinella, conduzindo-a para a noite e para a liberdade.

Fóra, o ar subtil e frio que lhe penetrava nas carnes somnolentas e tepidas, o céo crystallino, a scintillação das estrellas, a largueza, a immensidade do espaço davam á fugitiva uma deliciosa vertigem, e, n'um esmorecido collapso, ella vacillou e veiu se apoiar nos braços de Milkau, que a foi arrastando vagarosamente.

Enlaçados, caminhavam pela cidade calada e adormecida. Iam morosos; os passos d'ella eram vacillantes, e os pés, por tanto tempo entorpecidos, tropeçavam nas pedras soltas da rua. O silencio inquietador enchia-lhe o espirito do antigo pavor que se não extingue nunca. Uma ou outra vez, cães somnolentos despertavam com o passar dos vultos, e ladrando se arremessavam em vão contra elles. E depois tudo voltava ao socego ameaçador, que parecia ser a cada instante bruscamente interrompido pelas vozes da perseguição surgindo das casas accordadas... Mas só lhes chegava o chiar monotono e eterno da cachoeira. Dobraram de cautela, espiando com os olhos immensos e dilatados pela treva, as fórmas apagadas e sinistras do mundo. Era no ouvido d'ella assustadiça e tremula, que Milkau ia fallando:

— Fujamos para sempre de tudo o que te persegue: vamos além, aos outros homens, em outra parte, onde a bondade corra espontanea e abundante, como a agua sobre a terra. Vem... Subamos áquellas montanhas de esperança. Repousemos depois na perpetua alegria... Vamos... corre...

Deixaram a cidade, e agora sem receio de despertal-a, galgavam a montanha, lepidos e radiantes. A fria rigidez, creada pelo terror, se fôra dos braços de Maria, que se prendiam aos de Milkau, tepidos e brandos.

Subindo, perdiam elles de instante a instante a vista do Cachoeiro, em baixo aos seus pés, coberto pelo manto cinzento e vaporoso da bruma, sobre que passava a luz exhausta da noite humida, levantando alli uma phosphorescencia vaga de nebulosa... E debaixo d'esse manto se desenhavam seres phantasticos, colossaes, gigantescos, sem fórma ainda imaginada... Um trecho do Santa Maria, livido, morto, cortava como um gladio fumegante a varzea do Queimado, onde as collinas baixas semelhavam corpos deitados de heróes antigos e mutilados, corcundas e aleijões... Depois, nada mais viram; subiram ainda e entraram no bojo da matta. Os braços de Maria retesaram-se de novo e apertaram os de Milkau. Havia um rumor continuo e afflictivo de vento máo nas folhas da grande massa. Iam inquietos, afundando os olhos na infindavel negrura, d'onde vinha o clamor do mysterio e do soffrimento das arvores castigadas. E o vento implacavel ia passando, fazendo-as gemer rumorosamente... No vão das trevas, de espaço a espaço, pelas frestas descia a claridade, e do jorro de luz se formava dentro da floresta uma columna alevantada do chão para o céo, atravessando o tecto ondeante, e docemente illuminada pelos reflexos

das arvores espectraes... Estreitados um ao outro, aspirando o aroma capitoso e perturbador que se desprendia das flôres nocturnas, caminhavam velozes. Milkau repetia no ouvido da companheira o seu appello de seducção.

— E' a felicidade que te prometto. Ella é da Terra, e havemos de achal-a... Quando vier a luz, encontraremos outros homens, outro mundo, e ahi... E' a felicidade... Vem, vem...

Assim espantava o terror, e Maria já se animava, recolhendo nessa voz acariciadora o canto magico dos seus esponsaes com a ventura. Subiram, voando, voando...

O caminho deixou a matta sombria e sahiu pelas alturas descobertas. Era pedregoso, escasso, margeando o despenhadeiro. O passo da fuga moderou. Cautelosos e arquejantes, escalavam a subida. Milkau não mais falava, e os seus olhos mergulhavam no abysmo e se perdiam fascinados na toalha branca e espumosa do rio... Maria quasi não caminhava, fatigada e de pés maltratados, puxava com esforço o braço de Milkau, mais inclinada sobre elle, aquecendo-lhe o rosto com o seu halito offegante. Subiam lentos, arrastando-se unidos. A estrada tomava sempre pela beira de precipicios cada vez mais difficeis de vencer, e aos fugitivos, como uma zoada infernal, vinham os urros do Santa Maria, acorrentado no fundo do cavado e fragoso valle. E este se ia estreitando, e as ribas mais angustas pareciam se terminar, confundidas

no horizonte, sobre rochedos escarpados e negros. Milkau desanimou, vendo-se perdido n'aquelle reconcavo tenebroso, n'aquella solidão de pedra. Percorria-lhe os membros um suor gelado, e o corpo frio, alquebrado, abatia-se, escapava-se, desprendia-se para o abysmo, para a morte... Maria n'um assommo de pavor, recobrou uma extranha energia e tentou retel-o, arrastando-o para a encosta da montanha. Elle olhou-a com os olhos desvairados, agarrou-a pela cintura, e com um sorriso diabolico, feroz e resoluto, gaguejou estrangulado:

— Não ha mais nada... mais nada... Só, só... a morte...

Maria resistia com furia, debatendo-se nas mãos fortes do homem; rolaram por terra confundidos, luctando destruindo-se, allucinados, doidos... O calor da mulher, já olvidado incendiava-o implacavelmente agora; e no combate elle a estreitava com vehemencia, com ardor, beijando-a febrilmente, ferozmente. Tambem ella se apertava com furia a elle, n'um accordar violento das suas entranhas... A tentação satanica da morte era mais poderosa... O Santa Maria urrava soturno e medonho... De um salto, Milkau ergueu-se, e arrebatando a mulher do chão, avançou alegre e infernal para o abysmo... e logo estacou. Os braços d'ella, enlaçando-se como correntes a uma arvore, o retinham. Pregados assim n'essa postura, os dois desgraçados luctaram longamente, mas a força d'elle que a queria levar para a morte, teve de ceder á d'ella,

que os prendia á vida... E Milkau fraqueou por fim, cahiu num subito desfallecimento, anniquilado, confuso, e dos seus braços esvaidos desprendeu Maria. Ella, livida, espavorida, sentindo-se em liberdade, deitou a correr veloz pela vereda de pedra, que aos seus pés medrosos e vivos se tornava macia e segura. Milkau, reanimando-se, seguiu-a. E as duas sombras, enormes, na obscuridade da treva, iam desfilando sinistras e rapidas pela aresta da barranca... N'um momento, galgaram o alto da montanha, e pasmaram a vista nos livres descampados por onde descia a estrada. A agonia de Milkau se desmanchava á vista da planicie dilatada e bemfazeja, os ruidos desesperados e attrahentes do rio morriam atraz, o abysmo negro e assombroso passava como o tormento de uma vertigem; e agora elles se precipitavam n'uma campina suavemente esclarecida pela noite maravilhosa e limpida. Corriam, corriam... Atraz de si, ouvia ella a voz de Milkau, vibrando como a modulação de um hymno...

— Adeante... Adeante... Não pares... Eu vejo. Chanaan! Chanaan!

Mas o horizonte na planice se estendia pelo seio da noite e se confundia com os céos. Milkau não sabia para onde o impulso os levava : era o desconhecido que os attrahia com a poderosa e magnetica força da Illusão. Começava a sentir a angustiada sensação de uma corrida no Infinito...

— Chanaan! Chanaan!... supplicava elle em

pensamento, pedindo á noite que lhe revelasse a estrada da Promissão.

E tudo era silencio, e mysterio... Corriam... corriam. E o mundo parecia sem fim, e a terra do Amor mergulhada, sumida na nevoa incommensuravel... E Milkau, n'um soffrimento devorador, ia vendo que tudo era o mesmo; horas e horas, fatigados de vôar, e nada variava, e nada lhe apparecia... Corriam... corriam...

Apenas na sua frente uma visão deliciosa era a transfiguração de Maria. Animada, transmudada pelo mysterioso poder do Sonho, a Mulher enchia de novas carnes o seu esqueleto de prisioneira e martyr; novo sangue batia-lhe victorioso nas arterias, inflammando-as; os cabellos cresciam-lhe milagrosos como florestas douradas deitando ramagens, que cobriam e beneficiavam o mundo; os olhos iam illuminando o caminho, e Milkau envolto no fóco d'essa gloriosa luz, acompanhava em amargurado extase a sombra que o arrebatava... Corriam... corriam... E tudo era immutavel na noite. A figura phantastica sempre adeante, veloz e intangivel; elle atraz, anceado, n'aquella busca fatigante e vã, sem a poder alcançar, e temendo dissolver com a sua voz mortal a dourada fórma da Illusão, que seguia amando... Chanaan! Chanaan! pedia elle no coração, para fim do seu martyrio... E nunca jámais lhe apparecia a terra desejada... Nunca jamais... Corriam... corriam...

A noite enganadora recolhia-se, o mundo cançava de ser egual; Milkau festejou n'um fremito de esperança a deliciosa transição... Emfim, Chanaan ia revelar-se!... A nova luz sem mysterio chegou, e esclareceu a varzea. Milkau viu que tudo era vazio, que tudo era deserto, que os novos homens ainda alli não tinham surgido. Com as suas mãos desesperançadas, tocou a Visão que o arrastára. Ao contacto humano ella parou, e Maria volveu outra vez para Milkau a primitiva face moribunda, os mesmos olhos pisados, a mesma bocca murcha, a mesma figura de martyr.

Vendo-a assim, na miseranda realidade, Elle disse:

— Não te canses em vão... Não corras... E' inutil... A terra da Promissão, que eu te ia mostrar e que tambem anceoso buscava, não a vejo mais... Ainda não despontou á Vida. Paremos aqui e esperemos que ella venha vindo no sangue das gerações redimidas. Não desesperes. Sejamos fieis á doce illusão da Miragem. Aquelle que vive o Ideal contráe um emprestimo com a Eternidade... Cada um de nós, a somma de todos nós, exprime a força creadora da utopia; é em nós mesmos, como n'um indefinido ponto de transicão, que se fará a passagem dolorosa do soffrimento. Purifiquemos os nossos corpos, nós que viemos do mal originario, que é a Violencia... O que seduz na vida, é o sentimento da perpetuidade. Nós nos prolongaremos, desdobraremos infinitamente a

nossa personalidade, iremos viver longe, muito longe, na alma dos descendentes... Façamos d'ella o vaso sagrado da nossa ternura, onde depositaremos tudo o que é puro, e santo, e divino. Approximemo-nos uns dos outros, suavemente. Todo o mal está na Força e só o Amor póde conduzir os homens...

« Tudo o que vês, todos os sacrificios, todas as agonias, todas as revoltas, todos os martyrios são fórmas errantes da Liberdade. E essas expressões desesperadas, angustiosas, passam no curso dos tempos, morrem passageiramente, esperando a hora da resurreição... Eu não sei si tudo o que é vida tem um rythmo eterno, indestructivel, ou si é informe e transitorio... Os meus olhos não attingem os limites inabordaveis do Infinito, a minha visão se confina em volta de ti... Mas, eu te digo, si isto tem de acabar para se repetir em outra parte o cyclo da existencia, ou si um dia nos extinguirmos com a ultima onda de calor, que venha do seio maternal da Terra ; ou si tivermos de nos despedaçar com ella no Universo, desaggregar-nos, dissolver-nos na estrada dos céos, não nos separemos para sempre um do outro nesta attitude de rancor... Eu te supplico, a ti e á tua ainda innumeravel geração, abandonemos os nossos odios destruidores, reconciliemo-nos antes de chegar ao instante da Morte...

Paris. — Typ. H. Garnier, 6, rue des Saint-Pères. 371.9.1904

PQ
9697
G8C4
1904

Graça Aranha, José Pereira da
Chanaan. 2. ed. rev.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY